



**UNIVERSIDAD DE LEÓN**

*Dpto. de Didáctica General, Específicas y Teoría de la  
Educación*

**TESIS DOCTORAL**

---

**Conductas Disruptivas en el aula y su relación con los modelos de  
padres y las implicaciones en la escuela.**

---

*Jaqueline Guatierri Camargo*

**Directora: Dra. Isabel Cantón Mayo**

*León, 2016*





## UNIVERSIDAD DE LEÓN

DEPARTAMENTO DE DIDÁCTICA GENERAL, ESPECÍFICAS Y TEORÍA  
DE LA EDUCACIÓN

### DEPÓSITO DE TESIS DOCTORAL

La Licenciada *Jaqueline Guatierri Camargo*, una vez autorizada la presentación por la Directora de la Tesis, Dra. Isabel Cantón Mayo, y tras la conformidad del Departamento de Didáctica General, Específicas y Teoría de la Educación para el inicio de trámites,

PROCEDE al Depósito de la misma en el Departamento y en la Comisión de Doctorado, así como al envío de un ejemplar a cada uno de los miembros del Tribunal nombrado a efecto para su aprobación y eventual defensa pública.

El título es, *Conductas Disruptivas en el aula y su relación con los modelos de padres y las implicaciones en la escuela*, realizada en el Departamento de Didáctica General, Específicas y Teoría de la Educación por la Doctoranda *Jaqueline Guatierri Camargo*.



## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar sou grata a Deus por me conceder a oportunidade de realizar esse curso de Doutorado e concluir minha Tese e por me dar forças e coragem para não desistir nos momentos mais difíceis.

Agradeço ao meu esposo, que me incentivou desde o início do curso. A ele e aos meus filhos que me acompanharam em todas as fases, dedico minha Tese Doutoral.

Agradeço as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para que esse projeto se tornasse realidade. Minha diretora de Tese, Isabél Cantón Mayo que me animou e me orientou em todas as etapas, aos doutores que participaram do processo de validação dos instrumentos utilizados, à equipe do Colégio Adventista de Campo Mourão que contribuiu na parte da investigação e aos tradutores e revisores do Inglês e Espanhol.

*“Deem graças ao Senhor porque ele é bom, e a sua misericórdia dura para sempre”.*  
*Salmos 107:1*

## **Lista de SIGLAS**

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

CONCAPA – Confederación Nacional Católica de Padres de Familia e Padres de Alumnos.

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais

CACM – Colégio Adventista de Campo Mourão

PAS-UEM - Processo de Avaliação Seriada da Universidade Estadual de Maringá

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

MOPr – Missão Oeste Paranaense

IASD – Igreja Adventista do Sétimo Dia

USB – União Sul Brasileira

QEP- Questionário de Estilos Parentais

PSDQ- Parenting Styles and Dimensons Questionnaire

EEE – Escala de Estilos Educativos

IEP- Inventário de Estilos Parentais

PAQ – Questionário de Estilos Parentais

EDEP – Escala de Disrupção Escolar Professada pelos Alunos

SPSS – Statistical Package for Social Science, software para análise estatística de dados.

TCT – Teoria Clássica dos Testes

## Lista de Tablas

Tabla 1. Comparación Padres y hijos .....	5
Tabla 2. Disciplina y implicaciones en clase .....	11
Tabla 3. Tipos de Bullying.....	13
Tabla 4. Cuestionarios considerados.....	23
Tabla 5. Privación .....	26
Tabla 6. Deberes y estudio.....	28
Tabla 7. Decisiones de los hijos.....	29
Tabla 8. No intervención.....	29
Tabla 9. Desacuerdo con los hijos .....	29
Tabla 10. Deseos de los hijos.....	30
Tabla 11. Reglas en hogar.....	30
Tabla 12. Exigencia on los hijos .....	31
Tabla 13. Obediencia inmediata .....	31
Tabla 14. Castigo corporal .....	31
Tabla 15. Establecimiento de reglas .....	32
Tabla 16. Orientación por el diálogo .....	32
Tabla 17. Consecuencias de las conductas .....	32
Tabla 18. Conflictos.....	33
Tabla 19. Factor Distracción-Transgresión.....	36
Tabla 20. Factor Agresión.....	37
Tabla 21. Factor agresión autoridad.....	38
Tabla 22. Problema disciplina y conflicto .....	40
Tabla 23. Pregunta 1 .....	40
Tabla 24. Pregunta 2 .....	41
Tabla 25. Pregunta 3 .....	42
Tabla 26. Pregunta 4 .....	43
Tabla 27. Pregunta 5 .....	44
Tabla 28. Pregunta 6 .....	45
Tabla 29. Pregunta 7 .....	46
Tabla 30. Pregunta 8 .....	47
Tabla 31. Pregunta 9 .....	48
Tabla 32. Comparaciones de las cuestiones.....	50
Tabla 33. Conductas disruptivas en clase .....	51
Tabla 34. Gravedad de las conductas.....	52
Tabla 35. Comparaciones Padres y hijos .....	53

## Lista de Tabelas

Tabela 1. Revisão sobre famílias autoritárias .....	69
Tabela 2. Revisão sobre as famílias Permissivas.....	73
Tabela 3. Revisão sobre as famílias Democráticas .....	77
Tabela 4. Perfil do aluno com pais autoritários .....	83
Tabela 5. Perfil do aluno com pais permissivos .....	86

Tabela 6. Perfil do aluno com modelos de pais democráticos .....	90
Tabela 7. Comparação Pais e Filhos .....	91
Tabela 8. Relação escola-família .....	111
Tabela 9. Tipos de castigos.....	126
Tabela 10. Efeitos dos castigos .....	127
Tabela 11. Práticas e efeitos.....	128
Tabela 12. Síntese da disciplina e suas implicações em aula .....	134
Tabela 13. Efeitos positivos e negativos do conflito. ....	142
Tabela 14. Condutas transgressoras e valorizadas.....	143
Tabela 15. Tipos de Bullying.....	148
Tabela 16. Estratégias eficazes para o uso da televisão.....	160
Tabela 17. Valores para os filhos e deveres dos pais.....	166
Tabela 18. Estratégias para aquisição de valores.....	168
Tabela 19. Valores e formação .....	170
Tabela 20. Ações que promovem a convivência escolar .....	174
Tabela 21. Comparação das metodologias quantitativa e qualitativa. ....	189
Tabela 22. Comparação das características da pesquisa Qualitativa e Quantitativa.....	191
Tabela 23. Quantidade de alunos por nível de ensino. ....	195
Tabela 24. Base Curricular do CACM.....	196
Tabela 25. Vantagens e Limitações dos questionários .....	200
Tabela 26. Síntese dos estudos revisados. ....	203
Tabela 27. Prós e contras dos instrumentos analisados. ....	205
Tabela 28. Interpretação do item B4 do questionário dos professores .....	208
Tabela 29. Análise do conteúdo das entrevistas. ....	216
Tabela 30. Número de questionários .....	222
Tabela 31. Quantidade de filhos. ....	225
Tabela 32. Recompensas.....	229
Tabela 33. Castigo de privação.....	231
Tabela 34. Deveres e estudo como forma de castigo ou correção. ....	233
Tabela 35. Decisões na família. ....	234
Tabela 36. Desistir de intervir.....	234
Tabela 37. Deixar o filho/a fazer o que quer. ....	235
Tabela 38. Desejos dos filhos .....	235
Tabela 39. Estabelecimento das regras da casa. ....	236
Tabela 40. Exigência com os filhos. ....	236
Tabela 41. Pedir tarefas aos filhos. ....	236
Tabela 42. Castigos físicos. ....	237
Tabela 43. Regras familiares.....	237
Tabela 44. Uso do diálogo. ....	238
Tabela 45. Explicar consequências aos filhos.....	238
Tabela 46. Solução de conflitos. ....	238
Tabela 47. Resultados modelos de pais .....	239
Tabela 48. Idade dos alunos.....	241
Tabela 49. Ano de escolaridade dos alunos.....	241
Tabela 50. Satisfação no colégio. ....	244
Tabela 51. Resultado dos alunos.....	246



Tabela 52. Fator Distração-Transgressão. ....	248
Tabela 53. Fator Agressão aos colegas. ....	249
Tabela 54. Fator Agressão autoridade escolar. ....	250
Tabela 55. Questão sobre agressões e conflitos. ....	255
Tabela 56. Questão sobre disciplina e conflito. ....	256
Tabela 57. Questão 1. ....	256
Tabela 58. Questão 2. ....	257
Tabela 59. Questão 3. ....	258
Tabela 60. Questão 4. ....	259
Tabela 61. Questão 5. ....	260
Tabela 62. Questão 6. ....	261
Tabela 63. Questão 7. ....	263
Tabela 64. Questão 8. ....	264
Tabela 65. Questão 9. ....	265
Tabela 66. Respostas de acordo com o perfil do professor. ....	266
Tabela 67. Condutas disruptivas em aula. ....	268
Tabela 68. Gravidade das condutas disruptivas. ....	269
Tabela 69. Comparação Pais e Filhos. ....	270

## Lista de Ilustraciones

Ilustración 1. Esquema de la investigación.....	18
Ilustración 2. Fases del análisis de contenido .....	21
Ilustración 3. Comportamiento padres.....	25
Ilustración 4. Disciplina en la familia.....	25
Ilustración 5. Castigo corporal.....	27
Ilustración 6. Tipos de Padres.....	33
Ilustración 7. Perfil del alumno.....	35
Ilustración 8. Pregunta 1 .....	41
Ilustración 9. Pregunta 2 .....	42
Ilustración 10. Pregunta 3 .....	43
Ilustración 11. Pregunta 4 .....	44
Ilustración 12. Pregunta 5 .....	45
Ilustración 13. Pregunta 6 .....	46
Ilustración 14. Pregunta 7 .....	47
Ilustración 15. Pregunta 8 .....	48
Ilustración 16. Pregunta 9 .....	49
Ilustración 17. Perfil de los profesores .....	50

## Lista de Figuras

Figura 1. Esquema geral do desenho da investigação.....	192
Figura 2. Fases da análise de conteúdos (adaptado).....	215
Figura 3. Idade dos pais .....	223
Figura 4. Pessoa que completa o questionário .....	224
Figura 5. Estado civil dos pais.....	225
Figura 6. Nível de escolaridade dos pais.....	226
Figura 7. Comportamento dos pais diante dos filhos.....	227
Figura 8. Disciplina na família.....	228
Figura 9. Participação nas decisões familiares.....	230
Figura 10. Castigo corporal.....	231
Figura 11. Uso da bronca como castigo.....	232
Figura 12. Uso de tarefas domésticas como forma de castigo ou correção.....	233
Figura 13. Tipos de Pais.....	240
Figura 14. Percentual de alunos que tem irmãos.....	242
Figura 15. Situação dos pais.....	243
Figura 16. Grau de satisfação dos alunos em casa.....	244
Figura 17. Tratamento dos professores.....	245
Figura 18. Perfil do Aluno.....	247
Figura 19. Idade dos professores.....	252
Figura 20. Titulação dos professores.....	253
Figura 21. Tempo de experiência dos professores.....	254

Figura 22. Percentual de respostas na questão 1 segundo o perfil.....	257
Figura 23. Percentual de respostas na questão 2 segundo o perfil.....	258
Figura 24. Percentual de respostas na questão 3 segundo o perfil.....	259
Figura 25. Percentual de respostas na questão 4 segundo o perfil.....	260
Figura 26. Percentual de respostas na questão 5 segundo o perfil.....	261
Figura 27. Percentual de respostas na questão 6 segundo o perfil.....	262
Figura 28. Percentual de respostas na questão 7 segundo o perfil.....	263
Figura 29. Percentual de respostas na questão 8 segundo o perfil.....	264
Figura 30. Percentual de respostas na questão 9 segundo o perfil.....	265
Figura 31. Perfil dos Professores. ....	267

## ÍNDICE

RESUMEN EN ESPAÑOL .....	1
INTRODUCCIÓN .....	61
1. LA FAMILIA Y SU RELACIÓN CON LA CONDUCTA DE LOS HIJOS.....	63
1.1. Modelos de Padres .....	66
1.1.1. Padres y familias autoritarias .....	66
1.1.2. Padres y familias Permisivas .....	70
1.1.3. Padres y familias democraticas .....	74
1.2. La influencia de la estructura familiar en los problemas de comportamiento y indisciplina. .....	78
1.2.1. Perfil del alumno con modelo de padres autoritarios.....	81
1.2.2. Perfil del alumno con modelo de Padres Permisivos.....	84
1.2.3. Perfil del alumno con modelo de padres democraticos. ....	87
2. DISCIPLINA Y CONVIVENCIA EN LA ESCUELA.....	95
2.1. Disciplina y escuela .....	97
2.2. La convivencia en las escuelas .....	99
2.3. Normas y reglas .....	101
2.4. La relación profesor-alumno en el aula. ....	104
2.5. Tipos de escuelas: Públicas y Privadas.....	108
2.6. La participación de los padres en la escuela .....	111
3. TIPOS DE PROFESORES Y DISCIPLINA .....	117
3.1. Perfil de los profesores en función de la disciplina en el aula: .....	119
3.1.1. Profesores Autoritarios y disciplina punitiva.....	123
3.1.2. Profesores <i>Laissez-Faire</i> y disciplina permisiva .....	130
3.1.3. Profesores Democraticos y disciplina positiva .....	131
3.2. La visión del problema de las conductas disruptivas por los profesores .....	135
4. CONDUCTAS DISRUPTIVAS EN EL AULA.....	138
4.1. Las relaciones interpersonales en el aula.....	139
4.2. El tema de los conflictos .....	140

4.3. Lo que entendemos por conductas disruptivas?.....	142
4.4. Tipos de conductas disruptivas: .....	144
4.4.1. Verbales .....	145
4.4.2. Bullying.....	146
4.4.3. De relación con los profesores.....	150
4.4.4. Físicas .....	151
4.5. Causas de las conductas disruptivas .....	153
4.5.1. Familiares.....	154
4.5.2. Personales .....	156
4.5.3. Contexto Social.....	157
4.5.4. Medios de comunicación .....	158
<b>5. ESTRATEGIAS PARA COMBATIR LAS CONDUCTAS DISRUPTIVAS EN EL AULA</b> .....	163
5.1. La educación en valores.....	164
5.1.1. Disciplina Preventiva .....	171
5.2. Resolución de los conflictos interpersonales .....	173
5.3. Aprendizagem cooperativa .....	176
5.4. Autocontrol y regulación de la conducta propia.....	179
<b>6. METODOLOGIA Y DISEÑO DE LA INVESTIGACIÓN</b> .....	183
6.1. Formulación del problema .....	184
6.2. Objetivos .....	186
6.2.1. Objetivo General:.....	186
6.2.2. Objetivos Específicos: .....	186
6.3. Método de la Investigación.....	187
6.4. Estudio de Caso – Contexto de la Investigación.....	192
6.5. Población y Amostra.....	196
6.6. Instrumentos.....	197
6.6.1. Validez .....	209
6.6.2. Fiabilidad .....	212
<b>7. ANÁLISIS DE LOS DATOS Y RESULTADOS</b> .....	214
7.1. Resultados de las pesquisas cualitativas .....	214

7.2. Resultados de las pesquisas cuantitativas .....	220
7.2.1. Resultados de los cuestionarios de los Padres .....	222
7.2.2. Resultados de los cuestionarios de los alumnos .....	240
7.2.3. Resultados de los cuestionarios de los profesores .....	251
8. DISCUSIONES, CONCLUSIONES, LIMITACIONES DE LA INVESTIGACIÓN Y PROPUESTAS DE MEJORA PARA FUTUROS ESTUDIOS .....	270
8.1. Discusiones y conclusiones.....	270
8.1.2. Estilos educativos de los Padres y su relación con el perfil de los hijos .....	270
8.1.3. Conductas disruptivas de los alumnos .....	274
8.1.4. Perfil de los profesores.....	276
8.2. Limitaciones de la investigación y propuestas de mejoras para futuros estudios.....	277
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	280
APÉNDICES.....	291
APÉNDICE A - Cuestionario Funcional de Estilos Educativos de Padres .....	292
APÉNDICE B - Cuestionario del alumno .....	294
APÉNDICE C - Cuestionario para los Profesores .....	297
APÉNDICE D - Guión de las entrevistas .....	302
APÉNDICE E - Transcripción de las Entrevistas.....	304
APÉNDICE F - Tabla de validación de los doctores expertos. ....	314
APÉNDICE G - Ficha de ocurrencias del CACM.....	317
APÉNDICE H - Alfa de Cronbach y Chi-cuadrado de Pearson.....	318

## **Resumo**

A presente investigação tem como tema as condutas disruptivas na sala de aula e sua relação com os modelos de pais, tendo como principal objetivo identificar a tipologia de pais, ou seja, se o modelo educativo aplicado na educação dos filhos é autoritário, permissivo ou democrático, além de identificar o perfil dos filhos e verificar se os referidos modelos se evidenciam no comportamento e nas condutas dos filhos em sala de aula. Tudo isso mediante um estudo de caso no Colégio Adventista de Campo Mourão. A amostra foi constituída por 136 pais, 246 alunos entre nove e quinze anos e 17 professores do referido colégio.

Como instrumentos de avaliação, foram utilizados questionários para os pais, para os alunos e para os professores. Os questionários compunham-se de dados sociodemográficos, questões fechadas e alternativas com escala de aproximação. Também foram realizadas entrevistas à diretora, orientadora e coordenadoras do colégio.

Os resultados indicam que a maioria dos pais investigados utiliza o modelo educativo democrático (73%) e os filhos tem um percentual elevado do perfil democrático (79%). Partindo do pressuposto que os pais democráticos formam filhos do perfil democrático, ficou evidente que os modelos de pais incidem significativamente no comportamento e nas condutas dos filhos na escola, pois o colégio tem um baixo índice de problemas disciplinares.

*Palavras-chave:* Modelos de pais, filhos, condutas disruptivas e indisciplina.

## Resumen

Esta investigación tiene como tema las conductas disruptivas en el aula y su relación con los modelos de padres, teniendo como principal objetivo identificar la tipología de los padres, es decir, si el modelo educativo aplicado en la educación de los hijos es autoritario, permisivo o democrático, además de identificar el perfil de los niños y asegurarse de que estos modelos se evidencian en el comportamiento y en las conductas de los niños en el aula. Todo esto a través de un estudio de caso en Colegio Adventista de Campo Mourão, en Brasil. La muestra consistió en 136 padres, 246 alumnos de la edad entre nueve y quince años y 17 profesores de la referida escuela.

Como instrumentos de evaluación, se utilizaron cuestionarios para los padres, alumnos y profesores. Los cuestionarios contenían datos sociodemográficos, preguntas cerradas y alternativas con escala de aproximación. También fueron realizadas entrevistas con la Directora, orientadora y las coordinadoras del colegio.

Los resultados indican que la mayoría de los padres investigados utiliza el modelo educativo democrático (73%) y los hijos tienen un alto porcentaje del perfil democrático (79%). Partiendo del supuesto de que los padres democráticos forman hijos del perfil democrático, se hizo evidente que los modelos de los padres inciden significativamente en el comportamiento y en las conductas de los niños en la escuela, ya que la escuela tiene un bajo índice de problemas disciplinarios.

*Palabras clave:* modelos de padres, hijos, conductas disruptivas e indisciplina.



## **Abstract**

This research focuses on disruptive behavior in the classroom and styles of parenting. Its main objective is to identify the typology of parenting styles, that is, if the educational and disciplinary model employed in bringing up their children is authoritarian, permissive, or democratic. The study also aims to profile their children and find out whether the above mentioned parenting models show themselves in the behavior of the children in the classroom. Data will be collected through a case study at Colégio Adventista de Campo Mourão (Brazil). The sample includes 136 parents, 246 students aged between nine and fifteen and 16 teachers of the aforementioned school.

Data was gathered through questionnaires given to parents, children and teachers. The questions set covered sociodemographics, closed questions and multiple choice questions with an approximation scale. Interviews with the principal, the school counselor and the pedagogical coordinators of the school.

The results indicate that the majority of parents sampled employ the democratic model of parenting (73%) and that the children show a high percentage of the democratic model (79%). Based on the premise that democratic parents form democratic children, it is evident that the parenting models influence significantly the behavior of their children in school, since the school has a low incidence of behavioral problems.

*Key words:* Parenting models, disruptive behavior, indiscipline

## RESUMEN EN ESPAÑOL

### Introducción

En el contexto actual de la sociedad, nos enfrentamos a situaciones que están más allá del ideal de la familia original, vamos a examinar en el primer capítulo los tipos de los padres y sus estilos de crianza en el modelo de familia tradicional, formada por el padre, la madre y los hijos. Los padres autoritarios educan en una línea dominante y con el control total sobre sus hijos. También veremos los padres permisivos que dejan a sus hijos sin reglas, y éstos hacen lo que quieren. Por último, los padres democráticos que desarrollan una educación más coherente y sensata. Vamos a analizar también si los modelos educativos utilizados por los padres influyen en los problemas de conducta de los niños en la escuela. ¿Cuál es el perfil del estudiante con el modelo de padres autoritarios, permisivos y democráticos?

En el segundo capítulo vamos a tratar el problema de la disciplina y la convivencia en el ámbito escolar, las normas y reglas de la escuela, la relación profesor-alumno, los tipos de escuelas y la participación de los padres en la escuela. La escuela realiza un papel clave en la formación de valores en sus estudiantes, porque cuando la familia es incapaz de hacerlo, la escuela tiene que ayudar y complementar los valores que los niños necesitan para su desarrollo. Cuando la educación en el hogar fracasa, los niños tendrán dificultades para adaptarse a las normas y reglas de la escuela, que a su vez debe ser organizada de manera que tenga disciplina y funcionalidad. La indisciplina en las escuelas causa graves problemas para los profesores, pero sobre todo para los estudiantes, dificulta la absorción de contenidos, disminuye el nivel de concentración, perjudicando el rendimiento escolar de la clase o de los estudiantes involucrados.

Los tipos de los profesores y la disciplina es el tema del tercer capítulo, donde haremos relaciones de los profesores autoritarios con la disciplina punitiva, los *Laissez-faire* con la disciplina permisiva y los democráticos con la disciplina positiva. El mayor desafío en la cuestión disciplinar recae en el profesor, que trabaja en estrecha colaboración con cada estudiante, y necesita estar capacitado y preparado para esta tarea, ser competente y capaz de hacer frente a diferentes personalidades y temperamentos, además de enseñar el contenido

académico. ¿Cuál es el perfil, el papel del profesor y su influencia en el desarrollo de los niños que tienen en su responsabilidad?

En el cuarto capítulo se define las conductas disruptivas en el aula, identificando los tipos y causas. Estos comportamientos indisciplinados causan un gran desorden en el entorno del aula y de la escuela en su conjunto, perjudicando el desempeño docente y el aprendizaje del estudiante. El maestro es el mediador de conflictos de clase y debe tener sabiduría para tratar con una variedad de comportamientos no deseados y darse cuenta de transmitir el programa de estudios para su clase.

Finalmente, en el quinto capítulo nos ocuparemos de las estrategias para combatir las conductas disruptivas en el aula, que abarca la educación en valores, la disciplina preventiva, resolución de conflictos, aprendizaje cooperativo y técnicas de autocontrol y de regulación de la conducta propia.

Hecha la revisión bibliográfica del estudio, comparando la visión de diferentes autores, vamos al estudio empírico, que investigará los elementos estudiados en la teoría: la disciplina, la disrupción y los modelos de familias y sus relaciones entre sí. ¿Los modelos educativos utilizados por las familias inciden en el comportamiento de los estudiantes y sus conductas en la clase? Vamos a utilizar cuestionarios a los padres para identificar el estilo de educación, si es autoritario, permisivo o democrático; a los estudiantes a fin de identificar sus perfiles y sus conductas en la escuela y a los maestros, que tratan directamente con el aspecto disciplinario de los estudiantes. Además, vamos a entrevistar a la directora, a la orientadora y a las coordinadoras de la escuela para entender mejor el contexto y finalmente, comprobar el rendimiento académico de los estudiantes a través de las notas. Tras el análisis y la comparación de los datos, haremos las conclusiones finales.

## Capítulo I - La familia y su relación con la conducta de los hijos

A lo largo de este capítulo, tratamos de relacionar el papel de la familia y los modelos educativos a la conducta de los niños en la visión de diferentes autores. Comenzamos analizando las familias autoritarias, con sus características de imposición, punición y el abuso de poder, donde los padres desean que sus hijos obedezcan por miedo y no por hacer lo que es correcto. El resultado es que los niños quedan desmotivados, tímidos, con el complejo de culpa e inferioridad, rebeldes e inseguros.

El modelo de los padres autoritarios, como su nombre lo indica, proviene de la autoridad o exceso de la misma. Los padres ejercen demasiada autoridad y restricciones a los niños y esperan que obedezcan. Las características de los padres autoritarios son: rigidez, control total sobre los niños, el mando, la dominación, el abuso de poder y brutalidad. Actitudes que pueden o no estar acompañado por el castigo físico y la violencia. Prácticas educativas que tienen un notable control sobre las conductas de los niños, donde hay una fuerte demanda de madurez en un ambiente poco comunicativo y que el afecto se expresa poco se refiere a lo estilo de padres llamados autoritarios. Salvador et al (1999) .

Las familias autoritarias tratan de enseñar a sus hijos los patrones de comportamientos perfectos, y están a favor de las medidas punitivas y violentas a fin de imponer respeto cuando las actitudes de los niños están en conflicto con lo que creen que es correcto. Sprinthal y Collins (2003). En otras palabras, el respeto y la autoridad se imponen no son conquistados, como realmente debería de ser. Justifican este comportamiento como prevención para los niños.

Los padres autoritarios , con su control total en los niños , las actitudes represivas , la falta de afecto, el exceso de autoridad y que hacen uso de medidas punitivas para educar requieren patrones perfectos de comportamiento, etc., influyen directamente en el comportamiento de sus hijos porque los mismos tienen síntomas de baja autoestima , miedo , ansiedad , el descontento , la rebelión , la ira , y muchos otros rasgos negativos que interfieren en su desarrollo normal del comportamiento. Este modelo tiene mucho más daño que bien a los niños, por lo que no puede ser considerado como el modelo ideal de la educación.

A continuación, se analiza el modelo de educación permisiva, donde poco se imponen reglas sobre los niños, un estilo que permite a los niños gobernar el hogar y hacer lo que quieren, tomar sus propias decisiones, incluso si no están capacitados para ello. Los resultados son bastante desastrosos ya que los niños crecen sin límites y sin referencias, con poca autonomía y responsabilidad y en la edad adulta pueden tener muchas dificultades en el manejo de sus problemas y retos. La palabra viene de permisión o permitir, que se define como el consentimiento, autorizar, admitir y conceder. Según el diccionario, Ferreira (2009), dar permiso, tolerante, indulgente. En francés es *Laissez-faire*, es decir, dejar hacer solo. Las familias que crían a sus hijos en un modelo permisivo son aquellas que imponen poco o nada de reglas a los niños, tienen el consentimiento para hacer lo que quieren y cómo lo quieren. Dejan los niños libres de restricciones. Urra (2007), dice que dejar al niño " crecer libremente " , para disfrutar de su infancia sin seguir un método educativo organizado, que puede ser una forma retórica de la entrega delante del esfuerzo que presupone educar correctamente , o diseñarlo las frustraciones que la vida ha causado a sus padres , pero en ningún caso trae algo positivo para el niño.

Finalmente vimos el modelo de familias democráticas, donde los padres buscan desarrollar una educación basada en el amor, en las reglas y en la disciplina, una combinación de afecto con la autoridad, lo que resulta en niños más preparados, responsables y más seguros de sí mismos. Cuando hablamos de modelo de educación democrática, esperamos que sea un estilo educativo motivado en el equilibrio, la coherencia, la sabiduría y sobre todo, en el amor y el afecto. Y es exactamente estas características que este modelo se diferencia de los demás.

La autoridad, límites, normas, premios y castigos están presentes en este tipo de educación, sin embargo, de manera coherente, destinada a bienestar físico y emocional de los niños en un ambiente de amor, compañía y afecto entre padres e hijos. Puede haber momentos en que hay una cierta permisividad y otras en las que hay uso de la autoridad, todavía de manera racional, moderada, controlada y no traen influencias negativas en la disciplina de los niños. En este modelo de educación, por lo general los padres y los niños son amigos, no hay rivalidad y mayores dificultades en la relación, porque hay una gran disposición para dialogar, y hay respeto mutuo.

El estilo democrático disminuye las causas de los conflictos en el hogar y cuando suceden, se resuelve lo más rápido posible y esto se traducirá en el respeto mutuo, la confianza mutua y la comprensión hacia los demás. Según Schneider, citado por Galli (1976), los padres promoverán una emancipación gradual, una afirmación progresiva, aumentando la responsabilidad y proporcionarán las necesidades básicas de los niños, tales como el afecto y la seguridad. En este modelo democrático, la eficacia depende de la combinación de amor con la autoridad. La autoridad es algo de la propia estructura del encuentro entre un adulto y un niño, pero si esta autoridad se funda en motivos ilegítimos, conduce al autoritarismo y la injusticia. (Toderó , Peruzzolo y Mroczkoski , 2009) .

Concluimos después de la comparación y los puntos de vista de diferentes autores, que son opiniones unánimes sobre los beneficios otorgados al desarrollo y la disciplina de los niños el estilo democrático. Esto se puede considerar el estilo de educación ideal para las familias en la educación de sus hijos, pues irán preparar a los niños para hacer frente a los retos de la vida con autonomía, independencia, madurez y, sobre todo, los niños se convierten en respetuosos y la relación entre los padres y los niños tienden a ser cariñosa y de complicidad.

Abajo un cuadro comparativo de los modelos de padres y sus características y perfil de los niños educados por cada modelo en la visión de diferentes autores:

**Tabla 1. Comparación Padres y hijos**

<b>Modelos de Padres</b>	<b>Características de los Padres</b>	<b>Perfil de los hijos</b>
<b>Modelo Autoritario</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Disciplina rígida, la frialdad , la falta de amor , un control total sobre los niños;</li> <li>- Exceso de autoridad, mando;</li> <li>- Restricciones Demasiadas;</li> <li>- Usan medidas punitivas y violentas;</li> <li>- Ambiente Familiar fría y pobre, no hay interacción entre los miembros de la familia;</li> <li>- Los Padres severos, cerrado (dictatoriales).</li> <li>- Despisan los Niños y quedan lejos de ellos.</li> </ul>	<p>Dignidad personal debilitado, la sumisión , la baja autoestima , pocos controles internos , infantilismo , inmadurez , falta de motivación , complejo de culpa , sentimiento de inferioridad , dificultades en las relaciones , el miedo , el pesimismo , la timidez , inhibición, inseguridad, poco responsable.</p> <p>Rebelión, el carácter inestable, dificultad para tomar decisiones, actitudes violentos.</p>

<b>Modelo Permisivo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Falta de autoridad, falta de límites , tolerancia, la falta de liderazgo;</li> <li>- El exceso de libertad a los hijos ; - Se hacen pocas demandas;</li> <li>- No utilizar la fuerza y el poder; - - Permiten que los niños tomen sus propias decisiones, incluso cuando no están capacitados para ello. - Pueden ser afectivos o no.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dominan los padres;</li> <li>- Muestran poco respeto;</li> <li>- No valoran lo que los padres les proporcionan;</li> <li>- Poco responsables , desorientado en el negocio , con tendencia a la interrupción , irritabilidad, desorganización ;</li> <li>- Dificultad en la adaptación a las normas;</li> <li>- Egocéntricos , egoístas;</li> <li>- Inestable emocionalmente.</li> </ul>
<b>Modelo Democrático</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- La educación basada en el equilibrio , la coherencia y razonabilidad ;</li> <li>- Son cariñosos , compañeros y educan con amor ;</li> <li>- entorno cálido y de aceptación ;</li> <li>- Apuntar al bienestar físico y emocional de los niños ;</li> <li>- El diálogo, el respeto mutuo ;</li> <li>- Autoridad y controles firmes, pero moderados ;</li> <li>- Transmiten la seguridad ;</li> <li>- Establecen modelos y criterios para la conducta de sus hijos ;</li> <li>- Uso de razón y el poder.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- La competencia , la confianza , la autoestima alta;</li> <li>- El respeto , la responsabilidad;</li> <li>- Integran y participan en las actividades de la casa ;</li> <li>- Si están involucrados en las decisiones familiares ;</li> <li>- Escuchan los consejos de los padres ;</li> <li>- Independencia de pensamiento ;</li> <li>- La madurez social y emocional;</li> <li>- Adquisición de la madurez cognitiva ;</li> <li>- Uso racional de la libertad ;</li> <li>- La satisfacción, la curiosidad.</li> <li>- Menos susceptible de adoptar nuevos valores.</li> </ul>

En una breve descripción, el *estilo autoritario* es aquel cuyos padres esperan obediencia y usan más fuerza, en busca de la autoridad, sin fomentar el diálogo y la autonomía. Los niños criados en este patrón a menudo tienen pocos problemas de conducta y un alto rendimiento académico, pero más baja autoestima, miedo y frustración, aumento de la ansiedad y la depresión y la inseguridad en las interacciones sociales. En el *estilo democrático*, con la alta demanda y alta capacidad de respuesta, los padres no dan razones de restricciones, favorecen el diálogo y fomentan la autonomía. Los niños criados en este estándar tienen un mejor rendimiento que los creados en virtud de otras normas, la motivación de logro, habilidades sociales, una mayor autoestima y pocos problemas de internalización y comportamiento. En el *estilo permisivo* se caracteriza por la tolerancia, el afecto y bajo control. Los padres son complacientes, rara vez se hacen demandas ni aplican penas. Los niños criados en este patrón en general tienen buena autoestima y el bienestar psicológico, pero la mayoría son inmaduros, tienen poca participación en la escuela, agresividad y problemas de comportamiento. Hutz y Bardagir (2006).

También destacamos la influencia de la estructura familiar en los problemas de comportamiento e indisciplina de los niños en la escuela y el perfil del estudiante educado por cada modelo de padres. La familia como el primer y más grande grupo de interacción social de los niños, a su vez también es lo que más afecta el desarrollo físico, emocional y social, los padres son los principales modelos y espejo para ellos. Si la familia es espejo y modelo para sus hijos, no tenemos ninguna duda de que afecta directamente el comportamiento y la conducta de los niños en la escuela, sea positiva o negativamente, de acuerdo con el estilo de educación que los niños reciben en sus hogares. Chalita (2008) confirma esta idea al decir que la dinámica de la familia puede reforzar la violencia, sobre todo cuando no existen reglas claras, cuando hay la falta de coherencia entre los valores anunciados y vividos, especialmente cuando carecen de afecto en las relaciones familiares.

Prácticas de crianza ineficaces pueden considerarse, por lo tanto, como uno de los factores que desencadenan y mantienen la conducta agresiva de los niños, especialmente en aquellos casos en que la relación de los padres se caracteriza por una unión pobre. La falta de calidez y afecto en la interacción de los padres con niños puede desencadenar sentimientos de inseguridad, vulnerabilidad y posible hostilidad en las relaciones sociales. Barbosa et al (2011).

En general, las investigaciones muestran que los estilos de crianza están relacionados con diversos aspectos del desarrollo psicosocial de los niños y adolescentes, tales como la autoestima, el funcionamiento social, psicopatología y el rendimiento escolar. Teixeira y Lopes (2005). Llegamos a la conclusión de que tanto un extremo de autoritarismo como el otro extremo de la permisividad causan trastorno en el desarrollo de los niños y adolescentes. Para que la educación sea eficaz es necesario equilibrar entre los estilos, aplicar una disciplina coherente y, sobre todo, educar con amor, sin temor a corregir cuando sea necesario.

## **Capítulo II - La disciplina, la convivencia y la escuela.**

En este capítulo trataremos específicamente de los problemas de disciplina en la escuela, un problema que aumenta día a día, haciendo el ambiente escolar más difícil cada día.



De todas las instituciones formales que los niños encuentran a lo largo de sus vidas lejos de casa, muy pocos tienen tantas oportunidades para influir en su desarrollo como las escuelas a las que asisten. Por lo tanto, es apropiado pensar en la escuela como agente socializador que es probable que afecte el desarrollo social y emocional de los niños, así como proporcionar conocimientos y contribuir a la preparación de los estudiantes para una profesión y su autosuficiencia económica. Shaffer (2002).

Empezamos por la conceptualización de la palabra disciplina que tiene su origen en la palabra discípulo, lo que significa instruir, enseñar, educar, etc. Para que haya una buena disciplina en la escuela, las reglas y normas son fundamentales para el aprendizaje y también para que el ambiente escolar sea propicio al aprendizaje. Una clase es un micro sociedad completa de estudiantes ciudadanos con las necesidades y intereses en competencia. Por lo tanto, las reglas, rutinas, normas y procedimientos es una parte fundamental de la infraestructura de clase. Armstrong (2001).

Destacamos la cuestión de la relación maestro / estudiante que a veces es complicada, pero esta relación hay influencia recíproca que contribuyen a la construcción del conocimiento. La manera en que los padres y educadores establecen relaciones interpersonales con sus hijos y alumnos determinará su formación moral heterónoma (relación de coacción) y autónoma (relación de cooperación), y el sentimiento de respeto es fundamental en la formación de la moral. Santos (2006). Los métodos utilizados por el profesor en sus clases es que favorecen o no la relación entre él y sus estudiantes, la relación interpersonal se basa en la comunicación y la forma en que se establece depende del éxito del acto pedagógico. Es decir, uno depende de lo otro. En la relación del maestro y el alumno debe ser una reciprocidad de influencias que, con el tiempo, contribuyen a la construcción del conocimiento del estudiante y el crecimiento profesional de los maestros. Lipp (2002). La relación profesor-alumno, siendo una relación antagónica, ofrece posibilidades muy ricas para el crecimiento, los conflictos que pueden surgir de esta relación desigual juegan un papel importante en la personalidad del niño. Es imposible concebir una relación entre el profesor y el alumno sin afecto, sobre todo cuando se trata de la educación de los niños.

Tratamos un poco acerca de las escuelas públicas y privadas y de sus características, pero todos se ven afectados por problemas de disciplina. Finalmente se discute la participación de los padres en la escuela, por ser esencial para proporcionar la armonía entre la escuela y las familias, así como para el logro del estudiante. Las escuelas, los padres y las comunidades deben establecer relaciones entre sí para crear un marco de apoyo para la relación entre los estudiantes y sus comunidades, que son excepcionalmente importantes, pero generalmente se tratan con superficialidad. Hargreaves, Earl y Ryan (2001). Una condición necesaria para compartir la tarea educativa es el conocimiento y el respeto mutuo entre la familia y la escuela en relación con el papel educativo de cada contexto. La escuela tiene que tener información sobre los niños y los jóvenes, como son, cómo se relacionan y se comportan, etc. Estas informaciones ayudan a la escuela a interpretar el comportamiento de los estudiantes, para entender sus inquietudes y satisfacciones para saber cómo manejarlos. Por otro lado, los padres pueden entender mejor a sus hijos cuando reciben información de la escuela acerca de cómo es y cómo actúan en la escuela. Salvador et al (1999).

### **Capítulo III – Tipos de profesores y disciplina**

En este capítulo se analizan los perfiles de los profesores y los tipos de disciplina aplicada en clase. Hay una variedad de tipos de profesores, pero nos fijamos en tres perfiles comunes que son *autoritarios*, *permisivos* y *democráticos*, y los tipos de disciplina *punitiva*, *permisiva* y *positiva*, así como sus implicaciones y la eficacia en el aula.

El autoritarismo se refiere al estilo que lleva sobre la autoridad, la rigidez, el control total sobre el estudiante, el excesivo control, la dominación y el abuso de poder. En algunos casos, estas actitudes pueden ir acompañados de brutalidad y uso de la pena en el aula. Estas características no se ajustan con la posición de "educador". El maestro no puede y no debe aprovecharse de su posición y autoridad para ejercer autoritarismo hacia sus alumnos. Ningún hombre o mujer irritable, impaciente, arbitrario o autoritario es capaz de enseñar, porque estos rasgos causan un gran daño en el aula. El maestro no debe excusarse diciendo que su

temperamento es impulsivo. En posición de enseñanza, no puede haber una falta de autocontrol, pues se escribe en las almas lecciones que serán conservados por la vida. White, (2014a).

El estilo maestro autoritario con características de exceso de poder, rigidez, dureza, dominante y que siempre mantiene el control del grupo, aún que en el camino equivocado, no es un perfil adecuado para el puesto de educador. Por lo general, este tipo de maestro se aplica la disciplina punitiva en el aula, a partir de la sanción y el chantaje hacia el estudiante. La disciplina punitiva por sí sola no es del todo mala, pero la punición debe ser aplicada de la forma correcta para dar resultado. Si el maestro utilizar el método de las sanciones por reciprocidad, que trabajarán con el estudiante a la reparación de los errores que cometió, será punido de la manera correcta sin dañar el estudiante. Si el comportamiento se refuerza positivamente tiende a repetirse, entonces el comportamiento que es punido tiende a desaparecer, sobre la base de este principio, el maestro al imponer las sanciones contribuirá a la reducción de los comportamientos indeseables afirma Picado (2009). Debe utilizar estrategias punitivas que hacen que los estudiantes renuncien a su mal comportamiento.

El estilo de maestro permisivo es uno que no impone reglas y dejan que los estudiantes dominen el ambiente. Este tipo de disciplina puede ser llamado antítesis de la disciplina, porque no tiene la intención de enseñar por precepto y ejemplo, ni de ninguna manera, ya que para el profesor, la actitud del estudiante es indiferente, ya sea bueno o malo, piensa que puede herir susceptibilidades y piensa que no es apropiado. Esto no es ejercer ningún tipo de control, la regla se basa en lo que piensa el estudiante. No es difícil encontrar aulas que se rigen por este método, donde reina el desorden, la falta de compromiso, la falta de respeto y la falta de control. Esto es porque el maestro no tiene preocupación por la educación de los estudiantes, sino sólo en transmitir el contenido y los estudiantes, a su vez, no son capaces de auto-gobierno, como se explica Perrenoud (2001): un grupo-clase abandonado a su destino no es capaz de gestionar su propia diversidad de temperamentos y proyectos, como no puede llegar a un consenso, negociar compromisos aceptables, aceptar una regla de la mayoría, administrar las minorías, se corre el riesgo de encontrarse con conflictos o hacer subgrupos más homogéneos.

Los maestros democráticos son aquellos que utilizan métodos equilibrados y coherentes para disciplinar a los estudiantes cuando sea necesario. No hay extremos de autoritarismo o la

permissividad. Lo que es una combinación de la disciplina con amor, sin dejar pasar por alto las transgresiones de los estudiantes. Este modelo de disciplina destaca las acciones positivas de los niños, animándoles de una manera positiva, evitando así el uso sostenido del "no" y también tratando de evitar destacar las acciones negativas. Siempre que hay necesidad de corregir a un niño por su mala conducta, se debe hacer con el fin de sobresalir la mala acción, distinguiendo entre la acción y el agente, demostrando el amor para el niño y condenando su mala actitud. Frente al mal comportamiento del niño, en este modelo de la disciplina, el maestro siempre debe conseguir maneras de actuar y hablar de manera positiva, pero que lleve el estudiante darse cuenta de que lo que hizo está mal y que su comportamiento tiene que ser corregido. White (2014a) dice que si un niño comete errores y se comporta mal, es esencial que los que están en su camino sean capaces de enseñarles por precepto y por ejemplo la forma de proceder.

En la tabla, una síntesis de la disciplina y sus implicaciones en la clase para los diferentes autores:

**Tabla 2. Disciplina y implicaciones en clase**

<b>Tipos de disciplina</b>	<b>Autores</b>	<b>Características</b>	<b>Implicaciones en aula</b>
<b>Punitiva</b>	Leite e Costa (1999).	Sanción por la reciprocidad en que el niño experimenta el resultado de su propia acción.	Reparar los errores, reflexionar sobre los errores y asumir la responsabilidad.
	Silva (2004)	El uso de punitivas relacionando el castigo al delito hecho.	Esto hace que el individuo entienda su acto y se sienten las consecuencias de lo que hizo.
	Gotzens (2003)	Uso de estrategias punitivas – castigos.	Hace que el estudiante renuncia el mal comportamiento.
	Cória-Sabrini (2000)	Castigos utilizados por los profesores.	Provocan disminución del auto concepto del alumno.
	Davis e Thomas (1992)	Castigo, suspensión de los privilegios, el uso de los castigos y las tareas adicionales.	Puede no eliminar el mal comportamiento, es doloroso, produce efectos secundarios no deseados, para algunos pueden ser constructivos y destructivos para los demás.
	Picado (2009)	Imposición de castigos.	Disminución de comportamientos indeseable.
	Beaudoin e	Recompensas e punitivas.	Complacencia y miedo.

	Taylor (2006).		
	White (2014a)	Castigos	Los estudiantes se apartan de ellos o muestran indiferencia y menosprecio.
<b>Permisiva</b>	Perrenoud (2001)	La falta de control , el desorden, la falta de compromiso en el aula	Los estudiantes no aceptan las reglas , no pueden llegar a un consenso , la falta de gestión de proyectos.
	White (2014b)	El maestro no enseña a los niños a obedecer.	Los niños tendrán carácter débil e impulsivo.
<b>Positiva</b>	White (2014a)	Alabando a los niños	Ellos son estimulados para buenas obras.
	Lowe (1998)	El maestro debe tener el reconocimiento de las actitudes, el afecto y la cercanía del estudiante.	Niño se siente aceptado y amado, confiado.
	Carita e Fernandes (1997)	Recompensas	Mantenimiento de la conducta adecuada.

Cada tipo de disciplina tiene efectos sobre el comportamiento de los estudiantes, podemos notar claramente que la disciplina punitiva y permisiva produce comportamientos mayoritariamente negativos, mientras que la disciplina positiva fomenta un comportamiento positivo. Llegamos a la conclusión de que el maestro democrático y la disciplina positiva son los modelos más adecuados para ser aplicados en el día a día de aula, pero no tiene por qué ser un modelo único, el profesor puede variar sus métodos de disciplina desde que sea coherente y equilibrado en sus acciones.

## Capítulo IV - Conductas disruptivas en el aula

A lo largo de este capítulo, nos ocupamos de las conductas disruptivas en el aula, las relaciones interpersonales y la forma que interfieren con el aprendizaje de los estudiantes así

como el entorno escolar, donde suceden las relaciones interpersonales, que debe estar acogedor para hacer el aprendizaje más eficaz. También hemos visto en el problema de los conflictos y que los conflictos son inevitables y son parte de la vida, pero deben estar mediados y resolverse, porque cuando hay fallas en este proceso, puede haber interrupciones en las relaciones y se convierte en agresividad entre los involucrados.

Trabajamos con más detalle los tipos de conductas disruptivas más comunes en la escuela, que son *verbales*, donde las manifestaciones agresivas se producen a través de palabras. Aunque los ataques verbales a menudo se entienden como hechos menores o comportamiento típico de los adolescentes y jóvenes, tienen un impacto en el sentido de la violencia experimentada por los estudiantes, y pueden ser una de las puertas de entrada a la violencia física. Abramovay (2006).

El *Bullying*, que es un fenómeno que va en aumento día a día en las escuelas, donde las características principales son los malos tratos y abuso deliberado con la intención de ver el sufrimiento de los demás. Hay numerosas maneras de expresar el *Bullying*, los autores actúan de varias maneras diferentes, dependiendo de cada situación o contexto. Cada forma con sus características únicas, pero todos traen daño físico y psicológico grave a la víctima. Las consecuencias del *Bullying* son muchas y afectan no sólo a las víctimas, pero todos los involucrados, directa e indirectamente y, por extensión, las personas con las que viven, tales como la familia, los maestros y compañeros de clase. Las víctimas pueden sufrir de problemas de depresión que resultan de traumas y desarrollar enfermedades psicosomáticas, así como en el futuro, cuando se convierte en un adulto, practicar el *Bullying* en el lugar de trabajo. Abajo en la tabla, los tipos de *Bullying*:

**Tabla 3. Tipos de Bullying**

Verbal	Insulto, ofender, maldición, hacer burla, poner apodos peyorativos, haciendo chistes ofensivos.
Físico y Material	Golpear, patear, empujar, daño, pellizco, robar, robar o destruir las pertenencias de las víctimas, lanzamiento de objetos contra la víctima.
Psicológico y	Molestar, humillar y ridiculizar, excluir, aislar, ignorar, despreciar, tomar a la ligera, discriminar, aterrorizar, amenazar, chantajear, intimidar, dominar, tallo

Moral	, difamar , pasando notas y dibujos entre los compañeros de carácter ofensivo, a la intriga y chismes.
Sexual	Abuso, violación , acosar y insinuar
Virtual	El uso de Internet y el móvil para difamar, calumniar hablar murmuraciones sobre la víctima. Mejor conocido como acoso cibernético.

Silva (2010)

Otro aspecto destacado fue las conductas de *relación con los profesores*, que se ha manifestado malos tratos físicos y verbales a los maestros, causando daños psicológicos, entre otros. El intercambio entre el maestro y el estudiante puede ser más complejo si el estudiante tiene el trastorno de conducta. La calidad de convivencia en la escuela depende en gran medida de cómo son las relaciones que se establecen entre profesores y estudiantes.

La agresión *física* también se ha manifestado entre los estudiantes y se extendió a los maestros y servidores de las escuelas. La agresividad en la adolescencia puede manifestarse de muchas maneras diferentes, desde pequeños conflictos verbales entre individuos o grupos a peleas físicas y violentas generadas por motivos fútiles. Son visibles el abuso y la arbitrariedad de lo " fuerte " en relación con los más débiles. En general, estas expresiones de exasperación, aunque disfuncional y socialmente inaceptable, de los jóvenes que lanzan en la búsqueda de su propia identidad, son caminos torcidos e ineficaces para demostrar que existen y que valen algo a sus colegas, amigos, la familia y para la sociedad. Silva (2010). La agresividad se traduce en actos u omisiones capaces de provocar cambios no deseados dentro de las unidades escolares.

Por último, trabajamos las posibles causas de las conductas disruptivas, que son las *familiares*, donde el ejemplo de los padres, la desintegración familiar, los métodos de disciplina, la falta de tiempo y afecto ha contribuido en gran medida al aumento de dichas conductas. El comportamiento violento y agresivo que el estudiante tiene en la escuela, tiene su origen, entre otros factores, en el modelo educativo de la familia de acuerdo con el que fue creado, debido al tipo de estimulación que ha sido expuesto desde una edad temprana, por la forma de convivencia familiar, la carga emocional recibida, el tono que fue tratado, el castigo físico, negligencia de los padres, etc. Fante (2005).

Causas *personales*, que son los problemas intrínsecos del estudiante que llevan a practicar conductas disruptivas, el *contexto social* que también ha contribuido para el aumento de los problemas de comportamiento debido a la violencia y la desestabilización que la sociedad ha enfrentado y , finalmente, los *medios de comunicación* en masa que influyen directamente en el comportamiento de los niños. La funcionalidad de la violencia también se puede ver en los medios de comunicación que utilizan la violencia para atraer al público, afectando a la percepción de los individuos.

## **Capítulo V - Las estrategias para combatir el comportamiento disruptivo en el aula**

En este capítulo presentamos algunas estrategias para combatir las conductas disruptivas en el aula. La escuela debe desarrollar proyectos y programas de sensibilización a los estudiantes y el fomento de la buena conducta, el respeto mutuo, la disciplina, el autocontrol, etc. La educación en valores puede ser una estrategia eficaz para mejorar el mal comportamiento. Un buen trabajo de prevención también puede contribuir mucho. Todas estas acciones se deben construir con todo el personal docente, pedagógico y administrativo de la escuela, involucrando las familias y la comunidad para que paso a paso sea posible avanzar y mejorar este problema que afecta directamente al ambiente del aula y la escuela en general.

Hacemos hincapié en la importancia de la educación en valores. La familia como una entidad que debe ofrecer valores morales y espirituales a sus hijos y la escuela con la responsabilidad de desarrollar un plan de implementación de los valores, con profesores que participan en la promoción y puesta en práctica en sus clases la educación en valores.

La disciplina preventiva como medio de evitar la aplicación de medidas punitivas posteriores y las normas y límites bien aplicados que traerán grandes beneficios para los estudiantes. La disciplina preventiva debe ser entendida como un medio de evitar la aplicación de medidas punitivas posteriores a los actos, es decir, tiene que haber orden, el respeto y las



reglas para que haya disciplina que evite la corrección y en consecuencia la punición, lo que elimina la posibilidad de la indisciplina. La prevención sucede cuando las personas que administran la disciplina, sean padres, profesores u otros educadores, proporcionan una disciplina apropiada, con límites, desfavoreciendo el comportamiento indisciplinado. La prevención es la atención desde el principio, es la búsqueda de mecanismos defensores en una situación o problema para suavizar la fuerza que surge de las diversas dificultades que enfrentamos, creando barreras para amortiguar el peso y el grado de los problemas a ser resueltos. Ferreira (2014).

También destacamos la importancia de la resolución de los conflictos interpersonales y que no pueden interrumpir el proceso de enseñanza-aprendizaje. En el aula, el mediador del conflicto debe ser, sin ninguna duda, el maestro porque, según lo ha declarado Perrenoud (2001), en un grupo de niños, el poder del maestro y la forma en que lo concibe y practica desempeñan un papel predominante en la regulación de los intercambios y los conflictos, así como el trabajo del grupo en una sola tarea o un conjunto de actividades coordinadas.

También vimos el aprendizaje cooperativo, donde los estudiantes animan unos a otros y donde se producen grandes cambios que dan significatividad a las clases. Sobre la base de cualquier enfoque metodológico innovador está el aprendizaje cooperativo. Este enfoque se basa en la influencia y la interacción social. Este tipo de aprendizaje no es requerido por la simple experiencia, pero requiere una concepción pedagógica y una organización escolar que permite el diálogo, el intercambio y el cambio de rol de profesor en el aula. Naranjo (2009).

Finalmente se discute la importancia de la auto - control y la regulación de la propia conducta. El autocontrol es un proceso, un tipo de acción. La fuerza de voluntad nos ayuda a tener auto- control sobre nuestras acciones y especialmente sobre las malas acciones. Hay muchas estrategias que las escuelas pueden utilizar para combatir los problemas de disciplina. Uno de los aspectos importantes a destacar en relación con las estrategias para combatir las conductas disruptivas es que el profesor / educador debe estar dispuesto a mejorar sus prácticas de enseñanza con el fin de ayudar a minimizar los problemas de disciplina en el aula

El educador debe ser orientado a utilizar la creatividad, innovar la práctica pedagógica, diversificar la metodología, articular los contenidos de forma contextualizada, trabajar de manera interdisciplinaria, intercambiar ideas y técnicas con otros educadores y planear bien las clases utilizando diferentes técnicas, integrar las tecnologías de la información y la comunicación en su práctica pedagógica, desarrollar lazos afectivos en sus relaciones con los alumnos, motivarlos para adquirir el deseo de aprender, ir abriendo la curiosidad y la creatividad de los estudiantes, mejorar y fortalecer la corrección de actitudes inapropiadas a través de la alabanza-criticidad-alabanza, trabajar con juegos educativos y desarrollar actividades que llevan a los estudiantes a la adquisición y mejora de los valores. Moraes y Ferreira (2011).

## **Capítulo VI – Investigación Empírica**

Esta investigación presenta un diseño *Descriptivo-interpretativo, Ex-post - facto* y *Estudio de Caso*. El estudio de caso se llevó a cabo en el Colegio Adventista de Campo Mourão, Paraná - Brasil, es una escuela confesional que identificaremos durante el estudio como CACM. La escuela ofrece una educación cristiana, con una filosofía educativa basada en la Biblia, con el fin de desarrollar en los estudiantes una educación equilibrada a nivel físico, intelectual, social, profesional, moral y espiritual, buscando transmitir a los estudiantes, los ideales, las creencias, actitudes y valores que contribuirán a la vida académica, así como social y espiritual. La escuela fomenta el cuidado de la salud, la promoción de un estilo de vida saludable, asesoramiento pastoral, pedagógico, profesional y la escuela de padres, además de otras actividades académicas que desarrollan el pensamiento intelectual y crítico de los estudiantes.

### **Objetivos**

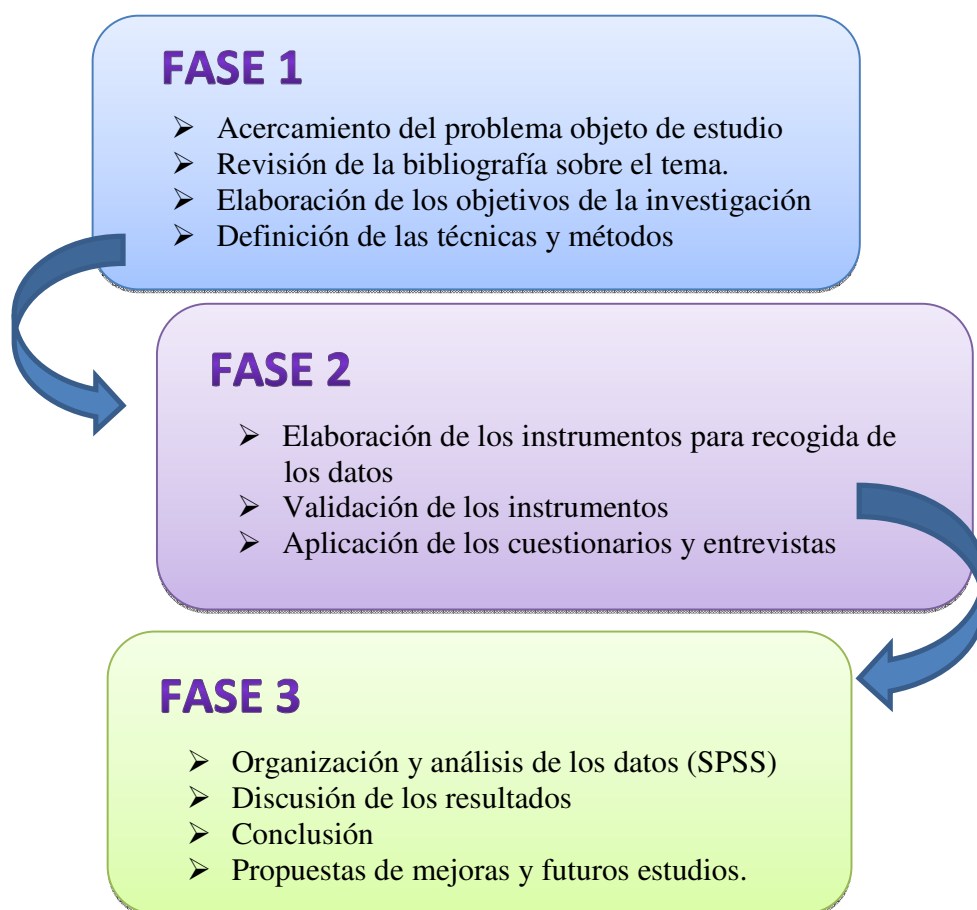
#### **Objetivo General:**

Conocer si el tipo de familia en la que el estudiante ha sido creado y desarrollado tiene algún tipo de incidencia sobre el modelo de disciplina que esta familia sigue y practica y si este modelo se evidencia en el comportamiento y en las conductas de los estudiantes en el aula. Todo esto a través de un estudio de caso en el CACM.

### Objetivos Específicos:

- Analizar los tipos de familias donde provienen los estudiantes de lo CACM • Identificar los principales modelos educativos utilizados por las familias de los estudiantes del CACM.
- Identificar el perfil de los estudiantes educados por los diferentes tipos de padres.
- Determinar si existe alguna relación entre la conducta del estudiante en la escuela y el tipo de familia de la cual proviene.
- Conocer los tipos de conductas disruptivas y faltas disciplinarias que comenten los estudiantes de la CACM
- Comprobar si la falta de disciplina de los estudiantes interfiere en el rendimiento académico.

### Esquema General del diseño de la investigación:



**Ilustración 1. Esquema de la investigación**

## **Muestra**

La muestra se compone de *246 alumnos* de nueve a quince años, estudiantes del cuarto año de la escuela primaria al 1er año de la escuela secundaria, que son las clases que cubren la edad especificada y que son capaces de responder a los cuestionarios, *136 padres* de estos estudiantes, respondiendo a los cuestionarios en casa y *17 maestros* de las respectivas clases, contestando los cuestionarios en la escuela.

## **Instrumentos**

En este estudio se optó por utilizar cuestionarios y entrevistas combinando métodos cuantitativos y cualitativos, como se describe a continuación:

- *Cuestionarios para los padres*, con el objetivo de identificar el estilo educativo empleado en la educación de los hijos (autoritario, permisivo o democrático) y la manera de disciplinar en casa. Para identificar el perfil educativo de los padres, utilizamos doce preguntas en escala Likert de 1 a 4 (nunca, a veces, muchas veces y siempre). Las preguntas 1-5-9 y 11 corresponden al estilo permisivo, 3-4-8 y 10 corresponden al estilo democrático y 2-6-7 y 12 corresponden al estilo autoritario.

- *Cuestionario para los alumnos* para identificar el perfil y las conductas en el aula.

Las cuestiones relacionadas con el perfil del alumno fueron 24 ítems a evaluar en una escala Likert de 1 a 4, siendo *1 – nunca*, *2 - Algunas veces*, *3- muchas veces* y *4 - siempre*. Estos ítems fueron elaborados a partir de la revisión de la literatura, donde varios autores como Van Pelt, 1998; Cória - Sabini, 2002; White, 2016b; González, 2007; Salvador et al, 1999; Kuzma, 2004, entre otros, han destacado el perfil del niño, educado por diferentes estilos de padres (autoritarios, permisivos y democráticos). Hay 8 ítems en cada estilo parental. Las preguntas 1 a 8 corresponden a los niños educados por el modelo autoritario de 9 a 16, los niños educados por el modelo permisivo y de 17 a 24, los niños educados por el modelo democrático.

Con respecto a la interrupción escolar, nuestros estudios están basados en Veiga (2007, 2011), autor de la Escala de Interrupción Educativa Profesada por los Estudiantes (EDEP),

además de Velez (2010), Seruya (2013), que también la aplicaron en sus estudios sobre las conductas disruptivas. La escala original se divide en tres subescalas: Factor I - distracción – transgresión, factor II - la agresión a los colegas y el factor III - la agresión a la autoridad escolar. Las puntuaciones altas corresponderán a una mayor disrupción en la escuela. Es una escala de Likert de 6 puntos con 16 ítems. En este estudio, hemos elegido adaptar la escala, usando sólo 4 puntos en la escala de Likert para facilitar a los estudiantes de 9 a 10 años para responder. Factores: distracción-transgresión (ítems 4, 7, 8, 11, 12, 13). La agresión a los compañeros (ítems 1, 2, 3, 14, 15). La agresión a la autoridad de la escuela (ítems 5, 6, 9, 10).

- *Cuestionario para los maestros*, se utilizó un cuestionario preparado por Naranjo (2009) que se refiere al estilo de maestro (autoritario, permisivo o democrático), hicimos la traducción del español al portugués, y los ajustes necesarios en el contexto educativo. Las preguntas se refieren principalmente a las actitudes de los profesores en situaciones de indisciplina y disrupción en el aula. Todas las preguntas presentan varias alternativas de respuestas y deben ser contestadas teniendo en cuenta lo que el maestro haría primero ante cada situación. El tercer grupo de preguntas eran ítems en escala Likert de 4 puntos relativos a las conductas disruptivas en clase, haciendo hincapié en la *frecuencia* y la *gravedad* de las conductas. Para preparar los ítems seguimos un modelo de Rodríguez (2011), hicimos ajustes y traducción sólo de unos pocos ítems que estaban de acuerdo con las nuestras necesidades y el contexto de nuestra investigación.

Además de los cuestionarios, hicimos entrevista con la directora, coordinadoras y orientadora educacional de la escuela con el fin de comprender mejor el contexto general de la escuela en relación a los aspectos disciplinarios, así como las características del profesorado y acciones de la escuela en el trato con problemas de disciplina, además del desarrollo de proyectos para combatir la indisciplina.

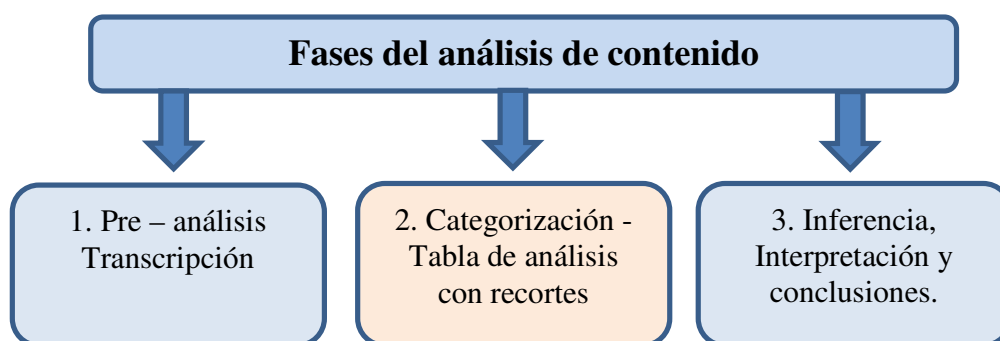
Para el tratamiento de los datos utilizamos el Microsoft Excel y el Software SPSS donde se colocaron las frecuencias obtenidas en cada categoría para luego llegar a los porcentajes. Además de las frecuencias, se analizan la varianza, la correlación a través de la prueba Chi-cuadrado de Pearson y el Alfa de Cronbach de los cuestionarios.

## Capítulo VII – Presentación de los resultados

### La pesquisa cualitativa – Entrevistas

Comenzamos con la presentación de los resultados de la parte cualitativa, es decir, entrevistas con la directora, orientadora y coordinadoras de la escuela. La primera entrevista se llevó a cabo en el 21 de junio de 2016 a las 17 horas, con una duración de unos 25 minutos, con las coordinadoras y la orientadora. La segunda entrevista se llevó a cabo con la directora de la escuela en el 30 de junio de 2016 a las 17 horas con una duración aproximada de 15 minutos. Las entrevistas fueron realizadas por la investigadora en persona.

Para llevar a cabo el análisis de contenido, nos basamos en las etapas de Bardin (2011), citado por Câmara (2013), donde proporciona tres fases básicas, como el esquema presentado en la Figura 2 : pre -análisis, exploración de materiales y tratamiento de resultados - inferencia e interpretación.



**Ilustración 2. Fases del análisis de contenido**

El primer paso fue el pre -análisis a través de la transcripción de las entrevistas. A partir de ahí, empezamos a analizar el contenido para hacer comparaciones e ir sacando conclusiones. El siguiente paso fue la exploración del material a través de la categorización. Comenzamos examinando los tres ejes principales de las entrevistas, que son: *La problemática de los*

*conflictos* y la resolución de ellos, la *agresividad física y verbal* involucrando a los estudiantes y profesores y *proyectos para la prevención y la motivación* que la escuela desarrolla para combatir los problemas de disciplina e involucrar la familia con la escuela. Hicimos los recortes de los discursos, que son las unidades de contexto y presentamos en una tabla para hacer comparaciones de la visión de cada profesional en los diferentes puntos de vista.

Con la información recogida en las entrevistas, podemos ver que el CACM es una escuela que no tiene muchos problemas de disciplina. Lo que sucede son pequeños conflictos del día a día, con mayor incidencia en los estudiantes más jóvenes, que entendemos que son los desacuerdos con colegas, pero eso no afecta mucho en el desarrollo normal de las actividades escolares. Debido a que la escuela tiene un buen equipo disciplinar, los casos se resuelven rápidamente y de manera temprana para que no se tome mayores proporciones.

Los conflictos entre los profesores no es un factor de gran preocupación, debido a la escuela ser de tamaño mediano, tiene un número considerado pequeño de maestros y esto favorece el aspecto relacional de los profesores. Hay pequeños conflictos, la divergencia de ideas, discusiones e incluso la competición entre ellos, pero nada fuera de lo común.

Cuando se trata de la violencia y la agresión entre estudiantes y profesores, lo que ocurre con más frecuencia son las agresiones verbales entre los estudiantes, que al parecer no escapan de la normalidad y del control. Las agresiones físicas son poco comunes, a excepción de algunos casos específicos que se resuelven rápidamente y no se convierten en grandes peleas. El bajo índice de indisciplina es debido al hecho de que la escuela hace un buen trabajo de prevención a través de proyectos, que disminuye en gran medida la incidencia y los estudiantes van comprendiendo. La cuestión del Bullying no es muy evidente, porque la escuela no tiene conocimiento de casos reportados, sólo desacuerdos menores y casos individuales que se tratan de forma rápida y son minimizados. En tales casos, todos los involucrados son los llamados, incluyendo los padres y los compañeros de clase de manera que la resolución sea más rápida y más eficiente. El aspecto relacional entre los estudiantes y profesores es bastante tranquilo, las agresiones físicas no se conocen en este contexto, sólo ocurren agresiones verbales esporádicas, de los estudiantes a los maestros.

Después del análisis de las entrevistas, se puede concluir que esta escuela está en un nivel muy alto de disciplina, lo cual es muy raro hoy en día, donde la mayoría de las escuelas sufren con problemas de disciplina indisolubles. El entorno escolar es muy tranquilo, la relación profesor alumno tienen lugar dentro de la normalidad, sin más agravantes. Tal vez este hecho es porque la escuela es de tamaño medio, de clase económica media alta y por ser una escuela de ideario, con una filosofía cristiana donde los valores espirituales son parte del día a día de los estudiantes, profesores y personal.

### **Pesquisa cuantitativa – Cuestionarios**

Los cuestionarios para los *alumnos* se llevaron a cabo de la siguiente manera: En los grupos de 4° y 5° años de la primaria, los cuestionarios fueron aplicados por las maestras de clases, para las clases de la ESO, los cuestionarios fueron aplicados por el Pastor del CACM en clase de Educación Religiosa. Los cuestionarios para los *profesores* se llevaron a cabo por las coordinadoras pedagógicas de la escuela a sus maestros, dentro de cada nivel. Los cuestionarios para los *padres* fueron enviados a casa, por los niños, para los padres responderse y devolverse a la escuela durante la semana en curso. La siguiente tabla resume los cuestionarios distribuidos y considerados:

**Tabla 4. Cuestionarios considerados**

<b>Cuestionarios</b>	<b>Distribuidos</b>	<b>Respondidos</b>	<b>Anulados</b>	<b>Considerados</b>
<b>Padres</b>	313	162	26	136
<b>Alumnos</b>	313	306	60	246
<b>Profesores</b>	27	18	1	17



## **Resultados de los cuestionarios de los Padres**

Comenzamos por la edad de los padres. Hicimos un agrupamiento con un intervalo de diez años (20 a 30 años, 31 a 40 años, 41 a 50 años, 51 a 60 años y 61 a 70 años) para facilitar la presentación de resultados. Los porcentajes más elevados de edad están en 31 a 40 años (46,32 %) y 41 a 50 años (40,44 %). En cuanto a la persona que completa el cuestionario, en su mayoría son las madres (83,70 %) y los padres, un número mucho menor (16,30 %).

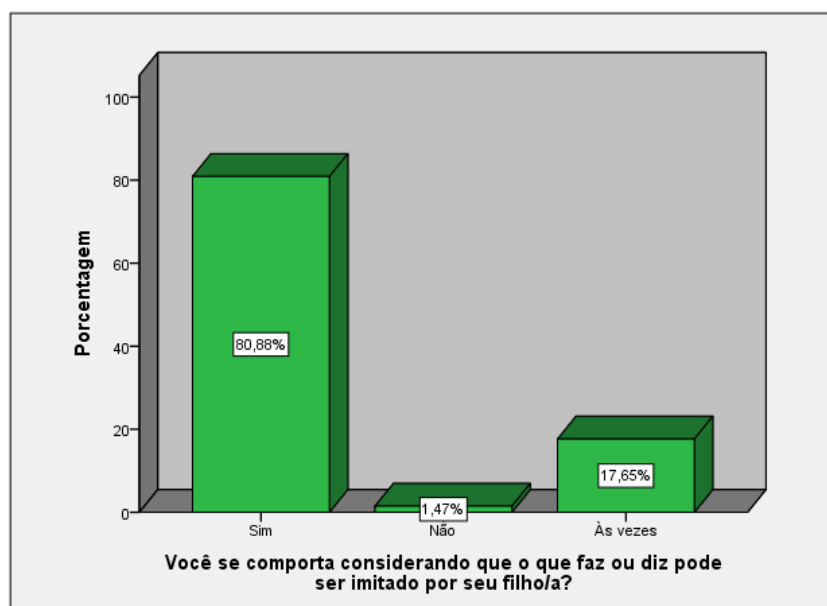
En el estado civil de los padres tenemos la gran mayoría de los padres casados (79,85 %) y el resto se divide entre solteros, viudos o separados. Preguntamos el número de hijos, con opciones de respuesta entre uno, dos o más. El porcentaje más alto se produce en dos hijos (61%), sólo el 11,8 % tiene más de dos hijos.

En cuanto al nivel de escolaridad de los padres, tenemos un porcentaje bastante significativo en el nivel universitario, de postgrado y maestría/doctorado, que en conjunto son el 66,2 %. El índice de educación más bajo es el nivel primario con sólo el 2,2 %.

## **Disciplina en la familia**

Comenzamos por preguntar si los padres se comportan teniendo en cuenta que pueden ser imitados por los niños. Pusimos tres opciones de respuestas: sí, no y a veces. Los que respondieron que sí eran 80,88 %, a veces, el 17,65% y los que no se preocupan, sólo el 1,47 %. Por lo que la gran mayoría de los padres tienen esta preocupación y el cuidado en cómo comportarse frente a los niños.

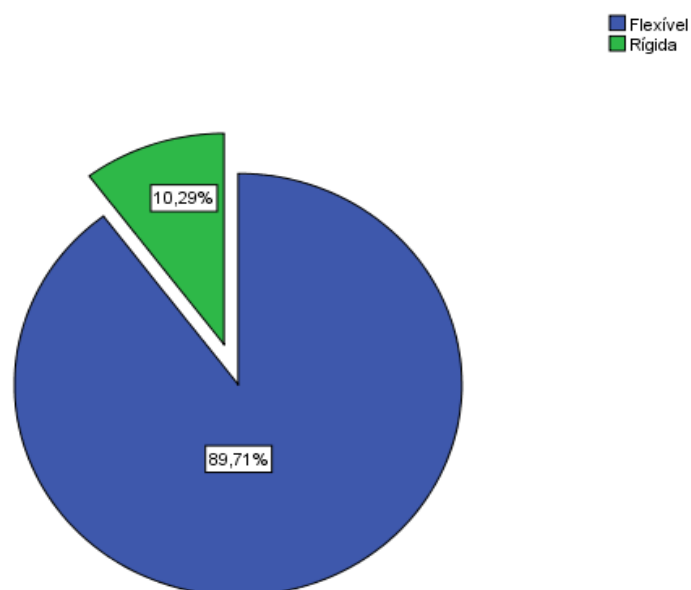
(¿Usted se comporta teniendo en cuenta que lo que diga o haga puede ser imitado por su hijo?)



**Ilustración 3. Comportamiento padres**

En relación al tipo de disciplina en el hogar ser flexible o rígida, tenemos mayoritariamente familias que utilizan la disciplina flexible (89,71 %), como se muestra en el siguiente gráfico:

(¿En general, diría que en su familia hay una disciplina flexible o rígida?)



**Ilustración 4. Disciplina en la familia**

Preguntamos si los padres creen que tienen *autoridad* sobre el hijo y si los hijos obedecen fácilmente. Los padres que creen que tienen autoridad sobre los niños fueron el 60%. Un número relativamente grande de los padres (38,2 %) mostró dudas con respecto a la autoridad, respondiendo a veces y sólo el 1,5 % no cree tener mucha autoridad sobre los niños. Sobre la cuestión de la *recompensa*, la mayoría de los padres no suelen recompensar a los niños por lo que hacen (30,9 %), ya que se cree que los niños deben hacer las cosas correctas.

En la cuestión de la toma de decisiones en la familia, se le preguntó si los niños participan en el proceso de toma de decisiones, 43,38 % de los padres respondió que sus hijos participan cuando la decisión afecta especialmente a ellos. Por el contrario, 8,82 % de los padres dijo que no, porque este asunto compete a los adultos. Observamos que un número relativamente pequeño de los padres concede a los niños la oportunidad de participar en las decisiones familiares.

En relación a los castigos y correcciones, hicimos una cuestión en escala Likert de 4 puntos preguntando con qué frecuencia utiliza los siguientes castigos: privarle de algo que le guste; Le aplicar castigo corporal; Regañar; Dar deberes y ponerlos para estudiar; Dar a las tareas del hogar. Se analiza por separado cada ítem a través de gráficos y tablas.

### Ítem 1

**Tabla 5. Privación**

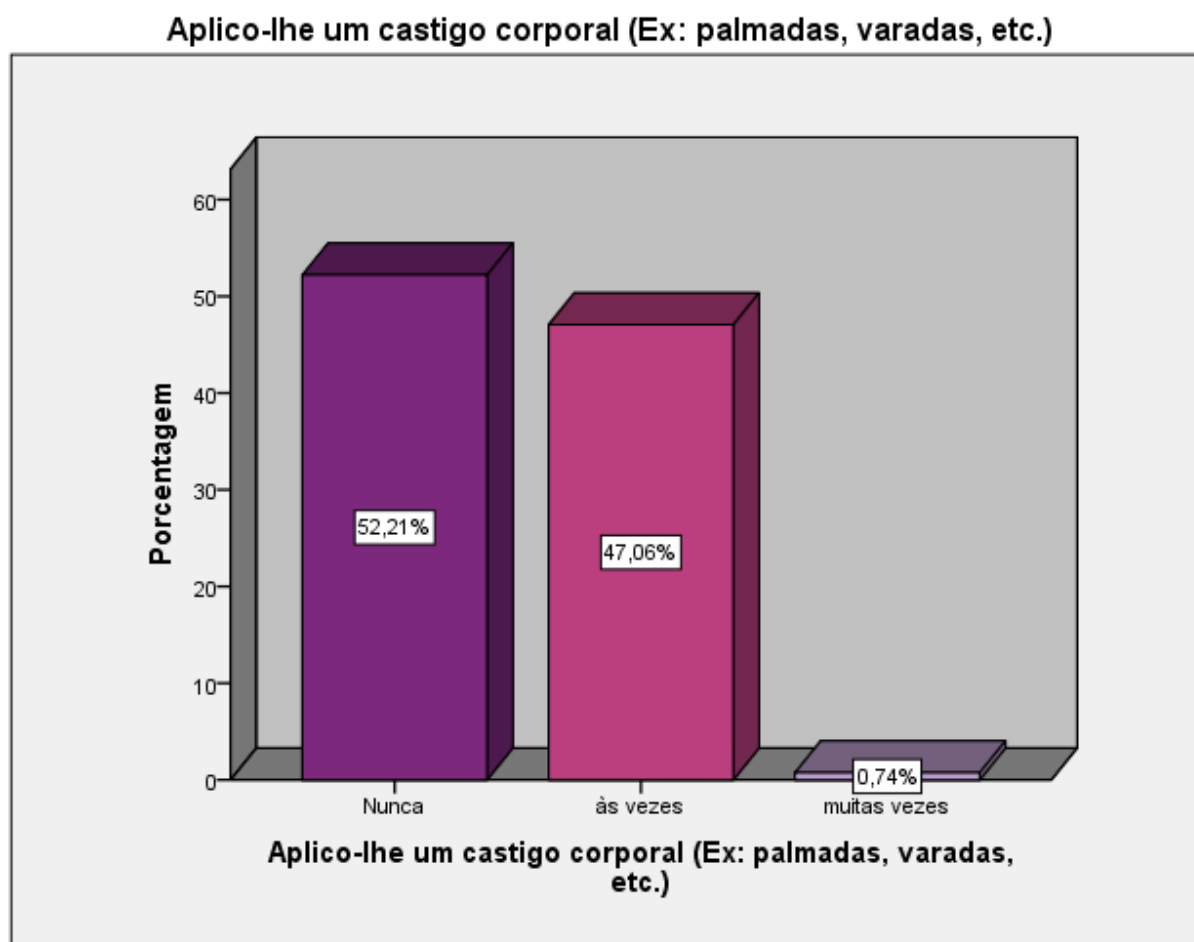
**Se le priva de algo que le guste (por ejemplo, televisión, uso de *tablet*, juegos, etc.)**

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
Nunca	12	8,8	8,8	8,8
A veces	69	50,7	50,7	59,6
Muchas veces	38	27,9	27,9	87,5
Siempre	17	12,5	12,5	100,0
Total	136	100,0	100,0	

Las actitudes que están vinculados a privar a los niños de algo, no siempre los padres les gustan. Vemos en la tabla de resultados que los que respondieron nunca (8,8 %) y a veces (50,7 %) y se sumado alcanzan el 59,6%. Pero aquellos que respondieron muchas veces (27,9 %) y siempre (12,5 %), que en conjunto llegan a un 40,4 %, un número relativamente menor de los padres que usan la estrategia de privación en la educación de sus hijos.

## Ítem 2

(Se aplica un castigo corporal (Ej. nalgadas, azotes, etc.)



**Ilustración 5. Castigo corporal**

Tenemos un resultado en el que casi la mitad de los padres no hace uso del castigo corporal y la otra mitad que hace uso de forma esporádica.

## Ítem 3 - Doy un regaño

En el uso de regaños como corrección, los que siempre utilizan (35,29 %) fueron los que sumaran más puntos, pero también tenemos un resultado bastante equilibrado entre los que se usan muchas veces (33,82 %) y los que utilizan a veces (29,41 %). Sólo tenemos discrepancia en la opción nunca (1,47 %).

#### Ítem 4.

**Tabla 6. Deberes y estudio**

**Doy deberes e coloco para estudiar**

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
Nunca	34	25,0	25,0	25,0
A veces	44	32,4	32,4	57,4
Muchas veces	26	19,1	19,1	76,5
Siempre	32	23,5	23,5	100,0
Total	136	100,0	100,0	

En relación a utilizar los deberes y estudios como medio de castigo o corrección, tenemos los que respondieron que nunca (25 %), los que a veces usan (32,4 %).

#### Ítem 5 – Doy tareas del hogar

El uso de las tareas del hogar como forma de corrección o castigo es utilizado por la mayoría de los padres, ya que si le sumamos los ítems *a veces* (45,59 %), *muchas veces* (15, 44 %) y *siempre* (14,71 %), tenemos un total de 75.74 % contra aquellos que *nunca* usan tareas del hogar como manera de corrección 24,26% .

#### Estilos educativos

En cuanto a los estilos educativos, de los doce elementos que componen la escala, fueron especificados cuatro para cada estilo: *permisivo*, *autoritario* y *democrático*. El estilo con la suma más alta se denomina el estilo parental. Analizaremos a continuación los resultados globales de cada elemento de la escala, separados por estilos.

*Estilo Permisivo***Tabla 7. Decisiones de los hijos****Dejo que mis hijos tomen sus propias decisiones, aunque no estoy de acuerdo.**

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
Nunca	90	66,2	66,2	66,2
Algunas veces	42	30,9	30,9	97,1
Muchas veces	3	2,2	2,2	99,3
Siempre	1	,7	,7	100,0
Total	136	100,0	100,0	

En este ítem, los porcentajes más altos son las opciones nunca (66,2 %), seguido por algunas veces (30,9%).

**Tabla 8. No intervención****Me rindo a intervenir cuando mi hijo /a hace rabietas o es insistente.**

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
Nunca	108	79,4	79,4	79,4
Algunas veces	18	13,2	13,2	92,6
Muchas veces	3	2,2	2,2	94,9
Siempre	7	5,1	5,1	100,0
Total	136	100,0	100,0	

En esta sección respuestas son en su mayoría la opción nunca (79,4 %), mostrando que los padres no se dan por vencidos en el intento de los niños en comandarlos.

**Tabla 9. Desacuerdo con los hijos****Cuando mi hijo/a y yo no estamos de acuerdo, dejo que el /a haga como quiera.**

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
Nunca	103	75,7	75,7	75,7
Algunas veces	28	20,6	20,6	96,3
Muchas veces	3	2,2	2,2	98,5
Siempre	2	1,5	1,5	100,0
Total	136	100,0	100,0	

Al igual que todos los ítems del estilo permisivo, esto también logró la puntuación más alta en la opción nunca (75,7 %).

**Tabla 10. Deseos de los hijos**

**Llevo en cuenta los deseos de mi hijo / a antes de pedirle que haga algo.**

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
Nunca	13	9,6	9,6	9,6
Algunas veces	78	57,4	57,4	66,9
Muchas veces	31	22,8	22,8	89,7
Siempre	14	10,3	10,3	100,0
Total	136	100,0	100,0	

Este ítem fue el que resistió en comparación con los anteriores, donde la opción nunca tuvo el resultado más bajo (9,6 %). Por consiguiente, consideramos que se trata de un elemento invertido.

Debido a que la gran mayoría de las respuestas de todos los ítems están en las opciones *nunca* y *algunas veces*, no tenemos ninguna significación en el estilo permisivo. Podemos entender que los padres, objetos de nuestra investigación, no se valen del estilo permisivo para la educación de sus hijos.

### *Estilo Autoritario*

**Tabla 11. Reglas en hogar**

**En mi casa, soy yo quién establece las reglas que mi hijo / hija debe obedecer.**

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
Nunca	9	6,6	6,6	6,6
Algunas veces	28	20,6	20,6	27,2
Muchas veces	34	25,0	25,0	52,2
Siempre	65	47,8	47,8	100,0
Total	136	100,0	100,0	

En este punto, la mayoría de los padres dijeron la opción siempre (47,8 %). Es decir, casi la mitad ejerce estilo autoritario en el momento de establecer las reglas de la casa.

**Tabla 12. Exigencia con los hijos**

**Normalmente exijo que mi hijo / a haga las cosas que creo que son correctas, incluso si él / ella no está de acuerdo.**

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
Nunca	6	4,4	4,4	4,4
Algunas veces	29	21,3	21,3	25,7
Muchas veces	40	29,4	29,4	55,1
Siempre	61	44,9	44,9	100,0
Total	136	100,0	100,0	

En este ítem es también evidente el autoritarismo, pues la opción siempre (44,9 %) fue el que obtuvo las mayores puntuaciones.

**Tabla 13. Obediencia inmediata**

**Cuando le pido a mi hijo / a hacer algo, espero que lo haga de inmediato y sin lugar a dudas.**

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
Nunca	7	5,1	5,1	5,1
Algunas veces	32	23,5	23,5	28,7
Muchas veces	46	33,8	33,8	62,5
Siempre	51	37,5	37,5	100,0
Total	136	100,0	100,0	

De nuevo tenemos las puntuaciones más altas en las opciones siempre (37,5 %) y muchas veces (33,8 %) que indican un alto índice de autoritarismo.

**Tabla 14. Castigo corporal**

**Utilizo el castigo corporal como método de disciplinar mi hijo**

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
Nunca	77	56,6	56,6	56,6
Algunas veces	53	39,0	39,0	95,6
Muchas veces	5	3,7	3,7	99,3
Siempre	1	,7	,7	100,0
Total	136	100,0	100,0	

Este ítem fue el que resistió las respuestas en relación con los demás ítems del estilo autoritario. Las puntuaciones más altas eran las opciones nunca (56,6 %) y algunas veces (39 %). Es evidente que la mayoría de los padres no están de acuerdo con el castigo corporal.



*Estilo Democrático***Tabla 15. Establecimiento de reglas****En mi casa, todos participan en el establecimiento de reglas de la familia.**

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
Nunca	17	12,5	12,5	12,5
Algunas veces	70	51,5	51,5	64,0
Muchas veces	25	18,4	18,4	82,4
Siempre	24	17,6	17,6	100,0
Total	136	100,0	100,0	

En este ítem se obtuvieron los porcentajes más altos en la opción algunas veces (51,5 %), muy al contrario del estilo democrático, donde las tasas más altas deberían estar en las opciones siempre y muchas veces. Se subtiende que, aunque los padres son democráticos, ellos que establecen las reglas de la casa, con poca participación de los niños.

**Tabla 16. Orientación por el diálogo****Generalmente oriento mi hijo a través del diálogo y la disciplina.**

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
Nunca	2	1,5	1,5	1,5
Algunas veces	7	5,1	5,1	6,6
Muchas veces	34	25,0	25,0	31,6
Siempre	93	68,4	68,4	100,0
Total	136	100,0	100,0	

En este caso, las puntuaciones más altas son en las opciones siempre (68,4%) y muchas veces (25 %). Dejando claro que el uso del diálogo entre padres e hijos es común.

**Tabla 17. Consecuencias de las conductas****Le explico a mi hijo / a las consecuencias de su mala conducta.**

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
Nunca	2	1,5	1,5	1,5
Algunas veces	2	1,5	1,5	2,9
Muchas veces	15	11,0	11,0	14,0
Siempre	117	86,0	86,0	100,0
Total	136	100,0	100,0	

En este ítem la gran mayoría de los padres ha optado por siempre (86 %), seguido de muchas veces (11 %), dejando también evidencia de que el diálogo con los niños es parte de la educación de ellos, el estilo democrático es reinante.

**Tabla 18. Conflictos**

**Si tengo un conflicto con mi hijo / hija, yo trato de resolver con él / ella.**

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
Nunca	6	4,4	4,4	4,4
Algunas veces	14	10,3	10,3	14,7
Muchas veces	24	17,6	17,6	32,4
Siempre	92	67,6	67,6	100,0
Total	136	100,0	100,0	

En la resolución de los conflictos entre padres e hijos, tenemos la mayoría que busca resolver con sus hijos. Las opciones siempre (67,6 %) y muchas veces (17,6%) fueron los más marcados en este ítem.

Después del análisis fragmentado del instrumento, presentaremos una visión general de los estilos educativos de los padres del CACM. Los resultados muestran que en la muestra estudiada no hay el estilo de padres *permissivos*. Se obtuvieron las puntuaciones más altas en el estilo *democrático* (73 %), seguido por el *autoritario* (20 %) y creamos una tercera categoría que llamamos *democrático-autoritario* (7 %), ya que hay un empate en las puntuaciones de ambos.



**Ilustración 6. Tipos de Padres**

Los resultados muestran que los padres de los alumnos del CACM son mayoritariamente *democráticos* en la educación de sus hijos.

## **Resultados de los cuestionarios de los alumnos**

### **Características personales y opiniones**

En cuanto al sexo de los estudiantes, tenemos un grupo grande de hombres con un 59,3 % contra el 40,7 % de mujeres. En la variable edad, el grupo mayor era de 13 a 15 años (38,2 %), seguidos por los estudiantes de 11 a 12 años (35 %). En relación al año de escolaridad de los estudiantes, la gran mayoría son estudiantes de la secundaria de 6° y 8° años (50,4 %). La otra mitad se divide entre 4° y 5° años de la primaria y 9° y 1°er de la escuela secundaria.

En cuanto a la situación familiar, preguntamos si los padres viven juntos o separados. Tenemos un resultado muy positivo si se compara a la situación de la sociedad actual, donde las tasas de divorcio están creciendo cada día. 75,92 % de los estudiantes tienen padres que viven juntos. Luego se preguntó con quien vive el estudiante y los resultados están totalmente de acuerdo con la situación de los padres, el 75,6 % dijeron que viven con sus padres.

A continuación, preguntamos a los estudiantes sobre el grado de satisfacción en el hogar. Los resultados muestran que la gran mayoría se siente muy bien y tiene una óptima relación con la familia (55,74 %) y los que se sienten bien y normal (37,70 %). En cuanto al grado de satisfacción en la escuela, tenemos la mayoría de los estudiantes que se sienten muy bien o normal, la suma es de 65,9 % y los que se sienten muy mal son 6,1%. Los que se sienten mal esporádicamente son el 28%. Sobre la cuestión del tratamiento de los maestros, tenemos la suma del 71% de los estudiantes que respondieron muy bien y bueno, ya los que contestaron como regular, 28,98 %.

## Perfil del alumno

Para saber de lo perfil de los alumnos, hicimos una escala de Likert de 1 a 4, donde los estudiantes contestaban entre *nunca*, *algunas veces*, *muchas veces* y *siempre* en que más se tendría relaciones con sus actitudes en cada caso. Los porcentajes más altos están en el perfil de los niños educados por el modelo democrático con un 79 %. El resto se divide entre Autoritario (12 %), permisivo (5 %) y tuvimos un pequeño porcentaje de estilos combinados, donde fueron obtenidos la misma puntuación en dos estilos diferentes, a saber: *Autoritario-Democrático* (2 %), *Permisivo-Democrático* (1 %) e aun que son estilos antagónicos, tuvimos la combinación de *Autoritario - Permisivo* (1 %), como se muestra en el siguiente gráfico:

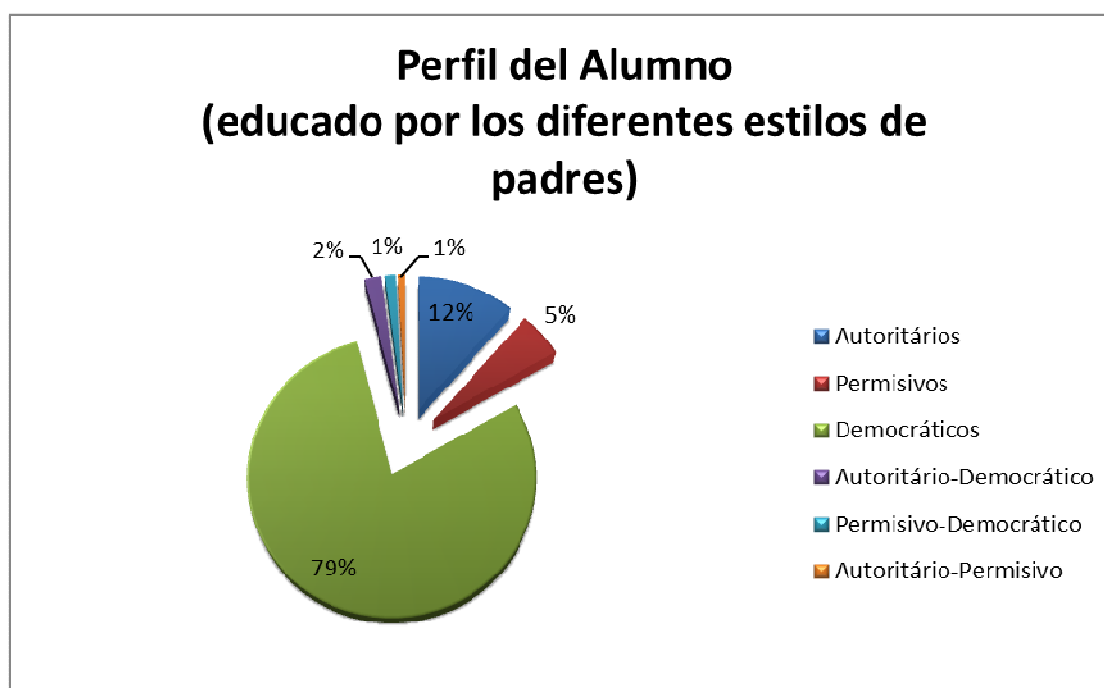


Ilustración 7. Perfil del alumno

## Conductas Disruptivas

En cuanto las conductas disruptivas de los estudiantes, hicimos una cuestión en escala Likert de 1 a 4 donde deberían apuntar entre *nunca*, *algunas veces*, *muchas veces* y *siempre* la frecuencia con que ocurre los ciertos comportamientos en la escuela. Vamos a empezar por el factor *Distracción - Transgresión*, que son los ítems relacionados con el comportamiento en el aula con respecto a la distracción y la transgresión de las reglas básicas de la clase. Como se describe en la tabla siguiente:

**Tabla 19. Factor Distracción-Transgresión**

<b>Factor Distracción-Transgresión</b>	<i>Nunca</i>	<i>Algunas veces</i>	<i>Muchas veces</i>	<i>Siempre</i>
Hablo sin permiso, causando perturbación en las clases.	48%	40.2%	6.5%	4.9%
Dejo el lugar, haciendo ruido y perturbando la clase.	58.5%	36.2%	4.1%	1.2%
Olvido traer materiales a clase.	41.1%	53.3%	4.1%	1.2%
Soy puntual para llegar a la escuela.	15%	22.4%	12.6%	50%
Falto a las clases por desinterés.	80.5%	14.6%	2.4%	2.4%
Me distraigo en la clase.	17.5%	57.7%	15.9%	8.9%

En el ítem que hace referencia a las *conversaciones sin autorización*, que provoca perturbaciones en la clase, tenemos una tasa muy baja de los que contestaran siempre (4,9 %) y muchas veces (6,5 %) que se sumados son 11,4 %. Mientras que un mayor número están relacionados a respuesta nunca (48 %) y algunas veces (40,2 %). Lo mismo ocurre con el segundo ítem, en referencia a *salir del lugar y hacer ruidos*. El número mayor se encuentra en la opción nunca (58,5 %). En el ítem *puntualidad* para llegar a clase, tenemos un 50 % de los estudiantes que siempre son puntuales. En cuanto a *faltar a las clases* por desinterés, los porcentajes más altos de respuestas son la opción nunca (80,5 %). En cuanto a *distraerse en el aula*, los porcentajes más altos se les da la opción algunas veces (57,7 %), que se sumados a muchas veces (15,9 %) y siempre (8,9 %), vamos a tener un número muy elevado de distracción que viene al 82,5 %.

A continuación analizamos el factor de *agresión a los colegas*, que está directamente asociado con la relación con otros alumnos, con la excepción del último ítem que se refiere a la obediencia al maestro. En la tabla a continuación, presentamos el porcentaje de respuestas en cada ítem:

**Tabla 20. Factor Agresión**

<b>Factor Agresión a los colegas</b>	<i>Nunca</i>	<i>Algunas veces</i>	<i>Muchas veces</i>	<i>Siempre</i>
Destruyo intencionalmente el material de la escuela.	83.3%	13%	2.4%	1.2%
Golpeo físicamente a mis colegas.	76%	18.4%	4.5%	0.8%
Hablo agresiones verbales a mis colegas.	65.4%	22.8%	5.7%	6.1%
Amenazo las personas en la escuela.	85.8%	10.6%	1.2%	2.4%
Soy obediente a los profesores.	8.5%	19.5%	24.4%	47.6%

Sobre el ítem intencional *destruir intencionalmente* los materiales de la escuela, tenemos el porcentaje más alto en la opción nunca (83,3%) y el más bajo en la opción siempre (1.2%). Dado este resultado, podemos decir que la tasa de vandalismo dentro de la escuela es muy baja o prácticamente inexistente. En relación con la *agresión física* a compañeros, la mayoría de los estudiantes respondieron nunca (76%), pero si sumamos los números de las opciones algunas veces (18.4%), muchas veces (4,5%) y siempre (0,8%), tenemos un total de 23.7% es un número relativamente significativo para el factor de agresión física, es decir, no es totalmente inexistente. Cuando se trata de *agresiones verbales* a los compañeros, los números no difieren mucho. Las respuestas para nunca fueron (65.4%). Sobre la *amenaza de personas* en la escuela, la gran mayoría respondió nunca (85.8%). En relación a *ser obediente a los profesores* los que respondieron siempre (47,6%) y muchas veces (24,4%) que se sumados son 72%, un número muy significativo para la obediencia, sin embargo tenemos 8,5% que nunca obedecen.

Y por último vamos a analizar el factor *autoridad de la escuela* que se refiere a la conducta del estudiante en relación con los maestros, administradores y personal de la escuela. En la tabla, los porcentajes de cada elemento:

Tabla 21. Factor agresión autoridad

<b>Factor Agresión a la autoridad de la escuela</b>	<i>Nunca</i>	<i>Algunas veces</i>	<i>Muchas veces</i>	<i>Siempre</i>
Agresión física a los profesores.	93.9%	2.4%	2.0%	1.6%
Agresión verbal a los profesores.	93.1%	2.8%	1.6%	2.4%
Robo las cosas en la escuela.	89%	8.9%	1.6%	0.4%
Yo digo palabras inapropiadas en las clases	56.9%	31.7%	5.7%	5.7%

Los ítems de *agresión física y verbal* a los profesores, tenemos números muy similares. Con respecto a la *agresión física*, la mayoría de los estudiantes respondieron nunca (93.9%). Sobre las *agresiones verbales*, también tenemos la mayoría en la opción nunca (93.1%) y siempre (2.4%). Son números importantes, pues muestra que los alumnos del CACM tienen mucho respeto por los maestros. En lo referente a *robar* cosas en la escuela, tenemos el mayor porcentaje en la opción nunca (89%), el resto (11%) practica esporádicamente robo en la escuela. Sobre hablar *palabras inapropiadas*, la mayoría de las respuestas son nunca habla (56,9%), pero los que hablan algunas veces (31,7%) es un índice relativamente alto.

Tras un análisis detallado de los resultados de los cuestionarios de los padres y los niños a través de las frecuencias, tablas y gráficos, se aplica la prueba chi-cuadrado de Pearson para comprobar si se observó correlación estadística entre los modelos de los padres y el perfil de los niños. Los resultados son los siguientes:

Variable independiente: los modelos de los padres

Variable dependiente: Perfil de los niños

Hipótesis nula (H0): no hay diferencias en la proporción de los padres (modelos autoritarios, permisivos y democráticos) en el perfil de los niños.

Hipótesis alternativa (H1): hay diferencias.

Resultado de Chi-cuadrado = 10.083, gl (grados de libertad = 10 significancia es 0.433) que es mayor que 0.05, por lo que si se acepta H0. Para rechazar la H0 y aceptar la H1, la significancia debería ser menor a 0.05. Como el 72,2% de las casillas tiene una frecuencia esperada menor que 5, se invalida la prueba. Esto sucede cada vez que supera el 20% de las casillas.

## Resultado del cuestionario los profesores

### Características personales e profesionales

En relación al variable *sexo*, es una muestra sobre todo de mujeres, con un total de 76,5% contra 23,5% de hombres. En cuanto a la *edad* de los profesores, se presentan los rangos con las porcentajes para cada caso: 20 a 30 años (41,2%), 31 a 40 años (23.55%), 41 a 50 años (11.8%) y 23,5% de los encuestados no reveló su edad. Sobre la variable sociodemográficas de *estado civil* fueron presentados cuatro opciones, a saber: casado/a, soltero/a, viudo/a o separado/a. La mayoría de los profesores son casados (88,2%) y solteros (11.8%).

Con respecto a la titulación, lo que predominó fue el curso de pedagogía con el 29,4%, el resto se divide en otras áreas, pero 29,4% de los docentes no especificó la habilitación que le permite ser maestro. Ya en relación con otras titulaciones, tenemos un número bastante significativo de profesores con estudios de posgrado (70.6%). En relación al tiempo de docencia, los mayores porcentajes están entre 4 y 6 años (35,29%).

### Análisis de las cuestiones

Preguntamos si el maestro considera que las *agresiones y los conflictos* en las escuelas son actualmente un problema muy importante, bastante importante, relativamente importante, poco importante o sin importancia. La gran mayoría de profesores considera el problema mucho importante (64.7%) o bastante importante (29,4%). En relación al tiempo aproximado investido en cuestiones de *disciplina y conflictos*, la mayoría pasan menos del 20% de su tiempo (52.9%).

En la cuestión referente a la actitud del profesor frente a un problema de disciplina con los alumnos, vemos en la siguiente tabla que la gran mayoría de los profesores notifican al director/a o a la orientadora.



**Tabla 22. Problema disciplina y conflicto****En General, cuando tienes un problema de disciplina o conflicto con los estudiantes:**

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
Comunico al director/a o a orientadora	14	82,4	87,5	87,5
No o comunico, procuro resolverlo yo mismo.	2	11,8	12,5	100,0
Total	16	94,1	100,0	
Ausente Sistema	1	5,9		
Total	17	100,0		

Las cuestiones que analizaremos en continuación son sobre el *perfil del profesor* y sus actitudes frente a problemas disciplinarios en el aula y en el ambiente escolar. Haremos el análisis de cada cuestión por separado. Los resultados aparecen a continuación a través de tablas y gráficos.

### Pregunta 1

**Tabla 23. Pregunta 1****¿Qué haces cuando un alumno lo interrumpe en clase?**

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
Ignoro	2	11,8	11,8	11,8
Hablo con él acerca de la importancia de mostrar respeto por los demás.	15	88,2	88,2	100,0
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	

El mayor porcentaje de respuesta de los maestros, (88,2%) muestra que ante un caso de disrupción en la clase, la mejor opción sería utilizar el diálogo con el estudiante en vez de tomar otras actitudes más coercitivas, ignorar o pasar la responsabilidad a la familia.

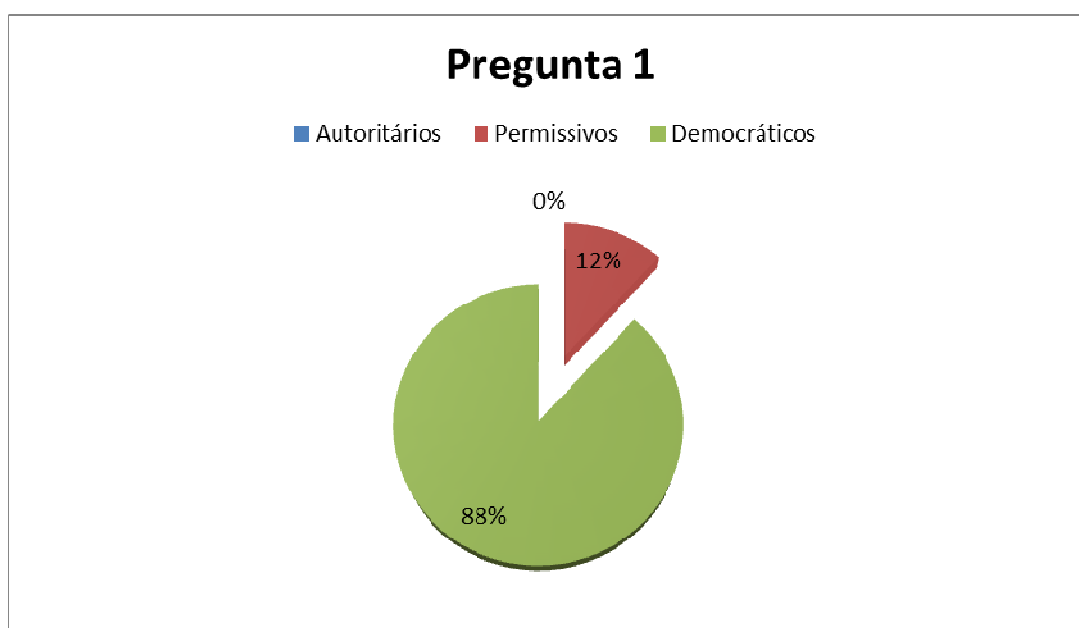


Ilustración 8. Pregunta 1

**Pregunta 2**

Tabla 24. Pregunta 2

¿Qué haría usted con un estudiante que hace comentarios despectivos dirigidos a otros estudiantes en la clase?

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
En primer lugar, hablaría con la familia para cuidar del asunto	1	5,9	5,9	5,9
Reñir a su comportamiento frente a los colegas y castigaría	2	11,8	11,8	17,6
Cuidaría del problema con todo el grupo de clase	3	17,6	17,6	35,3
Hablaría con el estudiante en particular y trataría de que pidiera perdón a sus colegas	11	64,7	64,7	100,0
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	

En la pregunta 2, la suma de las alternativas A, C y D alcanza el 94% de los docentes con actitudes de perfil democrático, es decir, la gran mayoría.

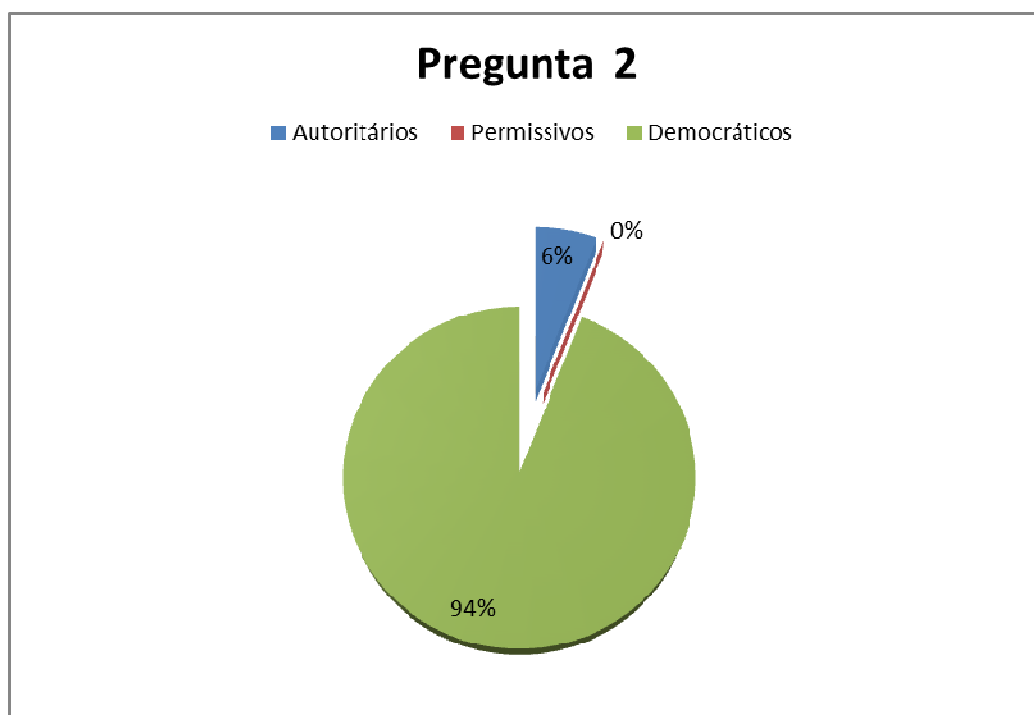


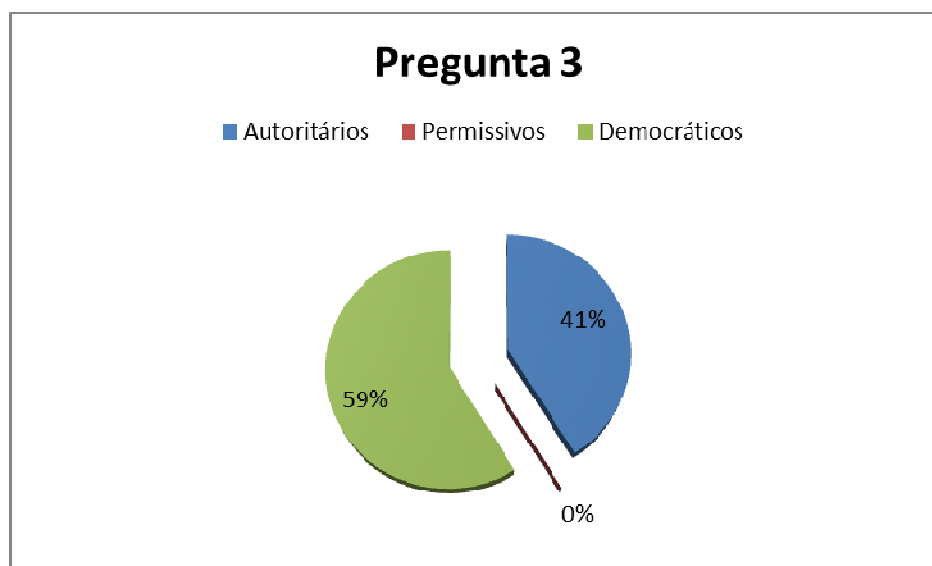
Ilustración 9. Pregunta 2

**Pregunta 3.****Tabla 25. Pregunta 3****¿Qué haría de un estudiante que hace cualquier comentario despectivo dirigido a usted?**

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
Pasaría por alto y al final de la clase hablaría en particular.	8	47,1	47,1	47,1
Corregía rápidamente su comportamiento y aplicaría la normativa de procedimiento de la escuela.	7	41,2	41,2	88,2
Solicitaría a pedir disculpas en público.	2	11,8	11,8	100,0
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	

Las acciones en este ítem se refieren a comentarios despectivos dirigidos al profesor. La suma de los elementos (B) y (C) se relacionan con el perfil democrático, tenemos 59% de los docentes que no actuarían a tiempo, pero hablarían con el estudiante al final de la clase en particular y solicitaría que le pidiera disculpas en público. Ya 41% tendría actitudes del perfil autoritario, reprender rápidamente el comportamiento del estudiante y la aplicación de las

normas del Reglamento interno del colegio. No se presenta para las respuestas del estilo permisivo.



**Ilustración 10. Pregunta 3**

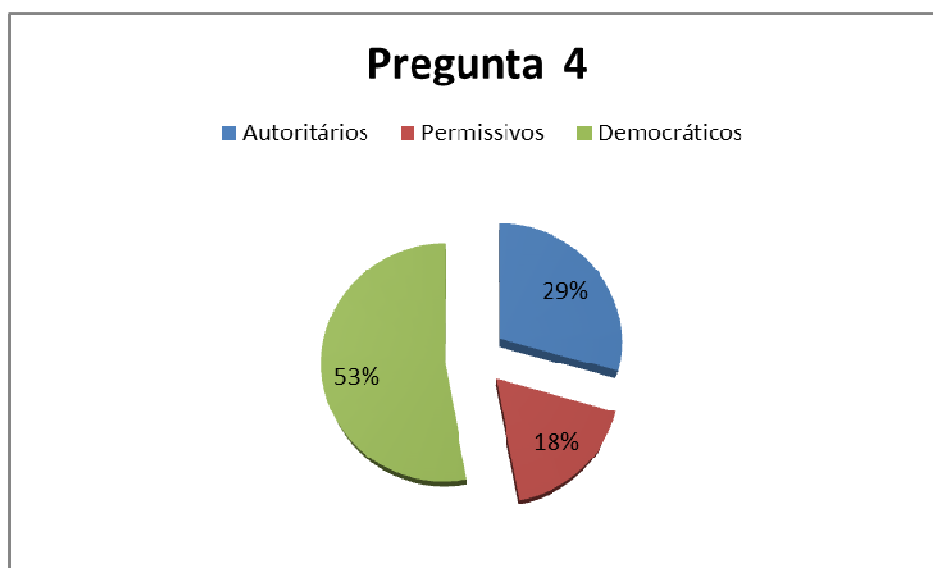
#### Pregunta 4

**Tabla 26. Pregunta 4**

**¿Qué haría usted frente a un estudiante que se niega a llevar a cabo las actividades propuestas en clase?**

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
Recordaría que es una necesidad y le alertaría para no repetir otra vez, si fuera necesario, castigaría.	5	29,4	29,4	29,4
Dialogaría con el estudiante para saber la razón y entonces hablaría con la familia para buscar una solución conjunta	6	35,3	35,3	64,7
Motivaría con algo que le gusta. Le daría actividades atractivas y ayudaría a realizarlas	3	17,6	17,6	82,4
Comunicaría los padres para ellos tomaren las medidas necesarias.	3	17,6	17,6	100,0
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	

La pregunta 4 refleja las acciones del profesor frente al estudiante que se negó a llevar a cabo las actividades propuestas. Sumando las respuestas de los ítems B y C que son alusivos al estilo democrático, tenemos un total de 53% de los docentes.



**Ilustración 11. Pregunta 4**

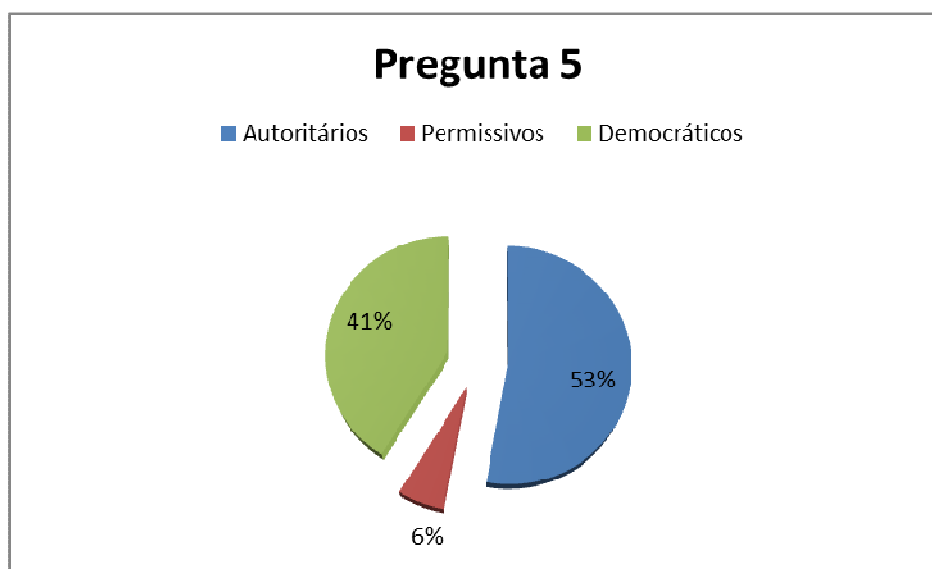
## Pregunta 5

**Tabla 27. Pregunta 5**

**¿Qué haría usted frente a un desafío a su autoridad o desobediencia voluntariosa de qué pides en tu clase?**

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
Hablaría seriamente con el estudiante en clase y no permitiría un ataque contra la autoridad del profesor.	8	47,1	47,1	47,1
Dialogaría con él individualmente para explicarme el porqué de su comportamiento.	7	41,2	41,2	88,2
Informaría inmediatamente a los padres para que se apliquen las medidas disciplinarias apropiadas.	1	5,9	5,9	94,1
Intentaría de poner en práctica un programa o proyecto de modificación de conducta.	1	5,9	5,9	100,0
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	

Con respecto a desafiar la autoridad del profesor o desobedecer de forma voluntariosa, tenemos en la suma de los ítems A y D un total 53% de los docentes que no permitiría un ataque a su autoridad.



**Ilustración 12. Pregunta 5**

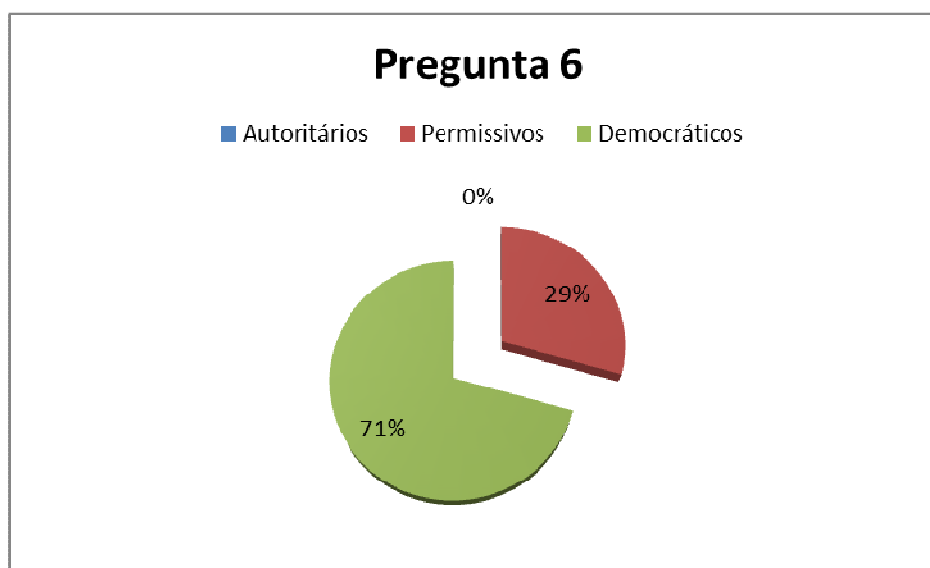
### Pregunta 6

**Tabla 28. Pregunta 6**

**¿Qué harías si supieras de una situación de maltratos entre alumnos (Bullying)?**

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
Hablaría con ese grupo, haciéndolos conscientes, mostrando las consecuencias para el estudiante.	12	70,6	70,6	70,6
Hablaría con el estudiante (víctima) y a su familia y en haría contacto con el Coordinador de disciplina, orientación y dirección.	4	23,5	23,5	94,1
Hablaría a los estudiantes (los atacantes) y con sus familias para que sus padres tomen las medidas necesarias	1	5,9	5,9	100,0
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	

Esta pregunta aborda el tema de Bullying en la escuela y cuál sería la actitud del profesor se tomara conocimiento de malos tratos entre estudiantes. 71% de los maestros actuarían según el perfil democrático, los otros 29% también tomarían una posición a favor del alumno víctima.



**Ilustración 13. Pregunta 6**

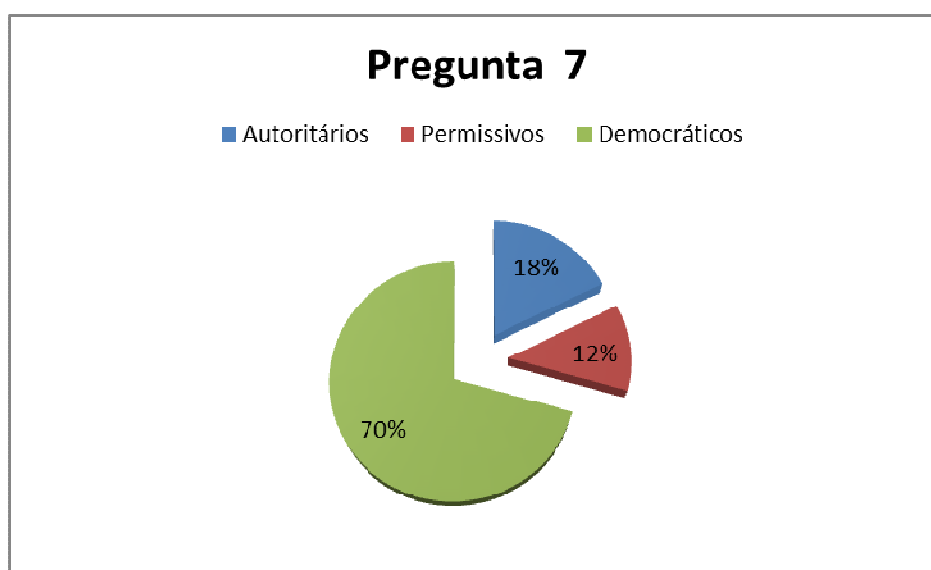
### Pregunta 7

**Tabla 29. Pregunta 7**

**¿Qué harías en un caso de vandalismo en el colegio y que afecta a las pertenencias de las personas que trabajan en la escuela?**

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
Haría un trabajo de prevención sobre los valores, el respeto y cuidado con las pertenencias ajena.	5	29,4	29,4	29,4
Yo intentaría saber quién había cometido el acto y dependiendo de la gravedad, haría una propuesta de suspensión.	2	11,8	11,8	41,2
Identificaría los involucrados para tratar en particular, de resolver el problema.	6	35,3	35,3	76,5
Identificar los responsables hablaría a las familias y pediría para reparar el daño.	1	5,9	5,9	82,4
Expulsión y reparación de los danos.	3	17,6	17,6	100,0
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	

En relación con el vandalismo en la escuela, el 70% de los docentes respondieron según el perfil democrático, sumando los ítems A, C y D.



**Ilustración 14. Pregunta 7**

### Pregunta 8

**Lo que haría ante una situación de agresión (verbal o física) de un estudiante a otro. Son las luchas.**

**Tabla 30. Pregunta 8**

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
Castigaría el comportamiento inmediatamente y comunicaría con las familias	1	5,9	5,9	5,9
Reñiría a su conducta y avisaría de un castigo, si reincidiese.	3	17,6	17,6	23,5
Hablaría en privado con las personas involucradas y trataría de obtener una solución que satisficiera a ambos lados.	5	29,4	29,4	52,9
Investigaría el problema y tan pronto tuviera la información, pasaría a la dirección.	5	29,4	29,4	82,4
Hablaría con cada uno individualmente y luego en conjunto...	3	17,6	17,6	100,0
Total	17	100,0	100,0	



Esta pregunta se refiere a la agresividad entre los alumnos, sea verbal o física. Los profesores tendrían actitudes relativas al estilo democrático (47%) en la suma de los ítems C y E que se referentes al dicho estilo.

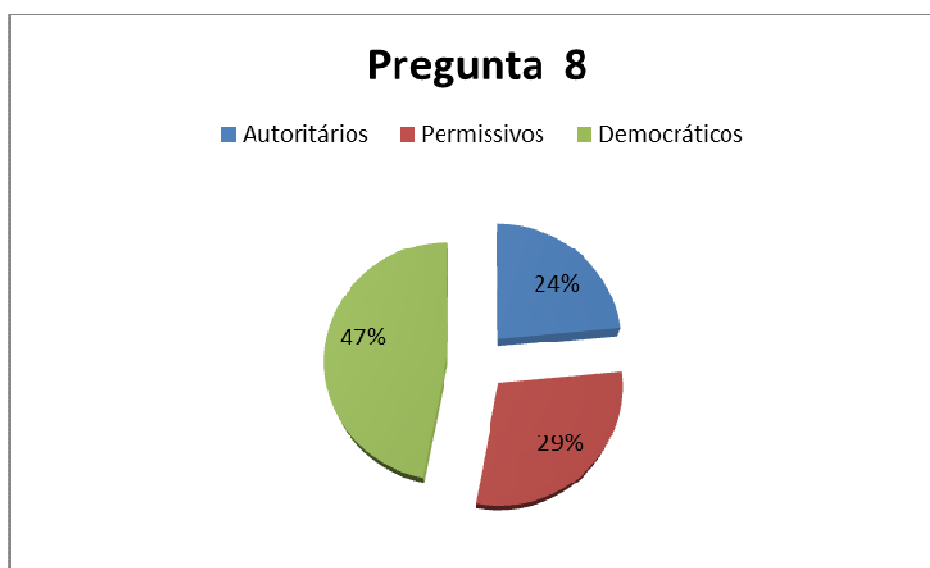


Ilustración 15. Pregunta 8

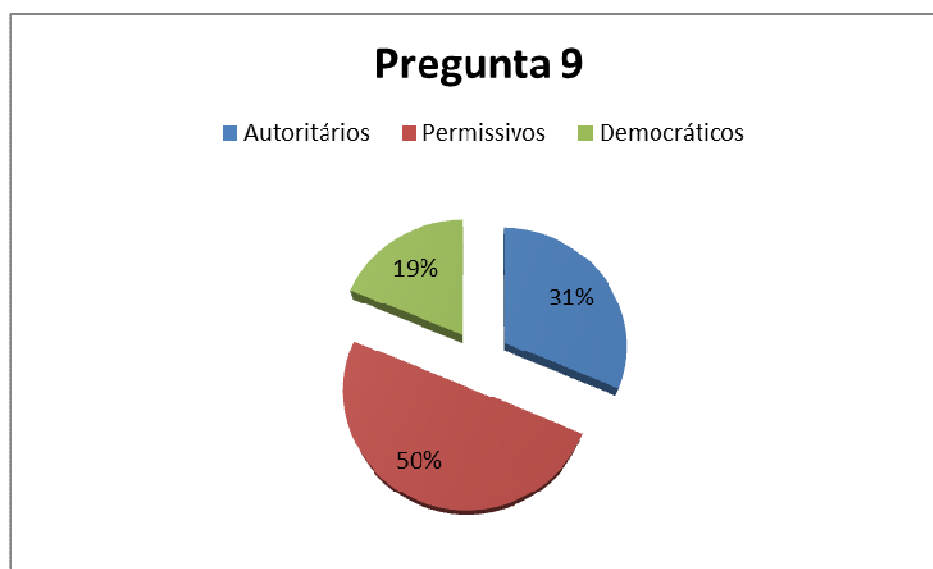
### Pregunta 9

Tabla 31. Pregunta 9

¿Qué haría usted frente a un ataque verbal de un estudiante para usted?

	Frecuencia	Porcentaje	Porcentaje válida	Porcentaje acumulativa
Pasar el caso a la coordinación disciplinaria, orientación o dirección y pediría la expulsión...	3	17,6	18,8	18,8
Para evitar una repetición de la situación, haría una advertencia/ocurrencia.	2	11,8	12,5	31,3
No actuaría a tiempo. Trataría de hablar en privado con el estudiante para buscar una alternativa...	3	17,6	18,8	50,0
Reñiría su comportamiento y pondría el caso a la coordinación disciplinaria, orientación o dirección de la escuela	8	47,1	50,0	100,0
Total	16	94,1	100,0	
Ausente Sistema	1	5,9		
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>		

La pregunta 9 trata de agresiones verbales del alumno al profesor, en este caso el 50% de los docentes tendrían actitudes que se clasifican como permisivas, reprimiendo el comportamiento del estudiante, pero llevaría a la dirección, orientación o coordinación disciplinaria para resolver.



**Ilustración 16. Pregunta 9**

Tras el análisis de los resultados de las nueve cuestiones, podemos hacer algunas consideraciones:

Se comprueba en el siguiente cuadro que las respuestas de los maestros, en su mayoría, caen dentro de lo que llamamos perfil democrático de estilo de respuesta, ante una situación de conflicto en clase. Sólo en las preguntas 5 y 9 que tenemos discrepancias. La pregunta 5 se refiere a la actitud del profesor frente a un desafío a su autoridad o desobediencia intencional. Los resultados muestran que la mayoría de los profesores (53%) actuaría de acuerdo con el perfil autoritario y si fuera necesario, expulsaría al estudiante de la clase. Ya en relación con la pregunta 9 sobre la actitud del profesor en una situación de agresión verbal de un alumno a un profesor, la mitad de los profesores (50%) actuaría según el perfil del permisivo.

Tabla 32. Comparaciones de las cuestiones

	Preguntas ⇨	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Perfil	<b>Autoritario</b>	-	6%	41%	29%	53%	-	18%	24%	31%
	<b>Permisivo</b>	12%	-	-	18%	6%	29%	12%	29%	50%
	<b>Democrático</b>	88%	94%	59%	53%	41%	71%	70%	47%	19%

En el siguiente gráfico tenemos una idea general del perfil de los profesores del CACM en relación a las nueve preguntas que compone el instrumento:

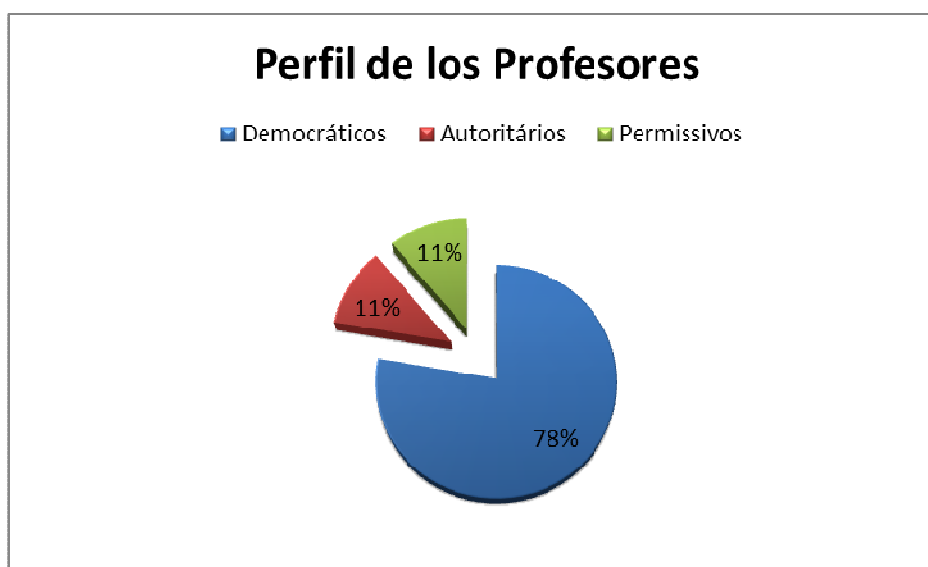


Ilustración 17. Perfil de los profesores

### Las conductas disruptivas en clase

Primero encontramos un grupo de conductas en que la mayoría de los profesores considera se pasar *algunas veces* en sus clases que son: impedir o el estudio de colegas (82,4%) y falta de asistencia a las clases (82,4%), luego las conductas de agresiones verbales a compañeros y profesores (76,5%) y el no cumplimiento con las normas establecidas (76,5%). Por otro lado, encontramos algunas conductas que mayoría de los profesores considera que *nunca* sucede en sus clases: agresiones físicas al profesor (94,1%), agresión física entre alumnos

(82.4%) y el vandalismo dentro del aula (82.4%). En la tabla siguiente presentamos los porcentajes correspondientes en todos los ítems:

**Tabla 33. Conductas disruptivas en clase**

<b>Conductas Disruptivas en la clase</b>	<b>Nunca</b>	<b>Algunas Veces</b>	<b>A menudo</b>	<b>Siempre</b>
Interrupción del desarrollo normal de las actividades de la clase.	-	70.6%	23.5%	5.9%
Impedir o dificultar el estudio de los colegas.	5.9%	82.4%	5.9%	5.9%
Desafío a la autoridad del profesor	29.4%	70.6%	-	-
Vandalismo dentro de la aula (huelga de paredes, carpetas, destruir los materiales de la escuela, etc.).	82.4%	17.6%	-	-
Agresiones verbales a los colegas y el profesor.	23.5%	76.5%	-	-
Agresiones físicas entre alumnos.	82.4%	17.6%	-	-
Agresión física a lo profesor.	94.1%	5.9%	-	-
No cumplimiento de las normas establecidas.	-	76.5%	23.5%	-
Falta de asistencia a las clases	17.6%	82.4%	-	-
Falta de puntualidad en las clases.	17.6%	64.7%	17.6%	-
Uso de palabras no autorizadas.	17.6%	64.7%	17.6%	-
Discriminación racial o social	64.7%	35.3%	-	-

### **Gravedad de las conductas disruptivas en clase**

En la última parte del cuestionario del profesor, hicimos una pregunta en escala de Likert con los mismos ítems de la anterior, pero el maestro debería ordenar las conductas disruptivas por nivel de gravedad con las opciones: "No lo sé, leve, grave y muy grave". Vamos a analizar el porcentaje de respuestas en cada ítem en la tabla siguiente:

Tabla 34. Gravedad de las conductas

Gravedad de las conductas Disruptivas en clase	No lo sé	Leve	Grave	Muy Grave
Interrupción del desarrollo normal de las actividades de la clase.	5.9%	76.5%	17.6%	-
Impedir o dificultar el estudio de los colegas.	-	41.2%	52.9%	5.9%
Desafío a la autoridad del profesor	11.8%	17.6%	29.4%	41.2%
Vandalismo dentro de la aula (huelga de paredes, carpetas, destruir los materiales de la escuela, etc.).	17.6%	11.8%	17.6%	52.9%
Agresiones verbales a los colegas y el profesor.	5.9%	11.8%	29.4%	52.9%
Agresiones físicas entre alumnos.	5.9%	11.8%	-	82.4%
Agresión física a lo profesor.	11.8%	5.9%	-	82.4%
No cumplimiento de las normas establecidas.	-	17.6%	70.6%	11.8%
Falta de asistencia a las clases	17.6%	29.4%	52.9%	-
Falta de puntualidad en las clases.	5.9%	35.3%	58.8%	-
Uso de palabras no autorizadas.	-	5.9%	47.1%	47.1%
Discriminación racial o social	11.8%	-	11.8%	76.5%

Vamos a empezar por los resultados en que los maestros consideran las conductas *muy graves*. Los dos ítems que suman porcentajes más altos son de agresiones físicas entre alumnos y agresiones físicas al profesor, ambos con 82.4%, seguidos por el ítem de discriminación racial o social con 76.5%. Por otra parte, los profesores no consideran muy graves la interrupción del desarrollo normal de actividades de la clase, falta de asistencia y falta de puntualidad a las clases, porque estos tres ítems no tuvieron puntuaciones. En cuanto a conductas *graves*, el mayor número está vinculado a incumplimiento con las normas establecidas (70.6%), seguido por la falta de puntualidad en clase (58,8%). Las conductas consideradas *leves* por los profesores son de perturbar el normal desarrollo de las actividades de la clase (76,5%) y impedir el estudio de los colegas (41,2%). Ya la discriminación racial o social ningún profesor considera leve, porque no hubo ninguna puntuación.

## Capítulo VIII – Discusiones y conclusiones

Las conclusiones constituyen el punto terminal de la encuesta, para el cual convergen todos los pasos desarrollados a lo largo de su proceso. Su finalidad es resaltar el alcance y consecuencias de los resultados obtenidos, así como indicar lo que se puede hacer para tornarlos más significativos. Gil (2008).

### Estilo educativo de los padres y su relación con el perfil de sus hijos

Los resultados obtenidos apuntan consistencia en relación con la literatura, pues la presente investigación ha comprobado que los estilos educativos adoptados por los padres reflejan en el perfil de los hijos. Los mayores porcentajes de modelos de padres están en el estilo *democrático* de Educación (73%) y los hijos que reflejan el perfil de estilo *democrático* (79%). Son números muy cercanos en la comparación de padres e hijos.

Tabla 35. Comparaciones Padres y hijos

<b>Comparación entre Padres e Hijos</b>			
<b>Modelo de Padres:</b>	<b>Resultados y porcentajes</b>	<b>Perfil del hijo educado por los modelos de padres:</b>	<b>Resultados en porcentaje</b>
Autoritarios	20%	Autoritarios	12%
Permisivos	00%	Permisivos	5%
Democráticos	73%	Democráticos	79%
Democrático-Autoritarios	7%	Democrático-Autoritarios	2%
		Democrático-Permisivos	1%
		Autoritario-Permisivos	1%
<b>Total</b>	<b>100%</b>		<b>100%</b>

En el modelo de padres autoritarios, los porcentajes también obtuvieron números muy cercanos. Los padres *autoritarios* (20%) y los niños que reflejan el perfil de estilo *autoritario* (12%).

Ya en lo modelo de padres *permissivos*, no obtuvimos puntuaciones, mientras que en los hijos que reflejan el perfil de estilo *permissivo*, tuvimos (5%), un número muy bajo. Esto es algo bastante sorprendente en esta investigación, el hecho de no haber sido identificado el modelo de padres permissivos.

Los padres investigados no son permissivos y parecen estar muy preocupados con sus hijos, mediante el establecimiento de un estilo más exigente de educación, pero no totalmente autoritaria, porque los números muestran que sólo el 20% utiliza este modelo. Y los padres que son autoritarios buscan mezclar este modelo con el democrático, para que la educación sea más equilibrada, utilizando no sólo autoritarismo, sino empleando la autoridad de modo que los hijos respeten y sean respetados.

Los extremos son perjudiciales para la disciplina y la educación de los hijos. Para que las familias tengan éxito en la disciplina, es necesario llevar a cabo el equilibrio y la coherencia, que son características del modelo *democrático*. Todo se aplica con moderación, con vistas en el bienestar físico y emocional de los niños. Los resultados probablemente serán: estabilidad emocional, confianza, comprensión y respeto mutuos, responsabilidad creciente, seguridad, autonomía, obediencia, competencia, autoestima, desarrollo de pensamiento crítico, la independencia de pensamiento, juicio y acción, confianza en sí mismo, autocontrol y menos susceptibilidad a adoptar nuevos valores. Por lo tanto, se concluye que los modelos familiares tienen relación con la disciplina de los niños en la escuela, pues los niños ya van a la escuela con los valores impresos en su personalidad y esto se demuestra en obras, palabras y comportamientos, delineando su perfil.

Los estilos parentales afectan el desarrollo de los niños de forma global, en la formación de competencias básicas que poco a poco influyen en comportamientos complejos. (Hutz y Bardagir, 2006). En un estudio sobre la relación del comportamiento moral entre padres e hijos, Proust y Gomide, (2007) han verificado que los padres son modelos para sus hijos, porque

cuando los padres presentaban altos niveles de comportamiento moral, los niños también se presentaron.

En general los padres del CACM han tratado de mantener una buena relación con los hijos, empleando un estilo educativo democrático. La alta tasa en el modelo *democrático* debe ser vista positivamente, ya que demuestra que muchos padres están consiguiendo equilibrar las prácticas de control e indisciplina con cariño y respeto por los hijos, es decir, educan mejor a sus hijos. (Hutz y Bardagir, 2006; Weber, Brandenburg y Viezzer, 2003).

En síntesis podemos concluir que los padres *democráticos*, son aquellos que contribuyen para los niños desarrollaren un estilo explicativo optimista. Una educación equilibrada en el hogar puede formar mejores personas, que saben mejor afrontar los problemas con optimismo, lo que refleja una mejora en la dimensión social. (Weber, Brandenburg y Viezzer, 2003). El amor, como dimensión que incluye la evaluación positiva de los hijos, el interés y el apoyo emocional, junto con la coherencia en la aplicación de las normas, resulta ser el estilo educativo más relacionado positivamente con el razonamiento internalizado, con empatía y conducta pro social. (Mestre, et. al., 2001). Y como indican los números, la mayoría de los padres investigados pretenden desarrollar el estilo parental *democrático* en la educación de sus hijos.

Los resultados de los modelos de los padres y el perfil de los niños pasaron un análisis de correlación para comprobar la existencia o no de la correlación estadística entre ellos. Los resultados mostraron que estadísticamente no existe relación, porque el Chi-cuadrado de Pearson no ha alcanzado los valores esperados. Para que hubiera significancia, las puntuaciones deberían ser inferior a 0.05, y en este estudio, en particular, los valores superaron 0.433.

A partir de estos resultados inesperados, podemos plantear algunas cuestiones: el hecho de que no había ninguna correlación puede deberse a fallas en los instrumentos utilizados. Los inquiridos contestaron los cuestionarios con sinceridad y responsabilidad, como realmente son, o respondieron o que les gustaría ser? La muestra fue insuficiente para lograr resultados más equilibrados. ¿El hecho de que es un estudio de caso limita los resultados? ¿Si aplicamos los mismos cuestionarios en otra muestra, tendríamos resultados diferentes?



En el presente estudio, no podemos obtener respuestas a todas estas preguntas, pero a pesar de todo, podemos lograr nuestros objetivos, porque sólo en esta prueba no conseguimos el resultado esperado. En comparación de porcentaje, tenemos números muy cercanos entre padres e hijos.

La literatura investigada, las fuentes consultadas y los autores utilizados como base para este estudio, nos llevan a pensar que hay relación entre los modelos de los padres y el perfil de los niños, pero en algún momento de la investigación cuantitativa hubo fallas que impedirán que llegáramos a esta correlación. Este hecho no disminuye el valor de las investigaciones, sólo no confirma la hipótesis que se espera.

### **Conductas disruptivas de los alumnos**

Los principales factores analizados en las conductas de los alumnos fueron:

- ✓ Interrupción de clases, hablar sin permiso, diciendo malas palabras, abandonar el lugar y haciendo mucho ruido;
- ✓ Puntualidad al llegar a la escuela y falta a las clases por desinterés;
- ✓ Vandalismo en la escuela;
- ✓ Amenazas a personas en la escuela;
- ✓ Agresión física y verbal a compañeros;
- ✓ Agresión física y verbal a los profesores;
- ✓ Desafío a la autoridad del profesor.

A los profesores preguntamos la frecuencia y gravedad de estas conductas en el aula y se verificó que las respuestas de los estudiantes y las respuestas de los profesores están muy relacionadas entre sí y el porcentaje de respuestas en los ítems principales son muy similares.

En relación con la perturbación, conversaciones, palabras soeces y ruido en el aula, la mayoría de los estudiantes respondió *nunca* y *algunas veces*, refiriéndose a la práctica de estas

actitudes en clase. Los profesores en su mayoría respondieron que esto sucede *algunas veces* en sus clases. En cuanto a la falta de puntualidad a las clases, los estudiantes dijeron que *nunca* faltan a las clases por desinterés y que *siempre* son puntuales. La mayoría de los profesores respondieron que *algunas veces* ocurre.

Cuando se trata de agresiones verbales a compañeros y profesores, los estudiantes, mayoritariamente dijeron que *nunca* o *algunas veces* hacen eso. Los profesores respondieron que sucede *algunas veces*. En el caso de agresiones físicas a compañeros y profesores, ambos concuerdan en que *nunca* pasa. Las respuestas también están totalmente de acuerdo con las respuestas de la directora y orientadoras pedagógicas en las entrevistas. En un análisis global, las respuestas de los profesores están de acuerdo con de los estudiantes.

Concluimos que el CACM no tiene grandes problemas con la indisciplina en el aula y con conductas disruptivas de los estudiantes, sólo problemas menores y casos individuales considerados normales en la vida cotidiana de la escuela. Los resultados de la investigación cuantitativa se corroboraron con la cualitativa.

Los resultados muestran que los estudiantes sienten bien en la escuela y son tratados bien por los maestros, por lo tanto, la satisfacción y la buena relación contribuye para que haya menos problemas disciplinarios en la escuela. Para Díaz-Aguado (2005), los profesores proactivos tienen y transmiten expectativas positivas, flexibles y precisas que utilizan para individualizar la enseñanza y hacerla más eficaz. Consiguen que todos los estudiantes participen en la dinámica general de la clase. Creen que su papel es adecuarse al nivel de cada alumno y asegurar al máximo su progreso y se consideran responsables de los resultados obtenidos en este sentido. Tienen un amplio repertorio de recursos que les permiten adaptar la enseñanza a todos los estudiantes para el aprendizaje.

## **Perfil de los profesores**

Tras el análisis de las respuestas de las actitudes de los docentes ante situaciones disciplinarias en el aula y la conducta de los estudiantes, hemos concluido que los maestros del CACM son en su mayoría *democráticos*.

Los profesores democráticos usan diálogo para resolver conflictos. Cuentan con los miembros del grupo, animan el debate ordenado y consensuado de los estudiantes. Normalmente participan como un miembro a más del grupo. Aplicar uno u otro estilo deriva consecuencias. Así, el profesor que se comporta de manera autoritaria genera más hostilidad entre sus alumnos, el profesor democrático genera menos hostilidad y el estilo permisivo hace más descontento, porque no resuelve nada. Naranjo (2009).

## **Limitaciones de la investigación y propuestas de mejora para futuros estudios**

Este estudio tiene algunas limitaciones, una de las cuales es la muestra. Tuvimos una disparidad en la cantidad de la muestra de padres e hijos. El número de alumnos era más alto, porque la escuela nos ha permitido aplicar a todos los estudiantes, de la edad del ámbito de estudio, pero en la muestra de padres no hemos conseguido la totalidad porque el acceso es limitado, dependiendo de los estudiantes llevaren los cuestionarios a casa y devolverse posteriormente para el colegio, todavía obtuvimos un número bastante significativo de padres. La muestra de profesores era relativamente pequeña, pero no todos los profesores contestaron, porque sabemos que sólo depende de la voluntad de los mismos. Por lo tanto, la muestra es bastante limitada.

Otra limitación es que es un estudio de caso, los resultados obtenidos se refieren sólo al contexto de la población en estudio. Sugerimos que en futuros estudios, sea extendido a un mayor número de centros educativos, incluyendo escuelas públicas y privadas para las comparaciones entre ellos.

El rango de edad de los estudiantes también puede considerarse una limitación del estudio, porque se trataba de niños y adolescentes, dejando de ser un estudio específico en términos de edad. Sugerimos que en estudios posteriores hacerse investigaciones por separado, cubriendo sólo los niños o específicamente con adolescentes, así que los resultados pueden ser más precisos.

Sin embargo, es importante señalar que este estudio se realizó una comparación de los estilos de los padres y perfil educativo de los niños, pero no podemos decir que esto es completamente fiable, aunque los resultados en porcentajes estén equilibrados, ya que cuando aplicamos la prueba de la Chi-cuadrado de Pearson, encontramos que estadísticamente esta relación no existe. Para confirmar esta hipótesis requiere la aplicación de las pruebas en una muestra más significativa o remodelar los cuestionarios utilizados.

Otra limitación de este estudio, es que es bastante completo, involucrando familia (padres e hijos) y escuela (alumnos y profesores) y sus relaciones entre ellos. Por un lado, tenemos la ventaja de ser capaz de conocer, investigar y relacionar lo que tienen en común en muchos aspectos, por otro lado, deja de ser un estudio específico, donde podría investigar más exhaustivamente cada detalle de la relación entre padres e hijos. Sugerimos en estudios posteriores, si investigar específicamente los modelos de los padres y los niños.

A pesar de estas limitaciones, podemos decir que se han logrado los objetivos propuestos y se espera que futuras investigaciones vengan a suplir las limitaciones que se presentan aquí.



## INTRODUÇÃO

No contexto atual de sociedade, nos deparamos com situações que fogem do ideal da família original, analisaremos no primeiro capítulo os tipos de pais e seus estilos de educação dentro do modelo de família tradicional, composta por pai, mãe e filhos. Os pais autoritários, que educam numa linha dominadora e de total controle sobre os filhos. Quais são os prós e os contras desse tipo de educação? Também veremos os pais permissivos que deixam seus filhos às soltas, sem regras, seguirem o que querem. Quais as consequências e vantagens desse estilo de pais? E por fim, os pais democráticos, que desenvolvem uma educação mais coerente e sensata. Quais os resultados dessa maneira de educar? Analisaremos também se os modelos educativos empregados pelos pais influenciam nos problemas de comportamento dos filhos na escola. Qual o perfil do aluno com modelo de pais autoritários, permissivos e democráticos?

No segundo capítulo trataremos do problema da disciplina e convivência no contexto escolar, as normas e regras da escola, a relação professor-aluno, os tipos de escola e a participação dos pais na escola. A escola desempenha um papel fundamental na formação dos valores em seus educandos, pois quando a família é incapaz de fazê-lo, a escola tem que auxiliar e complementar os valores que as crianças necessitam para seu desenvolvimento. Quando a educação do lar falha, as crianças terão dificuldades de se adaptarem às regras e normas da escola, que por sua vez deve ser organizada para que haja disciplina e funcionalidade. A indisciplina na escola causa sérios problemas para os professores, mas principalmente para os alunos, pois atrapalha na absorção de conteúdos, diminui o nível de concentração, prejudicando o rendimento escolar da turma ou dos alunos envolvidos.

Os tipos de professores e a disciplina é o assunto do terceiro capítulo, onde relacionaremos os professores autoritários com a disciplina punitiva, os *Laissez-faire* com a disciplina permissiva e os democráticos com a disciplina positiva. O maior desafio na questão disciplinar recai sobre o professor, que trabalha diretamente com cada aluno, e precisa estar apto e preparado para essa tarefa, ser competente e capaz de conseguir lidar com diferentes personalidades e temperamentos, além de ensinar os conteúdos acadêmicos. Qual o perfil, o

papel do professor e sua influência no desenvolvimento das crianças que tem à sua responsabilidade?

No quarto capítulo vamos definir as condutas disruptivas na sala de aula, identificando os tipos e as causas. Esses comportamentos indisciplinados causam grande desordem no ambiente da sala de aula e da escola como um todo, atrapalhado o desempenho do professor e o aprendizado do aluno. O professor é o mediador dos conflitos em aula e precisa ter condições e sabedoria para lidar com uma variedade de comportamentos indesejados e dar conta de transmitir os conteúdos programáticos para sua turma.

Finalmente no quinto capítulo vamos abordar as estratégias para combater as condutas disruptivas na sala de aula, englobando a educação em valores, a disciplina preventiva, resolução dos conflitos, aprendizagem cooperativa e técnicas de autocontrole e regulação da própria conduta.

Feita a revisão bibliográfica do estudo, comparando a visão de diferentes autores, partiremos para o estudo empírico, onde vamos investigar os elementos estudados na teoria, a disciplina, disrupção e modelos de famílias e suas relações entre si. Os modelos educativos usados pelas famílias incidem no comportamento dos alunos e nas suas condutas em aula? Aplicaremos questionários aos pais para identificar o estilo de educação, se é autoritário, permissivo ou democrático. Aos alunos, para identificar os seus perfis e suas condutas na escola e aos professores, que lidam diretamente com o aspecto disciplinar dos alunos. Além disso, faremos entrevistas com a diretora, orientadora e coordenadoras do colégio para conhecer melhor o contexto e finalmente vamos verificar o desempenho escolar dos alunos através das notas. Após análise e confrontação dos dados, faremos as conclusões finais.

*A EDUCAÇÃO compreende mais que conhecimentos de livros. A devida educação inclui, não somente a disciplina mental, mas aquele cultivo que garante a sã moral e o correto comportamento. (White, 2014: 299).*

# Capítulo I

## 1. A FAMÍLIA E SUA RELAÇÃO COM A CONDUTA DOS FILHOS

É da família que recebemos nossos valores, crenças e as condições necessárias para a sobrevivência e desenvolvimento, sendo nosso principal meio de socialização. A família é nosso amparo, é o nosso chão e é dentro desse núcleo que aprendemos, crescemos e nos tornamos cidadãos de bens. A família deve ser o maior dentre todos os fatores educativos. A educação deve iniciar no lar, tendo os pais como instrutores, assim aprenderão lições que as guiarão por toda a vida, lições de respeito e obediência.

*O círculo familiar é a escola em que a criança recebe suas primeiras e mais duradouras lições. Por isso devem os pais demorar-se mais no lar. Por preceito e exemplo devem ensinar aos filhos o amor e o temor de Deus; devem ensinar-lhes a ser compreensivos, sociáveis, afetivos; a cultivar hábitos industriais, de economia e abnegação. Dando aos filhos amor, simpatia e encorajamento no lar, os pais podem prover-lhes um seguro e aprazível refúgio contra muitas tentações do mundo. (White, 2016b: 65).*

A família deve consistir um núcleo duradouro, um núcleo afetivo e funcional, onde cada um cuide de si e dos outros, que promova pertencimento, mas que respeite o individualismo de cada um. A grande arte da família é manter-se família, é continuar promovendo o desenvolvimento, o crescimento, a mudança e permanecer sendo família. Parolin (2005).

A família proporciona o que consideramos condições ótimas para o desenvolvimento da personalidade dos indivíduos jovens, e tem entre outras funções a de ser um bom instrumento para transmitir as tradições, costumes, usos e convicções de uma sociedade aos recém-nascidos e as gerações mais jovens. A socialização é o processo através do qual as crianças adquirem as opiniões, valores e condutas que os membros adultos de sua sociedade consideram significativas e apropriadas. É também um meio de regular a conduta das crianças e controlar seus impulsos indesejáveis e antissociais, promove o desenvolvimento pessoal do indivíduo, que depois de socializados se convertem em adultos competentes, adaptativos e pró-sociais que ensinarão o que aprenderam aos seus próprios filhos. González (2007).



Cabe aos pais também ser claros em manifestar o que esperam de seus filhos, quais as condutas que aprovam e que desaprovam. Assim, a criança vai aprendendo a distinguir entre elas e deverá optar pelas primeiras, porque não se sentirá feliz e nem segura caso perca o afeto deles. Gikovate (2001).

A família reproduz em seu interior a cultura que a criança internalizará no decorrer de sua vida, tem grande poder no controle da conduta da criança, pois ela depende dela para sua sobrevivência física e psíquica. A criança necessita também das ligações afetivas estabelecidas com seus cuidadores o qual ela não pode perder. Esse medo de perder o amor e os cuidados dos adultos é um poderoso controlador de sua conduta. A primeira educação é tão importante na formação da pessoa que podemos compará-la ao alicerce da construção de uma casa, que ao longo da vida continuarão a construir. Bock, Furtado e Teixeira ( 2009). Portanto, a família é fundamental para a formação da criança e desenvolvimento do seu caráter, ela tem em suas mãos a frágil criança que de acordo com os padrões de educação oferecidos, reproduzirá em sua conduta e ações no decorrer da vida.

A família é um sistema social complexo, constituída por partes inter-relacionadas, cada uma das quais afeta e se vê afetada por cada uma das outras partes que por sua vez contribui para o funcionamento do todo. Além disso, é um sistema dinâmico porque cada membro da família é um indivíduo em desenvolvimento. São seres diferentes, com gostos e pontos de vistas distintos, mas que precisam estar em pleno acordo para que a convivência seja satisfatória para ambas as partes. Shaffer (2002)

A família é a célula-mãe da sociedade e tem a responsabilidade de formar o caráter, construir o ser, de educar para os desafios da vida, de perpetuar valores éticos e morais. Os filhos se espelhando nos pais e os pais desenvolvendo a cumplicidade com os filhos. Chalita (2004).

A família desempenha funções importantíssimas na vida dos filhos. Yaegashi (2007) destaca algumas funções da família:

- ✓ *Função Biológica:* Assegurar a sobrevivência dos novos seres através dos cuidados necessários.
- ✓ *Funções Psicossociais:* Fornecer afeto aos seus dependentes, pois a ausência de uma relação afetiva saudável pode prejudicar o desenvolvimento emocional do bebê e dos demais membros da família. Cabe à família servir de continente para as ansiedades existenciais dos filhos.
- ✓ *Função Psicológica:* Proporcionar um ambiente adequado para a aprendizagem empírica, contribuindo para o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e social da criança.
- ✓ *Função social:* Transmitir aos seus filhos suas experiências acumuladas pelas vivências individuais e coletivas, preparando-os para o exercício da cidadania.

O modelo ideal é o que foi estabelecido desde princípio, composta por marido, mulher e filhos, porém o modelo atual de família já não é o mesmo que da família monogâmica de antigamente, os valores da sociedade tem mudado muito e entrado outros diferentes do tradicional, até mesmo as leis favorecem a formação de outros tipos de família. A lei conhecida como Maria da Penha no Brasil (Lei Federal n.º 11.340, 2006) no artigo 5º parágrafo 2 define a família como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa e no parágrafo único desse mesmo artigo, diz que as relações pessoais enunciadas no referido artigo, independem de orientação sexual. Ou seja, dá total abertura para considerar a união homossexual como sendo família. Todas essas mudanças tem trazido uma desorganização mental nas pessoas, principalmente nas crianças que acabam sendo vítimas desse meio. Nota-se claramente uma inversão de valores sociais que traz consigo consequências irreversíveis à sociedade, mas principalmente às famílias e aos filhos.

A ideia de um modelo familiar único está mudando em nossa sociedade, como também a sociedade exige novos papéis em seu núcleo, comenta Fernández (2005), existe uma maior diversidade familiar, entretanto todas as famílias possuem padrões de criação, estilo de parentesco próprios, que incidem diretamente no tipo de comportamento que seus filhos apresentam na escola.

Isso mostra como os valores sociais estão banalizados e que na atual sociedade pode tudo, porém os filhos sofrem e padecem no meio dessa sociedade desajustada e desestruturada. Sabemos que na vida real, quando a família não é composta por pai e mãe, causa sim desordem e os filhos sofrem duras consequências psicológicas devido a essa falta de estrutura.

É numa estrutura familiar sólida que a criança e o adolescente vão suprir suas necessidades de amor, valorização, de limites e de coerência. Valores que contribuem para o desenvolvimento de habilidades de autodefesa e autoafirmação. Independente da configuração de família, esta nunca deixará de ser a referência mais importante para o indivíduo. Chalita (2008).

### **1.1. Modelos de Pais**

Vamos considerar nesse estudo o tipo tradicional e original de famílias, composto por pai, mãe e prole, mesmo sabendo da proliferação na atualidade de outros tipos de famílias: Monoparentais, grupais, etc. Dentro da perspectiva de que os pais são modelos para os filhos, destacaremos alguns dos principais modelos conhecidos e praticados atualmente pelas famílias, na visão de vários autores:

#### **1.1.1. Pais e famílias autoritárias**

O modelo de pais autoritários, como o próprio nome já sugere, vem de autoridade, ou excesso da mesma. Os pais exercem demasiada autoridade e restrições sobre os filhos e esperam que eles obedeçam. As características dos pais autoritários são: rigidez, controle total sobre os filhos, comando, domínio, excesso de poder e brutalidade. Atitudes que podem ou não ser acompanhadas de punição física e violência.

Práticas educativas que exercem um notável controle sobre as condutas dos filhos, em que há uma forte exigência de maturidade, em um ambiente pouco comunicativo e em que o

afeto é pouco manifestado se referem ao estilo dos pais denominados autoritários. Salvador et al (1999).

Na disciplina pela afirmação do poder, como denomina Cória-Sabini (2000), as condutas dos pais baseiam-se na punição, que inclui o uso de agressão física, retirada de privilégios ou objetos materiais, ameaças e humilhações. As regras são estabelecidas pelos pais e devem ser respeitadas sem discussão e a obediência que se estabelece se fundamenta no medo.

As famílias autoritárias, tentam ensinar aos filhos padrões perfeitos de comportamentos, e são a favor de medidas punitivas e violentas para impor o respeito quando as atitudes dos filhos entram em conflito com aquilo que eles acham correto. Sprinthal e Collins (2003). O respeito e a autoridade são impostos e não conquistados como na realidade deveria ser. Os pais justificam esse comportamento como sendo de prevenção para os filhos.

No círculo familiar a interação deveria ser horizontal, sendo acessível a pais e filhos o contato, o diálogo e o carinho, porém na verticalidade isso é inexistente, pois o pai considera-se acima do nível do filho e não dá margens para se relacionarem numa esfera de igualdade. Nesse modelo de paternidade, geralmente os pais são sisudos, não sorriem facilmente para os filhos e são totalmente fechados.

Os pais ditatoriais normalmente são pessoas fechadas, porque aprenderam quando crianças e isso é um mecanismo de defesa. As pessoas não gostam de ser ridicularizadas, nem criticadas, nem de sentirem-se ameaçadas, por isso se afastam e desprezam aqueles que os desafiam ou exercem sua autoridade e o ambiente familiar fechado leva a um mau espírito na família, descontentamento e rebelião. Kuzma (2004). Nesse estilo, os pais não são receptivos, mas sim exigentes e quando os filhos não obedecem, eles recorrem à força e ao castigo. González (2007).

Algumas atitudes e comportamentos dos pais podem causar problemas psicológicos nos filhos. Yaegashi (2007) especifica alguns comportamentos destrutivos dos pais que causam o que ela denomina como “abuso psicológico” nos filhos, são eles:

- *Tratamento com desprezo:* castigo, rejeição, humilhação pública, etc.

- *Tratamento com terrorismo*: atos ou ameaças que causem medo ou ansiedade na criança.
- *Isolamento*: proibir a criança de ter amigos, trancá-la em casa sozinha.
- *Exploração ou corrupção*: tratar a criança como serviçal, encorajá-la a praticar atos criminosos, etc.
- *Negar a reciprocidade emocional*: ignorar a tentativa da criança de interagir, não demonstrando afeto.
- *Superproteção*: fazer tudo pela criança, impedindo-a de desenvolver sua autonomia.

Querendo ou não, os filhos são desafiadores, mesmo que sem intenções, desde pequenos já desafiam seus pais, e para os pais autoritários isso é uma ameaça à autoridade, que por vezes os leva a desprezar e até maltratar os filhos. Quando os pais autoritários agem de maneira bruta e agridem os filhos, as reações dos mesmos podem ser as mais diversas. Dependendo do temperamento da criança, é a maneira como ela vai reagir. Ela pode refletir às atitudes violentas dos pais, batendo nos colegas de classe ou nas crianças menores, ou pode ter atitude oposta, fechando-se, inibindo-se e se deprimindo, numa reação de total timidez.

Nesse modelo autoritário, os pais acham que seu método funciona, pois conseguem a obediência dos filhos, mas isto não é bem assim, pode até ser que os filhos obedeçam, porém é uma obediência por temor, porque sabem que pode haver alguma punição.

Há também um detalhe interessante no modelo autoritário, que tanto o pai quanto a mãe podem ser rígidos, e tratar os filhos da mesma forma, porém acontecem casos em que o pai é o detentor oficial do poder e a mãe é a mediadora das situações, converte-se em hábil diplomata para interceder pelos filhos. Nesse caso, o ambiente familiar é tenso quando o pai está presente e todos ficam atentos no que dizem e fazem para evitar suscitar as iras do pai, que também pode se manifestar de forma violenta. Quando este não está presente, o clima é mais relaxado, e entre mãe e filhos pode até existir uma relação genuína. Nesse contexto, pode ocorrer também que o pai se sinta traído pela mulher, e pode até arremeter-se contra ela, tratando-a mal, assim como aos filhos. Isso acarreta raiva nos filhos em relação ao pai. Nardone, Gianotti e Rocchi (2003).

A família autoritária perpetua a sociedade autoritária, faz permanecer na mente de seus membros os ideais de obediência e submissão, de cópia, sem questionamento acerca dos padrões estabelecidos. O indivíduo que somente aprende a obedecer não estará preparado para a sociedade complexa desse novo milênio. Chalita (2004).

Que relações existem entre as atitudes dos pais e a personalidade das crianças?

Qual o perfil do aluno que tem pais autoritários?

A tabela a seguir mostra as características das famílias autoritárias e as implicações na disciplina dos filhos:

Tabela 1. Revisão sobre famílias autoritárias

<b>Famílias Autoritárias</b>				
<b>Autores</b>	<b>Obra que figura esse tipo de família</b>	<b>Ano</b>	<b>Características</b>	<b>Implicações na disciplina</b>
Salvador Et Al	Psicologia da Educação.	1999	Controle sobre as condutas dos filhos e forte exigência de maturidade	Baixa autoestima, dependência, tristeza e sentimento de inferioridade.
Cória-Sabini	Fundamentos de Psicologia Educacional	2000	Afirmção do poder, punição, humilhação e agressão física.	Obediência por medo.
Sprinthal e Colins	Psicologia do Adolescente. Uma abordagem desenvolvimentista	2003	Tentam ensinar padrões perfeitos de comportamentos. Medidas punitivas e violentas.	Comportamento de prevenção.
Nardone, Gianotti e Rocchi	Modelos de família: Conocer y resolver los problemas entre padres e hijos.	2003	O pai é detentor do poder e violento. A mãe é mediadora das situações.	Raiva nos filhos em relação ao pai.
Chalita	Educação: A solução está no afeto.	2004	Perpetuação da sociedade autoritária.	Obediência e submissão sem questionamento. Indivíduo não preparado para a sociedade atual.

Kuzma	Obediência fácil – Enseñar a los niños autodisciplina con amor.	2004	Pessoas fechadas. Afastamento e desprezo aos filhos.	Descontentamento e rebelião.
González	Psicología de la Educación y del Desarrollo en la edad escolar	2007	Não receptivos, exigentes, uso da força e castigo.	Obediência restrita.
Yaegashi	Família, desenvolvimento e aprendizagem: um olhar psicopedagógico.	2007	Desprezo, terrorismo, isolamento, exploração, superproteção e falta de afeto.	Medo, ansiedade, não desenvolve a autonomia.

Percebemos claramente que os pais autoritários, com suas atitudes de total controle sobre os filhos, atitudes repressoras, falta de afeto, excesso de autoridade, que usam medidas punitivas para educar e exigem padrões perfeitos de comportamento, etc., influenciam diretamente no comportamento de seus filhos, pois os mesmos apresentam sintomas de baixa autoestima, medo, ansiedade, descontentamento, rebelião, raiva, e muitas outras características negativas que interferem no seu desenvolvimento normal de comportamento. Esse modelo apresenta mais malefícios do que benefícios para os filhos, portanto não pode ser considerado o modelo ideal de educação.

### 1.1.2. Pais e famílias Permissivas

A palavra permissivo vem de permissão, ou permitir que é definido como consentir, autorizar, admitir e conceder. De acordo com o dicionário Aurélio, Ferreira (2009), dar permissão, tolerante, indulgente. No Francês é *Laissez-faire*, que significa deixar fazer sozinho.

As práticas educativas em que se exerce pouco controle e há escassa exigência de maturidade, acompanhadas de um ambiente comunicativo e com elevadas manifestações de afeto refletem ao estilo dos pais denominados permissivos. Salvador et al (1999). Permissividade se refere à ausência de autoridade paterna eficaz, que ocasiona falta de limites para a criança. Esse

termo representa a tolerância e a falta de respeito por parte dos filhos, uma confusão geral que se manifesta por falta de liderança dos adultos. Dobson (1993).

As famílias que educam seus filhos num modelo permissivo, são aquelas que impõem poucas ou nenhuma regras aos filhos, consentem que façam o que querem e da maneira como querem. Deixam os filhos livres de restrições. Urra (2007), afirma que deixar a criança “crescer livremente”, para que desfrute sua infância, sem seguir um método educativo organizado, pode ser uma forma retórica de se render perante o esforço que pressupõe educá-la adequadamente, ou de projetar nela as frustrações que a vida adulta tenha causado aos seus pais, mas em nenhum caso traz algo positivo à criança.

A permissividade pode ser expressão de negligência e pode decorrer de sentimentos de rejeição, criando sérios problemas na adolescência. A exagerada indulgência e o não estabelecimento de limites e padrões são responsáveis por efeitos perniciosos no desenvolvimento do adolescente. A ausência de disciplinas ou um estilo de disciplina inconsistente pode decorrer de hostilidade ou indiferença dos pais, de suas incertezas ou falta de segurança, ou de sentimentos de culpa, de comodidade ou distorções do conceito de “bons pais”. Fini (2004).

Falando sobre a disciplina e estilos de exercer as funções de pais e mães, Herbert (1992) fala sobre os extremos na educação das crianças; até poucas gerações atrás, as crianças não tinham liberdade de expressão, eram reprimidas, tanto nos impulsos, como na imaginação e capacidades, depois passou para outro extremo, que ele denomina a “era permissiva” baseada em grande medida numa interpretação errônea das teorias de Sigmund Freud, segundo o qual, às crianças devia inibi-las o menos possível. Então se lhes outorgou com veemência o direito individual da auto expressão. Gikovate (2001) complementa essa ideia dizendo que em decorrência do entendimento indevido das ideias psicanalíticas que geraram um enorme pavor nos pais de traumatizar seus filhos, hoje em dia os lares são “governados” por eles. Como sempre acontece, um titubeio dos pais é percebido pelos filhos, que tendem a ocupar o território livre e os pais acabam temendo perder o afeto dos mesmos, por isso não impõem limites.



As famílias permissivas fazem poucas exigências aos filhos e raramente utilizam força ou poder para alcançarem seus objetivos a nível educacional e os pais tem a tendência para ser a favor da razão e da persuasão nas suas interações com as crianças. Sprinthal e Collins (2003). Os pais permissivos são os que permitem que seus filhos tomem decisões em toda ocasião possível, mesmo quando ainda não estão capacitados para fazer. Kuzma (2004).

Os limites estabelecidos não são cumpridos de forma consistente. Esses pais cuidam e aceitam os seus filhos, mas evitam impor controles de qualquer classe, não tem que aprender boa educação e não tem que fazer nenhuma tarefa doméstica. González (2007).

Falando de limites, nesse estilo permissivo, pouco ou quase nada de limites se impõem e quando são colocados limites, esses não são respeitados, os filhos os ultrapassam e os pais nem se dão conta e assim facilmente os pais vão perdendo o controle sobre os filhos, e o comando passa para as crianças, que mandam e desmandam nos pais, por isso, esses pais não podem ser modelos para os filhos, tanto de responsabilidade, como de auxílio e orientação. Tiba (2006) diz que uma criança não tem noção dos limites que separam sua segurança física dos perigos, nem do que é ou não adequado, por isso, seus pais têm que ensiná-la não a fazer algo simplesmente porque tem vontade, mas a conhecer o limite na medida certa para cuidar da própria vida e da qualidade com que a viverá.

Uma grande parcela de pais age de forma excessivamente tolerante com seus filhos, são os pais do “deixa pra lá” ou que costumam passar a mão na cabeça de seus rebentos, diante de comportamentos francamente transgressores. Tais pais costumam fingir que nada ocorreu, adotam uma postura de falso entendimento, ou, pior que isso, censuram os filhos de maneira tão débil que suas reprimendas e orientações quase não são obedecidas ou executadas. Esses pais agem assim porque alegam que não querem ferir a sensibilidade dos filhos ou para evitar desavenças familiares e até como forma de compensar o tempo que estão distantes dos filhos por motivos profissionais. Silva (2010)

A tabela abaixo mostra as características das famílias permissivas e as implicações na disciplina dos filhos:

Tabela 2. Revisão sobre as famílias Permissivas

<b>Famílias Permissivas</b>				
<b>Autores</b>	<b>Obra que figura esse tipo de família</b>	<b>Ano</b>	<b>Características</b>	<b>Implicações na disciplina</b>
Herbert	Entre la tolerancia y la disciplina, una guía educativa para Padres	1992	Direito individual da auto expressão.	
Dobson	Atrévete a disciplinar	1993	Ausência de autoridade e falta de liderança	Falta de limites e falta de respeito.
Salvador Et Al	Psicologia da Educação.	1999	Pouco controle, escassa exigência de maturidade, bastante afeto	Baixa autoestima, pouco controle de si e imaturidade.
Gikovate	A arte de Educar.	2001	Os pais temem perder o afeto e não impõem limites.	Os filhos governam o lar.
Sprinthal e Collins		2003	Os pais fazem poucas exigências, raramente utilizam força e poder. Tendências a serem a favor da razão e da persuasão nas interações.	
Fini	Relações entre pais e adolescentes	2004	Negligencia, indulgencia, não estabelecimento de limites.	Sérios problemas no desenvolvimento do adolescente.
Kuzma	Obediencia fácil – Enseñar a los niños autodisciplina con amor	2004	Permitem os filhos tomarem decisões mesmo que não estejam aptos.	Não aprendem boa educação e não fazem tarefas domésticas.
Tiba	Disciplina. Limite na medida certa. Novos Paradigmas	2006	Os pais não impõem limites.	Falta de noção dos limites e do que é ou não adequado.
González	Psicología de la Educación y del Desarrollo en la edad escolar	2007	Os pais evitam impor controles e não delegam tarefas aos filhos.	Os limites estabelecidos não são cumpridos de forma consistente.

Urra	O Pequeno Ditador. Da criança mimada ao adolescente agressivo.	2007	Deixam a criança crescer livremente, não tem método educativo organizado.	Nada de positivo para a criança.
Silva	Bullying: Mentes perigosas na escola.	2010	Agem de forma excessivamente tolerantes, passam a mão na cabeça dos filhos, adotam postura de falso entendimento.	“Pintam e bordam”, se habituam a fazer o que querem e impõe-se .

A partir da análise feita na tabela e da comparação da visão de diferentes autores sobre os efeitos da permissividade e as implicações no desenvolvimento dos filhos, podemos concluir que esse modelo de não intervenção, de falta de limites e regras e de “pode tudo”, não traz benefícios para os filhos, pois os mesmos se tornam pessoas desorganizadas, sem controle de si mesmos, com baixa autoestima, imaturas e despreparadas para enfrentar os desafios da vida. Portanto, esse modelo de educação não pode ser considerado o ideal, pois traz mais desvantagens do que vantagens no desenvolvimento e educação dos filhos.

### 1.1.3. Pais e famílias democráticas

Quando falamos de modelo de educação democrática, esperamos que seja um estilo educacional fundamentado no equilíbrio, coerência, sensatez e acima de tudo no amor e afeto. E é exatamente nessas características que esse modelo difere dos outros. A autoridade, limites, regras, recompensas e punições estão presentes nesse estilo de educação, porém, de maneira coerente, visando o bem-estar físico e emocional dos filhos, numa atmosfera de amor, companheirismo e afetividade entre pais e filhos. Pode haver momentos em que haja certa permissividade e outros onde haja uso da autoridade, mas de maneira racional, moderada, controlada e que não traga influências negativas na disciplina da criança. Nesse modelo de educação, geralmente pais e filhos são amigos, não existe rivalidades e maiores dificuldades no relacionamento, pois há uma grande abertura para o diálogo, e há respeito mútuo. Alguns autores denominam o modelo de pais democráticos como pais autorizados, eventualmente poderemos usar essa nomenclatura.

O termo democrático é utilizado para pais calorosos e receptivos que usam controle pouco invasor, e que são capazes de compreender as necessidades dos filhos sem deixar, entretanto, de lhes apresentar limites, padrões e modelos. Os pais que são capazes de estabelecer um equilíbrio entre os extremos atingem resultados que podem ser compensadores, tanto para eles quanto para os filhos. Fini (2004). Práticas educativas em que um elevado grau de controle e de exigência de maturidade combina-se com um ambiente bastante comunicativo e afetuoso refletem o estilo dos pais denominados democratas. Salvador et al (1999).

Os pais democráticos fazem demandas democráticas e as fazem cumprir, estabelecendo limites razoáveis, ao mesmo tempo expressam carinho, afeto e escutam atentamente os filhos. Reconhecem-se e respeitam os direitos dos pais e dos filhos. González (2007).

As famílias autorizadas tem consciência de suas responsabilidades enquanto figura de autoridade, porém, são sensíveis às necessidades e aos interesses dos filhos, e o ambiente familiar é geralmente caloroso e de aceitação. Sprinthal e Collins (2003). Existe autoridade, existe controle, mas isso não incomoda os filhos, pelo contrário, eles sentem que os pais se preocupam com eles e que estão interessados neles. A autoridade, segundo Urra (2007), significa aumentar, fazer crescer, ajudar a ser mais e melhor, acrescentar. É uma postura perante os filhos de ser e estar, de mostrar coerência, de ser sempre paciente e firme e não deixar de educar em nenhum momento.

Desde muito cedo, a criança tem oportunidades de se expressar e os pais as ouvem. Os pais transmitem segurança e afeto aos filhos. Sprinthal e Collins (2003) ampliam essa ideia dizendo que esse ambiente propicia a aprendizagem e a aquisição da maturidade cognitiva e emocional, isso porque os membros da família têm a confiança de que, mesmo em circunstâncias adversas, a família permanecerá unida.

Essas famílias possuem mais estabilidade emocional, tanto pais, como filhos e isso favorece para que haja um ambiente familiar aconchegante e que todos sintam prazer em pertencer à família, pois o conceito de família é trabalhado desde muito cedo com a criança, e conforme ela cresce, vai valorizando e se sentindo cada vez mais parte integrante de sua família.

O estilo democrático diminui as causas de conflitos no lar e quando estes acontecem, são resolvidos da maneira mais rápida possível e isso resultará em respeito mútuo, confiança recíproca e compreensão de uns para com os outros. Segundo Schneiders, citado por Galli (1976), os pais hão de promover uma emancipação gradual, uma afirmação progressiva, responsabilidade crescente e vão prover as necessidades fundamentais para os filhos, como afeto e segurança.

O papel dos pais democráticos, é preparar os filhos desde a infância para serem responsáveis e autônomos na vida adulta. Herbert (1992) baseado nos estudos de Baumrind fala de algumas características desses pais autorizados: valorizam a auto- expressão da criança, também o respeito pela autoridade, apreciam a vontade independente e a conformidade disciplinada, porém exercem firme controle quando há divergências com os filhos. Reconhecem seus próprios direitos como pais, mas também os interesses individuais e as características especiais dos filhos, fixam modelos e critérios para a conduta futura do filho, usam a razão e o poder.

Podemos perceber que esses pais são bastante flexíveis, porém com muita cautela e principalmente dentro de limites, e é exatamente esse limite e equilíbrio que fazem a diferença. Isso demonstra para os filhos, sensatez e ponderação, causando-lhes impressão e servindo como exemplo e modelo.

Nesse modelo democrático, a eficácia depende da combinação do amor com a autoridade. A autoridade é algo da própria estrutura do encontro entre um adulto e uma criança, porém se esta autoridade for fundada sobre bases ilegítimas, conduz ao autoritarismo e à injustiça. (Toderò, Peruzzolo e Mroczkoski, 2009). Quando os pais exercem sua autoridade com amor, eles estão conquistando o respeito dos filhos e estes se sentem amados, conseqüentemente serão respeitosos e obedientes aos pais. Existe liberdade para os filhos, porém essa é muito bem delimitada. Se ultrapassam esses limites, então os pais agem usando as regras que foram estabelecidas antecipadamente e até mesmo alguma punição, porque quando há quebra da lei, deve haver conseqüências. Por isso, os pais devem estar atentos, para saber se os filhos estão ou não dentro dos limites estabelecidos, porque se deixarem passar por alto alguma transgressão, já se perderá todo o efeito dos limites e a eficácia dos mesmos.

O modelo democrático é denominado por Cória-Sabini (2000) como sendo a disciplina pelo respeito às crianças, nesse caso, os pais são calorosos e receptivos, encorajadores da autonomia, sabem estabelecer um equilíbrio entre o comportamento disciplinado e responsável e a autonomia e liberdade para expressar as emoções. O uso do diálogo é comum e as regras são estabelecidas junto com as crianças, os pais pedem opiniões, elogiam e incentivam a autonomia e independência.

Na tabela a seguir temos as características das famílias democráticas e as implicações na disciplina dos filhos:

Tabela 3. Revisão sobre as famílias Democráticas

<b>Famílias Democráticas</b>				
<b>Autores</b>	<b>Obra que figuram esse tipo de família</b>	<b>Ano</b>	<b>Características</b>	<b>Implicações na disciplina</b>
Galli	La pedagogia familiar hoy	1976	Os pais vão prover as necessidades fundamentais para os filhos, como afeto e segurança.	Respeito mútuo, confiança recíproca e compreensão de uns para com os outros.
Herbert	Entre la tolerancia y la disciplina, una guía educativa para Padres.	1992	Os pais fixam modelos e critérios para a conduta futura do filho, usam a razão e o poder.	Desenvolvimento da competência e confiança nas crianças.
Salvador Et Al	Psicologia da Educação.	1999	Controle e exigência de maturidade combinados com afeto.	Autoestima, confiança e iniciativa e regulação da própria conduta.
Cória-Sabini	Fundamentos da Psicologia Educacional	2000	Respeito, diálogo e equilíbrio. Os pais são calorosos e receptivos, elaboram regras junto com os filhos.	Autonomia, independência e liberdade para expressar opiniões.
Sprinthal e Collins	Psicologia do Adolescente – Uma abordagem desenvolvimentista.	2003	Os pais são sensíveis às necessidades e interesses dos filhos.	Aprendizagem e aquisição de maturidade cognitiva e emocional.
Fini	Relações entre pais e adolescentes	2004	Os pais compreendem as necessidades dos filhos sem	Resultados compensadores para pais e filhos.

			deixar de apresentar limites, padrões e modelos. Equilíbrio.	
González	Psicología de la Educación y del Desarrollo en la edad escolar	2007	Estabelecem limites razoáveis, com carinho e afeto. Escutam os filhos.	Reconhecem-se e respeitam os direitos de pais e filhos.
Urra	O Pequeno Ditador. Da criança mimada ao adolescente Agressivo.	2007	Coerência, paciência e firmeza, não deixam de educar nunca.	
Todero, Peruzzolo e Mroczkoski	Indisciplina na escola e o cotidiano escolar: Buscando soluções conjuntas.	2009	Combinação de amor com autoridade.	Filhos respeitam os pais.

Concluimos após a comparação e o ponto de vista de diferentes autores, que são unânimes as opiniões sobre os benefícios apresentados para o desenvolvimento e disciplina dos filhos no estilo democrático. Esse pode ser considerado o estilo ideal de educação para as famílias empregarem na educação de seus filhos, pois irá preparar os filhos para enfrentar os desafios da vida com autonomia, independência, maturidade e acima de tudo, os filhos se tornam respeitadores e a relação entre pais e filhos tende a ser afetuosa e de cumplicidade.

### **1.2. A influência da estrutura familiar nos problemas de comportamento e indisciplina.**

A família como sendo o primeiro e maior grupo de interação social das crianças, por sua vez também é o que mais afeta o desenvolvimento físico, emocional e social dos filhos e como temos visto no decorrer deste estudo, os pais são os principais modelos e espelho para os mesmos. Se a família é espelho e modelo para seus filhos, não temos dúvida que afetará diretamente o comportamento e as condutas dos filhos na escola, seja positiva ou negativamente, de acordo com o estilo de educação que os filhos recebem em casa. Chalita (2008) confirma essa ideia ao dizer que a dinâmica familiar pode reforçar a violência, principalmente quando faltam regras claras, quando falta coerência entre os valores proclamados e vivenciados e, sobretudo

quando falta afetividade nas relações familiares. Para ele, os pais são espelhos para os filhos, isto é, os filhos acreditam ser como os pais lhes dizem que são. Tudo o que os pais falam, sejam palavras positivas ou negativas, causam transformações internas nos filhos. Quando positivas, contribui para que os filhos encontrem equilíbrio, confiança, autoconfiança e autoestima para reagir de modo saudável às frustrações da vida. Quando negativas, pode deixar vazios que talvez jamais venham a ser preenchidos positivamente ao longo da vida.

A família representa o modelo central de condutas e a primeira criadora de valores para a criança, afirma Fernández (2005) e as relações entre os diferentes membros da família repercutem diretamente na própria imagem e na das demais pessoas que frequentam a escola. Ela é um elemento chave na gênese das condutas agressivas dos jovens, gerando amores e desamores que redundarão em cidadãos ajustados às normas da sociedade ou marginalizados e de difícil integração social.

A família é um sistema em que as ações e atitudes de cada membro afetam os outros e vice-versa, a família tem uma estrutura e pautas reguladoras do seu funcionamento que tendem a manterem-se estáveis, porém para garantir o bem-estar de todos, será necessário adaptações quando as circunstâncias assim o exigirem. As famílias organizadas mediante vínculos afetivos e emocionais têm funções e objetivos que devem alcançar. Salvador et al (1999).

A influência da dinâmica familiar no desenvolvimento infanto-juvenil é um fato indiscutível e quando a criança ou adolescente começa a apresentar indícios de ansiedade ou de outros comportamentos, é necessário buscar a causa desses transtornos. Dentre os transtornos vinculados à dinâmica familiar estão os seguintes: Transtornos de conduta (pânico, fobias, timidez, explosões de raiva, mentiras, furtos, condutas antissociais, etc.), transtorno de linguagem, transtornos esfínterianos, transtornos de sono, doenças psicossomáticas e transtornos da aprendizagem. Yaegashi (2007).

Na esfera científica, os estilos e as práticas parentais têm sido comumente associados ao desenvolvimento de problemas socioemocionais, de conduta e de aprendizagem das crianças. Trata-se de estratégias que os pais adotam para direcionar os comportamentos dos filhos no sentido de seguir certos princípios morais, suprimindo ou reduzindo alguns comportamentos



considerados inadequados, a fim de que eles desempenhem seus papéis sociais de forma adequada. Essas práticas podem desenvolver tanto comportamentos pró-sociais como antissociais, dependendo da frequência e intensidade que os pais utilizam determinadas estratégias educativas. Barbosa et all (2011).

Um comportamento hostil dos pais nos primeiros anos de vida da criança, aumenta a probabilidade de ocorrência de elevados sintomas de depressão e de problemas de conduta na adolescência, enquanto que por outro lado, um comportamento caloroso e habilidade dos pais para lidar com a disciplina reduzem essa probabilidade. A psicologia social tem mostrado que a ausência de afeto e amor nos primeiros anos contribui para comportamentos violentos na adolescência. Fini (2004).

A indisciplina é um objeto de estudo contemporâneo às nossas relações e sensível a mudanças de perspectiva da forma de se educar e de sua comunidade local. No cotidiano escolar, observa-se que o comportamento do aluno no ambiente de ensino é reflexo das experiências vividas no meio familiar e social. Não se pode atribuir a esse fator como sendo a única causa do problema, cada indivíduo responde diferentemente aos estímulos providos do meio. Enquanto alguns indivíduos apresentam indisciplina e agressividade diante dos problemas familiares, em outros esse fator não interfere no rendimento e na disciplina em sala. Sganzella (2012).

A estrutura familiar revela-se por vezes ser uma grande influência nos comportamentos dos alunos nos estabelecimentos de ensino. Podemos referir ao distúrbio de oposição que tem como característica essencial um padrão de humor ou temperamento negativo, conjugado com um padrão aprendido de oposição a outrem, típico das famílias de tipo permissivo ou negligente. Este padrão está intimamente relacionado a uma determinada estrutura familiar, em que existem grandes dificuldades de imposição da disciplina e falta de envolvimento parental nas atividades dos filhos. Dias (2009).

A maneira como os pais se relacionam com os filhos reflete no comportamento deles, se a relação é próxima ou distante, se existe diálogo ou não, se os pais são presentes ou ausentes no dia-a-dia de seus filhos, se são autoritários ou permissivos, etc. Todos estes fatores contribuem

para a definição da escala de valores dos filhos e conseqüentemente nas suas condutas e comportamentos. O comportamento dos pais reflete nas atitudes dos filhos, pois seus pais são os modelos pelos quais eles vão se orientar, seja, por exemplo, ou por contraste. Podemos perceber tamanha a influência dos pais no desenvolvimento emocional de seus filhos e muitos não têm noção de tão grande responsabilidade. A partir dessas ideias, vamos analisar o perfil do aluno educado por cada modelo de famílias:

### **1.2.1. Perfil do aluno com modelo de pais autoritários**

O estilo de educação recebido em casa afeta diretamente o comportamento dos filhos e suas condutas na sociedade e principalmente na escola, local em que passam a maior parte do seu tempo no dia-a-dia e que exercitam suas interações sociais mais plenamente. Para Chalita (2008), os filhos imitam aqueles que admiram, portanto pais repressores e agressores, podem gerar filhos agressivos e rebeldes, pode acontecer o contrário, de esse ambiente gerar uma personalidade insegura e instável, nesse caso, as crianças, que vivem atemorizadas, tem sérias dificuldades de adaptação aos grupos de brincadeiras ou de estudo. Van Pelt (1998) apresenta alguns efeitos do autoritarismo sobre as crianças: Tal estilo enfraquece a dignidade pessoal dos filhos, desenvolve poucos controles internos, porque constantemente lhes foi dito o que fazer, e apresenta dificuldades em terminar suas tarefas sozinhas.

Esse autoritarismo dominador por parte dos pais, afeta a infância e compromete o futuro da criança. Quando essas crianças chegam à escola, quando saem dos olhares dominadores dos pais, se veem em situações difíceis, não tem autocontrole, não conseguem realizar suas tarefas sozinhas, levam muito tempo para fazerem suas atividades e muitas vezes não conseguem terminar no ritmo da classe, além de serem pouco responsáveis. Santos (2006) afirma que esse modelo educacional reforça a imaturidade, o egoísmo, o individualismo e a busca do irreal.

O uso dos castigos corporais provoca efeitos indesejáveis, apenas elimina o comportamento inadequado e não conduz a interiorização de padrões de condutas, ensina a criança a mentir, a fugir, a dissimular, como formas de evitar a punição. O excesso de rigor faz

com que a criança não adquira autonomia para lidar com os desafios e se sinta desamparada cada vez que é colocada numa situação nova em que as regras não estão claramente estabelecidas. Cória-Sabini (2002).

Nestas famílias impera a lei da punição e por serem extremamente autoritárias e punitivas, os filhos provavelmente serão crianças mais desajustadas socialmente repercutindo nas suas relações escolares. Fernández (2005)

A imaturidade e desmotivação acompanharão a criança na sua jornada escolar, favorecendo a sua indisciplina na escola, e prejudicando o seu rendimento acadêmico. Em algumas crianças as características mais evidentes podem ser a submissão, insegurança, baixa autoestima, sentimento de inferioridade e opressão que também pode gerar dificuldades de relacionamento com colegas e professores. Salvador et al (1999) afirma que o estilo autoritário tende a fomentar nos filhos uma baixa autoestima e uma dependência excessiva, acompanhada de sentimentos de tristeza e de infelicidade.

As crianças que são tratadas por pais rígidos e autoritários, se tornam rapidamente vítimas de complexo de inferioridade em relação aos colegas, filhos de pais mais compreensivos. Também apresentam complexos de culpa, medo de serem castigadas, possuem permanentemente expectativas de fracasso, ou seja, pessimismo e sinais de rebeldia que é mais evidente na adolescência. Weil (1993) diz que os professores perspicazes podem identificar a atitude dos pais em casa, pela simples observação do comportamento do filho na escola. Portanto, se os filhos são “problemas” ou apresentam comportamentos considerados inadequados, é porque herdaram estas características e condutas de suas famílias.

White (2016b) fala sobre o autoritarismo e diz que as crianças que estiveram por tanto tempo sob regra de ferro, sem permissão de pensar e agir por si mesmas, que não tem confiança em si mesmas para procederem conforme seu próprio discernimento, tendo opinião própria, quando saem de sob a tutela dos pais, são facilmente levadas pelo discernimento de outros a direções errôneas, não tem estabilidade de caráter, não conseguem usar seu próprio juízo, dependem totalmente dos pais, são débeis na força mental e moral. Podemos notar claramente

que os filhos educados pelo autoritarismo vão ter problemas indisciplinados na escola, seja características que afetam o psicológico da criança ou que levam a atitudes comportamentais.

Os adolescentes, filhos de pais autoritários se mostram menos ajustados do que os que procedem de pais democráticos. No rendimento acadêmico, normalmente vão bem e é pouco provável que participem de atos antissociais. González (2007)

A tabela a seguir apresenta as características dos pais autoritários e o perfil dos filhos educados por este modelo:

Tabela 4. Perfil do aluno com pais autoritários

<b>Autores</b>	<b>Obra</b>	<b>Ano</b>	<b>Características dos Pais</b>	<b>Implicações na disciplina</b>
Weil	A criança, o lar e a escola. Guia prático de relações humanas e psicologia para pais e professores	1993	Pais rígidos e autoritários.	Complexo de inferioridade, de culpa, medo e rebeldia.
Van Pelt	Filhos Educando com sucesso: Como preparar os filhos para uma vida feliz e vitoriosa.	1998	Autoritarismo e controle total sobre os filhos.	Enfraquece a dignidade pessoal dos filhos e desenvolve poucos controles internos.
Salvador et al	Psicologia da Educação	1999	Excesso de autoritarismo.	Baixa autoestima, dependência excessiva, sentimentos de tristeza e infelicidade.
Cória-Sabini	Construindo valores humanos na escola.	2002	Excesso de rigor e punições.	Não conduz a interiorização de padrões de condutas, a criança aprende a mentir, fugir e dissimular para evitar a punição.
Fernandez	Prevenção da violência e solução de conflitos. O clima escolar como fator de qualidade	2005	Impera a lei da punição.	Crianças desajustadas socialmente e com problemas nas relações escolares.
Santos	Relacionamento familiar.	2006	Autoritários.	Imaturidade, egoísmo, individualismo e busca do irreal.
González	Psicología de la Educación y del Desarrollo en la edad escolar.	2007	Autoritários.	Pouco ajustados porém com poucas probabilidades de participarem de atos antissociais.
Chalita	Pedagogia da Amizade. Bullying: O sofrimento das vítimas e dos agressores	2008	Pais repressores e agressores	Filhos agressivos e rebeldes, personalidade insegura e instável e dificuldades de adaptação nos grupos.
White	Fundamentos da Educação Cristã.	2016b	Autoritarismo com regras de ferro.	Sem confiança em si mesmas, falta de opinião própria, não tem estabilidade de caráter e totalmente dependentes.

Percebemos nitidamente após a análise da tabela que apesar de cada autor apresentar diferentes comportamentos como resultado do autoritarismo, todos eles apresentam mais implicações negativas do que positivas no desenvolvimento da criança e do adolescente. Sendo assim, esse não pode ser um modelo educativo confiável e aplicável. Os pais precisam refletir mais sobre suas atitudes e a influência no comportamento de seus filhos.

### **1.2.2. Perfil do aluno com modelo de Pais Permissivos**

Os filhos educados por pais permissivos provavelmente refletirão às atitudes e comportamento dos pais, serão pouco responsáveis, desorientados nos afazeres, propensos à desorganização. Urra (2007), afirma que as crianças que os pais dizem sim a tudo o que desejam, acabam por pensar que não são importantes para seus pais, e convertem-se em pequenos tiranos e com o tempo converter-se-ão em grandes tiranos. E se os pais não impõem limites aos seus filhos, eles se comportam como desejam, sobretudo agressivamente.

Na escola, essas serão as atitudes que refletirão no seu dia-a-dia e afetarão o seu rendimento escolar. Terão dificuldades em se adaptar as regras da escola, pois em casa não há regras e quando há, não são respeitadas ou até mesmo negociadas. Além disso, outros comportamentos desencadearão na socialização da criança, porque geralmente esses filhos apresentarão características de instabilidade emotiva, irritabilidade, falta de concentração, afetando diretamente o relacionamento com os colegas e também com o professor.

A personalidade dessas crianças geralmente é voltada para o eu, para si mesma, egoístas, daí surgem as dificuldades de se trabalhar em grupo, dividir ou emprestar materiais e quando é preciso vivenciar essas situações, a confusão está feita, vem as brigas, os choros e em alguns casos, a criança simplesmente se recusa a se juntar com os demais. Por outro lado, pode acontecer que se a permissividade no lar for afetuosa, os pais sendo afetivos, as crianças tenderão a serem socialmente abertas, independentes, criativas e persistentes como afirma Kuzma (2004).

A indulgência familiar faz com que os adolescentes estejam menos implicados na aprendizagem escolar e tem certa tendência a despreocupar-se de tudo, inclusive podem chegar a certo tipo de inadaptação e/ou conflito. González (2007).

Hoje se tem falado muito sobre dar liberdade aos alunos, deixar que escolham o que querem fazer, e como fazer. Tem-se dado muita autonomia a eles. Isso é interessante e bom para a criança, porém isso deve ser feito da maneira correta. Weil, (1993) diz que não se pode confundir educação moderna com anarquia e *Laissez-faire*. É preciso captar o interesse da criança para que ela aprenda melhor e que haja maturidade suficiente para ensinar determinado conteúdo para qual ela não esteja preparada.

*“ Se a criança não recebe disciplina em casa e na escola, acaba por se impor a toda a gente”* . (Urta, 2007: 106).

Como resultado da permissividade dos pais, os filhos “pintam e bordam” sobre suas cabeças e desde muito cedo as crianças se habitua a fazer tudo o que querem e impõem-se, de forma autoritária e tirana, perante os pais sobrecarregados e exaustos. Resultam em filhos egocêntricos, sem qualquer noção de limites, totalmente despreparados para enfrentar os desafios e obstáculo inerentes à própria vida. Podem se tornar filhos viciados em substâncias químicas ou em comportamentos que lhes garantam prazer imediato e inconsequente. Silva (2010).

A permissividade também pode ser definida como passividade, que leva a omissão e indiferença, conforme explica Chalita (2008), a indiferença dos pais pode se converter em rejeição e os filhos reproduzem em suas relações com os colegas aquilo que aprenderam em casa. Costumam ser crianças tristes que fogem da convivência com outras, nesse caso, faltou o afeto na dinâmica da família. Salvador et al (1999) refere que os filhos de pais permissivos costumam ter baixa autoestima e pouco controle sobre si próprio, além de uma certa imaturidade.

Portanto, cada criança reagirá de uma forma, isso varia de acordo com a educação, conforme a personalidade da criança, a maneira como ela é tratada em casa, seu afetivo pode ser estável ou não, não existe uma regra para todos. Pode ocorrer que os pais sejam permissivos, mas não em todos os aspectos, alterando assim alguns possíveis comportamentos da criança. Porém

as características anteriormente apresentadas são as mais prováveis de acontecer e consequentemente refletirão na interação escolar da criança.

Na seguinte tabela, vemos as principais características dos pais permissivos e o perfil do filho educado por este modelo:

Tabela 5. Perfil do aluno com pais permissivos

<b>Autores</b>	<b>Obra</b>	<b>Ano</b>	<b>Características dos Pais</b>	<b>Implicações na disciplina</b>
Salvador Et Al	Psicologia da Educação	1999	Pais permissivos	Baixa autoestima, pouco controle sobre si próprio e imaturidade.
Kuzma	Obediencia fácil – Enseñar a los niños autodisciplina con amor	2004	Permissivos e afetuosos.	Crianças socialmente abertas, independentes, criativas e persistentes.
Urra	O Pequeno Ditador. Da criança mimada ao adolescente Agressivo.	2007	Os pais dizem sim a tudo e não impõem limites	Pensam que não são importantes para os pais, se comportam como desejam e se tornam tiranos.
González	Psicología de la Educación y del Desarrollo en la edad escolar.	2007	Pais indulgentes	Adolescentes menos implicados na escola com tendência a serem despreocupados.
Chalita	Pedagogia da Amizade. Bullying: O sofrimento das vítimas e dos agressores	2008	Permissividade com passividade, omissão e indiferença e falta de afeto.	Crianças tristes e que fogem da convivência com outras.
Silva	Bullying: Mentis perigosas nas escolas	2010	Pais tolerantes, cedem a praticamente todas as vontades dos filhos, fingem que nada aconteceu.	Filhos egocêntricos, sem qualquer noção de limites e despreparados para enfrentar os desafios da vida.

Atualmente, grande parte das famílias utiliza-se do estilo permissivo na educação de seus filhos, pois normalmente são pais ausentes que procuram compensar a ausência permitindo que os filhos façam o que querem e como querem. A não imposição de limites e a educação omissa trazem graves prejuízos para o desenvolvimento futuro dos filhos, que crescem sem saber para onde ir e que decisões tomar na sua vida.

### **1.2.3. Perfil do aluno com modelo de pais democráticos.**

O ambiente de diálogo promovido pelos pais democráticos traz estímulos positivos aos filhos, ensinando-os a defenderem seus pontos de vistas, serem críticos, terem mais autonomia. Essas crianças tendem a crescer com essas características e isso no futuro ajudará na estabilidade da fase da adolescência, bem como na sua vida adulta.

O estilo de pais democráticos é o que tem um impacto mais positivo no desenvolvimento dos filhos, que tendem a dispor de uma elevada autoestima, que os ajuda a afrontar novas situações com confiança e iniciativa. O recurso de seus pais à explicação e a reflexão sobre as normas e pautas de conduta ajuda-os a enfrentar decisões de critério e juízo moral e podem aprender a regular e controlar a própria conduta. Salvador et al (1999).

Num estudo sobre estilos parentais, Diana Baumrind, comprovou que os pais que sabem exercer a autoridade têm maior probabilidade de facilitar o desenvolvimento da competência e a confiança própria nas crianças pequenas porque dão importância a conduta responsável, orientada e independente. Herbert (1992). Os Estudos confirmaram também que a autoconfiança, independência, o autocontrole, a curiosidade e a satisfação, eram aspectos presentes em maior grau nas crianças oriundas de famílias autorizadas. Os pais favorecem um ambiente que proporciona aprendizagem, aquisição de maturidade cognitiva e emocional. Os filhos são menos susceptíveis à adoção de novos valores e abertos a uma reanálise das suas crenças. Os filhos, de ambos os sexos, não só queriam ser como os pais, como tinham tendência a escutar os seus conselhos na escolha dos amigos. Sprinthal e Collins (2003).

Em outro estudo de Baumrind foi constatado que os filhos de pais democráticos se caracterizavam por mostrar em maior medida condutas responsáveis e por estar mais orientados em relação à independência e a realização. Ela define os estilos parentais em função da combinação de dois fatores gerais que denomina “exigência” e “sensibilidade-receptividade”. O estilo democrático se define por pontuações elevadas em ambos os fatores. O indulgente (permissivo) por baixa exigência e alta sensibilidade-receptividade, o autoritário por alta exigência e baixa sensibilidade-receptividade. Iglesias e Romero (2009).



Os pais autoritativos (democráticos) são os que têm mais probabilidades de ter crianças bem adaptadas, essas crianças, nos estudos realizados, apresentavam as pontuações mais altas em autoestima e eram as menos envolvidas em condutas antissociais, drogas e promiscuidade. Kuzma (2004). Os adolescentes que procedem desses tipos de lares, têm elevada autoestima, maturidade social, moral e boas conquistas acadêmicas. González (2007).

O estilo democrático assegura a autoridade dos pais e a liberdade dos filhos. O clima de diálogo favorece para solucionar as dificuldades e incertezas dos filhos, inspira a confiança, confere franqueza para expor as próprias opiniões, oferece a possibilidade de intuir as necessidades e o estado de ânimo da criança, infunde confiança nos adolescentes, consolida o vínculo familiar e favorece um companheirismo sadio entre pais e filho ensina a respeitar-se e a ter em conta as próprias responsabilidades. O sistema democrático favorece o envolvimento dos filhos nas atividades que empreendem e nas perspectivas que alimentam. Cultiva uma atmosfera de solidariedade e amizade, integração no lar e participação efetiva. Ajuda no amadurecimento emocional e social dos filhos, independência de pensamento, juízo e ação. Os pais buscam consolidar gradualmente o sentimento de autonomia e de responsabilidade a partir da experiência, capacidade, inclinações da criança e ambiente em que vive. Galli (1976).

Os filhos de pais que utilizam métodos explicativos de disciplina tendem a possuir um mais alto grau de desenvolvimento moral. A confiança mútua torna a criança responsável e envolve-a nas decisões da família, influencia de forma evidente e direta a maneira como são encarados os papéis da criança no seio da família, proporciona muitas experiências de tomada de responsabilidades, de reciprocidade e facilita uma crescente autonomia. Wall (1983).

A educação dada pelos pais democráticos procura desenvolver na criança o senso de responsabilidade, confiando-lhes pequenas tarefas e fazendo com que ela queira o que ela faz e não faça o que quer. Weil (1993). Esse tipo de educação procura orientar a criança para que acabe uma tarefa começada, para que saiba utilizar convenientemente sua liberdade. Resulta a educação democrática de equilíbrio entre a tolerância, a compreensão e a firmeza de propósitos.

Um estudo realizado pelo psiquiatra Michael Rutter com cerca de 2000 famílias britânicas, que em quase todas mencionavam condutas indesejáveis em seus filhos, diz que a conduta dos filhos variava entre agressivos, perturbadores, submissos e dóceis. Concluiu-se que qualquer direção que tomem estes problemas, resultado de uma disciplina defeituosa, estas crianças, quer sejam excessivamente enérgicas ou demasiadas dóceis, mui poucas vezes serão felizes. Herbert (1992)

Outro estudo realizado por Torío, Peña e Inda (2008), intitulado “Estilos de educação familiar”, buscou analisar as tendências de comportamento paternas na educação dos filhos, foi realizado nas Astúrias, Espanha com 2.965 famílias que tem filhos entre 5 e 8 anos. Foi aplicado um questionário com 45 perguntas abrangendo vários aspectos, porém o trabalho foi centrado na parte do questionário que aborda as tendências de atitudes educativas e do comportamento que as famílias utilizam no processo educativo dos filhos. Os resultados mostraram que a maioria dos pais não têm um estilo educacional definido e que realizam um processo de compensação empregando uma carga afetiva muito grande, porém tem uma vocação democrática, combinada com uma prática permissiva e, em determinadas áreas são autoritários.

O ambiente participativo, que é característica do estilo democrático, tem grandes chances de propiciar equilíbrio, é um espaço capaz de encorajar e favorecer o desenvolvimento e a manifestação de diferentes talentos e habilidades, os filhos exercitam a liberdade, autonomia, a escolha, a participação nas conversas e nas tomadas de decisão, de acordo com a maturidade de cada um. As chances de os filhos terem um bom convívio social fora de casa são muito maiores. Chalita (2008).

Tanto o extremo de autoritarismo, como o extremo de permissividade não são bons para a criança, deve haver um estilo educacional equilibrado e coerente, que haja disciplina e afeto para que resulte. Há muitos pontos em comum na visão e nos estudos dos diferentes autores, mas como podemos notar, esse estilo democrático de educação dos filhos é o que oferece maiores probabilidades de resultar numa educação eficaz. Vale lembrar que em cada um dos vários modelos educacionais existem características que são boas e outras não, porém o equilíbrio é muito mais notável no modelo democrático.

A seguinte tabela mostra as principais características dos pais democráticos e o perfil dos filhos educados por este modelo:

Tabela 6. Perfil do aluno com modelos de pais democráticos

<b>Autores</b>	<b>Obra</b>	<b>Ano</b>	<b>Características dos Pais</b>	<b>Implicações na disciplina</b>
Galli	La pedagogia familiar hoy.	1976	Pais afetivos, favorecem o diálogo na família, companheiros dos filhos, envolvem os filhos nas atividades da família.	Menos incertezas, confiança, franqueza para expor suas opiniões, confiança, companheirismo entre pais e filhos, respeito, responsabilidade, participação efetiva no lar, amadurecimento social e emocional, independência e autonomia.
Wall	Educação Construtiva para Adolescentes	1983	Métodos explicativos de disciplina, confiança mútua, envolvem os filhos nas decisões da família.	Alto grau de desenvolvimento moral, confiança mútua, responsável, crescente autonomia.
Weill	A criança, o lar e a escola. Guia prático de relações humanas e psicologia para pais e professores.	1993	Confiam pequenas tarefas aos filhos, orientam as tarefas e a usar conveniente a liberdade, equilíbrio entre a tolerância, compreensão e firmeza de propósitos.	Desenvolve o senso de responsabilidade, acaba sempre as tarefas começadas, sábio uso da liberdade, compreensão e firmeza de propósitos.
Sprinthal e Collins	Psicologia do Adolescente – Uma abordagem desenvolvimentista.	2003	Favorecem um ambiente que proporciona a aprendizagem e a aquisição de maturidade cognitiva e emocional.	Autoconfiança, independência, autocontrole, curiosidade e satisfação. Menos susceptíveis à adoção de novos valores e aberto a reanálises de novas crenças.
Kuzma	Obediencia fácil – Enseñar a los niños autodisciplina com amor.	2004	Pais autoritativos (democráticos).	Crianças bem adaptadas, melhor autoestima e menos envolvidas em condutas sociais, drogas e promiscuidade.
González	Psicología de la Educación y del Desarrollo en la edad escolar.	2007	Estabelecem limites razoáveis, com carinho e afeto. Escutam os filhos.	Adolescentes com elevada autoestima, maturidade social, moral e boas conquistas acadêmicas.
Chalita	Pedagogia da Amizade. Bullying: O sofrimento das vítimas e dos agressores	2008	Ambiente participativo, propiciam equilíbrio, encorajam e favorecem o desenvolvimento de talentos e habilidades.	Liberdade, autonomia, a escolha, participação nas conversas e decisões da família, mais chance de terem bom convívio social.

Depois da análise de opinião dos vários autores, concluímos que o estilo democrático de educação é o que traz mais vantagens e benefícios no desenvolvimento e comportamento dos filhos. Isso se dá, por ser um estilo equilibrado e coerente onde os pais estão realmente preocupados em formar filhos independentes, autônomos, com elevado senso crítico, capaz de

tomar decisões conscientes e mais preparados para enfrentar os desafios da vida, portanto, esse é o estilo que as famílias deveriam usar na educação de seus filhos.

Após a revisão da literatura sobre os estilos parentais e suas implicações nos problemas de comportamento dos filhos, apresentaremos uma tabela comparativa, resumindo as principais características dos três modelos educativos e do provável perfil dos filhos que são educados em cada modelo. Assim, temos uma visão mais ampla dos efeitos e implicações que cada estilo tem no comportamento dos filhos.

Tabela 7. Comparação Pais e Filhos

<b>Modelos de Pais</b>	<b>Características dos Pais</b>	<b>Perfil dos Filhos</b>
<b>Modelo Autoritário</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Disciplina rígida, frieza, falta de amor, controle total sobre os filhos;</li> <li>-Excesso de autoridade, comando;</li> <li>-Demasiadas restrições;</li> <li>-Usam medidas punitivas e violentas;</li> <li>-Ambiente familiar frio e pobre, não há interação entre os membros da família;</li> <li>-Pais sisudos, fechados (ditatoriais)</li> <li>-Desprezam os filhos e se afastam deles.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Dignidade pessoal enfraquecida, submissão, baixa autoestima, poucos controles internos, infantilismo, imaturidade, desmotivação, complexo de culpa, sentimento de inferioridade, dificuldades nos relacionamentos, medo, pessimismo, timidez, inibição, pouco responsáveis, insegurança.</li> <li>-Sinais de rebeldia, caráter instável, dificuldades em tomar decisões, dependência, atitudes violentas.</li> </ul>
<b>Modelo Permissivo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ausência de autoridade, falta de limites, tolerância, falta de liderança;</li> <li>- Excesso de liberdade aos filhos;</li> <li>- Fazem poucas exigências;</li> <li>- Não utilizam força e poder;</li> <li>- Permitem que os filhos tomem decisões sozinhos, mesmo quando não estão capacitados para isto.</li> <li>- Podem ser afetivos ou não.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dominam os pais;</li> <li>- Demonstram pouco respeito;</li> <li>- Não valorizam o que os pais lhes proporcionam;</li> <li>- Pouco responsáveis, desorientados nos afazeres, propensos a desorganização, irritabilidade;</li> <li>- Dificuldade em se adaptar às regras;</li> <li>- Egocêntricos, egoístas;</li> <li>- Instáveis emocionalmente.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Educação fundamentada no equilíbrio, coerência e sensatez;</li> <li>- São afetuosos, companheiros e educam com amor;</li> <li>- Ambiente familiar caloroso e de aceitação;</li> <li>- Visam o bem-estar físico e emocional dos filhos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Competência, autoconfiança, autoestima elevada;</li> <li>- Respeito, responsabilidade;</li> <li>- Integram-se e participam das atividades do lar;</li> <li>- Se envolvem nas decisões da família;</li> <li>- Escutam os conselhos dos</li> </ul>

<b>Modelo Democrático</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diálogo, respeito mútuo;</li> <li>- Autoridade e controles firmes, porém moderados;</li> <li>- Transmitem segurança;</li> <li>- Fixam modelos e critérios para a conduta dos filhos;</li> <li>- Usam a razão e o poder.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>pais;</li> <li>- Independência de pensamento;</li> <li>- Maturidade emocional e social;</li> <li>- Aquisição de maturidade cognitiva;</li> <li>- Sábio uso da liberdade;</li> <li>- Satisfação, curiosidade;</li> <li>- Menos susceptíveis a adoção de novos valores.</li> </ul>
---------------------------	---	---

Na comparação entre os estilos educativos percebemos características bastante negativas nas atitudes e comportamento dos pais nos estilos autoritário e permissivo e conseqüentemente, as implicações no perfil dos filhos são na sua maioria negativas. Já no modelo democrático, as características dos pais são positivas, trazendo maiores probabilidades de desenvolvimento positivo no comportamento dos filhos.

No decorrer desse capítulo, procuramos relacionar o papel da família e os modelos educativos com a conduta dos filhos na visão de diferentes autores. Começamos por analisar as famílias autoritárias, com suas características de imposição, punição e excesso de poder, onde os pais pretendem que os filhos obedeçam por medo e não por fazer o que é certo. O resultado é que os filhos crescem desmotivados, tímidos, com complexo de culpa e de inferioridade, rebeldes e inseguros.

Seguidamente analisamos o modelo de educação permissiva, onde poucas ou nenhuma regras são impostas aos filhos, um estilo que permite aos filhos governarem o lar e fazerem o que querem, tomar decisões sozinhos, ainda que não estejam capacitados para isso. Os resultados são bastante desastrosos, pois os filhos crescem sem limites e sem referências, com pouca autonomia e responsabilidade e na vida adulta podem ter muitas dificuldades em gerir seus problemas e desafios.

Finalmente vimos o modelo de famílias democráticas, onde os pais procuram desenvolver uma educação baseada no amor, nas regras e na disciplina, uma combinação de afeto com autoridade, que resultam em filhos mais preparados, responsáveis e mais seguros de si.

Em uma breve descrição, o estilo autoritário é aquele cujos pais esperam obediência e usam mais a força, buscando a autoridade, sem encorajar o diálogo e a autonomia. Filhos criados sob este padrão costumam apresentar poucos problemas de comportamento e alto desempenho acadêmico, mas menor autoestima, medo e frustração, maior ansiedade e depressão e insegurança nas interações sociais. No estilo autoritativo (democrático), com exigência e responsividade altas, os pais não dão razões para restrições impostas e favorecem o diálogo, encorajando a autonomia e sendo responsivos. Crianças criadas neste padrão têm melhor desempenho do que as criadas sob os outros padrões, motivação para a realização, competência social, maior autoestima e poucos problemas de internalização e comportamento. Já no estilo indulgente (permissivo) caracteriza-se pela tolerância, pelo afeto e baixo controle. Os pais são complacentes, raramente fazem exigências ou aplicam punições. Filhos criados neste padrão costumam ter boa autoestima e bem-estar psicológico, mas maior imaturidade, pouco envolvimento escolar, agressividade e problemas de comportamento. Hutz e Bardagir (2006).

Práticas educativas parentais ineficazes podem ser consideradas, portanto, como um dos fatores que desencadeiam e mantêm o comportamento agressivo das crianças, sobretudo naqueles casos em que o relacionamento parental é caracterizado por um pobre apego. A falta de calor e carinho na interação dos pais com a criança pode desencadear sentimentos de insegurança, vulnerabilidade e eventual hostilidade em relacionamentos sociais. Barbosa et al (2011).

De uma maneira geral, as pesquisas mostram que os estilos parentais estão relacionados a diversos aspectos do desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes, tais como autoestima, ajustamento social, psicopatologia e desempenho escolar. Teixeira e Lopes (2005). Concluimos que tanto um extremo de autoritarismo como o outro extremo de permissividade causa desordem no desenvolvimento das crianças e adolescentes. Para que a educação seja eficaz é preciso balancear entre os estilos, aplicar uma disciplina equilibrada e coerente e acima de tudo educar com amor, sem receios de corrigir quando for necessário.



## Capítulo II

### 2. DISCIPLINA E CONVIVÊNCIA NA ESCOLA.

A sociedade atual está vivendo uma crise de valores, cada dia mais presenciamos a olho nu cenas que nos causam pânico e terror. A violência está se intensificando, os valores da humanidade estão invertidos, o que impera é a lei do mais forte. As perspectivas são as mais negativas possíveis, pois não há sinais de melhora, muito pelo contrário, o ser humano está se tornando escravo de suas escolhas e de suas atitudes. Dentro desse contexto tão desestruturado, se encontra a escola, que por sua vez tem a difícil tarefa de educar, de inculcar valores e de proporcionar melhores perspectivas para a humanidade. Será possível reverter esse quadro ou pelo menos amenizar a situação?

As transformações sociais, políticas, econômicas e culturais do mundo contemporâneo afetam os sistemas educacionais e os de ensino. A globalização dos mercados, a revolução na informática e nas comunicações, entre outros, são alguns ingredientes que obrigam as nações a construir um sistema mundializado de economia e nesse contexto, a educação precisa se reciclar para assumir seu papel como agente de mudanças, geradora de conhecimento, formadora de sujeitos capacitados a intervir e a atuar na sociedade de forma crítica e criativa. Libâneo (2010).

Se o que vivemos nas escolas é o reflexo de um momento social violento e desumano, então podemos tentar começar a mudar o contexto social em que estamos mais próximos do aluno, que é a escola, a sala de aula, transformando-a num ambiente harmônico e equilibrado a fim de que o estudante tenha um novo referencial de conduta humana. A escola habilita o indivíduo a resolver a maioria dos desafios que encontrará ao longo do caminho que vai percorrer até atingir a maturidade. Cória-Sabini e Oliveira (2002).

Encontramos no relatório da 46ª Conferência Internacional de Educação da UNESCO, uma citação alusiva à educação para a cidadania onde Hervé Hasquin afirma: “ *A escola é o primeiro espaço onde se desenrola a aprendizagem da solidariedade e dos direitos e deveres que*



*ligam cada indivíduo aos outros. Apesar de não ser possível decretá-la, a cidadania pode ser suscitada”.*(UNESCO, 2003: 53)

De todas as instituições formais com que as crianças vão encontrando ao longo de suas vidas fora de casa, poucas tem tantas oportunidades de influenciar em seu desenvolvimento como as escolas que elas frequentam. Sendo assim, é apropriado pensar na escola como um agente de socialização que é provável que afete o desenvolvimento social e emocional das crianças além de proporcionar conhecimentos e de contribuir para a preparação dos estudantes para uma profissão e sua autossuficiência econômica. Shaffer (2002)

A escola cumpre o papel de preparar as crianças para viverem no mundo adulto, elas aprendem a trabalhar, a assimilar as regras sociais, os conhecimentos básicos, os valores morais coletivos e os modelos de comportamento considerados adequados para a sociedade, estabelecendo assim uma mediação entre a criança e a sociedade. Porém, esta é uma tarefa que, tem sido cada vez mais difícil de realizar com sucesso, pois os alunos chegam à escola com comportamentos que são reflexos da sociedade em que vivem, alterando assim as práticas docentes e o contexto escolar. Bock, Furtado e Teixeira (2009).

A escola é um sistema que tem uma pauta de desempenho socialmente definida e historicamente situada. O desempenho adequado e competente dessa tarefa é que estabelece e constitui sua importância e função social. Parolin (2005). O papel da escola é bastante amplo diante do quadro atual da sociedade, ela tem a função de transmitir conhecimentos, de socialização, de preparação do indivíduo para o mundo e ajudar a melhorar a convivência entre as pessoas.

É indiscutível o índice de agressividade e violência que se constata nas salas de aula, provocando transtornos na aprendizagem, repetência e um grande desconforto nos professores, como ainda em toda a comunidade educativa. A escola absorve toda a carga cultural que o aluno traz do seu ambiente familiar e não pode adotar uma atitude passiva, ficando somente pela observação dos fatos. Ela deve constituir-se como um dos instrumentos e o eixo principal na aprovação de uma nova perspectiva de prevenção e regressão dos elevados índices de repetência

e abandono escolar que causam descontentamento e desvalorização do sujeito, dando origem a agressividade e a violência dentro e fora do espaço escolar. Paiva (2009).

### **2.1. Disciplina e escola**

Um dos grandes problemas enfrentados nas escolas é a disciplina ou a indisciplina. Quando se fala em indisciplina escolar, os professores tremem, porque este tem sido um mal que cada dia aumenta e cada vez mais a escola e professores perdem o controle sobre os alunos, qualquer que seja a faixa etária, pois desde os primeiros anos escolares até o ensino médio, existe o problema disciplinar, somente havendo variação de intensidade em determinadas fases e em alguns casos, atinge até o ensino superior. Boarini (2013) comenta que a indisciplina é um problema generalizado do primeiro ciclo à universidade, referindo que se pode pensar que é um problema dos países de Terceiro mundo, porém educadores de Portugal, reconhecido como primeiro mundo, também afirmam isso.

A palavra disciplina origina-se da palavra discípulo, que significa: instruir, ensinar, direcionar, educar, treinar; ou seja, disciplinar é educar. Educar e treinar para ser um “discípulo”, dá a necessidade de bons modelos. Para que a criança tenha autodisciplina, é preciso que seus pais e educadores trabalhem passo a passo até atingir o alvo; cada ação da criança deve ser observada e corrigida, se for o caso, para que ela desenvolva um comportamento responsável e adquira o domínio de si mesma.

A disciplina, em seu sentido original, traduz a ideia de um caminho a ser percorrido ao longo do processo educacional e do grau de comprometimento que deve existir entre os agentes escolares. A disciplina está intimamente ligada a capacidade de ter controle sobre si mesmo, a forma de ajustar a conduta individual às atividades e trabalhos coletivos, promovendo a convivência na vida escolar. Em momento algum deve referir-se a um poder de autoridade, que promove um sistema de castigos ou sanções que são aplicadas àqueles que não desenvolvem as atividades escolares em silêncio, ou seja, são punidos por sua conduta negativa. Sganzella (2012)

A disciplina é imprescindível para o desenvolvimento de qualquer atividade, seja individual ou em grupo. Desenvolvida isoladamente ou em grupo, toda atividade, de qualquer natureza, exige ordem para chegar a bom termo. Boarini (2013). A disciplina é um dos pilares para consolidar a sociabilidade, e é base fundamental para a formação e organização de toda e qualquer pessoa, estrutura, família, grupo e sociedade, disciplina não é obediência cega às regras, mas um aprendizado ético. A disciplina aliada à ética gera confiança mútua nas pessoas. Tiba (2009).

A indisciplina, como qualquer outro tipo de comportamento, aparece num contexto em que o indivíduo responde de forma indisciplinada a uma situação, ou seja, à sua interpretação do acontecimento. Uma parte considerável de alunos interpreta as situações escolares como sendo muito complicadas para suas capacidades, admitem não serem capazes de finalizar determinada tarefa e, desta forma, evitam concretizá-la, conduzindo, com frequência, à desobediência às propostas do professor. Tais alunos são detentores de um autoconceito muito negativo que deteriora sua relação com os outros, com a escola e consigo mesmos, outros interpretam como sendo inferiores aos demais. Paiva (2009). Todos estes comportamentos levam a atitudes indisciplinadas e ampliam o problema da indisciplina na escola.

Essa problemática da indisciplina não é atual, a escola sempre teve que lidar com isso, porque desde que há escola, há indisciplina, porém cada vez mais esse mal tem sido agravado e se tornado em um dos maiores problemas para as escolas e professores. Podemos nos questionar o porquê de tal agravamento. A resposta está patente aos nossos olhos, pois a escola é o reflexo da sociedade e da família. “ *A escola é o reflexo da sociedade. A sua acção produz-se fatalmente ligadas às próprias modificações que se sucedem nas colectividades humanas. Enquanto agrupamento social é previsível que se encontrem na escola os problemas dessa mesma sociedade*”. (Lima e Haglund, citado por Dias, 1999: 34).

Além do reflexo da sociedade, sabemos que muitas outras causas estão implícitas no problema da disciplina escolar. Silva (2004) apresenta algumas causas da indisciplina na visão dos professores:

1. *Deve-se ao fato de o aluno ser muito inteligente:* Por esse motivo eles acabam sendo muito mais rápidos que os demais e em consequência, ficam sem fazer nada, por um longo tempo, perturbando os outros, levantando-se do lugar e procurando conversar com os colegas em momentos inapropriados.
2. *Deve-se ao fato de os conteúdos ministrados estarem aquém da capacidade dos aprendizes:* O aluno manifesta atitudes indisciplinadas devido os conteúdos ministrados estarem abaixo do seu nível de desenvolvimento e aprendizado, logo, não teriam motivo para prestar atenção na aula, pois já dominam a matéria ensinada, ficam desmotivados e atrapalham a aula.
3. *Deve-se ao fato de os conteúdos ministrados estarem acima do nível de desenvolvimento e aprendizagem do aluno:* sem entender o conteúdo e sem saber o que estão fazendo na escola, acabam apresentando atitudes indisciplinadas.

Além disso, o autor salienta que as principais causas da indisciplina e violência nas escolas são em grande medida produzidas pela injustiça, pela falta de respeito mútuo, pela mesquinhez e pela ausência de diálogo.

## **2.2. A convivência nas escolas**

A escola é o lugar, por excelência, de transmissão de valores e conhecimentos, de saberes, de competências, de normas e padrões comportamentais, desempenhando, por isso, um papel determinante no processo de socialização e aprendizagem das nossas crianças e jovens. A sociedade atual vive um processo de grandes transformações tecnológicas, econômicas, políticas, sociais, culturais, que vem sendo desencadeada pelo processo de globalização. Inserida nessa sociedade se encontra a escola que tem como tarefa educar nossos alunos para uma boa convivência.

A escola é um meio de interação social, e o acesso a ela deve ser direito de todas as crianças. Segundo Durkheim, citado por Dias (1999), a escola socializa os indivíduos no sentido de lhes proporcionar a sua devida integração na sociedade. Ou seja, a escola é um meio de preparar e integrar o aluno na sociedade. O aluno é integrado à comunidade escolar para que desenvolva suas habilidades sociais e interativas, para tanto, a escola deve proporcionar meios pelos quais isso ocorra de fato, além de um currículo de bom nível, é preciso trabalhar valores que contribuem para essa inserção social e para a formação de atitudes que estejam de acordo com a moral e a cultura de tal sociedade.

A escola é o cenário onde se leva a cabo a construção do conhecimento e se atribuem significado às coisas, tendo em vista que a aprendizagem é um processo ativo por parte do aluno que elabora ou reelabora tais conhecimentos e significados previamente construídos a nível social. É assim que se vão acumulando o saber, histórica e socialmente elaborado, que constitui a herança social de um determinado grupo social.

O que a escola proporciona para os alunos é diferente do que os outros ambientes sociais oferecem. Wallon afirma que a escola proporciona à criança a possibilidade de estabelecer relações diversificadas, de conviver num ambiente menos estruturado e estável do que o da família, proporciona a participação em grupos, cuja integração inclui seguir regras, assumir tarefas e reconhecer suas capacidades e respeito por si e pelos outros, portanto a escola tem um papel na formação do indivíduo. Cória-Sabini e Oliveira (2002).

Existe uma tendência generalizada e progressiva a considerar que a escola deve resolver grande parte dos problemas dos cidadãos que a frequenta e que qualquer problema de um aluno é incumbência da escola e que deve ser resolvido por ela, porém Gotzens (2003) discorda disso, pois a escola constitui um dos microcosmos que os alunos habitam que é altamente significativo e valioso, mas existem outros como a família, vizinhança, etc., que também contam em sua vida, se a escola for responsável por tudo quanto afeta o aluno, estaremos superdimensionando suas possibilidades de atuação reais, tornando-a ineficaz.

Dentro desse cenário escolar, os atores são muitos: professores, alunos, outros profissionais da educação e servidores em geral, além dos pais que também participam, ainda que indiretamente da escola em que seus filhos estudam. Nesse ambiente, a boa convivência é um dos grandes desafios, pois existem pessoas interagindo o tempo todo e cada pessoa tem sua cultura, sua personalidade e seus objetivos a cumprir. E se tratando de escola, onde se educa, aumenta ainda mais a necessidade e a responsabilidade de uma boa convivência entre as pessoas.

### **2.3. Normas e regras a cumprir**

Para que o ambiente escolar e o ambiente da sala de aula sejam propícios à aprendizagem, e para que a escola cumpra seu papel, é preciso que haja ordem e disciplina, pois sem esses dois elementos a escola se torna um caos e jamais consegue atingir seus objetivos. A escola tem que ter muito bem definido seus objetivos e valores, para que possa elaborar um método disciplinar coerente que envolva toda a comunidade escolar, porque se assim não for, o professor sozinho não conseguirá a disciplina em classe, pode até ser que um ou outro professor isoladamente consiga ter uma classe disciplinada, mas se não houver todo um programa que parta da direção da escola e que envolva a todos, professores, funcionários e alunos, não funcionará. Picado (2009) diz que na escola existe um sistema de regras que contribuem para determinar o comportamento das crianças e o conjunto desses deveres constitui aquilo que chamamos de disciplina escolar.

O conjunto de normas e procedimentos mediante os quais se pretende manter a ordem na escola e na sala de aula é denominado disciplina, segundo Gotzens (2003) e deve ser conhecido por todos os membros da comunidade escolar. Esse é um tema diverso e tem o compromisso de assegurar a funcionalidade da situação de ensino. É preciso comunicar ao aluno para assegurar seu conhecimento, compreensão e as implicações de colocar isso em prática.

A sala de aula é uma comunidade, e nela deve haver regras e sanções. É importante que todos os membros dessa comunidade discutam e estabeleçam entre si um contrato através do

qual deixa de existir “o que manda” e “quem obedece”, mas os membros signatários desse contrato. Quando toda a classe é levada a perceber que as regras podem ser solidariamente construídas, a questão disciplinar torna-se mais fácil e o diálogo interpessoal uma realidade mais transparente. Antunes (2005).

Uma sala de aula é uma microsociedade completa de cidadãos-alunos com necessidades e interesses concorrentes. Portanto, regras, rotinas, regulamentos e procedimentos é uma parte fundamental da infraestrutura da sala de aula. Armstrong (2001). O grupo escolar e cada uma de suas salas de aula são conjuntos de pessoas cujas atitudes e ações afetam, em maior ou menor grau, os demais membros, gerando assim o que se conhece por dinâmica da sala de aula. O professor precisa estabelecer mecanismos para que a convivência na sala de aula seja factível e haja equilíbrio. Gotzens (2003)

A indisciplina está relacionada ao não cumprimento de regras postas pela escola como necessárias ao seu bom funcionamento, é algo se que se configura de formas muito diferentes, mas sempre se refere às regras postas pelos professores e agentes educacionais e diz respeito às condutas que eles acreditam que os alunos devem ter na escola. Bock, furtado e Teixeira (2009).

A falta de regras em uma escola pode ser considerada causa do complexo problema da indisciplina. Em um estudo feito por Gomes, Silva e Silva, (2010) em Portugal, foi constatado que existe um consenso entre os professores sobre a inexistência de regras uniformes, sendo que 75% das professoras e 60% dos professores entendem essa variável como causa da indisciplina.

As regras são fundamentais em classe, mas como devem ser elaboradas e aplicadas?

*A não existência dessas regras origina situações de grande ambiguidade em que alunos e professores, não dominando o terreno, tendem, os primeiros a experimentar quais são os limites do permitido e os segundos a adotarem atitudes dispersas, um pouco ao sabor das circunstâncias e das idiossincrasias de cada um. Por isso, para que a situação não degenera, é útil que, logo nas primeiras aulas, sejam estabelecidas as normas reguladoras da situação pedagógica. (Carita e Fernandes, 1997: 78).*

É fundamental a participação dos alunos na elaboração das regras da sala de aula, não nas regras que regem a escola, pois estas dependem da filosofia educacional de cada instituição. Se

os alunos participam ativamente dessa construção, a probabilidade de cumprirem, de dialogar e negociar com o professor é muito maior. Perrenoud (2000) afirma que o professor aberto a negociações, não abandona seu status e nem suas responsabilidades de adulto e mestre, por isso, faz tudo o que pode para que o grupo assuma, de maneira responsável, uma parte da definição das regras e das decisões coletivas e se o grupo não “entra no jogo”, ele retoma cedo ou tarde o poder que a instituição delegou-lhe e atua de maneira tradicional. Podemos notar claramente que se o professor envolver a turma na elaboração das regras ou do contrato de classe, ele terá mais condições de negociar com os alunos, caso seja necessário, e se estes se sentem parte ativa do processo, vão colaborar mais facilmente no cumprimento de tais regras.

Além de ser importante a formulação das regras gerais no início do ano letivo, haverá também que refazer ou formular novas regras de acordo com as necessidades que vão surgindo no decorrer do percurso escolar. Quando surge uma necessidade ou um problema, de acordo com Leite e Costa (1999), o professor deve discutir com os alunos o que deve ser feito diante da situação.

As sanções ou as punições devem ser definidas somente após a quebra das regras, pois a elaboração prévia das punições deixa margem para a quebra. Quando houver necessidade, então, diante de uma situação de transgressão, o professor em conjunto com a classe elabora a consequência ou a punição para a regra quebrada.

A partir do momento em que as situações surgem e as crianças estão envolvidas e conscientes dos prós e contras, elas devem sim participar e o professor deve conduzir para que as regras sejam simples, compreensíveis e aplicáveis. As regras devem ser poucas e bem consideradas; e uma vez feitas, cumpre que sejam executadas, as regras demasiadas são coisa tão ruim como a deficiência delas. White (2016a).

Deve haver moderação e equilíbrio, analisando se realmente tais regras são necessárias. Essas devem ser formuladas com clareza, precisão e de maneira positiva como explicam Carita e Fernandes (1997), destacando que devem ser redigidas de um modo suficientemente compreensível por todos e que deem indicações bastante específicas sobre o comportamento esperado, o que não é assegurado por formulações excessivamente gerais ou abstratas ou que



dizem o que não deve ser feito, pelo contrário, devem ser formuladas pela positiva, como mostra o seguinte exemplo:

- *Os alunos não devem falar na aula.*

Essa regra é na forma negativa, abstrata, incompleta, impossível de cumprir, incompreensível, etc. Em vez disso, poderia ser elaborada da seguinte forma:

- *Os alunos devem evitar conversar entre si durante a exposição da matéria e/ou durante a realização das atividades.*

É uma regra clara, simples, positiva, compreensível e executável.

De acordo com White (2016a) as regras que governam a sala de aula devem representar a voz da escola e os princípios que a regem. As regras devem ser postas diante dos estudantes de maneira que eles possam convencer-se de sua justiça e sentir a responsabilidade de obedecer às regras que eles próprios ajudaram a formular.

As regras e normas são determinadas para que haja ordem e disciplina, e para que estas sejam eficazes, precisam ser cumpridas estritamente. Quando não cumpridas, ou quebradas é necessário que haja consequências, as consequências são denominadas de *punições* ou *sanções*, que veremos mais adiante.

#### **2.4. A relação professor-aluno em sala de aula.**

A sociedade atual está vivendo num momento como nunca houve antes, as barreiras de comunicação entre os indivíduos são praticamente inexistentes, isso se deve à globalização e o surgimento e aprimoramento das redes sociais. Dentro desse contexto, cada vez mais se nota a dificuldade de comunicação entre as pessoas, pois a comunicação e as relações se tornaram totalmente virtuais, as relações humanas no seu verdadeiro sentido, nunca tiveram tão afetadas como hoje estão. Existe certa “frieza” entre as pessoas que as impedem de se relacionarem bem. Isso se tratando de sociedade, no entanto, esse fator também tem afetado grandemente a relação familiar, devido ao estilo de vida moderno que se tem adotado. Os filhos são educados pela

televisão, internet, e os efeitos são terríveis. Cury (2008) diz que os resultados inconscientes da televisão são graves e que os educadores perdem a capacidade de influenciar o mundo psíquico dos jovens, os seus gestos e palavras não tem impacto emocional sobre os mesmos.

As relações humanas são extremamente importantes e necessárias, seja em qual for o contexto, tanto na sociedade, como na família e na escola. No âmbito educacional destacaremos a importância do relacionamento professor/aluno em sala de aula e suas implicações no aspecto emocional e acadêmico dos mesmos, pois sabemos que tanto os professores, como os alunos estão sujeitos a influências emocionais e afetivas nesse processo de relacionamento e aprendizagem.

*“O indivíduo torna-se verdadeiramente humano através das interações e do envolvimento com outras pessoas. Ao longo do processo do seu desenvolvimento, a pessoa acostuma-se progressivamente aos modos de vida, ao acervo de ideias, aos padrões de significados comuns, aos valores e às crenças, enfim, à forma de vida dos grupos nos quais se integrou”.* (Cória-Sabini e Oliveira, 2002:48)

Os meios de comunicação têm evoluído muito, a tecnologia oferece formas de se comunicar com o mundo de um ao outro extremo de forma direta e imediata através da televisão, Internet e outros recursos modernos que surgem a cada dia e isso tem afetado cada vez mais a escola e a sala de aula, pois de acordo com Gikovate (2001) esses meios de comunicação eletrônicos contribui para uma postura passiva das crianças e adultos e é um fator de dispersão. As pessoas não precisam fazer nenhum esforço para se concentrarem naquilo que está sendo mostrado, quase sempre de forma colorida e atraente e no caso de alguma desatenção, em seguida consegue pegar o fio da meada novamente. Quando os alunos chegam à escola e se deparam com um ambiente nada estimulador, geralmente sem recursos audiovisuais e um professor à frente falando quase sem parar, o aluno fica totalmente sem interesse e normalmente não consegue se concentrar. A tarefa do professor é crucial, ele é um ator que tem uma missão especial que é cativar e impressionar uma plateia jovem e nem sempre interessada.

A escola é fortemente afetada pelas consequências do uso desenfreado dos meios de comunicação pelos alunos e porque não dizer pelas crianças desde a mais tenra idade. As relações interpessoais ficam fortemente afetadas. Fernandes (1998) comenta que a relação professor/aluno se dá através da troca da comunicação, experiência, vivência, influências mútuas, tudo isso com o objetivo de interação na formação do ser no processo educativo. A situação na sala de aula está cada vez mais difícil devido aos problemas da disciplina, falta de interesse dos alunos, a política educacional adotada, falta de apoio dos pais e familiares, restrições de equipamentos, materiais didáticos e diversos outros fatores.

A maneira pela qual os pais e educadores estabelecem as relações interpessoais com seus filhos e educandos é que vai determinar a sua formação moral heterônoma (relação de coação) e autônoma (relação de cooperação), e o sentimento de respeito é primordial na formação da moral. Santos (2006).

Tudo isso dificulta o relacionamento entre o professor e o aluno, porém o bom relacionamento não pode ser considerado utópico. Existem meios e maneiras de o professor, como sendo o orientador em classe, conquistar a confiança de seus alunos e estabelecer boas relações com eles.

Os métodos usados pelo professor em suas aulas é que favorecerão ou não o relacionamento entre ele e seus alunos, e como comentam Carita e Fernandes (1997) a relação interpessoal assenta na comunicação e do modo como ela é estabelecida depende o sucesso do ato pedagógico. Ou seja, um depende do outro. Na sala de aula professores e alunos estão susceptíveis a dificuldades, diferenças e adversidades que porventura sobrevenham no dia a dia, porém está nas mãos do professor estabelecer meios que favoreçam e facilitem um bom relacionamento com seus alunos. Sua influência e responsabilidades são grandes. Para Filloux (2010), uma classe é uma pequena sociedade e não se deve conduzi-la como se fosse apenas uma aglomeração de indivíduos, independentes uns dos outros. As crianças na classe pensam, sentem e agem de forma diferente do que quando estão isoladas, assim, o papel do mestre é dirigir a classe enquanto grupo, deve ficar atento a tudo aquilo que possa fazer vibrar juntas, com um movimento comum, todas as crianças de uma mesma classe. Assim, está na mão do professor,

coordenar e organizar sua turma de maneira que a aula transcorra com tranquilidade e haja bom relacionamento entre professor e aluno e alunos e alunos.

Na relação professor e aluno deve haver uma reciprocidade de influências que, ao longo do tempo, contribui para a construção de conhecimento do aluno e para o crescimento profissional do professor. Lipp (2002). A situação em que o professor e o aluno atuam simultânea e reciprocamente num determinado contexto em torno de uma tarefa ou um conteúdo de aprendizagem com o fim de alcançar nos alunos objetivos definidos, isso é uma interação educativa. Blanco (2007).

A relação professor-aluno, por ser uma relação tão antagônica, oferece riquíssimas possibilidades de crescimento, os conflitos que podem surgir dessa relação desigual exercem um importante papel na personalidade da criança. É impossível conceber uma relação entre professor e aluno sem que haja o mínimo de afeto, principalmente quando se trata de educação de crianças. A afetividade contribui até mesmo para o desenvolvimento cognitivo da criança e porque não dizer do adolescente, que necessita tanto de relações interpessoais. Cabe ao professor saber administrar essas relações com os alunos de forma que sejam relacionamentos saudáveis, destituídos de qualquer sentimento negativo ou más intenções.

Sendo assim, podemos entender que essa inter-relação do professor com o aluno deve levá-lo ao aprendizado, porém nem sempre isso ocorre efetivamente, isso não significa que a falha está necessariamente no professor, pois muitos são os fatores que impedem com que o aluno chegue ao pleno conhecimento e um deles é a interferência que a indisciplina da turma causa no processo de aprendizagem. Para Salvador et al (2000), o aluno não está sozinho no processo de construção do conhecimento, ele participa de uma situação social na qual as relações que estabelece com os outros participantes condicionam a sua própria tarefa construtiva. Nesse contexto, o professor tem uma função claramente definida, sendo o mediador, o intermediário entre os processos construtivos dos alunos e os conteúdos culturais sobre os quais essa construção se materializa.

Uma das causas de dificuldades no relacionamento professor/aluno, são as condutas disruptivas dos alunos em sala de aula, ou seja, as condutas inapropriadas, que acabam afetando o relacionamento entre ambos, bem como desestabilizando o ambiente da sala que deveria ser propício ao aprendizado. Fante (2005) diz que para o professor, essas atitudes causam grandes desconforto, pois dificultam a comunicação e conseqüentemente, seu desempenho profissional e para o aluno, além de prejudicar sua aprendizagem, propicia um clima antissocial que rompe a rotina da vida escolar. Tudo isso prejudica as relações interpessoais.

## **2.5. Tipos de escolas: Públicas e Privadas**

A palavra “público” conforme define o dicionário Ferreira (2009), significa pertencente ou destinado ao povo em geral, a coletividade, aberto a quaisquer pessoa. Nesse, caso, as escolas públicas são destinadas a população em geral, seja carente ou não. É direito de todos. Já a palavra “privado”, ao contrário disso, é o que não é público, é particular. No caso das escolas, geralmente pertencem a proprietários, a cooperativas, a uma rede ou a instituições com ou sem fins lucrativos.

A idealização da escola pública surgiu na França, no século XVIII, marcadamente, em plena revolução Francesa e foi o Iluminismo, enquanto ideologia e movimento intelectual, que fortaleceu a discussão em torno da criação da instrução pública, para atender a todos os homens, sem distinções de classe social e de sexo, ou seja, alcançar um mínimo de igualdade social por meio da educação. Shigunov Neto e Maciel (2000). Na Lei de diretrizes e bases (LDB) no artigo 3º fica claro que o ensino público e gratuito é dever do estado, pois a educação é dever da família e do estado.

Por serem instituições do governo, muitas vezes as escolas tem estruturas precárias, pois são construídas e deixadas ao bel-prazer, sem as devidas manutenções na estrutura física, já no aspecto pedagógico geralmente não são feitas aquisições de materiais necessários para que a escola consiga estar sempre acompanhando as inovações e crescimento para oferecer subsídios pedagógicos para os alunos e professores. Infelizmente essa é a realidade da grande maioria das escolas pelo Brasil a fora, porém não podemos generalizar, pois conforme considera Chalita (2004), há escolas públicas que, com a participação ativa de sociedades politicamente

organizadas, conseguem driblar carências e formam seres humanos críticos e conscientes da possibilidade de intervenção social. Se não dispõe dos mesmos recursos das escolas particulares, têm um profundo compromisso com a comunidade, porque contam com pessoas engajadas na formação integral dos alunos e isso às vezes é mais importante do que todo o acessório tecnológico oferecido por aquelas instituições.

A tendência das pessoas quando se reportam à escola pública, é de menosprezar o seu papel e de minimizar a qualidade de ensino por ela praticado. É inegável que, devido a um processo de engessamento das finanças públicas, fato que tem ocorrido nos últimos 20 anos no Brasil, atingindo os cofres dos governos municipais, estaduais e federal, os investimentos nas escolas públicas tem deixado a desejar. O montante de recursos destinados para a área da educação sempre está distante do ideal. Fortunati (2007).

No artigo 69º da LDB diz que a União aplicará, anualmente, nunca menos de dezoito, e os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, vinte e cinco por cento, ou o que consta nas respectivas Constituições ou Leis Orgânicas, da receita resultante de impostos, compreendidas as transferências constitucionais, na manutenção e desenvolvimento do *ensino público*. Portanto, os recursos estão disponíveis por lei, porém sabemos que na prática muitos destes recursos são desviados e não chegam na sua totalidade às escolas.

O descaso do governo para com a educação tem como consequência a baixa qualidade de ensino, na qual se opera um círculo vicioso em que a degradação do produto é, ao mesmo tempo, o ponto de partida e o resultado da desqualificação do educador escolar. A universalização da escola pública e gratuita com qualidade tem sido sonegada à maioria da população. As políticas e os planos elaborados até hoje não conseguiram firmar a prioridade efetiva do setor educacional, como também não foram suficientes para modificar a face do sistema de ensino. Os problemas persistem e são eles: falta de planos e medidas efetivas, descontinuidade administrativa, desigualdade entre as regiões, estados, grupos etários e classes sociais, indefinição das responsabilidades dos governos federal, estadual e municipal, além dos crônicos índices de evasão, repetência, analfabetismo, desqualificação dos profissionais e baixos salários dos professores. Libâneo (2010).

Não podemos generalizar e afirmar que todas as escolas públicas não são de qualidade, pois muitas dão a volta por cima dos problemas financeiros e conseguem desenvolver um bom trabalho e dar condições para que um aluno consiga avançar no rendimento acadêmico. Porém, sabemos que a grande maioria não consegue, sem recursos, oferecer uma educação de qualidade e infelizmente muitos professores não cumprem o seu papel, potencializando ainda mais o problema da qualidade do ensino público.

Temos outro agravante que tem assolado as escolas públicas, mais do que as privadas, que é a questão da violência escolar e a drogadição, que sabemos que adentram pela escola e na maioria das vezes os profissionais da educação “fecham os olhos” para o problema, ignorando-o completamente. É preciso combater diretamente esses males através de um trabalho de prevenção e atuação direta com as famílias nos casos em que tais práticas ocorrem.

Diante da precariedade do ensino e da segurança, as famílias que tem uma condição financeira mais equilibrada acabam por optar pelo ensino privado para a educação de seus filhos. Por serem privadas, tem maiores condições de infraestrutura, profissionais capacitados e mais investimento na segurança. Muitas escolas privadas são de caráter confessional ou escolas de ideários, que fazem parte de uma rede evangélica ou católica. Geralmente essas escolas tratam mais diretamente dos problemas de disciplina, violência e drogas, fazendo projetos com as famílias, minimizando um pouco estas questões. A CONCAPA, um órgão espanhol que representa os pais do ensino privado, apoia as escolas de ideário, como sendo a materialização da possibilidade de que os pais escolham o tipo de educação que desejam para seus filhos. (Feito, 2011).

Não podemos afirmar que as escolas privadas estão isentas de problemas, porém, de maneira geral, conseguem lidar melhor com essas dificuldades, favorecendo assim os alunos e as famílias, proporcionando um ensino de mais qualidade e um ambiente mais adequado.

Infelizmente as famílias mais carentes não têm escolhas, são obrigadas a utilizar a rede pública, com seus problemas e precariedades. Porém, se o aluno for dedicado, se estudar com afinco, terá oportunidade de crescer academicamente e se tornar um cidadão de bem na sociedade. Por outro lado, não significa que o aluno que frequenta uma escola particular, tenha

seu futuro acadêmico garantido, pois depende da dedicação e do interesse de cada um, o seu desempenho escolar.

## 2.6. A participação dos pais na escola

Desde que há escolas, há necessidades de interação entre os membros da sociedade escolar com as famílias dos alunos que compõe as respectivas escolas, se assim não for, não existirá comunicação escola/família e vice-versa. Ultimamente o governo brasileiro tem tomado uma série de iniciativas para a promoção de relações mais estreitas entre a comunidade, escolas e famílias, dentre elas estão as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil e os Parâmetros Curriculares Nacionais, (PCN) o dia da família na escola, Programa Escola da Família e a Escola de Nossos Sonhos, etc. Faz-se necessário que os pais participem ativamente da vida escolar de seus filhos e por outro lado, que a escola dê abertura e acesso aos pais nos projetos e programas da escola, tudo com vistas na cooperação mútua e principalmente pensando no bem-estar dos alunos.

O desenvolvimento da criança está inevitavelmente ligado à escola e à família. As posições entre ambas são muito próximas, e o aprendizado e a socialização são adquiridos nesses dois meios sociais de forma simultânea. Devido a isso, trabalhar o aluno em colaboração com a família requer diálogos, entre as duas partes, direcionados para a troca de informações sobre o comportamento do aluno. Paini e Pingoelho (2014).

Por que a escola deve estabelecer laços estreitos de relações com as famílias de seus alunos? Reali e Tancredi (2009) apresentam algumas respostas como vemos a seguir:

Tabela 8. Relação escola-família

- 
- A escola, isoladamente, não é capaz de atender as demandas oriundas da sociedade sobre as suas funções e atividades;
  - Para converterem-se em cidadãos, as crianças necessitam construir não somente conhecimentos acadêmicos, mas também conhecimento de natureza social, ética e pessoal;
  - O auxílio dos pais/famílias nos processos de escolaridade contribui para um melhor desempenho escolar;
-



- 
- Para promover um bom ensino, os professores devem ser capazes de interpretar e compreender as ideias e ações dos alunos, em geral, necessitam construir uma base de conhecimento sobre os alunos a respeito de suas características particulares, assim como as de suas comunidades, de maneira que relações significativas entre eles e o conhecimento escolar possam ser estabelecidas.
- 

As escolas, pais e comunidades devem estabelecer relações entre si para criar um contexto de apoio para as relações entre os alunos e suas comunidades, as quais são excepcionalmente importantes, mas geralmente são tratadas com superficialidade. Hargreaves, Earl e Ryan (2001). Uma condição necessária para compartilhar a tarefa educativa está no conhecimento e no respeito mútuo entre família e escola em relação ao papel educativo de cada contexto. A escola necessita dispor de informação sobre as crianças e jovens, como são, como se relacionam e se comportam, etc. Essas informações ajudam a escola a interpretar o comportamento dos alunos, a compreender as suas angústias e satisfações para saber como lidar com elas. Por outro lado, os pais podem conhecer melhor os seus filhos quando recebem informações da escola sobre como está e como atua na escola. Salvador et al (1999).

Para que o desenvolvimento do aluno seja pleno no ambiente escolar, é fundamental que haja uma grande parceria entre escola e família. O que acontece atualmente é que muitas famílias transferem a responsabilidade de educar totalmente à escola e não fazem questão de acompanhar o processo de educação dos filhos, assim a escola acaba não tendo forças suficientes para conseguir educar sozinha. Em muitos casos, os pais agem como se fossem inimigos da escola e não parceiros, como na realidade deveriam ser. A parceria escola/família fortalece os vínculos e ajuda na resolução de eventuais problemas que porventura possam surgir no decorrer do processo educativo.

Quando os pais participam na escola, sentem-se pertencer à escola, passam a ter um envolvimento afetivo com ela, sofrem quando algo não vai bem, comemoram as vitórias. Uma família que só exige da escola, sem contribuir em nada está educacionalmente aleijada. Tiba (1998).

Tanto pais como professores coincidem na necessidade de complementar sua participação na tarefa educativa. Os docentes sabem que sua atuação com as crianças deve estar em conexão com suas experiências fora da escola, para assegurar a personalização e para que o vivido e aprendido na escola tenha apoio e continuidade dentro das famílias. A família necessita da escola, pois ela sozinha não pode cobrir os aspectos culturais e educativos. Por outro lado, a escola não pode pensar num ato educativo eficaz sem a participação da família, incluindo a coparticipação na tomada de decisões. Garcia et al (2011).

Qualquer projeto educacional sério depende da participação familiar: em alguns momentos, apenas de incentivo, em outros, de uma participação mais efetiva no aprendizado, ao pesquisar, ao discutir, ao valorizar a preocupação que o filho traz da escola. A família tem de acompanhar de perto o que se desenvolve nos bancos escolares. Chalita (2004).

O relacionamento entre a escola e a família ajuda a entrelaçar aspectos significativos da vida dos alunos que, de outra forma, não estariam vinculados; permite a eles enxergar seus pais através dos olhos do professor e dos outros alunos, dando-lhes um espaço livre para refletir a respeito do valor dos cuidados que recebem de seus pais, transforma a jornada educacional em um esforço em família, no qual todos estão interessados e envolvidos no aprendizado. Beaudoin e Taylor (2006).

As famílias e a escola devem falar a mesma linguagem, partilhar os mesmos pontos de vista, fortalecendo-se mutuamente para não causar nos alunos nenhuma confusão mental. Gikovate (2001) quando discorre sobre esse assunto, diz que os pais e as instituições de ensino terão de estabelecer um diálogo mais vivo e intenso, os pais precisarão voltar a participar mais ativamente na formação dos seus filhos e a agir de modo coerente e compatível com as normas propostas pela escola a quem confiaram a educação de seus filhos.

É utopia achar que na escola sempre tudo vai correr bem, que os filhos mais crescidos não necessitam de acompanhamento e os pais não precisam saber o que acontece na escola. Em todas as idades acontecem problemas e dificuldades diariamente que assolam as crianças e adolescentes e muitas vezes os pais não participam desse processo de modo a ajudar e proteger

seus filhos, que são os seus bens mais preciosos. Chalita (2008) diz que os pais devem preocupar-se com as atitudes e os exemplos e participar da vida social e escolar dos filhos, se houver algum problema na escola, esses pais saberão identificá-los e não devem ter receio de procurar a escola e de reclamar, sugerir, exigir um comportamento adequado.

A escola deve proporcionar momentos para as famílias estarem em contato com a escola, “escola de pais”, como denomina Fernández (2005), sem tanta necessidade de discutir problemas graves, sejam acadêmicos ou de condutas dos filhos. Essa forma de inter-relacionar o que as crianças aprendem na escola e o que aprendem em casa, ajuda a reforçar as ações conjuntas, estabelecendo padrões de disciplina familiar que correspondam à socialização adequada da criança.

Em que consiste uma Escola de Pais? Como funciona? O projeto Escola de Pais é um programa inteiramente voltado para a instrução e melhoramento da capacidade dos pais na educação de seus filhos, ou seja, educar os pais para uma formação efetiva dos filhos. A programação da Escola de Pais consta de reuniões periódicas com o propósito de oferecer conteúdos educativos que são decisivos para o desenvolvimento integral do aluno. Nessas reuniões, que também são abertas para a comunidade, são realizadas palestras com profissionais capacitados nas diferentes áreas que abrangem a educação, qualidade de vida, relacionamento familiar e outros temas relacionados. Além das palestras, são reservados momentos para perguntas e respostas, debates, dinâmicas e socialização. Esse projeto proporciona o envolvimento dos pais com a escola, oferecendo-lhes apoio e incentivo na tarefa de educar os filhos, e estes, por sua vez sentem que a escola e família “falam a mesma língua” e estão entrosadas. Para a escola é um meio eficaz de difundir sua filosofia e alcançar seus objetivos.

Num estudo realizado por Garcia et all (2011) para analisar o clima de convivência escolar e os conflitos em aula nas escolas de Molina de Segura, em Murcia, na Espanha, os resultados mostraram que o nível de conflitos é muito baixo naquelas escolas e chegou-se a conclusão que os principais motivos estão no fato das famílias estarem envolvidas no processo educativo de seus filhos, já que no município de Molina de Segura são várias as escolas que

contam com uma escola de pais durante as tardes para envolver e transmitir conselhos aos pais acerca da educação de seus filhos.

As relações entre os pais e a escola também podem influenciar significativamente no desempenho escolar e comportamento dos filhos. Podem-se encontrar pais que mostram pouco interesse pela vida escolar de seus filhos, desconhecendo suas dificuldades e progressos, e demonstrando desinteresse pela vida escolar dos mesmos, chegando até a delegar toda a responsabilidade para a escola. Fini (2004).

Muito poderia ser evitado no comportamento e conduta dos filhos se os pais acompanhassem mais de perto a vida escolar de seus filhos. Não é tarefa simples e fácil dar suporte em todos os aspectos da vida dos filhos, conciliando trabalho, família, vida social, etc., porém faz-se necessário, para que os filhos sintam-se amados e protegidos por seus pais. Esse apoio deve ser dado com moderação para que os pais não se tornem superprotetores e atrapalhem mais do que ajudem no desempenho acadêmico de seus filhos.

Escola e pais devem estar em harmonia, quanto à educação e disciplina das crianças, porém cada um tem sua tarefa educativa, aos pais cabe o dever de disciplinar em casa, se não o fazem, também não devem esperar que a escola faça, pois o papel da escola é de complemento e continuação da educação prestada no lar. É a falta de amor e piedade, e a negligência de adequada disciplina no lar que suscitam tanta dificuldade nas escolas e nos colégios. White (2016b) E referente ao descrito, a autora complementa dizendo que algumas vezes há na escola um elemento de desordem que torna o trabalho muito difícil e essas crianças que não receberam uma educação devida, perturbam muito e entristecem o coração do professor, mas deve haver esforço persistente e o fato de haver crianças com tais caracteres é uma das razões para se estabelecer escolas, e que sendo possível, a escola deve salvar essas crianças. Ou seja, a escola precisa cumprir seu papel de recuperar as crianças que não são educadas adequadamente nos lares e dar o suporte necessário para que sejam cidadãos de bem na sociedade. Grande é a responsabilidade da escola, mas a pergunta inquietante é: Os profissionais da educação tem noção da missão que a escola tem? Estão engajados no dever de educar com responsabilidade?

A educação é muito mais que uma profissão, é uma grande missão de resgate e salvação dos alunos.

No decorrer deste capítulo tratamos especificamente dos problemas da disciplina na escola, um problema que vem aumentando dia-a-dia e tornando o ambiente escolar cada dia mais difícil. Começamos por conceituar a palavra disciplina que tem sua origem na palavra discípulo, significando instruir, ensinar, educar, etc. Para que haja uma boa disciplina na escola, as regras e as normas são fundamentais para o aprendizado e também para que o ambiente escolar esteja propício ao aprendizado.

Destacamos a questão do relacionamento professor/aluno que por vezes é conturbado, porém nessa relação há uma reciprocidade de influências que contribuem para a construção do conhecimento. Tratamos um pouco sobre as escolas públicas e privadas e suas características, porém todas são afetadas pelos problemas disciplinares e finalmente abordamos a participação dos pais na escola, como sendo fundamental para que haja harmonia entre a escola e as famílias e também para o rendimento do aluno.

## CAPÍTULO III

### 3. TIPOS DE PROFESSORES E DISCIPLINA

A profissão “professor” deve ser entendida como uma missão, pois os profissionais desta área lidam diretamente com crianças em formação e que de acordo com o que lhes for ensinado, eles vão obter conhecimentos e atitudes, sejam positivas ou negativas. O compromisso de ensinar conteúdos e preparar os alunos para uma vida acadêmica mais efetiva deve ser o objetivo de todo professor, porém o desenvolvimento cognitivo é uma pequena parte, pois essa missão torna-se ainda mais complexa quando se trata de disciplinar os alunos e prepará-los para serem cidadãos de bem na sociedade. A tarefa de disciplinar está cada dia mais difícil, pois devido às influências negativas da sociedade e famílias desestruturadas, a escola acaba ficando com uma parcela muito grande de responsabilidade.

Desde que nascemos, somos inseridos em um meio social, a começar pelo contexto familiar e posteriormente, escola, igreja, sociedade, etc. Para que possamos ter uma boa socialização, é preciso que nos adaptemos às regras que essa sociedade nos dita, daí que logo cedo precisamos ser *disciplinados*, precisamos adquirir os padrões de comportamento aceitáveis ao grupo social, agindo de maneira semelhante, estando de acordo e obedecendo as regras propostas pelo grupo, não como alienação, mas sim de maneira interativa, para que haja progressão. De acordo com Toderò, Peruzzolo e Mroczkoski, 2009, um comportamento indisciplinado é qualquer ato ou omissão que contraria alguns princípios do regulamento interno ou regras básicas estabelecidas pela escola, pelo professor ou pela comunidade.

Todas as repartições sociais são regidas por leis, se é assim, é porque a lei é extremamente necessária para que haja ordem e sincronia e na escola não é diferente, existem regras para que tudo funcione de maneira ordenada e correta. O objetivo das regras não pode ser entendido somente como proibições, mas como meios de melhora e organização, como diz Carvalho (1996), as regras e a disciplina não são só reguladoras, no sentido de permitir, proibir ou facultar, mas também são constitutivas, no sentido de que a sua existência é que possibilita a criação, uma forma de trabalhar, de ver o mundo com outras perspectivas, como por exemplo, as

regras do trânsito não impedem os veículos de se locomoverem, mas servem para ajudá-los. Dentro da escola a função principal das regras é ajudar, melhorar, é proporcionar meios para um aprendizado eficaz. A desobediência a essas regras, a rebeldia contra elas ou qualquer postura negativa, pode ser considerada indisciplina. Portanto o transgressor é indisciplinado. Por isso que, para falar de indisciplina, precisamos saber o que é disciplina.

A criança está sob a responsabilidade de seus educadores, principalmente pais e professores, para que deles receba a disciplina ideal, completa e verdadeira. O ato de disciplinar nos dias atuais pode parecer complexo, devido a inúmeras influências externas a que a criança está exposta, por outro lado, pode ser muito simples, se for feita com amor, dedicação e coerência. A disciplina está ligada a todos os meios: família, escola, igreja, sociedade, etc. Porém, ela reflete com mais intensidade na família e na escola, que são responsáveis pela iniciação da educação, e posteriormente para os outros setores da sociedade, como consequência, positiva ou negativa.

Os professores e os pais podem auxiliar na formação de cidadãos do futuro, pois as crianças estão sempre se espelhando no exemplo de outras pessoas. Os professores são observados desde o primeiro momento em que entram na sala de aula, tudo neles é minuciosamente estudado: a voz, os movimentos das mãos, a direção do olhar. Cória-Sabini e Oliveira (2002). Quem não se lembra do tempo em que ocupava as cadeiras escolares? Fazíamos uma leitura completa até mesmo da aparência do professor, suas roupas, seus sapatos, seus cabelos e quase sempre procurávamos imitá-los em algo. Realmente os professores são de grande influência e modelos para seus alunos, daí a grande responsabilidade dessa função tão nobre.

Algumas pessoas representam papéis fundamentais na fase de desenvolvimento da criança. Além dos pais e de outros familiares próximos, o professor vai se constituir em figura de grande influência e de trocas importantes, sendo um elo valioso entre o mundo externo e o mundo interno da criança. Lipp (2002).

Analisaremos a seguir o perfil dos professores em função da disciplina em sala de aula, faremos uma relação entre os estilos de professores e tipos de disciplinas aplicados.

### **3.1. Perfil dos professores em função da disciplina na sala de aula:**

Ser professor é muito mais do que uma profissão, para ser professor é preciso ter o dom de ensinar. O dom combinado com o profissionalismo fará com que o professor seja eficaz e realize seu trabalho com amor e dedicação, pois educar é uma missão. Para Leite e Costa (1999), é necessário que todos aqueles que se embrenham nesta tarefa, deem tudo quanto têm e que somente ligado à fonte da verdadeira sabedoria, por meio da comunhão direta e diária, pode o professor desempenhar bem o seu papel. Somente Deus pode habilitar o profissional da educação na tarefa de resgatar ou restaurar no homem a imagem de Cristo.

O professor deve ser um exemplo para o aluno em palavras, atos, postura e aparência, pois o aluno observa atentamente o professor e segue seu exemplo. O tempo em que o professor está em sala de aula com seus alunos é muito longo e isso aumenta ainda mais sua responsabilidade pois o aluno, principalmente as crianças, se espelham nele e dão mais crédito ao que o professor diz em aula do que aquilo que os pais falam, estando eles ou não com a razão. A educação, no seu verdadeiro sentido, não se faz sem autoridade, pois o educando precisa do referencial do educador a fim de ter base para a construção do seu referencial. Toderó, Peruzzolo, e Mroczkoski, (2009).

O professor também deve cuidar de sua saúde e ter hábitos saudáveis. Quando o corpo está bem, a mente e o espírito também estarão e isso habilitará o professor a desenvolver seu trabalho de maneira mais dinâmica e com satisfação. O professor deve ser alegre, entusiasta, comunicativo, cultivar espírito de gratidão, longanimidade e domínio próprio, pois assim refletirá características positivas nos seus alunos e a relação com eles será terna e amigável. Vivemos em uma época em que o stress tem dominado a vida das pessoas e o professor, por sua vez, está susceptível a grandes tensões em sala de aula, pois o ambiente escolar acaba proporcionando isso, devido às dificuldades em sala de aula com a disciplina, os alunos com problemas, a responsabilidade em ensinar, elaborar e corrigir provas e muitas outras tarefas que podem levar o professor a exaustão, stress e depressão.

O professor necessita ter conhecimento da natureza humana, pois para lidar bem com os alunos, é preciso ter conhecimentos básicos nas áreas físicas, emocional e espiritual. Leite e



Costa (1999) comentam que tal como o médico que precisa diagnosticar antes de receitar, assim, o professor precisa compreender a vida humana, seus problemas, suas necessidades, atitudes, motivos, como eles aprendem, o que o seu nível intelectual permite aprender, para então elaborar a receita.

O desafio é grande, pois dentro de uma sala de aula existem alunos de vários níveis cognitivos, há diferentes tipos de comportamentos e a tarefa do professor é dar uma aula que consiga atingir a todos e levá-los ao aprendizado. Cória-Sabini (2002) concorda que o professor precisa compreender a criança, conhecer um pouco de seu passado e do ambiente em que vive. Embora ele não seja psiquiatra ou psicólogo, precisa considerar cada aluno, suas características e ajustamentos típicos, senão perderá o controle da situação do ensino. Sua influencia orientadora é muito grande.

O professor, mesmo diante de uma sala cheia, deve se aproximar de cada aluno individualmente, demonstrando interesse e apreço, mesmo por aqueles que são difíceis e indisciplinados, demonstrando-lhes carinho e atenção especial, poderá até transformar o aluno e mudar-lhe o comportamento. Toderò, Peruzzolo, e Mroczkoski, (2009) comentam que ter respeito para com os alunos, é uma das necessidades da postura de um educador consciente. Cury (2008) diz que os professores fascinantes, procuram conhecer o funcionamento da mente dos alunos para educá-los melhor, para eles, cada aluno não é apenas um número na sala de aula, mas um ser humano complexo, com necessidades peculiares.

É preciso buscar conhecimento sempre e aperfeiçoamento dos métodos, para que seja cada dia mais eficaz. White (2014a) diz que quanto mais possua o mestre verdadeiro conhecimento, tanto melhor efetuará seu trabalho e professor algum que se satisfaça com um conhecimento de superfície atingirá alto grau de eficiência. Nenhum professor deve se acomodar com o que sabe, nem se satisfazer com os conhecimentos que possui, pois assim sendo não poderá ser eficiente educador. Essas são algumas das qualidades que o professor deve desenvolver ao longo de sua carreira para que obtenha sucesso em classe e cresça cada dia como educador. “ *Os professores fascinantes transformam a informação em conhecimento e o conhecimento em experiência.*” (Cury, 2008: 59).

Os professores também precisam ser especiais, precisam ser pessoas idôneas, capacitadas para o serviço e que tenham amor pela educação das crianças. Os hábitos e princípios do professor devem ser considerados de maior importância que suas habilitações, ainda que esta seja fundamental e necessária, e por isso, devem ter interesse igual na educação física, mental, moral e espiritual de seus alunos.

O professor é o encarregado mais direto e imediato de apoiar e promover a aprendizagem do aluno. Considera-se competente e eficaz o professor que consegue que seus alunos alcancem os objetivos educativos. Essa é a maneira de se medir a eficácia docente ou comportamento instrucional do professor. Blanco (2007)

*“ A função do mestre implica que saiba “irradiar autoridade em torno dele” e, portanto, que tenha uma “alta ideia de sua missão”, de maneira a suscitar uma espécie de respeito específico por parte dos alunos. É “pelo canal da palavra, do gesto” que as “grandes ideias morais de seu tempo e de seu país”, do qual ele é o intérprete, podem passar de sua consciência para a da criança; por consequência, essa palavra e esse gesto devem ser concebidos pelo mestre em função desse fim específico”. (Filloux, 2010: 25 e 26).*

Cada professor, de acordo com sua formação, cultura e personalidade, desenvolve seu perfil no trabalho docente. Isso é perfeitamente normal e aceitável, porém existem tipos e atitudes de professores em sala de aula, que não condizem com o ideal de verdadeiro professor e com a missão de educar e ensinar. Tiba (1998) apresenta onze tipos frequentes de professores:

*1. Um aluno faz a média:* Esse é o tipo de professor que acha que se um aluno foi bem e os demais foram mal, o problema é dos que não estudaram. Falta olhar para o próprio desempenho como professor.

*2. Superexigente:* Não inicia a aula enquanto não houver silêncio absoluto, ameaça e apavora os alunos.

*3. Estuprador mental:* Sua fala é como um rolo compressor que vai passando por cima de todos os alunos, ele entra e sai falando ou escrevendo freneticamente, não dá espaço sequer para o aluno reagir.

4. *Carrasco*: Sempre exige mais do que ensinou, nas mãos dele a avaliação vira um chicote.

5. *Tanto faz*: Nada o atinge, se o aluno aprendeu, ótimo! Se não aprendeu, pouco importa.

6. *Crânio*: É um profundo conhecedor de sua disciplina, mas um péssimo comunicador, não consegue explicar nada.

7. *Vítima*: Sofre com a classe, não consegue se impor, muito menos assumir a função de coordenador da classe, os alunos fazem o que querem.

8. *Sedutor/seduzido*: Tende a facilitar, favorecer ou privilegiar determinados alunos.

9. *Crédulo*: Excessivamente compreensivo e democrático, acredita em tudo o que o aluno diz.

10. *Superatual*: Usa e abusa de novidades, como recursos da informática, internet, etc. Desperta o maior interesse na classe.

11. *Atualizado, competente, relacionável e ético*: É aquele que a partir dos episódios práticos e cotidianos dos alunos, consegue introduzir os conhecimentos teóricos.

Se as novas doutrinas pedagógicas destacam a necessidade de se escutar a criança, a liberação da palavra e o desenvolvimento das capacidades de expressão exige-se, ao mesmo tempo, que o professor siga um programa, faça respeitar os horários, mantenha a ordem e a segurança, garanta o silêncio e a disciplina de seus alunos quando eles se deslocam no prédio, autorize apenas as atividades ligadas à aula, não deixe os alunos saírem sem autorização e sem precauções. Perrenoud (2001). O professor precisa ser organizado e comprometido com sua tarefa educativa e ter estratégias adequadas para conduzir seus alunos.

A partir de agora destacaremos três tipos de professores: autoritários, permissivos e democráticos, relacionando com o tipo de disciplina que cada modelo exerce.

### **3.1.1. Professores Autoritários e disciplina punitiva**

Autoritarismo refere-se ao estilo que exerce excesso de autoridade, rigidez, controle total sobre o aluno, comando excessivo, domínio e excesso de poder. Em alguns casos, essas atitudes podem vir acompanhadas de brutalidade e uso de castigos em sala de aula. Tais características não condizem com a posição de “educador”. O professor não pode e não deve se aproveitar de sua posição e autoridade para exercer autoritarismo para com seus alunos.

Nenhum homem ou mulher irritável, impaciente, arbitrário ou autoritário é apto para ensinar, pois esses traços de caráter causam grande dano na sala de aula. O professor não deve desculpar-se dizendo que seu temperamento é impulsivo. Na posição de professor, não pode haver falta de domínio próprio, pois está escrevendo nas almas lições que serão conservadas através da vida. White, (2014a).

Quando um trabalho de prevenção não é eficiente ou efetivo para melhora ou mudança de comportamento, é preciso aplicar a disciplina punitiva, pois muitos alunos só aprendem e interiorizam a disciplina após a punição. Muitos educadores não concordam com medidas disciplinares que punem ou castigam o aluno (ou os filhos), porém não podemos esquecer que quando se infringe a lei, as consequências são imediatas, e se deve pagar pelo ato praticado. Por isso, quando necessário, pode-se usar medidas de punição no contexto educacional, porém esta intervenção disciplinar deve ser cuidadosamente analisada e planejada, para depois ser aplicada e sobretudo com espírito de amor. Se assim for, contribuirá para o bom desenvolvimento do caráter da criança. Se a criança for disciplinada de maneira injusta e incorreta, os resultados serão rebelião e ressentimento, sem mudanças de atitudes. Quando e em que situações o professor deve utilizar-se da punição? Qual é o método mais eficiente?

Só se deve aplicar a disciplina corretiva nos casos em que o aluno se mostre persistentemente desafiante e que indiquem atitudes e hábitos genuinamente censuráveis. Nesse caso, os professores devem atuar, porém de maneira correta e coerente. A firmeza e as consequências são essenciais para o êxito da disciplina corretiva.

É importante ressaltar que a disciplina punitiva não significa castigo corporal. Outros métodos de punir podem se mostrar muito mais eficazes que punição física. Antes de aplicar quaisquer punições, o professor deve analisar muito bem o contexto do ocorrido e do ato do aluno para não correr o risco de castigar a criança errada ou de maneira equivocada. É importante também dar tempo ao aluno para dar explicações e para analisar a necessidade ou não da punição. Quando há necessidade de punição, esta deve ser justa, sem severidade e não aplicada publicamente e sempre que possível, evitar que o caso se torne público. Procurar fazer com que o castigo seja as consequências naturais da má conduta. O professor também deve disciplinar sem despertar medo no aluno e acima de tudo, disciplinar com amor.

Quando se trata de punições e castigos o assunto é bastante polêmico, pois há muitos pró e contras, muitos autores concordam, enquanto outros discordam. Por isso vamos analisar e dar importância à maneira como devem ser aplicadas as punições na escola:

Um bom método de sancionar o aluno que transgrediu as regras da classe ou as demais regras da escola é o que Leite e Costa (1999) denominam como “sanções por reciprocidade”, que estão relacionadas com o ato realizado, permitindo que as consequências naturais prevaleçam e a criança experimente o resultado de sua própria ação. Por exemplo, se o aluno risca a parede, ele deve apagar, limpar a parede e deixá-la como antes. Quando faz isso, pode refletir no seu ato. Quando um estudante erra, deve-se perguntar o que fará para corrigir o erro e evitar que se repita, assim é levado a assumir a responsabilidade por suas ações e a refletir, quando isto acontece, o processo de redenção está funcionando.

As sanções por reciprocidade se traduzem pelo uso de punições em que há relação entre o castigo aplicado e o delito cometido. Elas vão no mesmo ritmo das relações interindividuais de cooperação e as regras instituintes e igualitárias. O objetivo é fazer com que o indivíduo compreenda o seu ato, ao sentir na própria pele as consequências do que fez. Silva (2004). A partir das ideias de Piaget, Silva (2004) destaca as sanções por reciprocidade por ordem decrescente de severidade:

- ✓ *Exclusão momentânea ou definitiva, do próprio grupo social:* O aluno deve sair do grupo porque desrespeitou as regras construídas e instituídas

democraticamente, e não porque ele não presta. A finalidade não é castigar, mas fazer o aluno compreender a falta cometida.

- ✓ *Sanções que só apelam à consequência direta e material do ato:* Por exemplo, se a criança desobedeceu, não guardou a bola e o cachorro furou, não ganhará outra nova naquele momento.
- ✓ *Privar o culpado de uma coisa da qual abusa:* Por exemplo, não emprestar mais o livro que rasgou ou sujou.
- ✓ *Reciprocidade simples ou propriamente dita:* sentir na própria pele as consequências do ato que praticou.
- ✓ *Sanção restitutiva:* Consiste em fazer o indivíduo pagar ou substituir o objeto danificado ou furtado.
- ✓ *Simple repreensão:* fazer com que o infrator se coloque no lugar da vítima.

O conceito etimológico da palavra correção é pôr reto, ou remodelação, eliminação dos defeitos, portanto, quando corrigimos, disciplinamos. Para que o método de sanção por reciprocidade se torne ainda mais eficaz, o professor pode se colocar à altura do aluno para ajudá-lo a corrigir o mal feito, ajudando, auxiliando, fazendo junto, assim o aluno refletirá muito mais e provavelmente evitará que essas situações voltem a ocorrer.

O método de punição mais comum nas escolas de maneira geral tem sido o castigo. Vamos analisar as implicações e os efeitos do castigo. Castigar é positivo ou negativo para a disciplina do aluno?

O termo “estratégias punitivas” é utilizado por Gotzens (2003) no lugar da palavra “castigo”, por ter um sentido mais amplo. Para ela, as estratégias punitivas são aquelas que, mediante a utilização de estímulos e situações que desagradam o aluno, pretendem exercer uma ação de dissuasão sobre seu comportamento. O mecanismo é simples: confronta-se o aluno que apresenta um comportamento perturbador com uma situação incômoda, e mesmo repulsiva, para ele, com o propósito, de em vez de evitá-la, fazê-lo renunciar aquela atitude que lhe trouxe consequências desagradáveis.

Devido às dificuldades de manter a ordem e a disciplina em sala de aula, os professores recorrem com frequência a variadas formas de castigos e muitas vezes, como não conseguem manter o controle da turma, acabam castigando por qualquer comportamento que fuja dos padrões normais ou que estressam o professor. Cória-Sabrini (2000) enumera alguns tipos de castigos que normalmente os professores usam em sala de aula:

Tabela 9. Tipos de castigos

---

- Provocam a diminuição do autoconceito do aluno através de falas ou até mesmo escrevendo no caderno do aluno.
  - Fazem comentários negativos em voz alta a respeito de alguma dificuldade enfrentada pelo aluno.
  - Fazem comparações entre alunos, maximizando as qualidades de um e os defeitos de outro.
  - Retém o aluno na sala no horário do recreio para repetir várias vezes o exercício que errou.
  - Fazem queixas ao diretor ou aos pais.
- 

O castigo é a criação de consequências negativas, dentre as formas de castigo, estão a suspensão de privilégios ou outros tipos de incentivos, o uso de punições, a desaprovação, as críticas, designação de tarefas adicionais, etc. Davis e Thomas (1992). Se o comportamento que é reforçado positivamente tende a repetir-se, então o comportamento que é punido tende a desaparecer, partindo deste princípio, o professor ao impor o castigo estará a contribuir para a diminuição de comportamentos indesejáveis afirma Picado (2009).

De maneira geral, os castigos que são impostos pelos professores não tem nenhuma relação com o ato praticado, mas sim uma forma única e exclusiva de punir os alunos com tarefas que eles não gostem ou com suspensão de privilégios. Carita e Fernandes (1997) afirmam que, no caso de ser considerado justo, o castigo só deverá ser aplicável ao ato praticado e nunca a quem o praticou.

A seguir estão enumerados alguns efeitos dos castigos e suas complexidades de acordo com Davis e Thomas (1992):

Tabela 10. Efeitos dos castigos

- 
1. O castigo pode resultar doloroso, física ou psicologicamente.
  2. Um castigo de levantar a voz com frequência ao aluno, não elimina o mau comportamento, simplesmente o detém temporariamente.
  3. O castigo por si mesmo não mostra ao aluno qual deveria ser seu comportamento correto.
  4. A agressão verbal (ou física) do professor é um lamentável modelo para os jovens sensíveis.
  5. O castigo produz com frequência efeitos secundários não desejados, tais como medo, ansiedade, ressentimento, desconfiança, hostilidade ou agressividade, e um desprezo pelo professor e pela escola em geral.
  6. Os efeitos do castigo são imprescindíveis e depende da personalidade do aluno. Alguns podem aceitar bem as correções e a crítica construtiva e para outros pode ser um incentivo aos maus comportamentos.
- 

As recompensas e punições na maioria das vezes promovem complacência e medo, e seus efeitos sobre o autodirecionamento a longo prazo são questionáveis e acreditam que a implementação das consequências é um processo mais democrático do que as punições, onde cada pessoa deveria enfrentar as responsabilidades de ter participado de uma ação destrutiva ou prejudicial. Esse processo é enraizado nas discussões de intenções e de efeitos, bem como em uma consciência das implicações aos outros e à comunidade. Envolve conversas com o aluno quanto ao tipo de consequência que faz sentido diante do problema e ao que pode auxiliá-lo a aprender ou a refletir com a situação. Beaudoin e Taylor (2006).

No quadro a seguir, vemos a comparação dos efeitos de cada prática, mostrado pelas autoras:



Tabela 11. Práticas e efeitos

<b>Efeito das práticas de autoridades tradicionais</b>	<b>Efeito das conversas colaborativas</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Os alunos podem mudar por causa do medo dos adultos ou do desejo de agradá-los.</li> <li>➤ Diminui a motivação interna dos alunos.</li> <li>➤ A vigilância muitas vezes é necessária.</li> <li>➤ É comum a reincidência, especialmente quando os alunos ficam sozinhos.</li> <li>➤ Podem crescer a frustração e o ressentimento aumentando a probabilidade de o aluno apresentar comportamentos problemáticos.</li> <li>➤ A consequência propriamente dita, e não a lição que se aprendeu, pode dominar a mente dos alunos.</li> <li>➤ Os alunos ficam cada vez mais aborrecidos, ressentidos e afastados em função do seu relacionamento com educadores, cuja experiência geralmente é de desrespeito ou de humilhação.</li> <li>➤ Os alunos continuam não conseguindo demonstrar nem expressar suas razões e opções pessoais de serem diferentes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Os alunos mudam por decisão pessoal.</li> <li>➤ Os alunos passam a ver com mais clareza porque desejam mudar.</li> <li>➤ A vigilância não é necessária, os alunos geralmente tem um compromisso com suas próprias escolhas.</li> <li>➤ Se ocorrerem erros, serão infrequentes e gerarão autoavaliação.</li> <li>➤ Geralmente cresce a autoconfiança à medida que os alunos têm mais êxito e consciência dos efeitos preferidos dos novos comportamentos.</li> <li>➤ É comum a congruência dos valores do indivíduo com a identidade preferida dominar a mente dos alunos.</li> <li>➤ Os alunos logo sentem o respeito e respeitam cada vez mais os educadores por tratá-los como pessoas dignas de consideração.</li> <li>➤ Os alunos passam a exprimir com bastante clareza os efeitos negativos que lhes são importantes e as ideias exclusivas que lhes possibilitam agir de um modo diferente.</li> </ul>

Podemos notar claramente na comparação do quadro acima que o método das conversas colaborativas é muito mais eficaz no processo de disciplina do que os métodos tradicionais de disciplina envolvendo punições e castigos, pois envolve uma ligação e um relacionamento entre professor e aluno, gerando mais confiança entre ambos e levando o aluno a refletir e melhorar seus comportamentos indisciplinados.

Os efeitos da punição, relativos ao desaparecimento do comportamento desviante, dependem de vários fatores: intensidade, frequência, as características do agente punitivo e a

existência ou não de contingências reforçadoras que mantêm o comportamento indesejado. Picado (2009).

Para uma aplicação adequada e eficaz do castigo, são necessárias algumas diretrizes segundo Gotzens (2003):

- *Deve ser advertido e previsível:* o aluno deve saber o porquê, como e quando seu comportamento será castigado.
- *Deve ser imediato:* próximo do comportamento que o provocou, para que o aluno associe mau comportamento e castigo.
- *Deve ser uma experiência claramente indesejável para o aluno:* para dissuadi-lo de seu comportamento perturbador, porém nunca usar de maus tratos físicos e psicológicos.
- *Deve ser objeto de aplicação consistente:* ter as mesmas consequências sempre que apresente um mau comportamento.
- *Deve ser sempre acompanhado das diretrizes sobre como agir:* o castigo informa sobre o que não se deve fazer.

Quando esses pontos forem levados em consideração, então o educador deve ser sábio na aplicação da disciplina punitiva.

Para lidar com êxito com as diferentes mentalidades dos alunos, o professor precisa exercer grande tato e delicadeza, ao mesmo tempo que firmeza no governo. Muitas vezes serão manifestados desgosto e desdém para com os devidos regulamentos, alguns alunos porão em campo sua habilidade para se esquivar dos castigos enquanto que outros exibirão indiferença e pouco caso para com as consequências da transgressão. Tudo isso exigirá paciência, sabedoria e domínio por parte daqueles a quem foi confiada a educação. White (2014a).

O estilo de professor autoritário com as características de excesso de poder, rigidez, rispidez, dominador e que sempre mantém controle total do grupo ainda que da maneira errada, não é um perfil adequado para a posição de educador. Geralmente esse tipo de professor aplica a disciplina punitiva em sala de aula, valendo-se dos castigos e chantagens para com o aluno. A

disciplina punitiva por si só não é má, porém a punição deve ser aplicada da maneira correta para que resulte. Se o professor utilizar o método de sanções por reciprocidade, onde vai trabalhar com o aluno para que o mesmo repare os erros que cometeu, estará punindo da maneira correta sem prejudicar o aluno. É preciso utilizar estratégias punitivas que façam com que os alunos renunciem seus maus comportamentos.

### **3.1.2. Professores *Laissez-Faire* e disciplina permissiva**

Diante das dificuldades enfrentadas pelos professores atualmente no que se refere a manejo de classe e controle da disciplina da turma, muitos professores tem desistido dessa tarefa tão necessária na sala de aula e tem deixado as “coisas correrem soltas” como se diz no ditado popular. Sentem-se cada dia mais incapazes de fazer algo para melhorar e acabam deixando os alunos ao seu bel-prazer. Esse tipo de atitude não exerce qualquer influência positiva para o aluno, pois o professor deixa que o aluno faça o que quer e como quer, não interfere no seu comportamento, simplesmente dá suas aulas e nem sempre consegue.

Este tipo de disciplina se pode chamar de antítese da disciplina, porque não pretende ensinar por preceito e exemplo, nem de nenhuma maneira, porque para o professor, a atitude do aluno é indiferente, seja boa ou má, acha que pode ferir susceptibilidades e pensa que isso não convém. Não se pretende exercer nenhum tipo de controle, a norma descansa no que pensa o aluno.

Não é difícil encontrar salas de aulas que são regidas por este método, onde reina a desordem, falta de compromisso, desrespeito e descontrole. Isso ocorre porque o professor não está preocupado em educar os alunos, mas somente em repassar os conteúdos que lhe cabe e os alunos, por sua vez, não são capazes de se autogovernar, conforme explica Perrenoud (2001): um grupo-classe abandonado à sua própria sorte não é capaz de gerenciar sua própria diversidade de temperamentos e de projetos, como não consegue chegar a um consenso, negociar compromissos aceitáveis, aceitar uma regra majoritária, administrar as minorias, corre o risco de se esgotar em conflitos ou de se dividir em subgrupos mais homogêneos.

Hoje na educação se fala muito em flexibilidade, porém ela tem limites e tem o seu lugar. Não se pode ser flexível em tudo, e a disciplina é um aspecto que a flexibilidade pode ser perigosa e trazer danos para a educação e a formação dos alunos, porque é na infância que se aprende a ser disciplinado e a disciplina interfere na formação do caráter.

Nesse modelo disciplinar se tolera tudo, inclusive a desobediência, e é essa tolerância que é prejudicial, pois a criança cresce com a ideia de que se pode tudo e isso pode interferir na sua vida social e espiritual. White, (2014b) diz que antes que a criança tenha idade suficiente para raciocinar pode ser ensinada a obedecer, esse hábito deve ser estabelecido na criança mediante esforço moderado e persistente, para que possam evitar conflitos posteriores entre a vontade e a autoridade. As crianças que não aprenderam a obedecer terão caráter fraco e impulsivo. A educação em tenra idade molda-lhes o caráter tanto na vida secular, como na religiosa.

Não podemos tolerar dentro da escola o tipo de professor totalmente permissivo, que não se preocupa com nada e que não educa. É preciso haver restrições em tudo na vida e a escola deve ser o ambiente onde favoreça a ordem e a disciplina para que o aprendizado seja efetivo. Um professor assim, não é eficaz, pois não exige do aluno e não proporciona o aprendizado. Ele finge que ensina e deixa que os alunos finjam que aprendem, isso causa grandes malefícios para a educação. É preciso combinar autoridade com disciplina.

### **3.1.3. Professores Democráticos e disciplina positiva**

Os professores democráticos são aqueles que usam métodos equilibrados e coerentes para disciplinar os alunos quando se faz necessário. Não existem os extremos de autoritarismo nem de permissividade. O que há é uma combinação de disciplina com amor, nunca deixando passar por alto as transgressões dos alunos. Este modelo de disciplina realça as ações positivas da criança, estimulando-as de maneira positiva, evitando assim o uso acentuado do “não” e também procurando evitar ressaltar as ações negativas. Sempre que houver necessidade de corrigir uma

criança por sua má conduta, deve-se fazer de maneira a ressaltar a má ação, fazendo distinção entre a ação e o agente, demonstrando amor pela criança e condenando sua má atitude.

Muitas vezes só se lembra de dizer algo para a criança quando o seu comportamento é mau, devemos realçar sempre as ações positivas. As crianças gostam de ser elogiadas e isso lhes serve de estímulos para boas ações. *“Elogiai vossos filhos sempre que o possais”*. (White, 2014a:101)

Diante do mau comportamento da criança, nesse modelo de disciplina, o professor deve sempre conseguir maneiras de agir e falar de maneira positiva, mas que leve o aluno a perceber que o que fez é mau e que o seu comportamento precisa ser corrigido. Vejamos um exemplo simples: Um aluno durante uma atividade de recortes deixa os papéis caírem no chão. O professor pode dizer que recolha os papéis, sem ressaltar o erro em público. Fazendo assim, se corrige o ocorrido, sem realçar a má ação. O professor deve evitar críticas e perguntas à criança quando se comportou mal, é melhor deixar que ela mesma se explique e perceba que agiu mal. E não se deve usar palavras que possam rotular a criança como: atrasado, desajeitado, preguiçoso, chorão, etc., pois isso pode afetar sua norma de comportamento.

Não podemos deixar de citar que o exemplo positivo é o melhor método de ensinar os pequeninos, pois eles aprendem e se comportam por imitação, fazem exatamente como veem os outros fazerem, por isso um exemplo positivo da parte dos educadores é fundamental para a disciplina das crianças. Não podemos exigir que a criança faça aquilo que não fazemos. White (2014a) afirma que se a criança erra e se comporta mal, é essencial que os que estão na sua direção sejam capazes de ensinar-lhes por preceito e exemplo a maneira de proceder.

As crianças devem se sentir bem na escola para que correspondam às expectativas dos professores e sejam bem disciplinadas. Lowe (1998) apresenta alguns itens importantes que os educadores devem levar em consideração para que a criança se sinta bem:

*Reconhecimento:* O professor deve conhecer cada criança, saber seu nome e chamá-la por seu nome, falar com ela ao nível de seus olhinhos, demonstrar que sente sua ausência quando não vem à escola. Fazer com que a criança sinta-se aceita.

*Afeição:* As crianças precisam de amor, carinho, afeição física; abraçar e tocá-la faz com que ela se sinta bem e segura. Quando for preciso adverti-la deve-se fazer com voz firme e normal. O educador nunca deve apadrinhar favoritos.

*Uma aproximação positiva:* A aproximação do professor ao aluno deve ser positiva, calma, não áspera, gentil e agradável, sincera, coerente e imparcial. Deve também observar e reconhecer o comportamento positivo, pois isso aumentará o desejo infantil de repetir a ação correta.

*Estímulo:* As crianças anseiam ser aprovadas pelos adultos, querem saber se estão fazendo como o professor quer. É importante ajudá-los através das descobertas e fracassos.

*Ouvintes adultos:* O educador deve tirar tempo para falar e ouvir seus alunos, seus problemas, suas mágoas, como se sentem, etc. Ter contato visual e aprender a ler suas expressões, proporcionando um relacionamento de confiança.

É muito importante elogiar os alunos e ressaltar suas boas ações e seus comportamentos positivos. Quando são obedientes e respeitam as regras corretamente, podem ser estimulados com as recompensas. As *recompensas* são o contrário das punições, são coisas boas e desejáveis para estimular o comportamento positivo, essas podem ser materiais ou não. De acordo com Carita e Fernandes (1997) castigo e recompensa em teoria são conceitos que se aliam frequentemente na gestão da indisciplina, porque a *recompensa*, sendo algo desejado contribui para a manutenção de comportamentos adequados, já a aversão causada pelo *castigo* deverá fazer cessar os comportamentos indesejados. As recompensas, por mais que sejam positivas devem ser moderadas, coerentes e adequadas para que a criança não altere seu comportamento só por causa da recompensa que lhe interessa.

As recompensas são em geral acompanhadas de afetividade, elogios, estímulos, enquanto que normalmente com o castigo acontece ao contrário. Por isso a importância de quando se aplicar um castigo, deve ser também com amor, afetividade, paciência e dentro da razão para que resulte de maneira redentora e o aluno tome consciência da necessidade de mudança.

Todas essas sugestões se forem adaptadas e aplicadas dentro da realidade de cada classe e cada escola, poderão trazer grande contributo para uma boa disciplina em classe e para um bom relacionamento do professor com os alunos. Se a criança se sente bem na sala, confia no professor, se é reconhecida e estimulada, tem maiores possibilidades de ser bem disciplinada, portanto, vale a pena trabalhar e realçar os aspectos positivos ao disciplinar, os resultados aparecerão rapidamente e o ambiente escolar será mais sereno e calmo, trazendo bem-estar para os alunos e professores.

A tabela a seguir sintetiza os tipos de disciplinas, suas principais características e as implicações em sala de aula:

Tabela 12. Síntese da disciplina e suas implicações em aula

<b>Tipos de disciplina</b>	<b>Autores</b>	<b>Características</b>	<b>Implicações em sala de aula</b>
<b>Punitiva</b>	Davis e Thomas (1992)	Castigo, suspensão de privilégios, uso de punições e tarefas adicionais.	Pode não eliminar o mau comportamento, é doloroso, produz efeitos secundários não desejados, para alguns pode ser construtivos e para outros destrutivos.
	Leite e Costa (1999).	Sanção por reciprocidade onde a criança experimenta o resultado de sua própria ação.	Reparar os erros cometidos, refletir nos erros e assumir responsabilidade.
	Cória-Sabrini (2000)	Castigos usados pelos professores em sala.	Provocam diminuição do autoconceito do aluno.
	Gotzens (2003)	Uso de estratégias punitivas – castigos.	Faz com que o aluno renuncie o mau comportamento.
	Silva (2004)	Uso de punições relacionando o castigo ao delito cometido	Faz com que o individuo compreenda seu ato e sinta as consequências do que fez.
	Beaudoin e Taylor (2006).	Recompensas e punições.	Complacência e medo.
	Picado (2009)	Imposição de castigos.	Diminuição de comportamentos indesejáveis.
	White (2014a)	Castigos	Alunos se esquivam deles ou exibem indiferença e pouco caso.
<b>Permissiva</b>	Perrenoud (2001)	Falta de controle, desordem, falta de compromisso em sala.	Alunos não aceitam regras, não conseguem chegar a um consenso, falta de gerenciamento dos projetos.
	White (2014b)	O professor não ensina a criança a obedecer.	As crianças terão caráter fraco e impulsivo.

<b>Positiva</b>	Carita e Fernandes (1997)	Recompensas	Manutenção de comportamentos adequados.
	Lowe (1998)	O professor deve ter atitudes de reconhecimento, afeto e aproximação do aluno.	Criança sente-se aceita e amada, confiante.
	White (2014a)	Elogiar as crianças.	São estimuladas para as boas ações.

Cada tipo de disciplina produz efeitos sobre o comportamento dos alunos, a disciplina punitiva, se for aplicada corretamente, também pode levar a mudança de comportamentos, porém, se for utilizada de maneira negativa, com uso de castigos, e outras punições, seus efeitos serão contrários. A disciplina permissiva produz comportamentos na sua maioria negativos, enquanto que a disciplina positiva estimula comportamentos positivos.

### **3.2. A visão do problema das condutas disruptivas por parte dos professores**

Como vimos no decorrer desse capítulo, o professor exerce grande influência sobre seus alunos e sua tarefa é bastante ampla, pois além de ensinar os conteúdos acadêmicos, também precisa transmitir valores e contribuir para que o aluno se torne um cidadão útil para a sociedade. Sua missão é grande e quando tem que lidar com a indisciplina dos alunos, seu ato ainda torna-se mais complexo, pois esse é um aspecto bem complicado nos dias atuais.

Na visão da maioria dos professores existe a ideia do “aluno ideal”, que é aquele aluno que todo professor almeja ter em sua sala de aula, porém, vale ressaltar que essa fórmula não existe, pois o que é ideal para um professor, pode não ser para o outro. O que é perfeitamente possível é identificar os traços que caracterizam o aluno ideal, como apresenta Salvador et al (2000): respeito às normas de relação com o professor e com os companheiros, esforço, atenção, constância nas tarefas, responsabilidade, motivação para a aprendizagem e interesse pelos conteúdos e atividades.



Um estudo realizado por Naranjo (2009) apresenta a visão do problema das condutas disruptivas na sala de aula por parte dos professores. Destacaremos algumas das contribuições:

- Os professores consideram que a educação em valores deve estar destinada a melhorar a convivência na sala de aula e a ensinar os alunos a conviver como cidadãos.

- A formação permanente para aumentar a competência dos professores novatos, no que se refere à resolução de conflitos.

- Necessidade de um maior envolvimento das famílias na escola.

- Os professores devem ser apoiados pela administração, colegas e pais, se querem que recuperem sua autoridade.

- Os alunos que rendem menos normalmente são aqueles que impedem o ritmo desejado da classe com seu comportamento disruptivo e são os que mais desafiam a autoridade do professor.

- Os orientadores devem ser os responsáveis de ajudar a resolver os conflitos. Seria útil que estes profissionais fossem competentes em técnicas de mediação e resolução de conflitos para resolver os problemas e assessorar os professores.

- Os problemas de conduta afetam os professores, causando desmotivação e aos bons alunos porque perdem oportunidades de aprendizado.

- Existe uma grande desmotivação por parte dos alunos; não se esforçam, nem desejam se aprofundar no aprendizado e a desmotivação provoca comportamentos disruptivos e um baixo rendimento.

- Alguns professores se queixam de transtornos psicológicos devido à impotência para poder exercer como professor, com normalidade.

O problema das condutas disruptivas é bastante complexo e causa grandes transtornos para a escola e principalmente para o professor, que lida diretamente com esses alunos. A escola, como sistema educativo, precisa apoiar diretamente aos professores e oferecer subsídios para que ele seja capaz de resolver os problemas em classe. Os profissionais responsáveis do setor disciplinar, bem como a orientação educacional, devem dar mais suporte ao professor e estar mais atentos aos problemas de comportamento em sala de aula, tratando dos casos específicos e

dos alunos “pivôs” que desencadeiam a indisciplina na sala de aula. Esse não é o trabalho para apenas um profissional e sim para uma equipe unida trabalhar em prol das soluções e prevenção dos problemas disciplinares.

Neste capítulo analisamos os perfis dos professores e os tipos de disciplinas aplicadas em aula. Existe uma variedade de tipos de professores, analisamos três perfis mais comuns que são os autoritários, permissivos e democráticos e os tipos de disciplina punitiva, permissiva e positiva, bem como suas implicações e efetividade em sala de aula. O professor democrático e a disciplina positiva são os modelos mais adequados para se aplicar no dia-a-dia da sala de aula, porém não é necessário que seja um modelo único, o professor pode variar seus métodos disciplinares desde que seja coerente e equilibrado nas suas ações.

## CAPÍTULO IV

### 4. CONDUTAS DISRUPTIVAS NA SALA DE AULA

A palavra *disrupção* está relacionada com romper, quebrar e destruir, portanto, podemos definir as condutas disruptivas como comportamentos que interrompem, atrapalham e quebram a normalidade e a rotina de uma sala de aula.

As condutas disruptivas dos alunos desestabilizam o ambiente da sala de aula, causando desconforto para os alunos e também para o professor. Perrenoud (2001) enumera alguns desvios que, em uma classe do ensino fundamental, colocam em jogo os interesses vitais do professor, seja porque desorganizam diretamente o funcionamento do grupo, seja porque enfraquecem a autoridade do professor e criam precedentes:

- Ausência frequente e injustificada;
- Atrasos reiterados;
- Agressão, violência física na classe ou no prédio escolar;
- Roubo de dinheiro, de objetos pessoais ou de material coletivo;
- Depredações, destruição de material;
- Recusa de fazer um trabalho, de obedecer a uma ordem, sobretudo quando a recusa for evidente e representar um desafio à autoridade do professor;
- Abandono dos locais escolares durante as horas de aula;
- Uso de palavras não autorizadas se forem frequentes, ruidosas e se interromperem as atividades dos outros;
- Grosseria deliberada, comentários escatológicos ou sexuais, agressão verbal violenta contra as pessoas;
- Maledicência, difamação, mentiras graves, inscrições anônimas contra as pessoas;
- Ações que criem perigo para o outro ou para o próprio aluno;
- Traçaças graves, falsificação de documentos ou assinaturas;
- Discriminação racial, social ou sexual caracterizada.

Esses são alguns exemplos dos comportamentos que causam desordem na sala de aula, atrapalhando o desempenho do professor e conseqüentemente o rendimento acadêmico da turma. Nesse capítulo nos aprofundaremos no assunto das condutas disruptivas, analisando os tipos de condutas e as causas mais frequentes para a manifestação de condutas indesejadas pelos alunos, além de analisar as relações interpessoais em sala e a problemática dos conflitos.

#### **4.1. As relações interpessoais em sala de aula**

As relações interpessoais são ingredientes essenciais de qualquer microsistema, ainda mais se for a escola, pela natureza basicamente social e comunicativa dos padrões de atividades que possuem as atividades educativas. Um dos aspectos fundamentais para compreender e explicar a aprendizagem, são, em grande parte, condicionadas ou mediatizadas pelas representações mútuas que sustentam. Salvador et al (2000). As relações interpessoais na escola, no que se refere a relação professor e alunos, interferem direta ou indiretamente no aprendizado dos mesmos. Daí a necessidade de se estabelecer relações interpessoais sólidas e equilibradas dentro do contexto escolar.

É desejo de todos que o ambiente escolar seja agradável e acolhedor e as relações estabelecidas ali sejam saudáveis e proveitosas, mas infelizmente nem sempre isso acontece, muitos alunos apresentam dificuldades de socialização e adaptação. Fante (2005) afirma que a adaptação do aluno à escola depende fundamentalmente do tipo de relacionamento que estabelece com o professor e com os colegas. Quando as relações vão bem, a escola é o que há de melhor para eles, porém quando essas relações não são adequadas, quando são discriminadas ou ignoradas, a escola se transforma em fonte de stress e inadaptação, causando conflitos interpessoais e diversas formas de violência, comprometendo a qualidade do ensino-aprendizagem.

A relação professor-aluno é fundamental para que o aprendizado seja efetivo em sala de aula. Não se pode conceber uma educação efetiva, se não houver afetividade ou o mínimo de

relacionamento entre ambos. Quando há rupturas nessa relação, provavelmente também haverá no aprendizado dos alunos. O professor precisa estar bem para ministrar bem suas aulas e os alunos precisam estar bem para terem estabilidade emocional que os levem ao aprendizado. Outro aspecto a ressaltar são as relações entre os alunos que devem ser mediadas pelo professor para que sejam estáveis.

#### **4.2. A problemática dos conflitos**

Vivemos numa sociedade onde os conflitos estão presentes em todos os seus âmbitos. Vivenciamos constantemente conflitos entre as nações, conflitos étnicos e religiosos, conflitos na política, conflitos familiares, entre homens e mulheres, filhos e pais, entre irmãos, etc. Os conflitos fazem parte da vida e cabe ao ser humano saber administrá-los da forma correta para ultrapassá-los e não deixar que atrapalhem o curso natural da vida. Os conflitos em si mesmo não são bons, porém, se forem administrados de maneira sensata e correta podem trazer crescimento e aprendizado.

A palavra conflito é definida como desavença, combate, choque, estar em oposição. Ferreira (2009). A vida é cheia de conflitos. De certa forma, a vida é um conflito. Uma boa empresa não é uma empresa sem conflitos e uma boa casa não é uma casa sem conflitos, e sim a empresa ou a casa são o lugar onde os conflitos se resolvem. Amadurecemos resolvendo bem os conflitos e nos amarguramos resolvendo-os mal. Segura (2009).

Os conflitos nascem da dificuldade do indivíduo ou grupo de indivíduos de saciarem suas necessidades tanto físicas quanto psicológicas. Medrado et al (2008). Os conflitos podem ser interpessoais, ou seja, divergências entre pessoas e também podem ser intrapessoais, são conflitos da pessoa com ela mesma ou dentro dela. Podemos considerar conflito toda e qualquer discordância entre as pessoas em um processo de interação social, discordâncias de pontos de vista diferentes em determinadas situações, discordância sobre um determinado tema e até mesmo confrontos originados pela interlocução entre a teoria e a prática. Os conflitos estão

presentes nas relações humanas e não são necessariamente negativos, podem representar meios de crescimento ou conforme for gerido, pode trazer consequências negativas ou positivas. Boarini (2013) afirma que os conflitos são prerrogativas humanas que podem ocorrer independentemente da faixa etária e classe social.

A ideia que a palavra conflito evoca, não é de uma coisa boa, o sentido é de divergência, guerra, brigas, confusão, desordem e desconstrução. Uma sala de aula onde existe conflito, certamente abriga a indisciplina, a distância da harmonia, a competição pelo exercício do poder e a sensação em que a vantagem de um, sempre dá mediante a derrota de outro. Antunes (2005).

No contexto escolar, os conflitos estão presentes constantemente: entre alunos e alunos, alunos e professores, professores e administração e até entre escola e família. Quando ocorrem dentro do ambiente da sala de aula, é preciso que o professor seja o intermediador desses conflitos e auxilie na resolução dos mesmos. Se forem tratados da maneira correta e construtiva, poderão ser revertidos e as relações podem ser restauradas e fortificadas. Caso contrário, quando o professor não consegue gerir as situações conflituosas, as consequências podem ser totalmente negativas, resultando em rompimento das relações entre os envolvidos.

A profissão de educador e a própria instituição escolar envolvem uma infinidade de elementos que em sua dinâmica geram conflitos, quando os conflitos ultrapassam o limite da convivência natural, surgem ações violentas e agressivas. Para Fernández (2005), conflito é uma situação de confrontação de dois ou mais protagonistas, entre os quais existe o antagonismo motivado por uma diferença de interesses. Alguns conflitos fluem com agressividade quando os instrumentos mediadores falham. Os professores são os mediadores dos conflitos e podem empregar estratégias para evita-los.

O conflito não é sempre algo ruim. Um conflito adequadamente resolvido pode oferecer diversos benefícios para os indivíduos. Peg (2002). Veremos no quadro a seguir os efeitos positivos e negativos do conflito, na visão do autor:

Tabela 13. Efeitos positivos e negativos do conflito.

<b>Efeitos potenciais positivos do conflito:</b>	<b>Efeitos potenciais negativos do conflito:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Aumento da motivação;</li> <li>▪ Identificação aperfeiçoada de problema/solução;</li> <li>▪ União do grupo;</li> <li>▪ Ajuste de realidade;</li> <li>▪ Aumento do conhecimento;</li> <li>▪ Criatividade aperfeiçoada;</li> <li>▪ Contribuição para a realização do objetivo;</li> <li>▪ Incentivo para o crescimento.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Diminuição da produtividade,</li> <li>▪ Desgaste da confiança;</li> <li>▪ Formação de alianças com posturas polarizadas;</li> <li>▪ Sigilo e redução no fluxo de informações;</li> <li>▪ Problemas morais;</li> <li>▪ Consumo de grandes quantidades de tempo;</li> <li>▪ Paralisia de tomada de decisões.</li> </ul>
<p><i>Esses benefícios não podem ser atingidos se o conflito for ignorado ou mal resolvido. Nesses casos, o conflito se torna prejudicial e até mesmo destrutivo.</i></p>	<p><i>Aprender a lidar com os conflitos de maneira eficaz é fundamental.</i></p>

Os conflitos em si mesmo não são totalmente maus, porém podem ser tornar ruins se forem mal resolvidos, causando muitos efeitos negativos nas pessoas envolvidas.

### **4.3. O que entendemos por condutas disruptivas?**

O conceito *disrupção escolar* tem sido bastante discutido no meio científico. A frequente utilização, na literatura científica, da expressão *disruptive behaviour* justificou preferência pelos seus equivalentes na língua portuguesa e conduziu à aceitação do conceito de *disrupção escolar* como a transgressão das regras escolares, prejudicando as condições de aprendizagem, o ambiente de ensino ou o relacionamento na escola. Veiga (2011).

Comportamentos disruptivos são transgressões e/ou afastamento das normas e regras escolares. De acordo com Oliveira, citado por Seruya (2013), os comportamentos disruptivos vão ter consequências sobre três sujeitos: o próprio aluno que comete a transgressão; os colegas da

turma que não conseguem receber aprendizagem e o professor que não consegue realizar as tarefas pressupostas para a aula.

No cotidiano escolar, os comportamentos agressivos ficam mais evidentes. Para os professores, eles dificultam o trabalho escolar, pois o ensino é obstaculizado pela falta de limites, pelas condutas inadequadas, pelo desrespeito às figuras de autoridade, pelas depredações, pelos danos ao patrimônio, pelos furtos, agressões físicas e verbais entre alunos e professores. Barbosa et all (2011).

As condutas disruptivas são inúmeras e os alunos quebram as regras e desestruturam as aulas constantemente, prejudicando a si mesmos, os colegas e o professor. A seguir veremos uma comparação sob a ótica de Perrenoud (2001) das transgressões em sala de aula e em contrapartida, as condutas valorizadas pelo professor.

Tabela 14. Condutas transgressoras e valorizadas

<b>Condutas de transgressões</b>	<b>Condutas valorizadas</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Frequentes conversas e comportamentos mais ou menos ruidosos.</li> <li>- Deslocamentos ruidosos e desordenados na sala de aula.</li> <li>- Comer ou mascar chicletes na aula.</li> <li>- Postura ou gestos insolentes ou deselegantes.</li> <li>- Aparência física pouco cuidada, falta de higiene, etc.</li> <li>- Forma desordenada e descuido de seus materiais.</li> <li>- Falta de cuidado com o ambiente da sala de aula.</li> <li>- Apresentação pouco caprichada dos trabalhos e cadernos.</li> <li>- Comportamento agressivo, nervoso, pouco prestativo, egoísta, individualista, depreciativo, invejoso, etc.</li> <li>- Expressão oral ou escrita relaxada, grosseira.</li> <li>- Desperdício de tempo, ritmo pouco contínuo, distração, atrasos nos trabalhos.</li> <li>- Dependência excessiva do professor ou dos colegas e necessidade constante de chamar a atenção.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Autonomia, capacidade de organizar os trabalhos, eficácia.</li> <li>- Coleguismo, altruísmo, disposição para servir e ajudar os colegas.</li> <li>- Atitude ativa e participativa no trabalho, iniciativa e contribuição.</li> <li>- Capacidade de assumir responsabilidades e compromissos.</li> <li>- Descentralização, capacidade de se colocar no lugar do outro, de pedir desculpas, etc.</li> <li>- Boa integração na classe e participação.</li> <li>- Gentileza e bom humor, sociabilidade.</li> <li>- Aplicação, assiduidade, concentração e calma.</li> <li>- Admiração pelo professor e vontade de ajudá-lo.</li> <li>- Manifestações de respeito, afeição.</li> <li>- Força e equilíbrio físico, agilidade.</li> <li>- Desempenhos brilhantes no âmbito intelectual, artístico ou esportivo.</li> </ul>

Vemos um paradoxo entre as condutas de transgressões, que são muitas e geram grandes transtornos na sala de aula e as condutas valorizadas, que são os comportamentos esperados dos



alunos na escola. Atualmente o que predomina nas escolas são as condutas de transgressões, a minoria dos alunos se comporta de maneira correta, isso é frustrante para a educação.

A disrupção escolar inclui pelo menos três dimensões operacionais na visão de Veiga (2007):

1. *Distração-transgressão*: Refere-se à atitude do aluno face à aula e à escola (distrações, esquecimentos, pontualidade, assiduidade).
2. *Agressão aos colegas*: são as condutas agressivas do aluno dirigidas aos colegas e ao próprio material escolar.
3. *Agressões a professores e outros elementos da comunidade educativa*: comportamentos escolares provocatórios, destacando-se a agressão física ou verbal do aluno dirigida aos professores, além do roubo na escola.

A escola é um local privilegiado de conflitos que estão associados a comportamentos disruptivos e estes, por sua vez, são influenciados por algumas variáveis, como o autoconceito, o sexo, a idade e a repetência. As discrepâncias econômicas e sociais, a carência de valores e o conflito de gerações são alguns dos fatores que podem explicar os desequilíbrios que perturbam tanto a vida social, como a vida escolar e consequentemente a disciplina na escola. Paiva (2009).

#### **4.4. Tipos de condutas disruptivas:**

Como vimos são muitos os tipos de condutas disruptivas que causam grandes interferências no desenvolvimento normal da sala de aula. Destacaremos nesse estudo alguns dos tipos mais frequentes:

#### 4.4.1. Verbais

As condutas verbais estão relacionadas ao que o aluno expressa no ambiente da sala de aula, seja dirigindo-se ao professor, seja aos colegas ou outros servidores da escola. As palavras expressadas são na maioria das vezes, insultos, xingões, ofensas, chamar os colegas por apelidos, falas desnecessárias que desviam o foco da aula, piadinhas ofensivas e normalmente em momentos impróprios, levando a desestabilização da aula. Também pode ser excesso de risadas e discussões entre alunos.

As agressões verbais são consideradas incivilidades, xingamentos, desrespeito, ofensas, modos grosseiros de se expressar, discussões, que se dão muitas vezes por motivos banais ou ligados ao cotidiano da escola. Embora, muitas vezes, as agressões verbais sejam compreendidas como fatos menores ou comportamentos típicos de adolescentes e jovens, elas têm um impacto sobre o sentimento de violência experimentado por alunos, e podem ser uma das portas de entrada da violência física. Abramovay (2006).

Numa pesquisa da UNESCO citada por Abramovay (2006), foram identificados os tipos de agressões verbais, segundo depoimento dos alunos, são elas:

- Palavras grossas, grosserias
- Insultos e difamação
- Discussões, bate-boca
- Ofensas
- Palavrões e xingamentos
- Apelidos feios
- Conflito
- Falta de respeito
- Brincadeiras de mau gosto.

Desde a última década, as provocações verbais, pela intensidade e forma como apresentam, passaram a ser entendidas como violência, na medida em que intimidam, amedrontam. Em geral, a sociedade, por conta do estereótipo presente no imaginário, entende a violência como característica da pessoa economicamente desfavorecida, quando atos infracionais são cometidos pelos mais favorecidos, ganham repercussão pública e escandalizam. Boarini (2013).

Um estudo realizado por Garcia et al (2011) no município de Molina de Segura, Murcia, Espanha propôs analisar o clima de convivência escolar e os conflitos em sala de aula, devido o aumento de alunos imigrantes naquela região, para verificar se os profissionais da educação eram capazes de gerir adequadamente os conflitos em aula. O estudo abrangeu alunos de 10 a 12 anos e os resultados mostraram que o nível de conflitos é baixo naquelas escolas e as agressões físicas não são percebidas, porém no que se referem às agressões verbais, os dados do estudo mostraram que são superiores às agressões físicas, pois o percentual de alunos que percebe esta conduta disruptiva foi de 53,9%. Portanto, as atitudes violentas estão presentes naquelas escolas primárias, manifestando-se principalmente através de agressões verbais. Os principais motivos para o baixo nível de agressões e conflitos naquelas escolas implicam no envolvimento das famílias no processo educativo de seus filhos, pois várias escolas contam com escola de pais na parte da tarde para envolver e transmitir conselhos aos pais acerca da educação de seus filhos. O estudo mostrou que se a escola se empenhar em desenvolver projetos e trabalhar com afinco as questões comportamentais dos alunos, poderá diminuir em muito certos tipos de condutas que são habitais na escola.

#### **4.4.2. Bullying**

Não faz muito tempo que começamos a ouvir com frequência no Brasil a palavra Bullying e cada dia mais tem se intensificado seu uso pela população em geral e principalmente nos meios educacionais e familiares. Seu uso exagerado faz sentido, pois o fenômeno tem aumentado significativamente entre as crianças e adolescentes. Por outro lado, o uso da palavra

Bullying se banalizou a ponto de qualquer dificuldade ou pequeno problema que ocorre na escola, ser caracterizado como Bullying, por pais, por alunos e até por profissionais da educação que não conhecem a fundo o significado da palavra.

O termo Bullying é de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão. Termo que conceitua os comportamentos agressivos e antissociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar. Fante (2005).

A palavra Bullying é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos como de meninas. Dentre esses comportamentos são destacados as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores, sem apresentar motivações específicas ou justificáveis. Isso produz muita dor e sofrimento às vítimas. Silva (2010)

O Bullying não pode ser pensado como uma brincadeira típica da idade. É diferente de racismo, de violência pontual, de depredação escolar, de brigas de gangues na escola, de assédio sexual e moral. Apesar de todos esses conceitos estarem incluídos nas características do fenômeno, o Bullying só ocorre entre pares e só é considerado como tal quando há uma perseguição maldosa com a intenção de humilhar, caracterizada pela repetição e pelo desnível de poder. Paini e Pingoelho (2014).

Os abusos ou maus tratos entre colegas, ou Bullying, referem-se a uma ação na qual um indivíduo é agredido e intimidado por outro (s) indivíduo (s) convertendo-se em vítima incapaz de defender a si mesma. Os tipos de Bullying são variados e se identificam como ações de intimidação às quais se proporciona uma série de combinações de agressões físicas, verbais e psicológicas. Fernández (2005).

A seguir veremos algumas formas de Bullying apresentadas por Silva (2010):

Tabela 15. Tipos de Bullying

<b>Verbal</b>	Insultar, ofender, xingar, fazer gozações, colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas, “zoar”.
<b>Físico e Material</b>	Bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar, roubar, furtar ou destruir os pertences das vítimas, atirar objetos contra a vítima.
<b>Psicológico e Moral</b>	Irritar, humilhar e ridicularizar, excluir, isolar, ignorar, desprezar, fazer pouco caso, discriminar, aterrorizar, ameaçar, chantagear, intimidar, tyrannizar, dominar, perseguir, difamar, passar bilhetes e desenhos entre os colegas de caráter ofensivo, fazer intrigas e fofocas.
<b>Sexual</b>	Abusar, violentar, assediar e insinuar.
<b>Virtual</b>	Utilização da internet e celular para difamar, difundir de maneira avassaladora calúnias e maledicências sobre a vítima. Mais conhecido como <i>Cyberbullying</i> .

Existem inúmeras formas de se manifestar o Bullying, os agressores agem de maneiras variadas e diferentes, dependendo de cada situação ou contexto. Cada forma com suas características peculiares, porém todas trazem sérios prejuízos físicos e psicológicos a vítima.

Os protagonistas desse fenômeno, de acordo com os estudiosos dos comportamentos de Bullying, são as vítimas, os agressores e os expectadores:

### 1) Vítimas:

- *Vítimas típicas*: Geralmente são alunos pouco sociáveis, tímidos, reservados, inseguros, com dificuldades de aprendizagem ou que apresentam alguma marca que as destaca da maioria dos alunos: são gordinhas, ou magras demais, altas ou baixas, que usam óculos, deficientes físicos, são de raça, credo ou condição social diferentes, etc. Silva (2010)
- *Vítimas provocadoras*: São aquelas que conseguem colocar seus colegas contra si mesmas. São aquelas que provocam e atraem reações agressivas contra as quais não consegue lidar com eficiência.
- *Vítimas agressoras*: São aquelas que reproduzem os maus tratos recebidos em outras pessoas mais frágeis do que ela com o intuito de transferir para o outro aquilo que lhes fizeram.

### 2) Agressores:

Os agressores podem ser alunos de ambos os sexos e geralmente apresentam capacidade de liderança. Possuem em sua personalidade traços de desrespeito e maldade. Pode agir sozinho

ou em grupo, possuem aversão às normas e não aceitam serem contrariados ou frustrados, geralmente estão envolvidos com pequenos delitos. Silva (2010).

### 3) **Espectadores:**

São os alunos que presenciam o Bullying, porém não o sofrem e nem praticam. Representa a grande maioria dos alunos que convive com o problema, mas pratica a lei do silêncio por medo do agressor. Mesmo sem sofrer agressões, podem se sentir inseguros e incomodados. Fante (2005).

As consequências do Bullying são muitas e não afetam somente as vítimas, mas a todos os protagonistas, de forma direta ou indireta e por extensão as pessoas com as quais elas convivem, como por exemplo a família, os professores e os colegas. As vítimas podem sofrer de problemas de depressão decorrentes dos traumas sofridos e desenvolver doenças psicossomáticas, bem como no futuro, quando se tornar adulto, praticar o Bullying no seu local de trabalho.

Crianças que, sistematicamente afrontam e vitimizam seus colegas e professores e apresentam oposição à realização de tarefas e regras escolares, são frequentemente rejeitadas no contexto escolar. Elas acabam recebendo menor investimento afetivo e acadêmico dos professores e colegas. Barbosa et al (2011).

Para a vítima, pode ser motivo de traumas psicológicos, risco físico, profunda ansiedade, infelicidade e problemas de personalidade, insatisfações e riscos para o seu desenvolvimento. Também tem implicações escolares, tais como o fracasso escolar, pouca concentração, absenteísmo, sensação de enfermidade, stress e problemas com o sono. Para os agressores, pode ser o ensaio de uma futura conduta de delitos. Já para os colegas observadores, representa uma atitude passiva e complacente perante a injustiça, além de manifestar clara falta de solidariedade. Fernández (2005).

Os comportamentos agressivos, violentos e antissociais podem ser considerados Bullying quando são recorrentes e intencionais. São várias as formas manifestadas, mas sempre com desejo consciente de maltratar por parte dos agressores. Esse fenômeno tem trazido grandes danos aos alunos vitimados, pois afetam o físico e também o emocional, trazendo sérios traumas

difíceis de serem apagados. A escola e os professores não podem tolerar esse tipo de conduta, pois violência gera violência e assim torna-se um círculo vicioso cada vez mais difícil de se erradicar.

#### **4.4.3. De relação com os professores**

A troca entre professor e aluno pode ser bem mais complexa se o aluno apresenta distúrbio de conduta. Muitas vezes os professores não estão preparados para lidar com crianças com inabilidade para aprender ou para se relacionar com os colegas e o professor de forma adequada, com comportamentos desajustados, humor oscilante, etc. Nesse caso, os dois lados podem vir a sofrer stress, por vezes excessivo. O aluno com distúrbios de conduta, por ser tratado de maneira inadequada por um professor despreparado, e o professor por se sentir inseguro e sem recursos. Lipp (2002).

Problemas na relação professor-aluno, déficit de autoridade do professor e aula descontextualizada, também podem ser pressupostos para ocorrência de indisciplina durante a prática pedagógica. Moraes e Ferreira (2011).

O professor pode ser considerado como principal responsável pela indisciplina sempre que não consegue gerir a aula de modo a inibir o aparecimento e desenvolvimento de comportamentos indisciplinados. A forma como o professor comunica na sala de aula pode afetar as atitudes e comportamentos dos alunos. Para grande parte dos alunos que apresentam comportamentos disruptivos, o comportamento dos adultos reveste-se da maior importância na configuração dos seus próprios comportamentos, por isso, não é de estranhar que o comportamento dos alunos seja adequado com alguns professores e inadequados com outros. Velez (2010).

A qualidade da convivência na escola depende, em boa parte, de como são as relações que se estabelecem entre os professores e alunos. Os melhores professores são descritos pelos alunos como pessoas que geram confiança, superando a tradicional redução do ensino e a mera

reprodução de conteúdos e transmitindo o desejo de aprender e o significado da aprendizagem, que favorece a capacidade de seguir aprendendo. Ao contrário, os piores professores são associados frequentemente a discriminação negativa e a humilhação. Diaz-Aguado (2005).

No passado, a pessoa do professor era vista com muito respeito pela sociedade em geral. Os pais e os alunos respeitavam o professor. Hoje, infelizmente esse cenário tem mudado e a figura do professor já não é vista como antigamente e nem mesmo é respeitada como deveria ser. Cada dia mais os professores vêm sofrendo agressões verbais e até físicas por parte dos alunos. Numa pesquisa da UNESCO, citada por Abramovay (2006), os resultados mostraram que 11% dos membros do corpo técnico-pedagógico afirmaram já ter sofrido agressão na escola.

Os professores têm sofrido ameaças e muitos passam por humilhações. Os alunos tornaram-se inimigos temidos de alguns professores. Estamos diante de um caos na educação. Os valores estão totalmente invertidos e a relação professor-aluno tem sido cada dia mais complicada, levando professores a abandonarem a profissão e outros a se afastarem por traumas psicológicos e até físicos. Que futuro podemos esperar de uma sociedade pervertida como esta?

#### **4.4.4.Físicas**

A agressividade física se manifesta desde muito cedo nas crianças, desde os primeiros anos de vida, a reação mais provável para qualquer circunstância que uma criança enfrenta, é bater, empurrar, morder, beliscar e etc. A impressão que temos que não é somente mecanismo de defesa, mas sim que isso traz prazer e satisfação. Partindo do pressuposto que a criança não nasce sabendo fazer essas coisas e que de acordo com o ambiente vai aprendendo e adquirindo esses hábitos, podemos supor que ela aprende essas condutas por preceito e exemplo, ou seja, vendo os outros fazerem, e as primeiras influências da criança, vem da família. Diante disso podemos supor que o exemplo dos pais, afeta diretamente na conduta e comportamento dos filhos. Barbosa et all (2011) corrobora com essa ideia dizendo que crianças que foram expostas a contingências agressivas no âmbito familiar, com a manifestação de comportamentos agressivos,



tendem a reproduzir esse padrão comportamental na escola. A agressividade pode se manifestar precocemente, persistir e se agravar, aparecer em outras fases do desenvolvimento humano ou metamorfosear suas formas e funções durante o curso da vida.

A agressividade na adolescência pode se manifestar das mais diversas formas, desde pequenos conflitos verbais entre indivíduos ou grupos até brigas físicas e violentas geradas pelas razões mais fúteis possíveis. São visíveis os abusos e as arbitrariedades dos “mais fortes” em relação aos mais frágeis. Geralmente estas manifestações exasperadas, ainda que disfuncionais e socialmente inaceitáveis, de jovens se lançando na busca de sua própria identidade, são as formas tortas e ineficazes de demonstrarem que existem e que valem alguma coisa para seus colegas, amigos, familiares e também para a sociedade. Silva (2010).

A agressividade se traduz em atos ou omissões capazes de provocar alterações indesejáveis no interior das unidades escolares. Medrado et al (2008) levantam as seguintes hipóteses sobre esse comportamento:

- Pressupõe uma ação exógena.
- Pressupõe mais do que um ator envolvido.
- Pressupõe a pré-existência de normas, regras e valores que determinam o que é adequado ou não e a violação dessas regras.
- Pressupõe uma relação de força e poder.
- Pressupõe o retorno do investimento agressivo, que de alguma maneira se apresenta mais compensatório para o agressor do que a não violência.
- Pressupõe necessidades não satisfeitas.
- Pressupõe privações sofridas.
- Pressupõe o desejo de reação, de ser visto e compreendido.

No espaço escolar, ocorrem agressões físicas que são consideradas pelos alunos como “brincadeiras”. Estas se constituem em golpes que são desferidos contra os colegas com a intenção de simular situações de *guerrinhas*, de lutas. Entretanto, esses entraves muitas vezes

ocasionam desentendimentos e o que parecia ser uma brincadeira entre alunos evolui para uma briga com agressão física. Abramovay (2006).

Numa pesquisa da UNESCO (2006), foram identificadas as principais brincadeiras entre alunos, segundo o depoimento dos próprios alunos:

- Tapas, socos e pontapés
- Murro nas costas
- Corredor Polonês/ corredor da morte
- Empurra-empurra
- Chutes e puxões
- Bolão.

Vemos que a agressividade está muito presente no ambiente escolar, tanto agressões verbais, como físicas. Infelizmente os alunos estão demonstrando atitudes insanas, onde tudo tem que ser resolvido nos “tapas” e de forma brutal. Basta apenas um olhar diferente por parte de outrem para desencadear brigas e agressões. A escola precisa agir contra todo e qualquer tipo de comportamento agressivo, não permitindo dentro do espaço escolar que tais atitudes aconteçam. Não se pode fechar os olhos e deixar que a escola se torne um ringue de lutas.

#### **4.5. Causas das condutas disruptivas**

São muitos os fatores que causam indisciplina na escola e o aparecimento de condutas disruptivas, as origens são múltiplas e as responsabilidades tem que ser divididas entre sociedade, famílias e escola. As condutas disruptivas na sala de aula têm assolado os professores e demais profissionais da educação. Diante disso, perguntamos: De onde vem esse tipo de comportamento? Quais são as causas que estão implícitas nas condutas disruptivas dos alunos?

A seguir analisaremos as possíveis causas das condutas disruptivas na sala de aula na visão de diferentes autores.

#### **4.5.1. Familiares**

O comportamento violento e agressivo que o aluno apresenta na escola, tem sua origem, dentre outros fatores, no modelo educativo familiar de acordo com o qual foi criado, devido ao tipo de estimulação que foi exposto desde pequeno, pela forma de convivência da família, a carga emocional recebida, pelo tom de voz que foi tratado, castigo físico, descaso dos pais, etc. Fante (2005). Segundo autora, esses são os fatores familiares que contribuem para as condutas agressivas dos filhos:

- Os maus-tratos e o modelo educativo familiar.
- Métodos educativos ambíguos.
- Desestruturação familiar.
- Falta de tempo para os filhos.

Como vimos, são muitos os fatores de risco que resultam em agressividade nas crianças e adolescentes. Fernández (2005) corrobora e amplia essa ideia enumerando-os da seguinte maneira:

- A desestruturação da família, cujo papel tradicional é questionado pela ausência de um dos progenitores ou por falta de atenção.
- Os maus tratos e o exemplo violento no seio da família, onde a criança aprende a resolver os conflitos por meio de dano físico ou da agressão verbal.
- Os exemplos familiares por meio dos quais se aprende que o poder é sempre exercido pelo mais forte, com falta de negociação e diálogo.
- Os métodos usados com relação à criança, com práticas excessivamente permissivas e inconscientes, ou, ao contrário, práticas restritivas e em alguns casos excessivamente punitivas.

- A falta de afeto entre os cônjuges somado a ausência de segurança e de carinho, o que provocam conflitos familiares.

A privação familiar também é considerada um fator que causa problemas de condutas nas crianças e adolescentes, levando-os a praticar atos de violência e indisciplina na escola. Medrado et al (2008) afirmam que a convivência familiar, principalmente, e mais tarde escolar e social, vai determinar a internalização do superego, que é nosso julgador moral, nosso código de ética interno. Ou seja, se o código de ética interno apresentar déficit, logo, o aluno estará mais susceptível a apresentar comportamentos e condutas indesejadas.

É evidente que todo aluno “indisciplinado” ou “violento” tem seus determinantes psíquicos, pertence a uma família, independente do seu modelo de estruturação, e que a indisciplina escolar é um fenômeno que se concretiza na escola. Boarini (2013).

A família constitui um dos núcleos de referência para a aquisição de modelos de conduta. Assim, alguns comportamentos dos pais podem ser considerados como influentes para o desenvolvimento de comportamentos agressivos nas crianças e jovens. O comportamento agressivo da criança tem muitas vezes sua origem na forma como esta é educada pelos seus pais, pois os estilos de educação baseados em níveis elevados de punição, na confrontação direta com a criança, e no reforço de condutas negativas e/ou indiferença promovem o desenvolvimento desses comportamentos. Velez (2010).

A família tem uma carga muito grande de responsabilidade sobre seus filhos, principalmente quando se trata de condutas e comportamentos que serão reflexo do lar. Cabe às famílias se conscientizarem de suas responsabilidades e proporcionar um ambiente favorável para o desenvolvimento de seus filhos. Infelizmente, as crianças provenientes de famílias desestruturadas ou que são privados de suas famílias, sejam quais forem os motivos, sofrerão as consequências, seja em maior ou menor grau.

#### 4.5.2. Pessoais

Atrelada ao contexto familiar, podemos afirmar que os problemas pessoais também são causadores de condutas disruptivas. A criança e o adolescente vão externar aquilo que tem dentro de si. Se o ambiente em que cresceram e foram criados proporcionou-lhes coisas boas e positivas, provavelmente suas reações serão boas e positivas, porém, ao contrário disso, se o ambiente lhe proporcionou experiências negativas e uma vivência difícil, externarão, na maioria das vezes, coisas negativas.

A criança e o adolescente não são terreno virgem, o aluno quando chega à escola tem um código interno de acordo com as experiências vividas, portanto, não dá para analisar o fenômeno da violência, somente a partir do aqui e agora, é necessário analisar as privações sofridas (afetivas e sociais) e com qual intensidade se apresentaram. Quanto mais cedo a carência se instala, mais danos ela poderá causar. Medrado et al (2008).

Pesquisas efetuadas permitiram verificar que os fatores individuais mais testados pelos investigadores são problemas relacionados com complicações natais e perinatais; os problemas de saúde, em especial os problemas cardíacos; os distúrbios psicológicos internalizados, como nervosismo, ansiedade e depressão; os problemas de temperamento ligados à concentração e à hiperatividade; a agressividade; a iniciação precoce de condutas violentas; a crença no comportamento antissocial; o abuso precoce de álcool e drogas, além de baixo nível de inteligência associado a uma maneira inadequada de resolver os problemas. Velez (2010).

Para além destes fatores internos que estão relacionados com as experiências de vida da criança, também existe o fator genético que forma a personalidade de cada pessoa. Naranjo (2009), baseado em estudos de Arranz afirma que um dos fatores apontados nos estudos é o temperamento, entendido como aspectos dominantes da personalidade com base genética. No caso das chamadas crianças difíceis ou propensas a manifestar problemas de conduta, seu padrão de comportamento está caracterizado por ira intensa, ataques de fúria, irritabilidade extrema, impulsividade extrema e baixa tolerância à frustração, além de falta de empatia, mau humor e atitude positiva para com a agressão, que também são fatores psicológicos relacionados com os

problemas de conduta. Os problemas intrínsecos de uma criança, alteram significativamente seus comportamentos e condutas.

#### **4.5.3. Contexto Social**

O contexto social também pode ser considerado uma das causas das condutas disruptivas na sala de aula e do aparecimento de comportamentos violentos e agressivos na criança e no adolescente. Todos nós estamos inseridos num contexto social geral, porém algumas famílias mais desfavorecidas estão imersas numa sociedade muito mais caótica, enfrentando a pobreza extrema e suas consequências, que influenciam significativamente o comportamento dos que estão em processo de aquisição de conhecimento e desenvolvimento.

A sociedade atual e sua estrutura social, com grandes bolsões de pobreza e desemprego, favorecem contextos sociais em que é mais propício um ambiente de agressividade, delinquência e atitudes antissociais. Os princípios competitivos em contraste com a falta de emprego propiciam atitudes violentas. Fernández (2005). A própria situação social com seus princípios competitivos propiciam comportamentos agressivos nos jovens, bem como a exclusão social na infância e juventude fazem com que prolifere a violência, como uma forma de mostrar que existem e que também fazem parte do mesmo contexto social. Fante (2005)

O comportamento violento pode ser resultado da atuação de fatores sociais como condições de vida difíceis, problemas econômicos, inflação, desemprego, e conflitos políticos. Velez (2010).

A violência nas escolas é atualmente um fenômeno real que já faz parte dos problemas sócio-políticos do país. Trata-se de uma questão multicausal e complexa. A miséria, o desemprego, as desigualdades sociais, a falta de oportunidades para os jovens e a presença insuficiente ou inadequada do Estado fazem aumentar as manifestações de violência. Entretanto, não se trata de um fenômeno circunscrito a fatores estruturais de ordem socioeconômica. Em razão disso, a violência deve ser entendida no âmbito cultural e psicossocial dos indivíduos, dos

grupos e da sociedade. Enquanto Instituição, a escola sofre os reflexos dos fatores de violência externos que têm gerado conflitos manifestados dentro da sala de aula, comprometendo o aprendizado e as relações interpessoais. Rosa (2010).

É notório que os problemas da sociedade atual, estão contribuindo para o aumento da violência na escola e que as condutas manifestadas pelos alunos são influenciadas ou são reflexos da sociedade no qual estão inseridos.

#### **4.5.4. Meios de comunicação**

Os meios de comunicação em geral são grandes formadores de opinião nos cidadãos. Hoje praticamente toda a população tem acesso a eles, com raríssimas exceções. Nos últimos anos a televisão tem aberto e escancarado as portas para programas com cenas de violência sem limites, banalização do sexo, nem mesmo respeitando a restrição de horários, reality shows com cenas obscenas que revelam a podridão que a sociedade chegou, desenhos animados com mensagens subliminares e incentivo ao golpe, roubo, tirar vantagens sobre os outros, violência, etc. As famílias normalmente não colocam regras e limites para os filhos com relação a programas que devem ou não assistir. Muitos pequeninos veem diante de seus olhos cenas que jamais deveriam presenciar na tenra idade. Os pais deveriam poupar seus filhos de receber tão precocemente informações e assistir programas tão prejudiciais ao desenvolvimento das mesmas. Esse excesso de informações negativas podem, sem dúvida nenhuma causar danos mentais e morais nos filhos. Fernández (2005) afirma que as crianças recebem o impacto dessas imagens diretamente, e às escolas cabe somente à possibilidade de ajudá-los a discernir a mensagem da mídia e, sobretudo de criticar a informação comunicada por esse meio.

Um estudo realizado no Canadá para avaliar o impacto global da televisão sobre as crianças e se as crianças que tem acesso a esse meio de comunicação diferem sistematicamente dos que vivem em áreas isoladas, onde não há acesso à televisão. Antes da chegada da televisão na isolada cidade de “Notel”, as crianças que viviam ali, obtinham melhores resultados em criatividade e domínio da leitura do que outras crianças da mesma idade que viviam em outras

idades canadenses onde havia televisão. Todavia, dois a quatro anos após ser introduzida a televisão, as crianças de “Notel” mostraram uma diminuição de suas habilidades de leitura e de sua criatividade, menor participação na comunidade e um incremento espetacular de agressão e de estereótipos de genero. (Corteen y Williams, 1986; Harisson y Williams, 1986) Citado por Shaffer (2002). Notam-se claramente como as influências televisivas são grandes para o público em geral e principalmente para o público infantil que está em processo de desenvolvimento do caráter e aquisição do conhecimento.

A presença da televisão no lar também tem efeito de diminuir o tempo que os pais dedicam aos seus filhos para realizar atividades de lazer não relacionadas com a televisão, como jogos e saída familiares e a maioria dos pais, pelo menos de vez em quando, utilizam-se da televisão como um “canguru eletrônico”. Ainda que os membros da família passem muitas horas próximos enquanto assistem a televisão, muitos críticos acreditam que essa maneira de interação familiar não é muito significativa para os mais pequenos, particularmente se disserem que fiquem sentados e quietos até o momento em que apareçam as propagandas. Shafer (2002).

Os meios de comunicação, em especial o televisivo, vêm sendo questionado por contribuir para o aumento da agressividade, principalmente entre crianças. Existe uma grande relação entre a televisão e a construção de identidade e de comportamento, não só nos adolescentes, mas de toda a sociedade. Fante (2005).

A funcionalidade da violência também pode ser observada nos meios de comunicação que utilizam da violência para atrair o público, afetando a percepção dos indivíduos. Por vezes distorcem a realidade com brincadeiras que expõem as pessoas à situações vexatórias, fabricando idiotas que se submetem, e, ainda que não seja seu escopo, e em detrimento de tantas outras importantes contribuições, o que a mídia acaba por produzir com isto é um clima propício para o experimento da ridicularização e da selvageria. Medrado et al (2008).

Os meios de comunicação disputam cada vez mais espaço com a família, a escola e com outras agencias socializadoras na educação das crianças e adolescentes. Elas se mostram inclusive, mais eficientes não só na transmissão de valores, mas, sobretudo na “formatação” da



cabeça das crianças. Os efeitos perniciosos destes meios de comunicação na educação das crianças e adolescentes estão circunscritos ao que eles transmitem. Silva (2004).

A televisão é inevitável na sociedade atual, pois em quase 100% dos lares ela existe. Diante disso, cabe aos pais selecionarem os programas e o tempo de uso da televisão, de modo que ela não se torne um malefício para os filhos. Em uma revisão da literatura, se encontrou que as crianças podem realmente tirar muita informação valiosa da televisão, sobretudo de programas educativos. Anderson y Collins, 1988, citado por Shaffer (2002). Os pais precisam saber realmente quais são os programas educativos, pois a maioria dos programas infantis não tem nada de educativo, muito pelo contrário. Shaffer (2002) apresenta algumas estratégias eficazes para regular o que as crianças veem na televisão extraídas de Slaby et al, 1995 e Seppa, 1997.

Tabela 16. Estratégias eficazes para o uso da televisão

<b>Estratégia</b>	<b>Desenvolvimento</b>
Limitar o tempo de ver televisão	Estabelecer regras claras para limitar o tempo que as crianças podem ver a televisão. Não usar como um canguru eletrônico.
Fomentar uma visão apropriada	Incentivar as crianças a verem programas informativos e pró-sociais adequados para eles. Bloquear o sistema de acesso a outros canais.
Explicar para as crianças a informação televisada	Assistir televisão junto com as crianças e assinalar aspectos sutis que eles não captam.
Modelar bons hábitos televisivos	As práticas televisivas parentais influenciam nas das crianças, portanto, evitar ver demasiada televisão, especialmente programas que são inapropriados para elas.
Autoridade dos pais	Os casais carinhosos com um estabelecimento razoável e racional de limites fazem as crianças mais receptivas ao controle parental, incluindo as restrições sobre o ato de ver televisão.

Existem maneiras e métodos de controle que os pais podem utilizar para regular e acompanhar o que os filhos estão assistindo, basta um pouquinho de atenção e cuidado por parte dos pais para evitar que seus filhos estejam expostos a programas inadequados.

A internet é outro meio de comunicação que nos últimos anos tem roubado a cena e os telespectadores para si. Hoje as crianças e jovens tem trocado a televisão, que é um meio de

diversão passiva, pela internet que é ativa. Os jogos online são a diversão da juventude e das crianças, que cada vez mais cedo, tem acesso a conteúdos que deveriam ser restritos a tais idades. Esses jogos, além do incentivo à violência e promiscuidade causam grandes transtornos psicológicos nas crianças, pois elas não estão preparadas emocionalmente para lidar com isso e não estão aptas para separar o real da fantasia e as consequências vão desde a insônia e mau humor até a pensamentos suicidas.

Infelizmente a escola, de maneira geral, tem feito pouco ou quase nada no sentido de orientar os alunos a utilizar corretamente os meios de comunicação, salvo alguns professores mais conscientes que trabalham em suas aulas tais temas. É preciso que haja um trabalho conjunto entre escola e família. A escola fazendo o papel de conscientizadora e esclarecedora e a família, colocando em prática e monitorando. O desafio é grande, mas vale a pena investir tempo e atenção na formação das crianças e jovens.

No decorrer deste capítulo, tratamos sobre as condutas disruptivas na sala de aula, as relações interpessoais e como interferem no aprendizado do aluno, bem como o ambiente escolar, onde acontecem as relações interpessoais, que precisa ser acolhedor para tornar o aprendizado mais efetivo. Vimos também sobre a problemática dos conflitos e que os conflitos são inevitáveis e fazem parte da vida, porém, precisam ser mediados e bem resolvidos, pois quando há falhas nesse processo, pode haver ruptura nos relacionamentos e tornar-se em agressividade entre os envolvidos.

Trabalhamos detalhadamente os tipos de condutas disruptivas mais comuns na escola, que são as *verbais*, onde as manifestações agressivas acontecem através das palavras, xingões, etc. O *Bullying*, que é um fenômeno que vem aumentando cada dia nas escolas, onde as principais características são os maus tratos e abusos propositais com intenção de ver o sofrimento alheio. Outro aspecto ressaltado foram as condutas de *relação com os professores*, onde tem se manifestado maus tratos físicos e verbais aos professores, causando danos psicológicos, entre outros. A agressividade *física*, também tem sido manifestada entre alunos e se estendido ao corpo docente e servidores das escolas.

Por último, trabalhamos as possíveis causas das condutas disruptivas, que são as *familiares*, onde o exemplo dos pais, a desestruturação familiar, os métodos disciplinares, a falta de tempo e afeto tem contribuído muito para o aumento de tais condutas, as *pessoais*, que são os problemas intrínsecos do aluno que o levam a praticar condutas disruptivas, o *contexto social* que também tem contribuído para aumentar os problemas de comportamento, devido à violência e desestabilidade que a sociedade tem enfrentado e por fim *os meios de comunicação* em massa que influenciam diretamente no comportamento das crianças. São muitos os fatores que tem causado grandes problemas para a escola, interferindo e atrapalhando o processo educativo. Existe solução para tantos problemas? Talvez não seja possível erradicar a maioria deles, isso seria utopia, porém, se a escola estiver aberta a novos programas e projetos, poderá amenizar em muito os problemas disciplinares. No próximo capítulo veremos as estratégias para combater as condutas disruptivas na sala de aula.

## **CAPITULO V**

### **5. ESTRATÉGIAS PARA COMBATER AS CONDUCTAS DISRUPTIVAS NA SALA DE AULA**

O problema das condutas disruptivas abrange uma dimensão tão complexa que não pode ser deixado passar por alto. É preciso que haja um compromisso da escola, dos professores e das famílias para procurar amenizar esse problema. A escola deve elaborar projetos e programas de conscientização aos alunos e de estímulo às boas condutas, ao respeito mútuo, à disciplina, ao autocontrole e etc. A educação em valores pode ser uma estratégia eficaz para melhorar os maus comportamentos. Um bom trabalho de prevenção também pode contribuir muito. Todas essas atitudes devem ser construídas com toda a equipe pedagógica e administrativa da escola, envolvendo as famílias e a comunidade para que passo-a-passo seja possível avançar e melhorar esse problema que afeta diretamente o ambiente da sala de aula e da escola em geral.

No contexto de globalização mundial, a prevenção da indisciplina e da violência requer um esforço conjunto da escola com a família. A escola deve assumir sua real responsabilidade na formação da consciência moral dos jovens, não somente através dos conteúdos que ensina, como também da forma como os transmite. A importância da comunicação, vivenciada de escuta e apoio, como poderoso instrumento de intervenção na indisciplina escolar. Dias (2009).

A escola precisa, num esforço conjunto, elaborar métodos de combate à indisciplina e aos comportamentos disruptivos em sala de aula. Diaz-Aguado (2005) em suas investigações comprovou a eficácia de quatro procedimentos para melhorar a convivência e prevenir a violência na escola. Estes procedimentos podem ser aplicados em qualquer conteúdo ou matéria educativa:

- a) Experiências de responsabilidade e solidariedade em equipes heterogêneas de aprendizagem cooperativa em que os alunos aprendam a investigar, ensinar e aprender com os companheiros que são ao mesmo tempo iguais, mas diferentes.
- b) Discussões e debates entre companheiros em grupos heterogêneos sobre distintos tipos de conflitos.

- c) Experiências sobre procedimentos positivos e eficazes de resolução de conflitos, através dos quais os jovens podem aprender a usar a reflexão, a comunicação, a mediação ou a negociação para defender seus interesses ou direitos.
- d) Experiências de democracia participativa, baseadas na criação de contextos que permitam conhecer e compaginar diversidades de perspectivas e adotar decisões de forma democrática.

### 5.1. A educação em valores

Os valores são definidos como normas, princípios ou padrões sociais aceitos ou mantidos por um indivíduo, classe ou sociedade. Ferreira (2009). Antes de falar sobre a educação em valores, vamos conceituar de maneira sucinta a palavra “valor” ou “valores” de acordo com o pensamento de alguns autores:

Raúl Posse

*“- Utilidad o aptitudes que residen en las cosas y que se determinan como bienes.  
- Virtudes que pueden satisfacer una necesidad o proporcionar un gozo o placer.  
- Lo que hace “buenas” a las cosas, por las que las apreciamos y merecen nuestra atención y deseo.  
- Como actitud sociológica, psicológica y espiritual, cualidades humanas sociales, intelectuales, afectivas y superiores de alma”.* (Posse, 1994: 4-5)

Carvalho

*“Entendemos que valores são um conjunto de procedimentos, atitudes, e até mesmo visão de mundo (influenciados ou não pela cultura, herança familiar e meio) que nos faz agir e interagir com o mundo em que vivemos”.* (Carvalho, 2000:112)

Salvador et al

*“Os valores constituem-se no marco que proporciona sentido, orienta os juízos e as ações e permite tomar decisões. Têm a dimensão de projetos ou de direcionamentos e fazem referência a estados finais, a qualidades da existência desejáveis, que se almeja conseguir (paz, liberdade, igualdade, felicidade, etc.) ou a tipos de conduta considerados ideais (criatividade, honestidade, responsabilidade, etc.)”.*(Salvador et al, 2000: 322)

Teixeira e Lopes

*“Os valores estão relacionados com as necessidades humanas, sejam elas biológicas, de sobrevivência, de bem-estar ou de relações interpessoais. Embora transcendam situações específicas, os valores funcionam como guias de comportamento, fazendo com que as pessoas priorizem certas metas ou caminhos ao invés de outros”.* (Teixeira e Lopes, 2005: 52)

Mas em que consiste a educação em valores? Como educar com valores em uma sociedade que já não distingue o certo e o errado?

A verdade é que a sociedade cada vez mais tem perdido o rumo dos valores, podemos dizer que passa por uma crise de valores. Não tem quase nada a oferecer para as crianças que são o futuro da sociedade. Que exemplo pode essa sociedade oferecer? Injustiça, desonestidade, criminalidade, corrupção, falsidade?

Mas em meio a tantos valores distorcidos ainda existe uma esperança que pode ajudar a reverter ou remediar esse quadro. É a família e a escola, estas duas instituições tem condições de oferecer uma boa base de valores, porque educam as crianças na tenra idade, e que podem tornar-se base para uma sociedade melhor. Para isso, tanto a família como a escola precisam desempenhar bem o seu papel na formação dos valores nos seus educandos. Primeiramente abordaremos o papel da família na interiorização dos valores nos filhos e depois, da escola.

A família é o primeiro local de socialização da criança, é nela que se estabelecem os laços afetivos e é onde se desenvolve os traços de caráter durante seus primeiros anos de vida e que perdurarão para sempre, pois sua influência é profunda. Cabe à família transmitir valores espirituais, sociais, culturais, virtudes e atitudes que dão impulso à vida, tornando assim o lar o ambiente que favorece a formação de crianças críticas, com elevado padrão de autoestima e que sejam capazes de distinguir lá fora os conceitos do bom e mau e saiba gerenciar esses valores que lhes foram inculcados no lar.

Os pais devem ensinar pelo exemplo, assim sendo modelos e vivenciando o que “pregam”, poderão inculcar na mente das crianças os valores que desejam transmitir. White (2016b) fala da importância do círculo familiar, como sendo a escola que a criança recebe suas primeiras e mais duradouras lições, por isso os pais devem demorar-se mais no lar, ensinando

por preceito e exemplo o amor e o temor de Deus e também ensinando-os a serem compreensivos, sociáveis e afetivos.

Os filhos precisam receber da família valores que são impulsos para sua vida futura. Moreno (2001) sintetiza os valores que os pais deverão ensinar aos filhos e os deveres dos pais:

Tabela 17. Valores para os filhos e deveres dos pais

<b>Valores que os filhos precisam receber da família.</b>	<b>Deveres dos pais</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a finalidade da própria vida.</li> <li>• Orientar os próprios interesses.</li> <li>• Obter a possibilidade de atingir as próprias metas de maneira livre e responsável.</li> <li>• Adquirir consciência dos direitos humanos e dos deveres correlatos.</li> <li>• Manter orientação para seu desenvolvimento integral.</li> <li>• Conscientizar-se de que é colaborador do progresso.</li> <li>• Aprender o que é liberdade.</li> <li>• Reconhecer o sentido do bem comum.</li> <li>• Obter orientação social da vida.</li> <li>• Aspirar uma sociedade melhor.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criar um clima de amor.</li> <li>• Incentivar o diálogo.</li> <li>• Desenvolver virtudes essenciais para a vida.</li> <li>• Serem coerentes e sinceros com eles mesmos.</li> <li>• Conhecer a pessoa do filho.</li> <li>• Procurar colocar-se na pele do filho.</li> <li>• Medir qualitativamente os próprios sucessos e fracassos.</li> </ul>

Se os pais conseguirem educar seus filhos com coerência, dando amor, proporcionando um ambiente estável de aprendizado no lar, os filhos automaticamente estarão mais receptivos para internalizar os valores que a família ensina e terão um desenvolvimento melhor. A família, acima de tudo, deve oferecer aos filhos a formação de valores espirituais e morais, não só de maneira teórica, com ensino, estudo, mas principalmente na prática. Vivendo esses princípios numa atmosfera de amor, tranquilidade e envolvimento de uns para com os outros. Só assim, esses valores estarão implantados na vida da criança, e uma vez semeados, produzirão bons frutos por toda a vida.

Precisamos ensinar nossos filhos a identificar seus valores. Todos nós agimos em função dos nossos valores. Não é verdade que a atual juventude não tenha valores, como dizem alguns.

É verdade que não tem os mesmos valores de vinte anos atrás, mas com certeza tem outros. O que acontece é que muitas vezes não sabem quais são esses valores que tem, e se não os conhecem não podem discuti-los e nem questioná-los. É muito importante falar com eles com confiança, não impondo valores, mas esclarecendo, deixando que entendam sobre os valores que querem ter. Segura (2009).

Os pais devem assumir a responsabilidade da vida e pensar sinceramente nas sagradas obrigações que pesam sobre eles e a felicidade futura da família e o bem-estar da sociedade, dependem, em grande parte da educação física e moral que os filhos recebem nos primeiros anos de vida. Deve ser objetivo de todo pai alcançar um caráter simétrico e bem equilibrado no filho. Deve-se pôr um fundamento correto, erigir uma armação forte e firme, prosseguindo então, dia após dia, na obra de edificar, polir, aperfeiçoar. White (2014a).

Em segundo plano, após a família, é dever da escola a implementação do ensino de valores no currículo escolar para uma melhor formação de seus alunos, para isso a escola precisa ter como objetivo e prioridade a educação fundamentada nos valores básicos, não apenas a formação acadêmica e cognitiva, mas sim uma formação integral do aluno. Para Salvador et al (2000), a escola contribui eficazmente como um dos principais agentes de socialização à assimilação de um grande leque de valores, de atitudes e normas.

Para que a escola cumpra esse papel, é preciso haver um esforço comum da administração da escola, coordenadores, orientadores, professores e demais funcionários: A escola deve traçar um projeto baseado nos valores básicos, e todos, cada um na sua esfera de ação, devem ao longo do ano aplicar no seu cotidiano, de maneira teórica e prática.

O ensino de valores deve estar inserido no currículo escolar: Para que isso funcione, o professor deve elaborar no seu planejamento anual, seja qual for a disciplina que trabalha, um plano que ensina valores dentro de seu conteúdo, ou que tenha alguma relação que se possa fazer ligação, para isso, pode necessitar de uma ajuda mais direta do coordenador pedagógico no momento do planejamento. Uma vez elaborado, o colocar em prática acontece naturalmente.



O ambiente da sala de aula também contribui para a execução dos planos de formação de valores; Sala ampla, arejada, com boa iluminação, etc., além disso, o professor deve proporcionar um ambiente afetivo que promova o bem-estar dos alunos, o que facilita seu trabalho posterior.

O professor só poderá transmitir valores, se estes estiverem incutidos na sua vida cotidiana, tem que ser exemplo na conduta, no afeto, vestuário, linguagem, coerência, preparo acadêmico, etc. A Metodologia e estratégias precisam ser adequadas. Na sala de aula deve haver organização e regulamentos para que tudo funcione bem. As trocas de experiências entre professor e alunos também é fundamental. A seguir listaremos algumas estratégias de ensino adequadas para aprender as atitudes, os valores e as normas, de acordo com Salvador et al (2000):

Tabela 18. Estratégias para aquisição de valores

- 
- Mostrar, explicitar e explicar as normas que regulam a vida coletiva para facilitar o conhecimento.
  - Explicitar e fazer com que os critérios de determinadas decisões e atuações sejam explicitados, colocar em situação de decidir, de julgar e de atuar.
  - Valorizar os comportamentos e as atitudes desejadas ou esperadas.
  - Promover a contrastação de critérios e opiniões.
  - Planejar diferentes possibilidades e alternativas, ajudar a analisar os valores subjacentes com o objetivo de facilitar a assunção de valores, a construção de critérios próprios e a tomada de decisões por consenso.
  - Criar espaços e momentos para falar, para intercambiar ou obter informação sobre como funcionam o mundo natural e o social, requisito prévio para compreender e valorizar atuações.
- 

Essas são algumas sugestões entre tantas, seguindo os autores White, Moreno, Segura e Salvador et al, que o professor pode usar para facilitar o trabalho com os valores básicos a serem ensinados. É preciso que o professor esteja engajado em promover, planejar e levar a cabo em suas aulas o ensino de valores.

Num levantamento realizado com cerca de 200 professores, foi elaborada uma lista de valores que é apresentada por Carvalho (2000):

**Intrapessoais:**

Autocontrole	Asseio pessoal	Autoestima	Comunicador
Dignidade	Disciplina	Fé	Fidelidade
Honestidade	Independência	Integridade	Justiça
Lealdade	Responsabilidade	Sensibilidade	Senso crítico

**Interpessoais**

Altruísmo	Amor	Assertividade	Autonomia
Benignidade	Caridade	Companheirismo	Compreensão
Cooperação	Coragem	Cortesia	Democracia
Empatia	Espiritualidade	Fraternidade	Generosidade
Gratidão	Harmonia	Heroísmo	Hospitalidade
Humildade	Integridade	Longanimidade	Mansidão
Maturidade	Organização	Perfeição	Perseverança
Pontualidade	Popularidade	Prestatividade	Respeito
Sinceridade	Sociabilidade	Solidariedade	Tolerância

Com essa lista em mãos, o professor tem infinitas possibilidades de elaborar suas aulas visando desenvolver em seus alunos alguns desses valores subjacentes e desenvolver projetos com temas que ajudarão na internalização de valores e conseqüentemente de melhora de comportamento.

Além da escola, outras instituições na sociedade tem seu papel a desempenhar na formação de valores das crianças, adolescentes e jovens. Com base nisso, Carvalho (2000) apresenta um quadro comparativo sobre o papel de cada instituição: família, igreja, governo, comunidade e escola, e o que cada uma tem feito em geral.

Tabela 19. Valores e formação

	<b>O papel na formação de valores</b>	<b>O que tem feito em geral</b>
<b>Família</b>	Dar a base de todos os valores.	A maioria das famílias modernas do final do século XX preocupam-se em dar apenas a base material.
<b>Igreja</b>	Aspectos espirituais e diretrizes de um viver harmonioso em sociedade.	Difícilmente encontra o meio termo: ou está engajada em questões sociais; ou só se preocupa com o aspecto espiritual.
<b>Governo</b>	Cumprimento das leis – justiça social.	Os interesses partidários, a lentidão e a ineficiência dos serviços em geral e as regalias do poder impedem constantemente que o governo cumpra a sua parte de uma maneira adequada na formação de valores.
<b>Comunidade</b>	Impulsionar a busca do bem comum.	A cobrança direta e indireta que a sociedade impõe sobre as pessoas muitas vezes traz mais prejuízos do que benefícios.
<b>Escola</b>	Formação acadêmica, formação do homem como um todo.	Formação acadêmica.

Se olharmos somente para um dos lados da tabela, podemos ver que os papéis que cada entidade deveria desempenhar são bastante satisfatórios, mas o que vemos na prática é totalmente contrário, nenhuma cumpre realmente com o papel de formadora de valores nos cidadãos, talvez essa seja uma das causas da desestruturação geral da sociedade e das famílias, a falta de valores desestabiliza uma entidade.

A educação deve procurar formar indivíduos que tenham suas condutas guiadas por valores alicerçados na dignidade do ser humano, que implica no desenvolvimento dos valores morais, como a justiça, o respeito mútuo, a solidariedade, generosidade e o diálogo. Tais medidas são indispensáveis à existência e consolidação de um regime democrático como o nosso. Silva (2004).

Os valores transcendem situações específicas e manifestam-se de maneira personalizada, porém são representações construídas socialmente. Condicionam a maneira pela qual as pessoas percebem e representam o mundo e a maneira em que se situam nele e às vezes influenciam também o resultado. A educação em valores éticos também recebe o nome de educação moral, que é o processo que pretende conseguir a autonomia crescente das crianças e jovens, de ação e de pensamento, de acordo com critérios morais pessoalmente configurados. Salvador et al (2000).

Todo esse trabalho com valores deve ser cuidadosamente observado, principalmente quando se trata de família e escolas onde o alvo principal é educar para a vida futura e preparar os educandos para serem cidadãos de bem. Uma vez inculcados na mente das crianças os valores básicos morais e espirituais, servirão como base para seu futuro, sua vida, seu desenvolvimento pessoal, autonomia, interação, etc.

### **5.1.1. Disciplina Preventiva**

A disciplina preventiva deve ser entendida como meio de evitar a aplicação de medidas punitivas posteriores aos atos, ou seja, deve haver ordem, respeito e regras para que haja disciplina que evite correção e conseqüentemente punição, eliminando a oportunidade para a indisciplina. A prevenção acontece quando as pessoas que administram a disciplina sejam pais, professores ou quaisquer outros educadores, lhes proporcionem uma disciplina adequada, com limites, desfavorecendo assim comportamentos indisciplinados.

Uma infância feliz e sem pressões, controladas com limites claros e não opressivos, proporciona o melhor dos alicerces para a autodisciplina nas etapas posteriores da vida, em especial durante os anos difíceis da adolescência. Se os pais colocam limites firmes aos seus filhos, estes crescem melhor adaptados, com maior autoestima, que aqueles que os pais lhes permitem se comportar como desejam. Herbert (1992).

Os limites e as regras bem aplicadas desenvolverão na criança sentimentos de segurança. Kemp (1996) fala sobre uma pesquisa realizada em duas escolas da mesma região, ambas construíram um “playground” de bom tamanho, espaçoso e bem equilibrado. A diferença entre elas é que uma colocou uma cerca em torno da área (limitando o espaço que as crianças poderiam brincar) e a outra não. O resultado final demonstrou que ao iniciar a adolescência aqueles que brincaram no “playground” delimitado eram mais seguros do que aqueles que cresceram tendo seu lazer na área sem muros. Portanto, se a criança cresce num lar sem limites e regras, desenvolverá um forte sentimento de insegurança. Os pais deveriam criar uma barreira protetora ao redor de seus filhos, estabelecendo os parâmetros e limites necessários, evitando assim que a criança pratique o mal e seja indisciplinada.

O objetivo da disciplina é ensinar à criança o governo de si mesma. Quando a criança for capaz de autogovernar-se é porque está bem disciplinada, mas para que isso ocorra, o processo deve começar muito cedo, ainda em tenra idade. As crianças que não aprenderam a obedecer terão caráter fraco, impulsivo, não terão forças para dominar o temperamento, corrigir os maus hábitos, ou subjugar a vontade submissa. E essa falta de disciplina torna-se herança na idade madura, e terão dificuldades de discernir entre o verdadeiro e o falso, por isso, em vez de os pais consentirem que condescendam com um mau temperamento e desejos egoístas, devem ensinar-lhes lições de restrição própria. E as crianças serão mais felizes do que se forem deixados a fazerem conforme seus impulsos. White (2016a).

Os limites proporcionam à criança um sentimento de proteção, pois os pais, colocando limites estão protegendo seus filhos de irem além do permitido, nos aspectos morais e físicos. Estes limites estabelecidos muitas vezes podem ser penosos para as crianças, pois estas querem ter liberdade excessiva, porém cabe aos pais ter equilíbrio e serem sensatos na aplicação dos limites. Saber exatamente até onde podem deixar ir. É importante dar uma “dose” de liberdade às crianças, pois elas desde pequenas precisam exercitar seu arbítrio e tomar decisões simples. E é na concessão dessa liberdade que os pais precisam ter definido claramente os limites, até onde deixar livre sem correr riscos.

O conceito da disciplina preventiva traduz a complexidade das estratégias a serem desenvolvidas para minimizar os problemas do cotidiano escolar. Devemos recorrer à palavra prevenção que faz sentido quando antecipadamente podemos ter um olhar amplo e longo das dificuldades que encontramos no ambiente escolar. Prevenir é cuidar desde o início, é buscar mecanismos defensores de certa situação ou problema para amaciar a força advinda das diversas dificuldades que enfrentamos, criando barreiras para amortecer o peso e o grau dos problemas a serem trabalhados. Ferreira (2014).

Para que o professor focalize o aspecto preventivo da disciplina deve ter como objetivo a transformação de seu aluno, o professor deve ajudar o aluno a desenvolver maturidade social, responsabilidade e autocontrole, isso faz parte do trabalho disciplinário. Este tipo de disciplina requer que em todo momento o professor tenha o controle de si mesmo e da situação. O

professor precisa ser exemplo para que reflita as características de bondade, mansidão, domínio próprio e principalmente o amor incondicional pelos seus alunos. Se há uma boa relação entre professor e aluno, automaticamente a resposta do aluno será positiva quanto à disciplina, pois ele sente que o professor está interessado que ele cresça e se transforme.

Dentro do contexto educacional é que a obra de resgate é realizada. A escola precisa encontrar meios de auxiliar e exercer influência educativa no contexto sócio familiar de seus alunos, para isso, é preciso elaborar um plano de ação que envolva os pais e a comunidade no processo educativo e preventivo visando assim melhorar o aspecto disciplinar e contribuir de forma direta para as mudanças de atitudes de seus alunos.

## **5.2. Resolução dos conflitos interpessoais**

A resolução dos conflitos interpessoais precisa acontecer no âmbito familiar e também no escolar, que são os pontos que foram focados nesse estudo. A começar pelo familiar, sempre que houver conflitos entre os membros, esses devem ser resolvidos rapidamente para não desencadear novos conflitos. Fini (2004) discorrendo sobre as relações entre os pais e os filhos adolescentes afirma que o respeito pelas necessidades de pessoas envolvidas na relação pais e filhos é essencial para a resolução dos conflitos. Garantir espaço para que ambas as partes convivam harmonicamente bem, sem que uma delas seja oprimida pela outra, pode e deve facilitar as relações na família. As soluções dos conflitos devem ser buscadas em conjunto a partir do esclarecimento sobre necessidades, interesses e pontos de vista das pessoas envolvidas.

A problemática dos conflitos é um fato real em todos os setores da sociedade e no contexto escolar isso se torna ainda mais evidente, devido os relacionamentos interpessoais serem mais intensos e inevitáveis. Na sala de aula, o mediador dos conflitos deve ser, sem sombra de dúvidas, o professor, pois, conforme afirma Perrenoud (2001), em um grupo de crianças, o poder do professor e a maneira como ele o concebe e exerce desempenham um papel predominante na regulação das trocas e dos conflitos, bem como no engajamento do grupo em uma tarefa única ou em um conjunto de atividades coordenadas.

A capacidade de se prevenir possíveis conflitos nas escolas sugere a criação de sistemas positivos de disciplina que induzam às ações positivas e que estas sejam reconhecidas pela comunidade em seu conjunto, os conflitos surgidos, apesar do bom procedimento de uma comunidade escolar, podem ser interpretados como perturbação da ordem estabelecida ou então como situações abordáveis que são parte integrante do próprio sistema educativo. Fernández (2005). A autora apresenta um quadro de ações que podem ser postas em prática para melhorar a convivência escolar e ressalta que é uma ação reiterada, constante e consistente que conduzirá à melhoria do clima e promoverá a convivência escolar.

Tabela 20. Ações que promovem a convivência escolar

<b>ÂMBITOS DE ATUAÇÃO</b>	<b>ABUSO ENTRE ALUNOS</b>	<b>DESORDEM</b>
PENSAR JUNTOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Normas explícitas</li> <li>• Consciência moral</li> <li>• Questionários periódicos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Normas de classe e grupo</li> <li>• Centrar-se no ensino</li> <li>• Inventário de condutas</li> <li>• Decisões de professores</li> </ul>
ABORDAGEM CURRICULAR	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abordagens curriculares pelos professores</li> <li>• Educação em valores</li> <li>• Procedimentos cooperativos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diversidade</li> <li>• Metodologias variadas</li> <li>• Projetos de atividades</li> <li>• Controle eficaz da classe.</li> </ul>
ATENÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atenção a vítimas e agressores</li> <li>• Habilidades sociais</li> <li>• Trabalho com famílias</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contratos individuais</li> <li>• Reforços</li> <li>• Autoestima</li> <li>• Motivação</li> <li>• Status de suas próprias capacidades</li> <li>• Apegos seguros</li> <li>• Trabalho conjunto com a família</li> </ul>
PARTICIPAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sistemas de mediação</li> <li>• Avaliação de diferentes capacidades</li> <li>• Sistemas de ações pró-sociais</li> <li>• Voluntários</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Recompensas de ações positivas</li> <li>• Méritos</li> <li>• Gestão democrática</li> <li>• Metodologia</li> <li>• Gestão de classe participativa</li> <li>• Alunos-guias, ajudantes</li> <li>• Subdelegação de responsabilidades.</li> </ul>
ORGANIZAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Favorecer espaços e tempos de encontro</li> <li>• Supervisionar lugares de risco</li> <li>• Criar um ambiente confortável</li> <li>• Cuidar da manutenção do centro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aulas de apoio</li> <li>• Clima de centro positivo</li> <li>• Desdobramentos</li> <li>• Agrupamentos flexíveis</li> <li>• Revisão de espaços e tempos</li> <li>• Programa de diversificação.</li> </ul>

Nos diferentes âmbitos é preciso estabelecer ações que sejam eficazes para a melhoria da convivência escolar. O professor não pode trabalhar sozinho, precisa envolver a família, criar

programas diversificados, variar a metodologia de trabalho, trabalhar com os valores, delegar responsabilidades aos alunos e acima de tudo motivá-los para que a convivência seja melhor dentro e fora da sala de aula.

A escola precisa ensinar a criança, desde tenra idade, a educar suas emoções, a lidar com os seus medos, conflitos e frustrações, dores e perdas, com sua ansiedade e agressividade, canalizando-os para ações proativas que resultem em benefícios sociais e para novas formas de relações capazes de produzir empatia, pois agindo assim, favorecerá a criança, aumentando sua probabilidade de tornar-se um adulto equilibrado e feliz. Fante (2005).

No contexto escolar é possível desenvolver a pedagogia dos conflitos. Essa pedagogia proclama que o conflito é um “bem” em si mesmo, que a sala de aula pode aproveitar da imensa energia existente nos conflitos, para da mesma ensinar com maior pertinência, educar melhor. É essencial que saibamos mostrar aos alunos, seja qual for sua idade, a relevância dos conflitos como meio de aperfeiçoamento e como força motriz da inteligência, como capacidade de resolver problemas. A escola deve usar os conflitos como meio de reflexão, como instrumento de educação. Antunes (2005).

Para solucionar bem os conflitos devemos saber pensar, devemos começar por diagnosticar bem o problema, depois criar soluções alternativas e prever as consequências que teriam essas soluções alternativas. Temos de olhar o problema do ponto de vista do outro e, por último, devemos ter muito claro o que queremos conseguir e os meios que temos a nossa disposição para atingir esses objetivos. Segura (2009).

Os professores que em sala de aula são os principais agentes intermediadores do conflito, precisam ter perspicácia e eficiência para a resolução dos mesmos. Naranjo (2009) apresenta cinco passos para a resolução dos conflitos em sala de aula:

- Definição clara do problema.
- Buscar alternativas ao problema.
- Ver vantagens e inconvenientes de cada uma das alternativas.
- Decidir qual alternativa é a mais conveniente.



- Colocar em prática a escolhida e se não resultar, reiniciar o processo.

O conflito é um elemento normal e imprescindível no desenvolvimento e em qualquer manifestação humana, a patologia do conflito se relaciona mais com ausência de recursos para resolvê-los ou dinamizá-los do que com a existência do próprio conflito. Medrado et al (2008). Os conflitos são inevitáveis na escola, porém não podem ser considerados como problema para atrapalhar o aprendizado e um empecilho no desenvolvimento das aulas. É preciso que o professor, seja o mediador dos conflitos e elabore estratégias eficazes para lidar com os mesmos.

### **5.3. Aprendizagem cooperativa**

A aprendizagem cooperativa deve ser entendida como o trabalho em grupo. Esse é um recurso importante que o professor tem ao seu dispor como estratégia para melhorar e diversificar suas aulas. Não deve ser usado como uma estratégia única, abolindo as outras técnicas, porém se for um trabalho bem feito e bem planejado, o ensino cooperativo pode trazer grandes benefícios para os alunos e se tornar uma ferramenta poderosa para o aprendizado e para a socialização da turma.

Na base de qualquer enfoque metodológico inovador está a aprendizagem cooperativa. Este enfoque se baseia na influência e na interação social. Esse tipo de aprendizagem não se requer por simples experiência, mas sim requer uma concepção pedagógica e uma organização da escola que permita o diálogo, o intercâmbio e a mudança de rol de professor dentro da sala de aula. Naranjo (2009).

São várias as definições de grupos que encontramos na literatura. Gulassa (2004), a partir das ideias de Wallon, apresenta algumas definições de grupo:

- Grupo é o espaço das relações, onde efetivamente acontece a construção do individual e do coletivo, onde se constroem identidade, desenvolvem as personalidades, onde se vivencia e se recria a cultura, os ritos, os mitos, as tradições, etc.
- O grupo é o espaço das relações interpessoais. É no grupo que a criança vive a construção de sua personalidade, adquire consciência de si e do outro, aprende a desempenhar as práticas sociais, aprende a competir, a cooperar.
- O grupo é o espaço privilegiado de aprendizagem, é o espaço da humanização.
- Grupos são reuniões de pessoas que mantém entre si relações interpessoais e se atribuem objetivos determinados, que definem a composição do grupo, a repartição de tarefas, regulando as relações dos membros entre si e sua hierarquia quando necessário.

É preciso valorizar a cooperação em vez de competição no grupo, afirma Wallon e os conteúdos escolares trazidos pelo professor ou pelas próprias crianças ganham mais significado quando elaborados na interlocução entre as crianças. Há um grande aprendizado feito nesse âmbito, que é potencializado quando utilizado pelo professor. Porém quanto à dinâmica das relações entre as crianças em seus grupos, é preciso que o professor esteja atento quanto ao processo de acolhimento e exclusão que elas fazem entre si, promovendo a inclusão e participação de todos no grupo. Gulassa (2004).

É interessante apostar na cooperação entre alunos. O ensino mútuo não é uma ideia nova, já florescia no século passado na pedagogia inspirada por Lancaster, onde o professor tinha 100 ou 200 alunos de todas as idades sob sua responsabilidade, como o grupo era heterogêneo, ele subdividia em grupos menores que ficavam sob responsabilidade de sub professores, monitores ou alunos mais velhos. O papel do professor era fazer com que o conjunto funcionasse, mais do que ensinar diretamente a todos. Hoje a realidade é totalmente diferente, mas é preciso apostar na pedagogia interativa, onde o professor seja capaz de fazer os alunos trabalharem em equipe e isso não consiste em fazer juntos o que poderia se fazer separadamente, menos ainda em olhar o líder ou o aluno mais hábil do grupo fazer. O desafio é inventar tarefas que imponham uma verdadeira cooperação. As tarefas precisam provocar as aprendizagens almejadas. Perrenoud (2000).

O aprendizado cooperativo, no qual os alunos trabalham em pequenos grupos para investigar e compartilhar seu aprendizado, é uma abordagem natural ao ensino de adolescentes. Ele se concentra na preocupação com o mundo social a volta deles e sua dependência do grupo de colegas. Cria um contexto para o aprendizado onde os alunos exploram novas ideias, examinam as próprias posições, proporcionam-lhes um espaço de discussões para que estabeleçam um sentimento de identidade pessoal e autoestima. As lições efetivas de aprendizado cooperativo são cuidadosamente projetadas pelo professor para proporcionar problemas desafiadores, semelhantes à vida real, com soluções múltiplas e para delinear o modo como trabalharão juntos no grupo. O professor organiza os alunos, as tarefas e os papéis que desempenharão ao equilibrar personalidades, capacidades e resultados pretendidos para produzir o máximo de aprendizado para todos. Hargreaves, Earl e Ryan (2001).

Numa organização do tipo cooperativo, os participantes atingem o seu objetivo na medida que os outros atingem os seus, de maneira que, nessa estrutura o sucesso de cada um beneficia os demais membros do grupo com quem interatua cooperativamente para conseguir objetivos estreitamente vinculados entre si. A estrutura cooperativa favorece, entre os alunos, o estabelecimento de relações presididas pelo respeito mútuo, pela cortesia, pela atenção e pela simpatia. Salvador et al (2000).

A aprendizagem cooperativa favorece e melhora a convivência na sala de aula, pois o agrupamento de alunos se faz em equipes heterogêneas e ajuda a superar as segregações e exclusões que se produzem na escola em que normalmente se priva os alunos que mais necessitam de oportunidades para se socializarem. Além do mais, faz com que a atividade seja significativa, favorece que o aluno descubra o significado da tarefa e chegue a identificar-se com esse significado. Naranjo (2009).

O aprendizado cooperativo supõe uma mudança importante no papel do professor e na interação que estabelece com os alunos. O controle das atividades deixa de estar centrado nele e passa a ser compartilhado por toda a classe. Esta mudança faz com que o professor possa e deva realizar atividades novas, além das habituais, que contribuem para melhorar a qualidade educativa, como por exemplo: ensinar a cooperar de forma positiva, observar o que acontece em

cada grupo e com cada aluno, prestar atenção em cada equipe para resolver os problemas que possam surgir e proporcionar reconhecimento e oportunidade de comprovar seu próprio progresso a todos os alunos. Os resultados obtidos neste sentido sugerem que a realização de tais atividades faz com que melhore também a interação que o professor estabelece com seus alunos quando aplica outros procedimentos não cooperativos. A aprendizagem cooperativa é eficaz, mas não substitui os outros procedimentos do professor, apenas complementa e enriquece. Diaz-Aguado (2005).

O aprendizado cooperativo proporciona trocas incríveis na sala de aula, favorece o relacionamento interpessoal e estimula o aprendizado e as trocas, porém só será efetivo se o trabalho for bem planejado pelo professor e com objetivos e estratégias bem definidas. Do contrário, será pior do que uma aula expositiva.

#### **5.4. Autocontrole e regulação da própria conduta**

Os estudiosos do desenvolvimento empregam o termo *autocontrole* para referir-se a nossa capacidade de *regular nossa conduta* e de *inibir* as ações que, em caso contrário, poderíamos ser tentados a realizar, como por exemplo, violar as regras. O *autocontrole* é, sem sombras de dúvidas, um atributo importante. Se não aprendemos a controlar nossos impulsos imediatos, sempre estaríamos enfrentando os demais por violar seus direitos, romper as normas e ser capaz de mostrar a paciência e o sacrifício que nos permite alcançar objetivos a longo prazo. Os teóricos do assunto aceitam duas hipóteses: 1) a conduta das crianças pequenas se acha controlada, em sua prática totalidade, por agentes externos (por exemplo os pais); e 2) com o tempo, o controle se internaliza de forma gradual, a medida que as crianças adotam normas e critérios que fazem ênfase no valor do *autocontrole* e adquirem habilidades de *autorregulação* que lhes permitem cumprir tais regras. Shaffer (2002).

O termo autocontrole é muitas vezes relacionado com traços de personalidade, com características inatas dos indivíduos ou como uma força interior que possibilita o controle de suas ações. Uma mesma pessoa pode apresentar graus diferentes de autocontrole em situações

diferentes e mostrar graus de autocontrole diferenciados em situações semelhantes, mas em etapas diversas da vida. Hanna e Todorov, 2002, citado por Hanna e Ribeiro (2005).

O autocontrole é um processo, um tipo de ação. A força de vontade nos ajuda a ter autocontrole sobre nossas ações e principalmente sobre as más ações. Quando se trata de melhorar as condutas no contexto escolar, é preciso, acima de tudo que o aluno esteja disposto a melhorar e queira mudar, senão isso não ocorrerá, além disso, é preciso que se faça um trabalho com os alunos problemáticos para ajudá-los a melhorar e desenvolver o autocontrole diante de suas más condutas.

O autocontrole integra um conjunto de fatores individuais que fazem com que uma pessoa apresente a tendência (ou não) a ceder diante da “tentação” do delito. É adquirido por meio da socialização, especialmente a familiar, nas etapas iniciais da vida. Uma vez estabelecido, permanece estável durante toda a vida e tem influência nos comportamentos. Turner e Piquero, 2002, citado por Gouveia et al (2013).

O autocontrole e o domínio próprio são habilidades que nem sempre o ser humano possui, pois está inerente às suas capacidades naturais, por isso, é necessário desenvolver essas habilidades a ponto de conseguir esse domínio de si mesmo. Fernández (2005) com base em Pintado e Morganett sugere um esquema com estratégias de autocontrole:

- *Relaxamento*: para combater a excitação e a tensão de situações conflitantes.
- *Autoinstrução*: comentário verbal que se faz a si mesmo para mediar a conduta impulsiva.
- *Programas de autocontrole da agressão e/ou raiva*: para identificar de forma direta ou indireta a excitação da raiva.
- *Programa de controle do estresse*: para identificar os elementos estressantes e a resposta ao estresse.

Algumas destas técnicas podem ser boas ferramentas a serem utilizadas pelo orientador educacional na escola, pois normalmente os casos de condutas inapropriadas na escola são

trazidos para o orientador resolver. É perfeitamente possível desenvolver um projeto envolvendo as turmas mais problemáticas, onde a indisciplina é um problema para o aprendiz. Nos casos isolados, o trabalho pode ser feito com os indivíduos que apresentam problemas de comportamento e que necessitam regular suas condutas. Essas técnicas também podem ser usadas pelo professor, que vive sob pressão no seu dia-a-dia e que diariamente precisa exercer o autocontrole para não perder a paciência e agir de maneira imprudente diante de situações desafiadoras na sala de aula.

Neste capítulo vimos a importância da educação em valores. A família como entidade que deve oferecer valores morais e espirituais para seus filhos e a escola com a responsabilidade de desenvolver um plano de implementação de valores, com professores engajados em promover e colocar em prática em suas aulas a educação em valores. A disciplina preventiva, como meio de evitar a aplicação de medidas punitivas posteriores e as regras e limites bem aplicados que trarão grandes benefícios aos educandos. Destacamos também a importância da resolução dos conflitos interpessoais e que estes não podem atrapalhar no processo ensino-aprendizagem. A aprendizagem cooperativa e o trabalho em grupos, onde os alunos favorecem uns aos outros e onde acontecem grandes trocas que dão significatividade às aulas. Finalmente abordamos a importância do autocontrole e da regulação da própria conduta.

São muitas as estratégias que as escolas podem utilizar para combater os problemas disciplinares. Um dos aspectos importantes a ressaltar no que diz respeito a estratégias de combate às condutas disruptivas é que o professor/educador precisa estar disposto a melhorar suas práticas pedagógicas de modo que ajude a minimizar os problemas disciplinares em sala de aula.

O educador deve ser orientado de modo a usar a criatividade, inovar a prática pedagógica, diversificar metodologia, articular conteúdos de forma contextualizada, trabalhar de forma interdisciplinar, trocar ideias e técnicas com outros educadores, planejar bem as aulas usando diferentes técnicas, integrar as tecnologias de informação e comunicação à prática pedagógica, desenvolver vínculos e relações afetivas com os alunos, motivá-los a adquirir o desejo pela aprendizagem, aguçar a curiosidade e criatividade dos aprendizes, valorizar e reforçar a correção

de atitudes inadequadas através de elogio-crítica-elogio, trabalhar com jogos educativos e desenvolver atividades que conduzam os alunos à aquisição e aperfeiçoamento de valores. Moraes e Ferreira (2011)

## CAPÍTULO VI

### 6. METODOLOGIA E DESENHO DA INVESTIGAÇÃO

Após a realização do estudo teórico e a comparação das ideias de variados autores, é possível tirar algumas conclusões que norteiam a parte metodológica e justificam o modo como abordamos o assunto em estudo, como pudemos constatar, da revisão da literatura, a importância do estudo dos comportamentos disruptivos tem levado um número crescente de investigadores a destacar a importância desta temática Veiga, (2007, 2011); Seruya (2013), Velez (2010); Naranjo (2009); Campos e Cruz (s.f.); Falcke et al (2012); Boeckel e Sarriera (2005); Rodriguez (2011) entre outros.

A partir disso, precisamos conhecer de forma empírica como os elementos estudados na teoria se relacionam com a prática. Pretendemos comprovar se a disciplina, disrupção e os modelos de famílias incidem nos alunos e nas suas condutas em sala de aula.

A pesquisa é a atividade nuclear da Ciência. Ela possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar. A pesquisa é um processo permanentemente inacabado. Processa-se por meio de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo-nos subsídios para uma intervenção no real. A pesquisa científica é o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos. Gerhardt e Silveira (2009).

A investigação se inicia quando existe uma curiosidade, uma pergunta a que queremos dar resposta. Os aspectos metodológicos pretendem facilitar o trabalho para alcançar os objetivos propostos no mesmo e resolver as interrogações. Desta forma, demarcam o caminho que devemos seguir durante o processo de realização do estudo. Rodriguez (2011). Del Rincón et al (1995) apresentam um ciclo geral da investigação onde o conhecimento leva a estabelecer um problema, que por sua vez nos leva a obter informação, estes passos nos levam a levantarmos



uma hipótese de partida e a levar a cabo a análise da informação obtida para verificar a hipótese e o conhecimento adquirido.

Esta investigação consiste num estudo de caso, no Colégio Adventista de Campo Mourão, um colégio confessional que identificaremos no decorrer do estudo como CACM. O colégio oferece uma educação cristã, com uma filosofia educacional fundamentada na Bíblia, com objetivo de desenvolver nos alunos uma educação equilibrada a nível físico, intelectual, social, vocacional, moral e espiritual, buscando transmitir aos alunos ideais, crenças, atitudes e valores que contribuirão para a formação acadêmica, bem como para sua vida social e espiritual. A escola incentiva o cuidado com a saúde, promovendo um estilo de vida saudável, orientação educacional, pedagógica, pastoral, vocacional e escola de pais, além das demais atividades acadêmicas que desenvolvem o intelectual e o senso crítico dos alunos.

### **6.1. Formulação do problema**

A pesquisa é fundamentada e metodologicamente construída objetivando a resolução ou esclarecimento de um problema. O problema é o ponto de partida da pesquisa. Da sua formulação dependerá o desenvolvimento da sua pesquisa. A percepção de um problema, então, é que leva ao raciocínio que gera a pesquisa, e nesse processo você formula hipóteses, soluções possíveis para o problema identificado. Silva e Menezes (2005).

Quando realizamos uma investigação, procuramos descobrir algo desconhecido e buscar respostas. Para Del Rincón et al (1995), a investigação normalmente inicia-se com a identificação de um problema e a delimitação de objetivos que refletem as intenções do investigador. A pesquisa científica tem início com a formulação de um problema e por objetivo procurar a solução para o mesmo. O problema decorre de um aprofundamento do tema selecionado. É uma questão sem solução momentânea, para a qual se procura uma resposta. Fonseca (2002). Pode-se dizer que o problema é testável cientificamente quando envolve variáveis que podem ser observadas ou manipuladas. Um problema será relevante em termos científicos à medida que conduzir à obtenção de novos conhecimentos. Gil (2008).

No campo da Educação, que abrange o presente estudo, precisamos investigar, buscar respostas, analisar o problema e acima de tudo identificar as questões que são realmente relevantes e que precisam de melhoras, assim estaremos contribuindo para a transformação da educação. Esse deve ser o nosso principal objetivo ao tratarmos de problemas educacionais.

O tema central desta investigação gira em torno de um dos grandes problemas da educação que é a disciplina nas escolas, bem como as condutas disruptivas apresentadas pelos alunos na sala de aula. Como vimos no marco teórico, as consequências das condutas disruptivas na sala de aula são grandes e envolvem o aluno e seu desempenho escolar, outros alunos que são afetados e podem ter déficit no aprendizado, bem como os professores que estão à frente do processo educativo e são prejudicados tanto no aspecto de repassar conhecimentos, como no stress enfrentado diariamente ao lidar com alunos difíceis, levando-os muitas vezes a exaustão.

Os problemas disciplinares e comportamentais que ocorrem na escola são reflexos das questões sociais que vivemos. Cada dia mais tem aumentado a violência, o crime, a corrupção e as diferenças sociais. Isso afeta diretamente as famílias e conseqüentemente as crianças, que são vítimas do meio em que vivem e acabam manifestando comportamentos e condutas inadequadas na escola. Vivemos numa sociedade onde os valores estão invertidos, a educação que deveria ser administrada no lar, na maioria deles, não existe e os filhos crescem sem limites, tornando-se em “pequenos” tiranos, para não dizer grandes tiranos.

O respeito é um valor que se perdeu na sociedade atual. Não se respeita os mais velhos, não se respeita os pais e não se respeita os professores. Sem respeito é impossível conceber a educação. A partir da falta de respeito, se desencadeia uma série de comportamentos e condutas inadequadas na escola, tornando o problema da indisciplina um empecilho para o aprendizado.

Buscamos investigar as causas destas condutas e comportamentos inadequados, analisar o perfil dos pais, identificar as principais condutas disruptivas dos alunos, bem como saber dos professores como tem sido a difícil tarefa de ser professor nos dias atuais. Diante desse quadro

que se encontra a educação, levantamos algumas *hipóteses* que norteiam nossa investigação, partindo do pressuposto que os modelos de pais é a *variável independente* e que o perfil dos filhos é a *variável dependente*:

- Os modelos educativos empregados pelos pais tem alguma influência nos problemas de comportamento dos filhos na escola?

- Existe alguma relação entre os modelos de pais e o perfil dos filhos?

## **6.2. Objetivos**

Uma vez realizada a revisão bibliográfica do tema que nos ocupa, estamos em condições de levantar os objetivos e hipóteses de nossa investigação. Temos que conhecer as investigações que foram realizadas e publicações a respeito do tema para evitar qualquer sobreposição com outras investigações e nos assegurarmos à contribuição de novas conclusões sobre o problema levantado.

### **6.2.1. Objetivo Geral:**

Conhecer se o tipo de família em que o aluno foi criado e se desenvolveu tem algum tipo de incidência no modelo de disciplina que essa família segue e pratica e se este modelo se evidencia no comportamento e nas condutas dos alunos em sala de aula. Tudo isso mediante um estudo de caso no CACM.

### **6.2.2. Objetivos Específicos:**

- Analisar os tipos de famílias de que provêm os alunos do CACM.
- Identificar os principais modelos educativos usados pelas famílias dos alunos do CACM.
- Identificar o perfil dos alunos educados pelos diferentes tipos de pais.

- Determinar se existe alguma relação entre a conduta do aluno na escola e o tipo de família do qual ele provêm.
- Saber os tipos de condutas disruptivas e faltas disciplinares que os alunos do CACM cometem.
- Verificar se a indisciplina dos alunos interfere no rendimento acadêmico.

### **6.3. Método da Investigação**

A presente investigação apresenta um desenho *Descritivo-interpretativo, Ex-post-facto e Estudo de Caso*.

As pesquisas descritivas caracterizam-se frequentemente como estudos que procuram determinar status, opiniões ou projeções futuras nas respostas obtidas. A sua valorização está baseada na premissa que os problemas podem ser resolvidos e as práticas podem ser melhoradas através de descrição e análise de observações objetivas e diretas. As técnicas utilizadas para a obtenção de informações são bastante diversas, destacando-se os questionários, as entrevistas e as observações.

As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coletas de dados. Algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação. Neste caso, tem-se uma pesquisa descritiva que se aproxima da explicativa. Por outro lado, há pesquisas que, embora definidas como descritivas a partir de seus objetivos acabam servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema, o que as aproxima das pesquisas exploratórias. Gil (2008).

O método *ex-post-facto* são estudos posteriores que, como o próprio nome indica, se realiza depois dos fatos. De acordo com Pina e Tejada (2009), na investigação *ex-post-facto*, não resulta possível, nem prático manipular a causa porque já está determinada de forma natural, por causas temporais ou pelas circunstâncias. Logicamente temos que estabelecer uma relação causal, mas não podemos demonstrá-la experimentalmente.

A pesquisa *ex-post-facto* tem por objetivo investigar possíveis relações de causa e efeito entre um determinado fato identificado pelo pesquisador e um fenômeno que ocorre posteriormente. A principal característica deste tipo de pesquisa é o fato de os dados serem coletados após a ocorrência dos eventos. Gerhardt e Siveira (2009). A pesquisa *ex-post-facto* é utilizada quando há impossibilidade de aplicação da pesquisa experimental, pelo ato de nem sempre ser possível manipular as variáveis necessárias para o estudo da causa e do efeito. Fonseca (2002).

Na pesquisa *ex-post-facto* a manipulação da variável independente é impossível. Elas chegam ao pesquisador já tendo exercido seus efeitos. Também não é possível designar aleatoriamente sujeitos e tratamentos a grupos experimentais. A pesquisa *ex-post-facto* lida com variáveis que, por sua natureza não são manipuláveis, como: sexo, classe social, nível intelectual, preconceito, autoritarismo, etc. Por exemplo, numa pesquisa para verificar a influência da privação na infância sobre o desenvolvimento mental futuro, não seria possível fazer com que grupos diferentes de crianças sofressem privações em graus diferentes, à vontade do pesquisador. Seria possível, contudo, encontrar grupos de indivíduos que já tivessem passado por níveis diferentes de privação e depois estudar seu desenvolvimento mental. Gil (2008).

Utilizaremos a combinação da metodologia quantitativa e a qualitativa, já que entendemos que não estão em conflito entre si e que a aplicação lógica de ambas favorece melhor aproximação da realidade, pois trabalhando de diferentes perspectivas, o trabalho torna-se mais rico, conforme afirma Cook y Reichard, 1996, citado por Cantón Mayo (2009), a investigação qualitativa e quantitativa são compatíveis e inclusive complementares. Del Rincón et al (1995) referem que, em Ciências Sociais, a diversidade metodológica possibilita o estudo da realidade social a partir de diferentes óticas, já que nenhuma perspectiva metodológica, por si só,

responde totalmente às questões que podem ser formuladas em contexto social. Gerhardt e Siveira (2009) também corroboram com a ideia de se trabalhar os dois métodos concomitantemente, dizendo que é possível aliar o qualitativo ao quantitativo. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente. Fonseca (2002).

Como vimos, é possível associar os dois métodos de pesquisa para enriquecimento da investigação, sem ter choques ou dificuldades para lidar com as duas metodologias. Fonseca (2002) faz uma comparação entre as pesquisas qualitativa e quantitativa no que se refere ao aspecto de cada uma:

Tabela 21. Comparação das metodologias quantitativa e qualitativa.

<b>Aspecto</b>	<b>Pesquisa Quantitativa</b>	<b>Pesquisa Qualitativa</b>
Enfoque na interpretação do objeto	Menor	Maior
Importância do contexto do objeto pesquisado	Menor	Maior
Proximidade do pesquisador em relação aos fenômenos estudados	Menor	Maior
Alcance do estudo no tempo	Instantâneo	Intervalo maior
Quantidade de fontes e dados	Uma	Várias
Ponto de vista do pesquisador	Externo à organização	Interno à organização
Quadro teórico e hipóteses	Definidas rigorosamente	Menos estruturadas

As duas metodologias são bastante antagônicas, porém não são contraditórias, pois cada uma tem seu enfoque e suas características peculiares.

A metodologia qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão. De acordo com Gerhardt e Siveira (2009), os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interações) e se valem de diferentes abordagens. O cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o

objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado.

A pesquisa qualitativa se preocupa com os aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais, diferentemente da pesquisa quantitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados e como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. Centra-se na objetividade, só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com auxílio de instrumentos padronizados e neutros e recorre a linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. Fonseca (2002).

Os métodos quantitativos de investigação fazem referência à representação e manipulação numérica de um conjunto de observações com o fim de descrever, explicar ou prever o fenômeno ao qual faz referência ditas observações, geralmente percebe o conhecimento científico como uma verdade objetiva, diferente da investigação qualitativa, que o concebe como uma experiência vivida e portanto, como um fenômeno mais subjetivo. A investigação quantitativa é dedutiva, trataremos de provar teorias frente à investigação qualitativa que tente a ser indutiva, a partir da prática para gerar teorias. Pina e Tejada (2009).

A pesquisa quantitativa é apropriada para medir opiniões, atitudes e preferências das pessoas, bem como comportamentos. Essa técnica de pesquisa também deve ser usada quando se quer determinar o perfil de um grupo de pessoas, baseando-se em características que elas têm em comum. Tendo em vista que em nosso estudo estaremos analisando o perfil dos pais, dos filhos e dos professores a pesquisa quantitativa atende aos nossos interesses.

Apresentaremos a seguir um quadro comparativo com as principais características da investigação quantitativa e da qualitativa, elaborados por Gerhardt e Siveira (2009) a partir de Polit et al, 2004:

Tabela 22. Comparação das características da pesquisa Qualitativa e Quantitativa

<b>Pesquisa Quantitativa</b>	<b>Pesquisa Qualitativa</b>
Focaliza uma quantidade pequena de conceitos	Tenta compreender a totalidade do fenômeno, mais do que focalizar conceitos específicos.
Inicia com ideias preconcebidas do modo pelo qual os conceitos estão relacionados.	Possui poucas ideias preconcebidas e salienta a importância das interpretações dos eventos mais do que a interpretação do pesquisador.
Utiliza procedimentos estruturados e instrumentos formais para coleta de dados.	Coleta dados sem instrumentos formais estruturados.
Coleta os dados mediante condições de controle.	Não tenta controlar o contexto da pesquisa, e, sim, captar o contexto na totalidade.
Enfatiza a objetividade, na coleta e análise dos dados.	Enfatiza o subjetivo como meio de compreender e interpretar as experiências.
Analisa os dados numéricos através de procedimentos estatísticos.	Analisa as informações narradas de uma forma organizada, mas intuitiva.

Através desta comparação, podemos perceber como ambas são opostas, porém, apesar de seguir direções diferentes, elas não são incompatíveis, daí a possibilidade de se fazer um estudo combinado. Nesse caso, o estudo torna-se mais completo, pois aproveita as diferenças de cada método.

Dentro desta metodologia, aplicaremos questionários para os pais, alunos e professores, além de entrevista com a diretora, coordenadoras e orientadora educacional para conhecer o contexto educativo, o perfil dos professores e dos alunos e as maiores dificuldades disciplinares que o CACM enfrenta.

A seguir, apresentamos o Esquema Geral do Desenho da investigação:



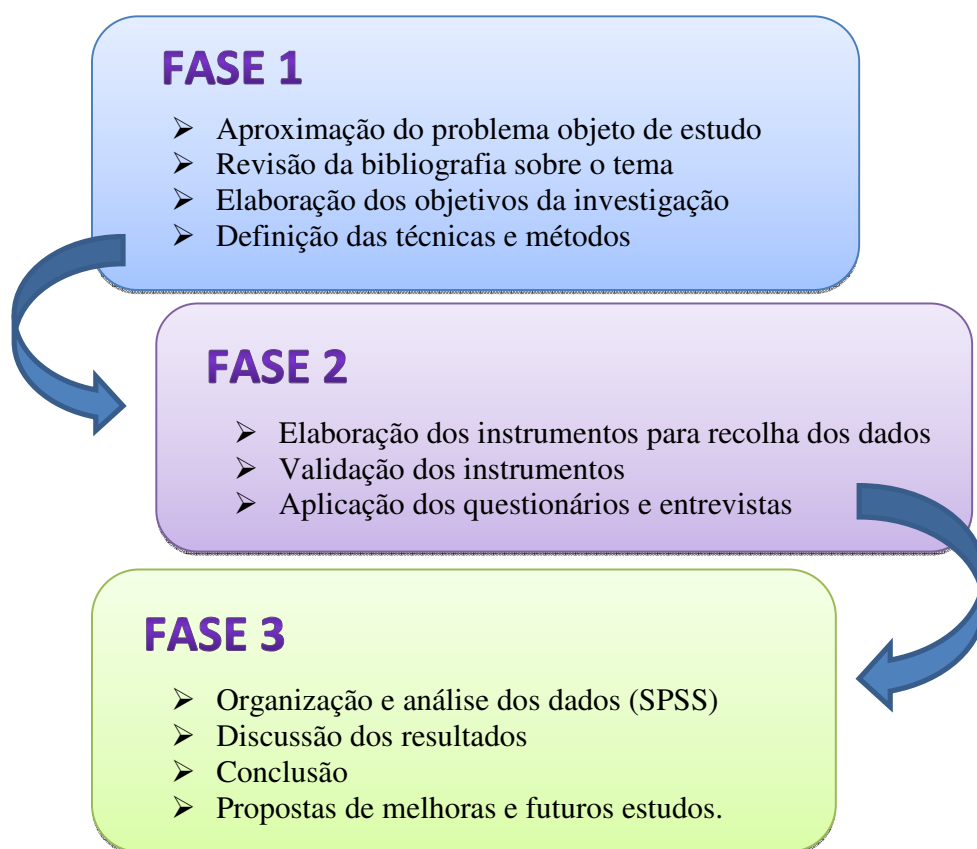


Figura 1. Esquema geral do desenho da investigação

#### 6.4. Estudo de Caso – Contexto da Investigação

Um *estudo de caso* pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto

quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador. Fonseca, (2002). É o tipo de pesquisa no qual um caso (fenômeno ou situação) individual é estudado em profundidade para obter uma compreensão ampliada sobre outros casos similares. Os estudos de caso descritivos procuram apenas apresentar um quadro detalhado de um fenômeno para facilitar sua compreensão, pois não há a tentativa de testar ou construir modelos teóricos. Na verdade, esses estudos constituem um passo inicial ou uma base de dados para pesquisas comparativas subsequentes e construção de teorias. Os estudos de caso interpretativos também utilizam a descrição, mas o enfoque principal é interpretar os dados num esforço para classificar e contextualizar a informação e talvez teorizar sobre o fenômeno.

O *estudo de caso* consiste em fazer um estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados. O estudo de caso vem sendo utilizado com frequência cada vez maior pelos pesquisadores sociais, visto servir a pesquisas com diferentes propósitos, tais como: Explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação e explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos. Gil (2008).

O presente *Estudo de Caso* foi realizado no Colégio Adventista de Campo Mourão, que foi fundado em 29 de novembro de 1956 e adquiriu sua Licença de Funcionamento. Até 1973, a Escola manteve o Ensino Fundamental séries iniciais (1ª à 4ª séries). Com o passar dos anos, cresceu e expandiu-se, instituindo 5ª série em 1974, dentro da Reforma de Ensino. Em 1985 sofreu alteração de nome passando a denominar-se Escola Adventista Ensino Pré-Escolar e 1º grau, depois passou a ser Escola Adventista Ensino Fundamental de Campo Mourão. Seu planejamento da lei 5692/71, foi aprovado pelo parecer 104/76 e homologado pela Resolução nº 198/77, publicada em Diário Oficial do 1º de março de 1977. Reconhecido oficialmente pela Resolução 3.294 de 30.10.91 – Autorização de Funcionamento e Resolução 2.545 de 24.09.1982 – Reconhecimento de Estabelecimento e Reconhecimento de curso.

No decorrer da História, a escola foi crescendo, houve, portanto a necessidade de implantar o ensino médio, ampliando então o quadro docente e técnico administrativo, permanecendo, porém o objetivo: “Ensinado Valores, construindo vencedores”. Aprovada em outubro de 2002, pela resolução 4639/02, passou a ser ministrado, reconhecidamente no ano de 2003, neste estabelecimento o 1º ensino médio, já no ano de 2004, o 1º e 2º ensino médio, e em 2005, o 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio.

Desde então, o Colégio Adventista vem marcando presença na sociedade educativa social e pedagógica mourãoense, com várias turmas de Ensino Médio já formadas, e oferecendo condições para que o educando atue conscientemente na realidade em que vive. Atualmente oferece Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio nos períodos matutino e vespertino, além dos cursos preparatórios para o PAS-UEM, pré-vestibular e ENEM.

O CACM é uma escola de rede, portanto está ligado a uma mantenedora denominada MOPr da IASD, localizada na cidade de Cascavel – PR. A mantenedora por sua vez está vinculada a USB da IASD, localizada na cidade de Curitiba – PR que é responsável pelas escolas e colégios da região Sul do Brasil que compõe os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A Sede geral da IASD está localizada em Brasília onde é responsável por todas as escolas, colégios e instituições superiores de toda a América do Sul.

O CACM está organizado da seguinte maneira:

*Administração* – Diretora, tesoureiro, secretária e auxiliares administrativos.

*Setor Pedagógico*: Coordenadora Pedagógica de Educação Infantil e Ensino fundamental I, Coordenadora Pedagógica de Ensino Fundamental II e Ensino Médio e Orientadora Educacional de Educação Infantil ao Ensino Médio.

Os demais servidores são professores, auxiliares, monitores e zeladores, somando um total de 54 funcionários: 37 professores e 17 servidores. Atualmente o colégio soma o número de **585 alunos**, como vemos na tabela a seguir separada por níveis.

Tabela 23. Quantidade de alunos por nível de ensino.

<b>Alunos do CACM</b>			
<b>Nível</b>	<b>Meninos</b>	<b>Meninas</b>	<b>Total</b>
Educação Infantil	28	38	66
Ensino Fundamental I	104	108	212
Ensino Fundamental II	107	80	187
Ensino Médio	53	67	120
<b>Total</b>	<b>292</b>	<b>293</b>	<b>585</b>

O quadro mostra um dado interessante, a quantidade de meninos e meninas é praticamente a mesma, sendo, portanto bastante equilibrado.

O colégio oferece aulas no turno matutino e vespertino, sendo dividido da seguinte maneira:

**Manhã:** Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio.

*Horários de entrada e saída:*

Educação Infantil e Ensino Fundamental I – 7h30 às 11h45

Ensino Fundamental II – 7h20 às 12h

Ensino Médio – 7h20 às 12h30

**Tarde:** Educação Infantil e Ensino Fundamental I.

*Horários de entrada e saída:*

Educação Infantil – 13h15 às 17h30

Ensino Fundamental I – 13h15 às 17h45

Todos os níveis têm 20 minutos de intervalo de recreio.

Na tabela a seguir, as disciplinas oferecidas do 4º ano EFI ao 1º ano EM e a quantidade de horas-aulas semanal.

Tabela 24. Base Curricular do CACM.

<b>DISCIPLINAS</b>	<b>4ºEFI</b>	<b>5ºEFI</b>	<b>6ºEFII</b>	<b>7ºEFII</b>	<b>8ºEFII</b>	<b>9ºEFII</b>	<b>1ºEM</b>
Arte	1	1	1	1	1	1	1
Biologia							3
Ciências	3	3	3	3	3		
Ed. Física	2	2	2	2	2	2	2
Geografia	3	3	2	2	2	2	2
História	3	3	2	2	2	2	2
Língua Portuguesa	6	6	3	3	3	3	2
Literatura			1	1	1	1	2
Matemática	4	4	5	5	5	5	4
Física						2	3
Química						2	4
Redação			2	2	2	2	2
Ensino Religioso	5	5	3	3	3	3	2
Espanhol	1	1	1	1	1	1	1
Inglês	1	1	2	2	2	2	2
Musicalização	1	1					
Filosofia							1
Sociologia							1
<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>30</b>	<b>27</b>	<b>27</b>	<b>27</b>	<b>28</b>	<b>34</b>

Conforme o nível de ensino aumenta, vai diferenciando o peso das disciplinas em relação ao nível anterior. O Ensino Fundamental I tem uma base bastante completa, com uma carga horária de 30 horas-aulas semanal, pois é o primeiro nível de escolarização e exige muito mais tempo, principalmente em Língua Portuguesa, Ensino Religioso e Matemática, pois os alunos estão no período de adquirir e consolidar conhecimentos e valores. O Ensino Fundamental II tem uma carga horária mediana e o Ensino Médio, uma carga mais completa, com 34 horas-aulas semanal, pois necessita de melhor preparação para o vestibular e ENEM.

### 6.5. População e Amostra

A população é entendida como a totalidade dos indivíduos que possuem as mesmas características definidas para um determinado estudo. A amostra é a menor representação de um

todo maior considerado para a pesquisa. As conclusões ou generalizações a respeito do todo serão feitas tomando como base a amostra. Fonseca (2002).

O CACM apresenta na sua totalidade quinhentos e oitenta e cinco alunos, porém nem todos se enquadram nos critérios desta investigação, devido a idade dos alunos. A totalidade da amostra que se enquadra nos critérios foi constituída por *313 alunos* de nove a quinze anos que estudam do 4º ano do ensino fundamental I ao 1º ano do Ensino Médio, pois são as turmas que abrangem as idades especificadas e que estão em condições de responder os questionários, *313 pais*, dos referidos alunos, respondendo os questionários em casa e *27 professores* das respectivas turmas respondendo os questionários no colégio, em horário de trabalho. Apesar dos questionários terem sido distribuídos à referida amostra, nem todos foram respondidos e devolvidos e tivemos a anulação de muitos questionários por preenchimento incorreto ou por estar incompleto. Diante disso, a nossa amostra se reduziu a **136 pais, 246 alunos e 17 professores**.

Escolhemos realizar nossa investigação neste colégio, por ser uma escola bastante conceituada na cidade, por ter fácil acesso com a administração do mesmo e por ser uma escola de ideário, aumentando assim nossas expectativas em relação aos resultados.

## **6.6. Instrumentos**

Os instrumentos de recolha de informações mais comuns dentro do método de pesquisa são os *questionários* e as *entrevistas*, ambos os instrumentos são muito similares e se diferenciam fundamentalmente em que o questionário pode ser administrado pelo próprio sujeito, enquanto que a entrevista requer a presença do investigador. As perguntas devem ser atrativas para quem vai responder e suficientemente claras e simples. Pina e Tejada (2009).

A entrevista é utilizada para obter informações contidas nas falas dos objetos de pesquisa. A maior parte das referências feitas a propósito do questionário aplicam-se à entrevista.

Utilizaremos a *entrevista semiestruturada* ou *conversa guiada*, que de acordo com Fonseca (2002), o entrevistador confere mais importância à informação do que à padronização. Contudo, é necessário que no fim da conversa sejam atingidos uma série de objetivos precisos. Um roteiro define quais os principais temas a explorar, e prevê eventualmente certas perguntas, mas a forma como os temas serão conduzidos ao longo da conversa, o modo como as perguntas serão formuladas e a ordem pela qual aparecerão os temas e as perguntas não são fixados previamente.

A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada no âmbito das ciências sociais. Psicólogos, sociólogos, pedagogos, assistentes sociais e praticamente todos os outros profissionais que tratam de problemas humanos valem-se dessa técnica, não apenas para a coleta de dados, mas também com objetivos voltados para diagnóstico e orientação. Muitos autores consideram a entrevista como a técnica por excelência na investigação social, atribuindo-lhe valor semelhante ao tubo de ensaio na Química e ao microscópio na Microbiologia. Por sua flexibilidade é adotada como técnica fundamental de investigação nos mais diversos campos e pode-se afirmar que parte importante do desenvolvimento das ciências sociais nas últimas décadas foi obtida graças à sua aplicação. Gil (2008).

O inquérito por questionário é um dos instrumentos de recolha de dados mais usados no campo das Ciências Sociais. Del Rincón et al (1995). O questionário não é a investigação em si, é somente um instrumento utilizado para a obtenção dos dados importantes para a investigação. Os questionários se utilizam para se obter informações de um número elevado de pessoas sobre suas opiniões a respeito de um tema. Cantón Mayo (2009).

O questionário é um instrumento de pesquisa constituído por uma série de perguntas organizadas com o objetivo de levantar dados para uma pesquisa, cujas respostas dadas pelo elemento ou pelo pesquisador sem a assistência direta ou orientação do investigador. Deverá incluir no cabeçalho um enquadramento da natureza da pesquisa, referir os objetivos do questionário, ressaltar a importância de uma resposta cuidada às questões, orientar para o preenchimento e garantir sigiloso. Fonseca (2002). Ele deve ser objetivo, limitado em extensão e estar acompanhado de instruções, que devem esclarecer o propósito de sua aplicação,

ressaltar a importância da colaboração do informante e facilitar o preenchimento. Silva e Menezes (2005).

Os questionários podem ser compostos de questões abertas e/ou fechadas. Nas questões abertas, as respostas são mais individualizadas e a sua interpretação é mais complexa, devido a grande diversidade de respostas que se podem dar e abrangem as respostas pessoais, onde o respondente justifica ou comenta sua resposta. Nas questões fechadas contém várias opções de respostas, onde o respondente vai escolher uma resposta e normalmente aparece a opção “outras”, caso a resposta não se encaixe em nenhuma das alternativas.

As perguntas não devem ser difíceis, não devem aparecer juntas as perguntas cuja resposta induza a responder a seguinte questão. Se no questionário se tratam de vários temas, é aconselhável agrupar as perguntas em torno de um mesmo tema. E quanto ao número de perguntas, depende do tema que estamos investigando, o número de perguntas deve ser suficiente, nenhuma mais. Pina e Tejada (2009).

Corroborando com o descrito acima, Young e Lundberg, 1998, citado por Silva e Menezes (2005) apresentam uma série de recomendações úteis à construção de um questionário. Entre elas destacam-se:

- O questionário deverá ser construído em blocos temáticos obedecendo a uma ordem lógica na elaboração das perguntas;
- A redação das perguntas deverá ser feita em linguagem compreensível ao informante. A linguagem deverá ser acessível ao entendimento da média da população estudada. A formulação das perguntas deverá evitar a possibilidade de interpretação dúbia, sugerir ou induzir a resposta;
- Cada pergunta deverá focar apenas uma questão para ser analisada pelo informante;
- O questionário deverá conter apenas as perguntas relacionadas aos objetivos da pesquisa. Devem ser evitadas perguntas que, de antemão, já se sabe que não serão respondidas com honestidade.



Todos os instrumentos de pesquisa apresentam vantagens e desvantagens, Gil (2008) apresenta algumas vantagens e limitações do uso dos questionários como instrumento de pesquisa:

Tabela 25. Vantagens e Limitações dos questionários

<b>Vantagens</b>	<b>Limitações</b>
Possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio;	Exclui pessoas que não sabem ler e escrever, o que, em certas circunstâncias, conduz graves deformações nos resultados da investigação;
Implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige treinamento dos pesquisadores;	Impede auxílio ao informante quando este não entende corretamente as instruções ou perguntas;
Garante anonimato das respostas;	Impede o conhecimento das circunstâncias em que foi respondido, o que pode ser importante na avaliação da qualidade das respostas;
Permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente;	Não oferece a garantia de que a maioria das pessoas devolvam-no devidamente preenchido, o que pode implicar a significativa diminuição da representatividade da amostra.
Não expõe os pesquisadores a influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado.	Envolve, geralmente, número relativamente pequeno de perguntas, porque é sabido que questionários muito extensos apresentam alta probabilidade de não serem respondidos.

Apesar de apresentar algumas limitações, como todo instrumento, o questionário é um meio bastante prático e eficiente numa pesquisa. O fato de optarmos por um estudo combinado da metodologia qualitativa e quantitativa, supre as possíveis limitações que os questionários podem apresentar, pois através das entrevistas, conseguiremos captar muitas informações importantes e pertinentes para o estudo.

No presente estudo optamos por utilizar três questionários somente com questões fechadas.

- *Questionários para os pais*, com o objetivo de identificar o estilo educativo empregado na educação dos filhos (Autoritário, permissivo ou democrático), bem como a maneira de disciplinar em casa.

- *Questionário para os alunos* para identificar o perfil e as condutas em sala de aula.

- *Questionário para os professores* a fim de identificar o perfil do professor e o estilo educativo que ele emprega em sala de aula: autoritário, permissivo ou democrático.

Além disso, fizemos entrevista com a diretora, coordenadora e orientadora educacional do colégio. (Guião no Apêndice D).

Para a elaboração dos questionários fizemos uma investigação exaustiva na literatura (como abaixo citado) e em outros estudos realizados na mesma linha de nosso tema para nos assegurar de que estamos seguindo o rumo certo nas investigações. Para o questionário dos pais analisamos artigos e investigações sobre estilos parentais e os instrumentos de avaliação de estilos educativos. Os principais estudos empíricos que nos nortearam estão descritos a seguir:

Um estudo realizado por Campos e Cruz (s.f.) intitulado *Questionário de Estilos Parentais (QEP) Revisitado*, os autores tiveram como principal objetivo visitar a versão portuguesa do “Parenting Styles and Dimensions Questionnaire” (PSDQ, Robinson, Mandleco, Olson & Hart, 1995, 2001a, 2001b), denominado “Questionário de Estilos Parentais” (QEP, Santos, 2008, Santos e Cruz, 2008). O questionário era constituído por 38 itens avaliados numa escala de resposta com cinco pontos, que permite avaliar os estilos educativos parentais identificados por Baumrind, que são os estilos autorizado, autoritário e permissivo. Os autores fizeram a reavaliação do questionário porque em estudos anteriores foram encontrados resultados pouco consistentes. Participaram do estudo 126 pais de crianças em idade pré-escolar e em idade escolar. A submissão dos itens a uma análise de componentes principais permitiu replicar as três dimensões acima referidas, sendo sugerida a eliminação dos itens com saturações baixas ou saturados em mais de um fator. Os valores de consistência interna dos estilos autorizados e autoritários revelaram-se satisfatórios, os valores menos satisfatórios da consistência interna foi do estilo permissivo, a par do reduzido número de itens, apontaram a necessidade de proceder a reformulação de alguns itens eliminados e à inclusão de novos itens.

Analisamos também um estudo realizado por Falcke, Rosa & Steigleder (2012) sobre estilos parentais em famílias com filhos em idade escolar. Na investigação participaram 153 pais

de estudantes de nove escolas da região do Vale do Rio dos Sinos - RS. Como instrumentos foram utilizados uma ficha de dados sociodemográficos, a Escala de Estilos Educativos (Goméz Fraguela & Villar Torres, 2005) composta por 12 itens que investigam as condutas educativas dos pais, considerando os estilos parentais permissivo, autoritário e cooperativo, em escala Likert de cinco pontos com três itens para cada estilo parental. O Inventário de Estilos Parentais (Gomide, 2006) avalia as práticas parentais através de 42 questões em escala Likert de três pontos. Nos resultados preponderou o estilo autoritativo, seguido pelo autoritário e por fim, pelo permissivo.

Boeckel e Sarriera (2005) realizaram um estudo da Análise fatorial do Questionário de Estilos Parentais (PAQ) em uma amostra de adultos jovens universitários com o objetivo de investigar a estrutura fatorial do questionário (PAQ), desenvolvido por John Buri. O instrumento é composto por 30 situações hipotéticas referentes às estratégias educacionais utilizadas pelos pais durante a infância de seus filhos, o instrumento é formado por três subescalas, cada uma com dez itens, as quais se referem aos estilos parentais autoritário, autorizante e permissivo, em escala Likert de cinco pontos. A amostra estratificada foi composta por 323 estudantes de uma Universidade particular. A análise demonstrou a presença de três fatores com autovalores superiores a 1. Os três fatores apresentaram um nível de consistência interna satisfatórios. Os resultados sugeriram possibilidades positivas de aplicação do instrumento naquela realidade.

Romero et al (2006) realizaram um estudo sobre Validação do questionário de práticas parentais em uma população mexicana com o objetivo de medir a estrutura fatorial do questionário de Práticas Parentais de Robinson, o qual foi construído para avaliar as práticas dos pais de acordo com a classificação de Baumrind. Entrevistou-se 60 mães de família e se levou a cabo uma análise fatorial confirmatória. Os resultados mostraram que o instrumento avaliado apresentou dois fatores nos sujeitos estudados: os estilos autoritários e autoritativos, em lugar dos três fatores propostos por seu autor. Concluiu-se que pelo menos nesta, a estrutura fatorial foi diferente da proposta originalmente. Os resultados também apoiam a variabilidade das práticas de criação através das culturas, cuja explicação pode estar sustentada em parte na diferença entre estilos de criação e práticas de criação existente em diversos contextos sociais.

Além dos estilos parentais e dos dados sociodemográficos fizemos algumas questões fechadas sobre o aspecto disciplinar no lar, pois estas questões nos ajudarão a tirar as conclusões e fazer as devidas comparações no final da investigação. As perguntas foram elaboradas a partir das ideias de Gómez, Hernández, Martín y Gutierrez (2005). A seguir uma tabela de síntese dos principais estudos revisados:

Tabela 26. Síntese dos estudos revisados.

<b>Título do Estudo</b>	<b>Autor/es</b>	<b>Ano</b>	<b>Investigação</b>
Questionários de Estilos Parentais (QEP) revisitado.	Campos & Cruz	(s.f.)	Estudo realizado com 126 pais de crianças em idade pré-escolar. O estudo foi realizado visando melhorar a consistência interna do questionário.
Análise fatorial do Questionário de Estilos Parentais (PAQ) em uma amostra de adultos jovens universitários.	Boeckel e Sarriera	(2005)	Foi realizado um estudo da Análise fatorial do Questionário de Estilos Parentais (PAQ) em uma amostra de 323 jovens universitários com o objetivo de investigar a estrutura fatorial do questionário (PAQ)
Los Problemas en la infancia y el papel de los estilos educativos de los padres.	Gómez, I., Hernández, M., Martín, M.J., y Gutiérrez, C.	(2005)	Modelo de questionário funcional de estilo educativo de pais (FEEP).
Validación del cuestionario de prácticas parentales en una población mexicana.	Romero et al	(2006)	Estudo realizado com entrevistas a 60 mães de família com o objetivo de medir a estrutura fatorial do questionário de Práticas Parentais de Robinson, o qual foi construído para avaliar as práticas dos pais de acordo com a classificação de Baumrind.
Estilos Parentais em famílias com filhos em idade escolar.	Falcke, Rosa & Steigleder	(2012)	Na investigação participaram 153 pais de estudantes de nove escolas com instrumentos que avaliavam os estilos parentais permissivo, autoritário e cooperativo.

Para identificar o perfil educativo dos pais, usamos doze questões em escala Likert de 1 a 4 (nunca, às vezes, muitas vezes e sempre). Que foram elaboradas a partir da análise da literatura dos seguintes autores: Kuzma (2004), Sprinthal e colins (2003), Salvador et al (1999), Yaegashi (2007), Dobson (1993), Urra (2007), Herbert (1992), González (2007), dentre outros.

**As questões 1-5-9 e 11 correspondem ao estilo permissivo.** Esses itens identificam os pais permissivos porque as principais características desses pais são:

- Ausência de autoridade, falta de limites, tolerância, falta de liderança;
- Excesso de liberdade aos filhos;
- Fazem poucas exigências;
- Não utilizam força e poder;
- Permitem que os filhos tomem sempre decisões sozinhos, mesmo quando não estão capacitados para isto.
- Podem ser afetivos ou não.
- Os pais evitam impor controles e não delegam tarefas aos filhos.

**As questões 3-4-8 e 10 correspondem ao estilo democrático.** Esses itens identificam os pais democráticos porque as principais características do estilo democrático são:

- Educação fundamentada no equilíbrio, coerência e sensatez; São afetuosos, companheiros e educam com amor;
- Ambiente familiar caloroso e de aceitação; Visam o bem-estar físico e emocional dos filhos;
- Diálogo, respeito mútuo; Autoridade e controles firmes, porém moderados;
- Transmitem segurança; Fixam modelos e critérios para a conduta dos filhos;
- Usam a razão e o poder; Controle e exigência de maturidade combinados com afeto.
- Estabelecem limites razoáveis, com carinho e afeto. Escutam os filhos; Combinação de amor com autoridade.
- Respeito, diálogo e equilíbrio. Os pais são calorosos e receptivos, elaboram regras junto com os filhos.

**As questões 2-6-7 e 12 correspondem ao estilo autoritário.** Esses itens identificam os pais autoritários porque as principais características do estilo autoritário são:

- Disciplina rígida, frieza, falta de amor, controle total sobre os filhos; Excesso de autoridade, comando;
- Demasiadas restrições; Usam medidas punitivas e violentas;
- Ambiente familiar frio e pobre, não há interação entre os membros da família; Pais sisudos, fechados (ditatoriais)
- Desprezam os filhos e se afastam deles; Controle sobre as condutas dos filhos e forte exigência de maturidade
- Afirmação do poder, punição, humilhação e agressão física.

Analisamos os estilos e formatos dos vários instrumentos usados nos estudos citados, sobre estilos educativos, verificando os prós e contras de cada modelo, bem como analisamos detalhadamente cada item, para então elaborar as questões que seriam usadas em nossa investigação.

A tabela a seguir mostra alguns prós e contras encontrados nos estudos analisados, levando em consideração os instrumentos usados pelos autores:

Tabela 27. Prós e contras dos instrumentos analisados.

<b>Estudo</b>	<b>Autor/es</b>	<b>Prós</b>	<b>Contras</b>
Questionários de Estilos Parentais (QEP) revisitado.	Campos & Cruz (s.f.)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O QEP apresenta potencialidades interessantes como instrumento de avaliação dos estilos educativos parentais.</li> <li>- Elevada consistência interna no estilo autorizado e boa consistência interna no estilo autoritário.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Baixa consistência interna no estilo permissivo.</li> <li>- Alguns itens inadequados por questões conceituais, necessitando inverter ou eliminá-los.</li> <li>- utilização de um duplo sentido na formulação de alguns itens.</li> <li>- formulação de itens usando frases na negativa.</li> </ul>
Análise fatorial do Questionário de Estilos Parentais (PAQ) em uma amostra de adultos jovens universitários.	Boeckel e Sarriera (2005)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Nível satisfatório de fidedignidade nas três subescalas.</li> <li>- O instrumento apresentou uma estrutura fatorial consistente e é um questionário com dimensões bem definidas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Questões elaboradas partindo de conteúdo negativo pode ter influenciado as respostas.</li> <li>- O estudo foi desenvolvido com adultos jovens e na literatura vigente a maioria dos estudos são concernentes a amostras de adolescentes.</li> </ul>
Validación del cuestionario de prácticas parentales en una población mexicana.	Romero et al (2006)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- dentro de cada estilo parental foram subdivididos fatores. O estilo autoritário foi subdividido em hostilidade verbal, castigo corporal, estratégias punitivas e pouca diretividade. O estilo autoritativo era composto por envolvimento, raciocínio, participação democrática e bom comportamento e o estilo permissivo, como falta de supervisão. Esta divisão tornou mais específico cada estilo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Amostra composta somente por mães.</li> <li>- As variáveis que formaram o fator de permissividade se distribuíram nos outros dois fatores.</li> <li>- O índice de falta de confiança nas práticas de criação se integrou ao fator autoritarismo e pertencia ao fator de permissividade na análise feita por Robinson (1995), todavia parece que mede mais autoritarismo do que permissividade.</li> <li>- A maioria os itens da escala obtiveram o Alfa de Cronbach abaixo de 6,0.</li> </ul>
Estilos Parentais em famílias com filhos em idade escolar.	Falcke, Rosa & Steigleder (2012)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Na Escala de Estilos Educativos (EEE) observou-se uma correlação moderada e positiva entre os resultados do Inventário de Estilos Parentais (IEP) e a subescala de estilo autoritativo, revelando coerência entre as medidas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Correlação negativa entre as escalas EEP e IEP com o estilo permissivo.</li> <li>- Não foi encontrada correlação com o estilo autoritário que pode ter ocorrido devido à inconsistência de um dos itens com dupla negativa, comprometendo a avaliação da fidedignidade.</li> </ul>

Apesar de encontrarmos alguns pontos negativos na elaboração dos instrumentos analisados, podemos perceber que também existem muitos pontos positivos que nos ajudaram na

formulação das questões dos nossos instrumentos. (Questionário de Estilos Educativos de Pais no apêndice A)

Para a elaboração do questionário para os alunos, além dos dados sociodemográficos, começamos com algumas questões fechadas sobre a vida relacional do aluno para obtermos dados importantes que nos ajudarão a tirar as conclusões no final da investigação. As perguntas foram: Com quem você mora? Como você se sente em casa? Como se sente no colégio? Como é tratado pelos professores? Todas as perguntas com várias opções de respostas.

Seguidamente as questões foram referentes ao perfil do aluno. Foram 24 itens para serem avaliados numa escala Likert de 1 a 4, sendo *1 – Nunca, 2 – Algumas Vezes, 3 Muitas Vezes e 4 – Sempre*. Esses itens foram elaborados a partir da revisão da literatura onde os diversos autores como, Van Pelt, 1998; Cória-Sabini, 2002; White, 2016b; González, 2007; Salvador et al, 1999; Kuzma, 2004 entre outros, destacavam o perfil do filho, educado pelos diferentes estilos de pais (autoritários, permissivos e democráticos). São 8 itens para cada estilo parental.

**Questões 1 a 8: filhos educados pelo modelo autoritário.** Esses itens identificam o perfil do aluno porque as principais características dos filhos educados por pais autoritários são:

- Dignidade pessoal enfraquecida, submissão, baixa autoestima, poucos controles internos, infantilismo, imaturidade, desmotivação, complexo de culpa, sentimento de inferioridade, dificuldades nos relacionamentos, medo, pessimismo, timidez, inibição, pouco responsáveis, insegurança.
- Sinais de rebeldia, caráter instável, dificuldades em tomar decisões, dependência, atitudes violentas.

**Questões 9 a 16: filhos educados pelo modelo permissivo.** Esses itens identificam o perfil do aluno porque as principais características dos filhos educados por pais permissivos são:

- Dominam os pais; Demonstram pouco respeito; Não valorizam o que os pais lhes proporcionam;
- Pouco responsáveis, desorientados nos afazeres, propensos a desorganização, irritabilidade;
- Dificuldade em se adaptar às regras; Egocêntricos, egoístas, Instáveis emocionalmente.

**Questões 17 a 24: filhos educados pelo modelo democrático.** Esses itens identificam o perfil do aluno porque as principais características dos filhos educados por pais democráticos são:

- Competência, autoconfiança, autoestima elevada; Respeito, responsabilidade; Integram-se e participam das atividades do lar; Se envolvem nas decisões da família; Escutam os conselhos dos pais; Independência de pensamento; Maturidade emocional e social; Aquisição de maturidade cognitiva; Sábido uso da liberdade; Satisfação, curiosidade; Menos susceptíveis a adoção de novos valores.

No que se refere à disrupção escolar nos fundamentamos nos estudos de Veiga (2007, 2011), que foi o autor da Escala de Disrupção Escolar Professada pelos Alunos (EDEP), além de Velez (2010) e Seruya (2013), que também aplicaram-na em seus estudos sobre condutas disruptivas. Veiga (2007) apresenta investigações envolvendo vários países europeus onde utilizaram a escala EDEP e conclui que os elementos apresentados mostraram-se consistentes e salientaram as qualidades da escala, bem como sua utilidade na investigação em psicologia e em educação, quer em estudos de natureza diferencial, quer em estudos de tipo quase experimentais.

A escala original está dividida em três subescalas: Fator I – distração-transgressão (DT) - referente às atitudes do aluno face à aula e à Escola, isto é, distrações, esquecimentos, pontualidade, assiduidade. O fator II – agressão aos colegas (AP) - referente às condutas de agressividade do aluno dirigidas aos colegas e a outras pessoas na escola e ao próprio material escolar. Por ultimo, o fator III – agressão à autoridade escolar (AA) – referente aos comportamentos escolares provocatórios, destacando-se a agressão física ou verbal do aluno, dirigida aos Professores, e ao roubo na escola. Pontuações elevadas vão corresponder a uma maior disrupção escolar inferida. É uma escala Likert de 6 pontos com 16 itens. Nesse estudo, optamos por adaptar a escala, utilizando somente 4 pontos na escala Likert pensando em facilitar para os alunos de 9 e 10 anos responderem e eliminamos um item referente a vir bêbado para a escola, pois achamos que não se aplica ao contexto do colégio, por ser um colégio de ideologia cristã. Os itens foram distribuídos de acordo com os fatores citados a seguir:

**Fatores: distração-transgressão (itens: 4, 7, 8, 11, 12, 13)**

Referência à atitude do aluno face à aula e à escola (distrações, esquecimentos, pontualidade, assiduidade).

**Agressão aos colegas (itens: 1, 2, 3, 14, 15)**

Relacionados com condutas agressivas do aluno dirigidas aos colegas e a outras pessoas na escola e ao próprio material escolar.

**Agressão à autoridade escolar (itens: 5, 6, 9, 10,)**

Relacionados com comportamentos escolares provocatórios, destacando-se a agressão física ou verbal do aluno, dirigida aos professores, e o roubo na escola. (Questionário do aluno no Apêndice B).



No questionário para professores, além dos dados sociodemográficos, fizemos algumas questões fechadas sobre a disciplina na escola que nos darão bases para as comparações e conclusões da investigação. As perguntas foram elaboradas com base nos questionários de Rodríguez (2011) e Fernández (s.f.). Seguidamente utilizamos um questionário elaborado por Naranjo (2009) que se refere ao estilo de professor (autoritário, permissivo ou democrático), fizemos a tradução do espanhol para o português, bem como as adaptações necessárias relativas ao contexto educativo. As questões se referem basicamente às atitudes do professor diante de situações de indisciplina e interrupção na sala de aula. Todas as questões apresentavam várias alternativas de respostas e deveriam ser respondidas levando em consideração o que o professor *faria primeiro* diante de cada situação.

### Interpretação:

Tabela 28. Interpretação do item B4 do questionário dos professores

TIPOS DE MÉTODOS PARA RESOLVER OS CONFLITOS		
O total de itens do questionário foram classificados em uma das 3 categorias.		
AUTORITÁRIO	PERMISSIVO	DEMOCRÁTICO
1.A	1.B	1.C
2.B	1.D	2.A
3.C	2.E	2.C
4.A	3.A	2.D
5.A	4.D	3.B
5.D	4.E	3.D
6.C	5.C	4.B
7.E	6.B	4.C
8.A	6.D	5.B
8.B	7.B	6.A
9.A	8.D	7.A
9.B	9.D	7.C
	9.E	7.D
		8.C
		8.E
		9.C

O terceiro bloco de questões foram itens em escala de Likert de 4 pontos relativos às condutas disruptivas nas aulas, destacando a *frequência* e a *gravidade* das condutas. Para elaborar os itens seguimos um modelo de Rodriguez (2011) numa investigação sobre disciplina e convivência nos centros de Educação Secundária na Cidade de Ceuta, Espanha. Fizemos adaptações e tradução somente de alguns itens que se encaixavam com a necessidade e contexto de nossa investigação. (Questionário do Professor no Apêndice C).

### **6.6.1. Validez**

Entendemos por validade ou objetividade de um questionário o grau ou medida em que este mede a variável que queremos medir. Trata-se de saber em que medida reflete com exatidão a característica ou a dimensão que se pretende medir. (Cantón Mayo, 2009).

A validade, segundo Fox, 1969, citado por Rodriguez (2011) é o grau em que o método cumpre o que se pretende que cumpra ou mede o que se pretende que meça. Trata-se portanto, de um requisito necessário para a utilização de qualquer instrumento. A validade é a garantia de que estamos recolhendo os elementos que buscamos e não outros. Neste sentido, se entende por validade o grau em que o instrumento reflete com exatidão a característica ou dimensão que se pretende medir.

É conveniente realizar a validade do questionário tanto no critério de construção, como de conteúdo, considerando que sempre se deve realizar a validade de conteúdo. Esta requer uma revisão teórica prévia para ver como foi tratada a variável do estudo por outros investigadores e posteriormente se submete a juízo de especialistas para conhecer se é exaustivo o conteúdo, se está corretamente formulado e se responde aos objetivos que pretendíamos conhecer com a realização do questionário. É conhecido pelo nome de validação por especialistas. (Eisman, Luna e Moreno, 2009).

O processo de validação dos nossos instrumentos foi realizado da seguinte maneira: Primeiro elaboramos um rascunho dos questionários, em seguida os questionários foram submetidos à revisão e avaliação por seis especialistas doutores, sendo três de universidades do

Brasil e três da Universidade de León, Espanha. Os critérios de avaliação foram **pertinência, relevância e univocidade**, numa escala de 1 a 3, sendo 3 a nota máxima.

Entendemos por *pertinência* aquilo que seja adequado, apropriado. Se as questões são apropriadas e se a linguagem utilizada está adequada. A *relevância* pode ser entendida como algo que tem importância, que seja indispensável, valioso e que merece atenção. *Univocidade* é aquilo que permite uma só interpretação, que não dá margem à duplicidade. Todos os itens dos questionários foram avaliados seguindo os três critérios mencionados acima. (Tabela de validação no apêndice F)

Na avaliação geral dos seis doutores, somente um item demonstrou necessidade de ser excluído. Trata-se do item **B6b** do questionário dos pais: *Dou-lhe uma surra*. Nesse item os pais deveriam indicar com que frequência utilizam os seguintes castigos ou correções com seu filho/a, em escala Likert de 1 a 4 (nunca, às vezes, muitas vezes e sempre) diante de várias opções. A maioria dos doutores fizeram observações referentes ao termo *surra*, que poderia ser substituído por castigo corporal. Diante disso, reformulamos a questão, pois sua eliminação faria falta nas opções de respostas, tendo em vista que muitos pais normalmente utilizam castigo corporal na educação de seus filhos. O item reformulado ficou assim: *Aplico-lhe um castigo corporal (Ex: palmadas, varadas, etc.)*

Nas demais questões, fizemos ajustes, melhoramos a linguagem e colocamos algumas explicações, conforme as observações feitas. A seguir as principais observações dos itens que necessitavam de melhorar:

### **Questionário dos Pais**

#### **Questão B5:**

Seu filho/a participa na hora de tomar decisões familiares?

( ) *Não, seria um absurdo.*

Essa frase poderia inibir os pais de assinalarem, portanto alteramos para:

( ) *Não, acredito que isso cabe aos adultos.*

### Questionário do aluno

#### Questão B1:

Com quem você mora?

Colocamos um item em aberto onde o aluno poderia colocar outro lugar onde mora, caso nenhum dos itens correspondesse à resposta.

Nas questões **B2, B3 e B4**: padronizamos as opções de respostas que diferiam de uma questão para outra.

Nos itens da questão **C1** que se referem ao perfil do aluno, acrescentamos alguns exemplos e explicações em alguns itens (*em itálico*) que poderiam causar dúvidas, principalmente para os alunos mais novos. A seguir, os itens que foram ajustados conforme as orientações dos validadores:

1. Sinto-me desmotivado/a *para realizar minhas atividades.*
2. Tenho complexo de culpa. (*Tenho a tendência de me sentir culpado quando acontece algo em casa ou na escola.*)
3. Tenho baixa autoestima (*ex: me acho feio/a, não gosto do meu corpo, acho que não sei fazer nada, etc.*)
4. Sou pessimista. (*ex: sempre acho que tudo vai dar errado comigo ou com os outros*)
6. Tenho medo (*acho que sou medroso*)
7. Tenho dificuldades em tomar decisões. (*ex: Até mesmo com coisas simples, como escolher a roupa para sair, o quê comer, etc.*)
8. Às vezes acho que sou imaturo/a *para a idade que tenho*
9. Sou dominador/a (*ex: gosto que os outros façam o que eu quero*)
10. Nem sempre respeito (*meus pais, professores, os mais velhos*)
15. Sou desorientado/a nos afazeres (*quando tenho algo para fazer, não sei bem como e por onde começar*)
17. Tenho autoestima elevada (*ex: acho-me bonito/a, gosto de mim, me sinto bem...*)

19. Sou confiante (*ex: comigo mesmo e no que faço*)

24. Sinto que tenho maturidade *para a minha idade*.

Referentes aos itens **3 e 17 do C1**, foram feitas observações no sentido de ser questão repetida, pela negativa e positiva. Optamos por manter as duas para facilitar o tratamento dos dados e interpretação, acrescentamos explicações em ambas.

**D1-9:** Substituímos o termo *roubo* coisas na escola por *pego* coisas na escola que não são minhas.

**D1-13:** Substituímos o termo estou distraído (a) nas aulas por *fico distraído (a) nas aulas*.

### Questionário do professor

No tópico **B4**, temos nove questões sobre a atitude do professor diante de situações específicas com várias opções de respostas. Foram feitas algumas observações referentes a incluir opções abertas, colocar mais alternativas de respostas ou colocar como critério para ser levado em consideração, o que o professor *faria primeiro* diante de cada situação, portanto optamos pela última sugestão. Além disso, fizemos pequenos ajustes de linguagem e correção do português em alguns itens de respostas.

#### 6.6.2. Fiabilidade

A fiabilidade de um instrumento se refere à capacidade para oferecer os mesmos resultados quando se aplica outras vezes em situações similares. Rodriguez (2011). O programa estatístico SPSS permite obter a análise da fiabilidade das pontuações de um teste entendida como consistência interna do mesmo. Cantón Mayo (2009).

Neste estudo optamos por utilizar o método estatístico *Alfa de Cronbach* para avaliar a consistência interna da investigação. O coeficiente *Alfa de Cronbach* é a média de todos os coeficientes através do meio que resulta das diferentes maneiras de dividir os itens das escalas.

Esta relação varia de 0 a 1 e um valor menor de 0,6 indica pobre fiabilidade de consistência interna ou insatisfatória.

No questionário dos pais, obtivemos um Alfa de Cronbach de 0,68, no questionário dos alunos o resultado foi de 0,65 e no questionário dos professores o Alfa de Cronbach foi de 0,68. Os resultados mostram que os questionários estão dentro dos valores aceitáveis de confiabilidade. (Resultados do Alfa de Cronbach no Apêndice H)

Dentro da Teoria Clássica dos Testes (TCT) o método de consistência interna é o caminho mais habitual para estimar a fiabilidade de provas, escalas ou testes, quando se utilizam conjuntos de itens ou reativos que se espera que meçam o mesmo atributo ou campo de conteúdo. Ledesma, Ibañez e Mora (2002).

## Capítulo VII

### 7. ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

#### 7.1. Resultados das pesquisas qualitativas

Começamos apresentando os resultados da parte qualitativa, ou seja, as entrevistas realizadas com a diretora, orientadora e coordenadoras do colégio. De acordo com Godoy (1995), citado por Câmara (2013), a pesquisa qualitativa não procura enumerar ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo a medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. Sendo assim, vamos procurar compreender esses fenômenos a partir das entrevistas realizadas.

A primeira entrevista foi feita com as três pedagogas ao mesmo tempo, duas coordenadoras pedagógicas (uma que atende da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I e outra que atende o Ensino Fundamental II e Ensino Médio) e uma orientadora educacional, que atende da Educação Infantil ao Ensino Médio, pois no referido colégio, as três profissionais trabalham na mesma sala dividindo o mesmo espaço. Portanto, as três foram respondendo juntas as questões e a entrevista aconteceu de forma bem descontraída, como uma conversa. A entrevista foi realizada no dia 21 de junho de 2016 às 17 horas, tendo a duração de aproximadamente 25 minutos, sendo realizada pela própria investigadora, de forma presencial. A segunda entrevista foi feita com a diretora do colégio no dia 30 de junho de 2016 às 17 horas com duração aproximada de 15 minutos. Também foi realizada pela investigadora de forma presencial.

Para realizar a análise de conteúdo, nos baseamos nas fases de Bardin (2011), citado por Câmara (2013), onde ela prevê três fases fundamentais, conforme o esquema apresentado na figura 2: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados – a inferência e a interpretação.

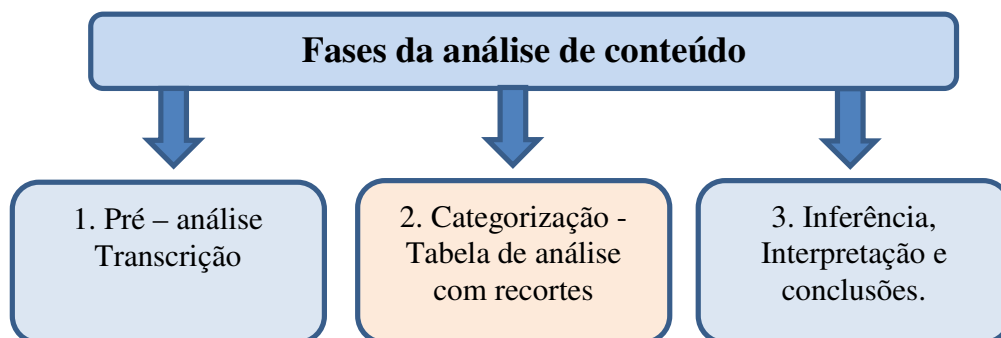


Figura 2. Fases da análise de conteúdos (adaptado).

O primeiro passo foi a pré-análise, através da transcrição das entrevistas. (Apêndice E). A partir daí, passamos a analisar o conteúdo para fazer as comparações e ir tirando as conclusões. O passo seguinte foi a exploração do material, através da categorização.

Começamos por analisar os três eixos principais das entrevistas, que são:

- 1) A problemática dos conflitos e a resolução dos mesmos.
- 2) A agressividade física e verbal envolvendo alunos e professores.
- 3) Os projetos de prevenção e motivação que a escola desenvolve para combater os problemas disciplinares e envolver a família com a escola.

Fizemos recortes das falas (unidades de contexto) e fomos colocando numa tabela para fazer a comparação da visão de cada profissional sob as diferentes perspectivas. A legenda a seguir ajudará na interpretação das falas de cada profissional:

C1 – Coordenadora 1 - (referente aos professores)

C2 – Coordenadora 2 - (referente aos professores)

O – Orientadora - (referente aos alunos)

D – Diretora - (referente ao contexto geral da escola).



Tabela 29. Análise do conteúdo das entrevistas.

<b>Comparação da visão dos temas sob a perspectiva das diferentes áreas: Coordenação, orientação e direção.</b>			
<b>Temas</b>	<b>Coordenadoras – Unidades de contexto</b>	<b>Orientadora - Unidades de contexto</b>	<b>Diretora – Unidades de contexto</b>
<b>A</b> problemática dos conflitos.	<p><b>C2</b> - tem professores que tem mais afinidades... Então eles formam os seus grupos, mas nenhum tipo de relacionamento de excluir o outro, de ser agressivo.</p> <p><b>C1</b> - Existem divergências de ideias, discussões.</p> <p><b>C2</b> - Não é assim, aquela coisa de um professor afrontar o outro e ficar de cara virada, nem sem conversar...</p>	<p><b>O</b> - Os “conflitinhos”, aquelas “bobeirinhas”, se a gente não der a devida importância eles podem virar muito grande...</p> <p><b>O</b>- mas os “conflitinhos” tem sim, sempre.</p>	<p><b>D</b> - Na verdade a gente não tem grandes conflitos entre os alunos, são pequenos conflitos, principalmente os pequenos, que é mais coisa da idade, né. Agora com os maiores, a gente não tem assim...</p> <p>Na questão dos funcionários, professores, também existe, eu penso que toda escola tem, não adianta falar que aqui não existe... Na verdade existe sim, existe competição... já existiu caso, por exemplo, de um professor dar indireta em outro em sala de aula...</p>
<b>Resolução</b> dos conflitos	<p><b>C1</b> - Quando o assunto é individual, a gente trata individual, a gente resolve sempre junto com a direção. A gente sempre procura não expor o professor diante dos colegas. Quando é um assunto geral, é tratado em reunião pedagógica.</p>	<p><b>O</b>- A nossa conduta, inclusive com os monitores e a gente enquanto equipe é: aconteceu uma coisa, já resolve logo pra que não se torne grande e todo probleminha que acontecer, já ir pra casa sabendo que está resolvido.</p> <p><b>O</b>- geralmente a gente chama as partes envolvidas, ouve separadamente os motivos de cada um e depois a gente coloca eles juntos para que...eles mesmos acabam chegando a conclusão dos erros e se acertando, então geralmente eles já saem daqui acertados, depois vem o processo de informar a família.</p>	<p><b>D</b> - com alunos a gente trabalha sempre a questão de conversar com eles, fazer as orientações, fazer a mediação entre eles também, pra que eles possam um entender o lado do outro e tentar se perdoar, se resolver a situação... a gente faz um trabalho bem consistente então vai exterminando estas questões. Na questão dos professores: aí a gente chama o professor, assina advertência... A gente procura trabalhar nas reuniões, nos encontros, a gente procura proporcionar um clima para que se tenha uma amizade profissional que não gere esse tipo de coisa.</p> <p>Eu não gosto desse negócio de fofquinha e quando tem, já vou no ponto, chamo e converso, porque é desagradável. Eu gosto de matar o mal pela raiz e se tiver que cortar, corta logo... conversar, nós somos adultos, e caminhar por uma esfera adulta.</p>
	<p><b>C1</b> - Graças a Deus não...(<i>referente às agressões físicas ao professor</i>) As agressões verbais</p>	<p><b>O</b> - Desde que estou aqui, há treze anos, eu não tinha visto acontecer ainda, (<i>agressões físicas entre alunos</i>), mas semana passada aconteceu uma</p>	<p><b>D</b> - A gente trabalha muito com projetos e na verdade, trabalhamos muito com a prevenção. Como a gente tem esses trabalhos preventivos, a</p>

Agressões físicas e verbais	acontecem, mas não é constante e quando isso acontece, o aluno é advertido, a gente chama o professor e tenta fazer uma conciliação, a família é comunicada, as vezes pode ser até suspenso, depende da gravidade.	situação sim, foi interrompida rapidamente,...não teve ninguém machucado, só começaram e como a equipe já estava ali, resolveu...ficaram de suspensão, mas não é uma prática acontecer.	gente vê que tem uma diminuição. Os alunos são bem respeitosos com os professores, até porque as regras são bem claras pra eles no colégio, então eles tem bastante respeito com os professores. Não vou dizer que nunca acontece nada, porque às vezes em casos isolados acontece uma coisa ou outra, mas é bem raro, eles são bem respeitosos. Existem algumas coisas, mas não é aquela frequência e aquela falta de respeito.
Bullying		<b>O</b> - Casos declarados nós não temos, ...logo que surgem as pequenas coisinhas a gente já tenta minimizar ali, então até hoje não cresceu dentro da escola, só se tiver alguma coisa aí que a gente não saiba realmente.	<b>D</b> - Que eu me lembre não, quando aconteceu alguma coisa a gente já foi bem pontual, foi em cima, já fez um trabalho, já fez os encaminhamentos, porque a gente sempre trabalha junto com a família, chama pai chama mãe, chama aluno, chama os envolvidos, se é o caso de chamar a sala a gente chama. A questão do Bullying a gente não vê coisas agravantes dentro do colégio e que possa chamar atenção, não vemos isso não.
Projetos e propostas e/ou motivação.	<b>C1</b> - Uma coisa que a gente trabalha muito aqui é de o professor ter livre acesso aqui com a gente (referindo-se a sala da coordenação e orientação), porque colocamos pra eles que o professor que nos procura, vai ter sempre o nosso apoio. <b>C2</b> - Nossa postura é sempre de apoio a eles, pra conversar com os pais, a gente está junto, pra conversar com os alunos, então eles sentem que podem trazer e a gente vai de imediato apoiar...	<b>C2</b> - Temos as capelas que tratamos desses assuntos. Para o quarto e quinto anos, tivemos uma palestra com um policial, para falar da seriedade e que isso é crime, ele abordou desde as coisas mais pequenas, como brincadeiras, apelidos e até onde isso pode chegar...E em sala as professoras vão abordando o tema, pois em sala conseguem visualizar mais de perto. <b>O</b> - De 6º ano ao Ensino Médio o Pastor, logo no inicio do ano abordou essa questão do Cyberbullying,...ele trabalhou com filminhos, foi bem bacana essa capela dele. Quando chega setembro, trabalhamos o projeto “quebrando o silencio” que envolve um projeto maior, aí vem a questão dos abusos, etc.	<b>D</b> - A gente procura sempre estar envolvendo a família dentro dos espaços da escola, todas as ações desde as pequenas ou grandes, direta ou indiretamente envolvendo a família você está trazendo a família pra dentro da escola... Temos projeto de Semana da Família, o projeto Educação mais Cidadania... mas a gente faz escola de pais sim. Fazemos, dentro dos projetos. Nós já fizemos uma por mês, agora estamos com uma por bimestre.

Após a análise do conteúdo, estamos em condições de fazer a interpretação e as inferências. Com as informações coletadas nas entrevistas, podemos perceber que o CACM é um colégio que não tem grandes problemas disciplinares. O que acontece no dia-a-dia são os pequenos conflitos, com maior incidência nos alunos mais novos, que entendemos que são as desavenças com os colegas, mas que não afetam muito no desenvolvimento normal das atividades escolares. Pelo fato da escola ter uma boa equipe disciplinar, composta pela orientadora educacional, coordenador de disciplina e monitores, os casos são resolvidos rapidamente e logo no início para que não venha a tomar maiores proporções. Outro ponto importante a ressaltar é que todas as ocorrências são registradas nos sistema informático/disciplinar da escola e enviadas para os pais, que devem assiná-las e devolver para a escola, onde ficam arquivadas, para servir de registros para futuras intervenções, caso seja necessário. Isso faz com que os pais estejam sempre cientes do que ocorre na escola.

Os conflitos entre professores também não é um fator de grande preocupação, pois o colégio, por ser de porte médio, tem um número considerado pequeno de professores e isso favorece o aspecto relacional docente. Existem os pequenos conflitos, divergência de ideias, discussões e até competição entre eles, porém nada fora do normal. A equipe pedagógica, juntamente com a direção acompanham de perto o trabalho docente e quaisquer dificuldades iminentes, logo são tratadas e resolvidas rapidamente, através de conversa direta com os envolvidos e até mesmo com registros e advertências para que os pequenos conflitos não se tornem grandes. No caso de conflitos com maiores proporções ou assuntos polêmicos, são tratados em reuniões pedagógicas de forma geral.

Em se tratando de violência e agressividade entre alunos e professores, o que acontece mais frequentemente são as agressões verbais entre alunos, que aparentemente não fogem da normalidade e do controle. As agressões físicas são raras, exceto alguns casos pontuais, que de acordo com as entrevistadas, são resolvidas rapidamente e não se tornam em grandes brigas. O baixo índice de indisciplina se deve ao fato de a escola fazer um bom trabalho preventivo, através de projetos, isso diminui bastante a incidência e vai conscientizando os alunos. Outro ponto forte é que o código de ética do colégio e as regras são bem claras, desde o ato da

matrícula. Quando pais e alunos estão conscientes das normas e concordam com elas, o cumprimento torna-se mais fácil. A questão do Bullying não é muito evidente, pois a escola desconhece casos declarados, somente pequenas desavenças e casos pontuais que são tratados rapidamente e minimizados. Nesses casos, todos os envolvidos são convocados, inclusive os pais e os colegas da turma para que a resolução seja mais rápida e eficiente.

O aspecto relacional entre alunos e professores é bastante tranquilo, agressões físicas não se conhecem nesse contexto, acontecem somente agressões verbais esporádicas, de aluno para com o professor. Nesse caso, os alunos são advertidos rapidamente e podem ser até suspensos, dependendo da gravidade. A família também é informada e convocada a vir à escola quando necessário. Os professores recebem suporte e apoio pedagógico da equipe, que está sempre trabalhando para motivá-los a enfrentar os problemas da docência. Outro aspecto importante é o livre acesso do professor à sala da coordenação e orientação, onde eles podem levar seus problemas e dificuldades enfrentados no dia-a-dia e receber orientações e apoio pedagógico.

O colégio faz um bom trabalho preventivo e tem vários projetos em andamento que envolve os alunos, os pais e a comunidade. Esse trabalho tem surtido efeito positivo e minimizado bastante os problemas disciplinares, comportamentais e relacionais dentro do ambiente escolar. Os alunos participam com frequência de “capelas”, que são programas com palestras feitas por profissionais convidados, professores ou pastores e até com filmes e discussões de temas pertinentes. Alguns destes projetos são estendidos para a esfera familiar, onde a família é convidada a participar de palestras e programas, isso traz a família para dentro do espaço escolar, fazendo com que conheçam melhor a escola e se tornem parte ativa dela.

A partir da análise de conteúdos das entrevistas, podemos concluir que a referida escola está num patamar disciplinar bastante elevado, o que é bem raro hoje em dia, onde a maioria das escolas sofre com problemas disciplinares indissolúveis. O ambiente escolar é bem tranquilo, o relacionamento professor e aluno acontecem dentro da normalidade, sem maiores agravantes. Talvez esse fato se dê por ser uma escola de porte médio, de classe econômica média a alta e por ser uma escola de ideário, com uma filosofia cristã, onde os valores espirituais fazem parte do

dia-a-dia dos alunos, professores e funcionários. Não podemos afirmar que é uma escola perfeita, mas sim, que é uma escola dentro dos padrões normais e aceitáveis, como deveria ser a maioria das escolas, infelizmente o que vemos por aí é o contrário disso, o que faz com que a educação perca seu rumo e qualidade. Após a análise dos resultados das pesquisas quantitativas, teremos condições de fazer comparações e tirar as conclusões finais.

## **7.2. Resultados das pesquisas quantitativas**

Após a coleta de dados, a fase seguinte da pesquisa é a análise e interpretação. Para Gil (2008), estes dois processos, apesar de conceitualmente distintos, aparecem sempre estreitamente relacionados. A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para a investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos. A despeito da variação das formas que podem assumir os processos de análise e interpretação, é possível afirmar que em boa parte das pesquisas sociais são observados os seguintes passos:

- a) Estabelecimento de categorias;
- b) Codificação;
- c) Tabulação;
- d) Análise estatística dos dados;
- e) Avaliação das generalizações obtidas com os dados;
- f) Inferência de relações causais;
- g) Interpretação dos dados.

Para o tratamento dos dados utilizamos o Microsoft Excel e o Software SPSS onde foram colocadas as frequências obtidas em cada categoria para posteriormente se chegar aos percentuais. Além das frequências, analisamos a variância, as correlações através do teste Qui-

Quadrado de Pearson e o Alfa de Cronbach dos questionários. Os resultados estão apresentados através de gráficos e tabelas, bem como de explicação detalhada dos resultados obtidos. De acordo com Gil (2008) para interpretar os resultados, o pesquisador precisa ir além da leitura dos dados, com vistas a integrá-los num universo mais amplo em que poderão ter algum sentido. Esse universo é o dos fundamentos teóricos da pesquisa e o dos conhecimentos já acumulados em torno das questões abordadas. Daí a importância da revisão da literatura, ainda na etapa do planejamento da pesquisa. Essa bagagem de informações, que contribui para o pesquisador formular e delimitar o problema e construir hipóteses, é o que o auxilia na etapa de análise e interpretação para conferir significado aos dados. As teorias constituem um elemento fundamental para o estabelecimento de generalizações empíricas e sistemas de relações entre proposições.

A aplicação dos questionários para os *alunos* aconteceu da seguinte maneira:

Nas turmas de 4º e 5º anos (quatro turmas), os questionários foram aplicados pelas professoras de cada turma, já as turmas de 6º ano EFI ao 1º ano do Ensino Médio (oito turmas), os questionários foram aplicados pelo Pastor do CACM nas aulas de Ensino Religioso. Foram distribuídos 313 questionários, porém somente 306 foram respondidos, dentre os quais 60 foram anulados por estarem incompletos ou preenchidos incorretamente. Sendo assim, foram considerados **246 questionários**.

A aplicação dos questionários para os *professores* foi realizada pelas coordenadoras pedagógicas do colégio para seus respectivos professores, dentro de cada nível. Foram entregues 27 questionários e respondidos 18, dentre os quais um foi anulado por preenchimento incorreto. Foram considerados **17 questionários**.

Os questionários para os *pais* foram enviados para casa, pelos filhos, para que os pais respondessem e devolvessem à escola no decorrer da semana em curso. Foram enviados 313 questionários e respondidos 162, porém foram anulados 26 por preenchimento incorreto ou por estarem incompletos, restando **136 questionários** para serem considerados, como descritos no quadro a seguir:

Tabela 30. Número de questionários

Questionários	Distribuídos	Respondidos	Anulados	Considerados
<b>Pais</b>	313	162	26	136
<b>Alunos</b>	313	306	60	246
<b>Professores</b>	27	18	1	17

### 7.2.1. Resultados dos questionários dos Pais

A partir de agora apresentaremos os resultados da análise descritiva global sobre o conjunto da amostra de pais dos alunos do CACM, objeto de nossa investigação. Esta aproximação inicial nos vai permitir um melhor conhecimento dos aspectos sociodemográficos, bem como as opiniões dos pais em cada uma das perguntas que configuram o instrumento. Vamos nos centrar nas frequências e porcentagens dos itens, bem como os valores médios e as representações gráficas que nos vão permitir uma visão rápida da situação e comportamento da amostra.

#### *Características pessoais*

Começamos pela idade dos pais. Fizemos um agrupamento com intervalo de dez anos (20 a 30 anos, 31 a 40 anos, 41 a 50 anos, 51 a 60 anos e 61 a 70 anos) para facilitar a apresentação dos resultados. Os maiores percentuais de idade estão na casa dos 31 a 40 anos (46.32%) e 41 a 50 anos (40.44%).

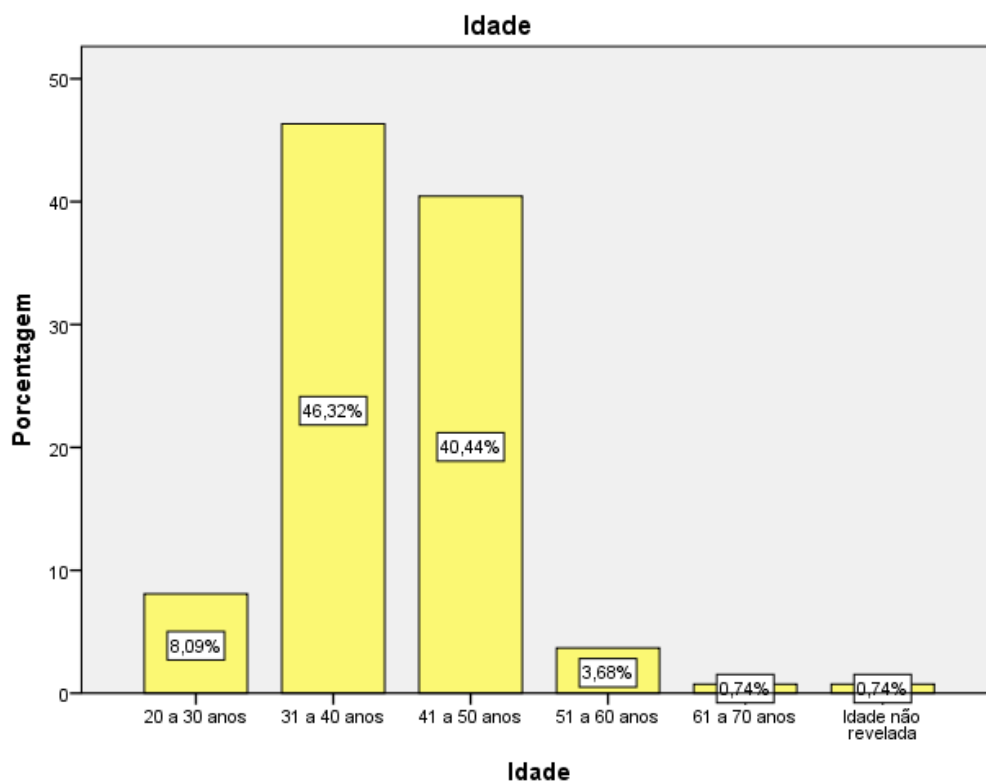


Figura 3. Idade dos pais

Em relação à pessoa que completa o questionário, temos maioritariamente as mães (83.70%) e os pais, um número muito inferior (16.30%). Podemos supor que as mães participam mais ativamente da vida escolar dos filhos do que os pais.



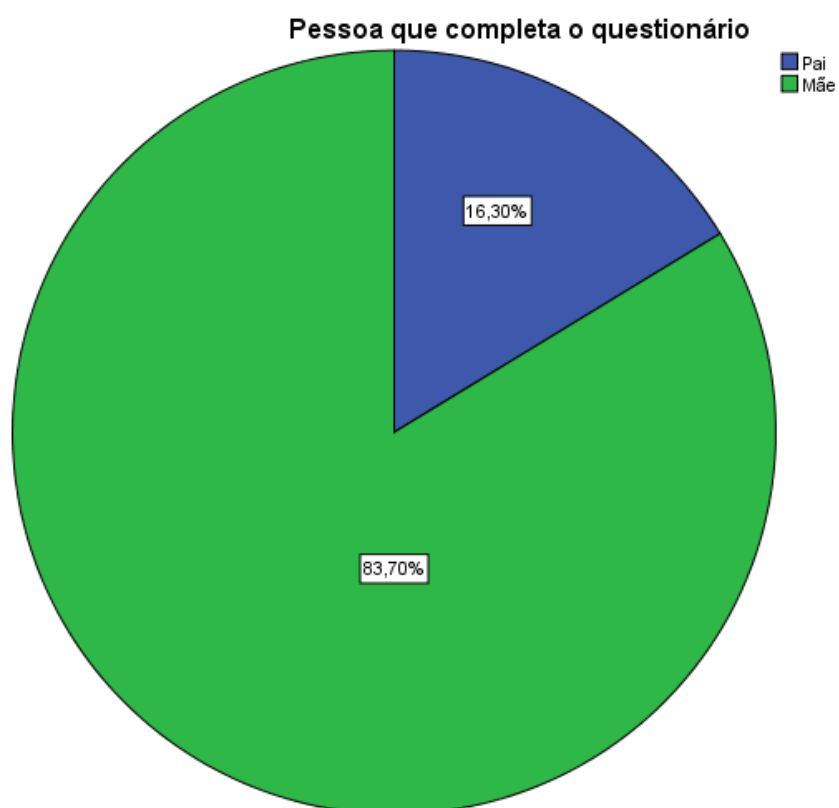


Figura 4. Pessoa que completa o questionário

Sobre o estado civil dos pais temos a grande maioria de pais casados (79.85%) e o restante se divide entre solteiros, viúvos ou separados, como vemos no gráfico a seguir:

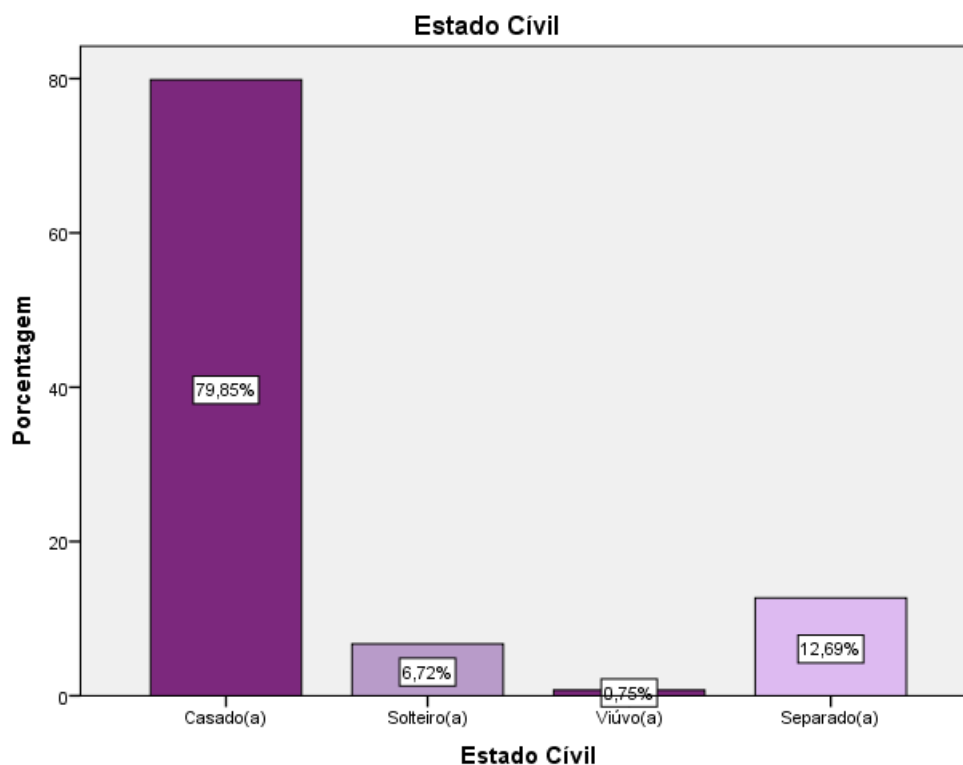


Figura 5. Estado civil dos pais.

Perguntamos o número de filhos, com opções de respostas entre um, dois ou mais. Na tabela a seguir, vemos que o maior percentual se dá em dois filhos (61%). É uma realidade que na sociedade brasileira e em geral tem diminuído o número de filhos nas famílias. Somente 11.8% têm mais que dois filhos.

Tabela 31. Quantidade de filhos.

<b>Número de Filhos</b>				
	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Um filho	36	26,5	26,7	26,7
Dois filhos	83	61,0	61,5	88,1
Mais de dois filhos	16	11,8	11,9	100,0
Total	135	99,3	100,0	

Em relação ao nível de escolaridade dos pais, temos um percentual bastante significativo no nível universitário, pós-graduação e mestrado/doutorado, que se somarmos chegamos aos 66.2%. O menor índice de escolaridade é o nível primário com somente 2.2%.

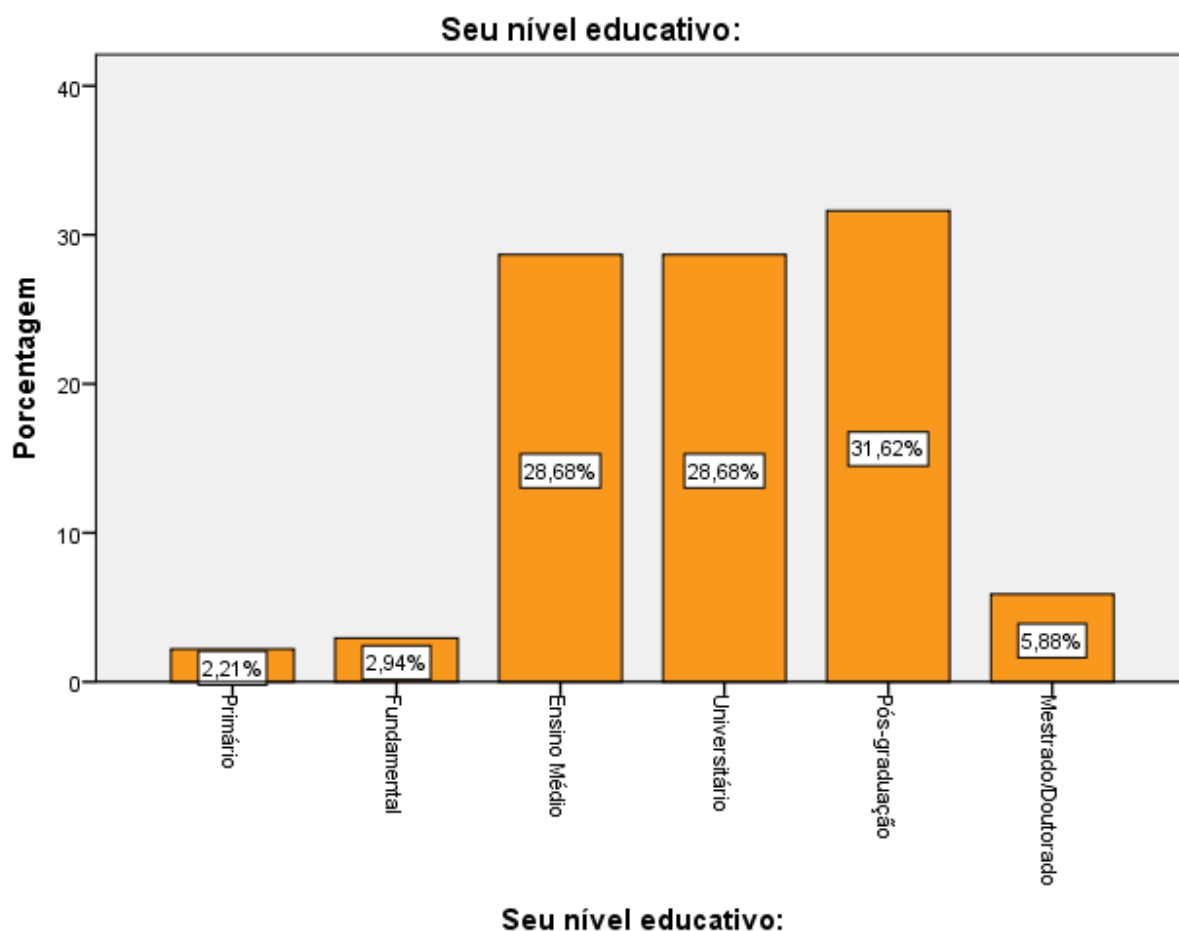


Figura 6. Nível de escolaridade dos pais.

### *Disciplina na família*

Fizemos algumas questões sobre a disciplina no lar, o comportamento dos pais em relação aos filhos, tipo de disciplina utilizada, autoridade sobre o filho, recompensas, castigos e decisões na família. Apresentaremos os resultados através de tabelas e gráficos.

Começamos por perguntar se os pais se comportam considerando que podem ser imitados pelos filhos. Colocamos três opções de respostas: *sim*, *não* e *às vezes*. Os que responderam sim foram 80.88%, às vezes, 17.65% e os que não se preocupam com isso, somente 1.47%. Portanto a grande maioria dos pais tem essa preocupação e cuidado em como se comportar diante dos filhos. E partindo da teoria de que os pais são modelos para seus filhos, os pais do CACM estão bastante conscientes disso.

**Você se comporta considerando que o que faz ou diz pode ser imitado por seu filho/a?**

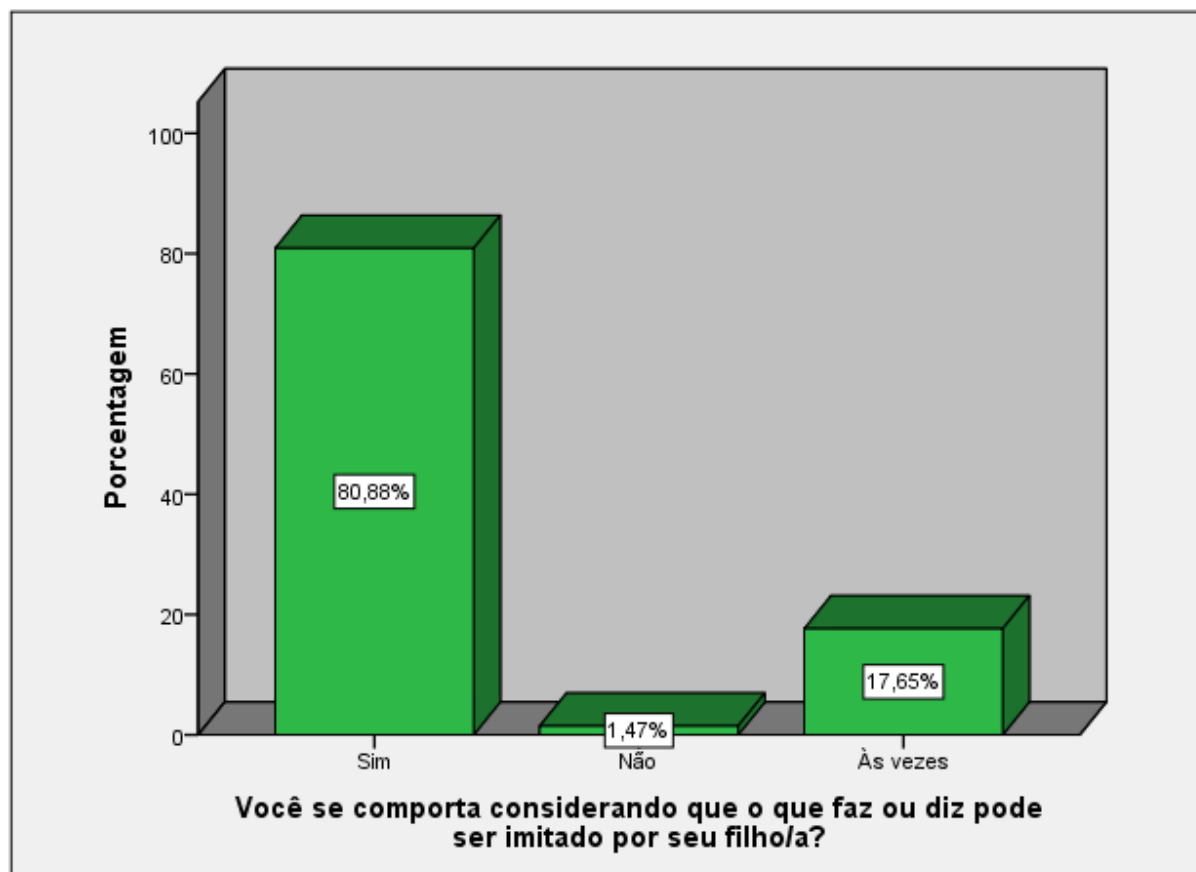


Figura 7. Comportamento dos pais diante dos filhos.

Em relação ao tipo de disciplina no lar ser flexível ou rígida, temos maioritariamente famílias que aplicam a disciplina flexível (89.71%), como vemos no gráfico abaixo:

**Em termos gerais, diria que em sua família há uma disciplina:**

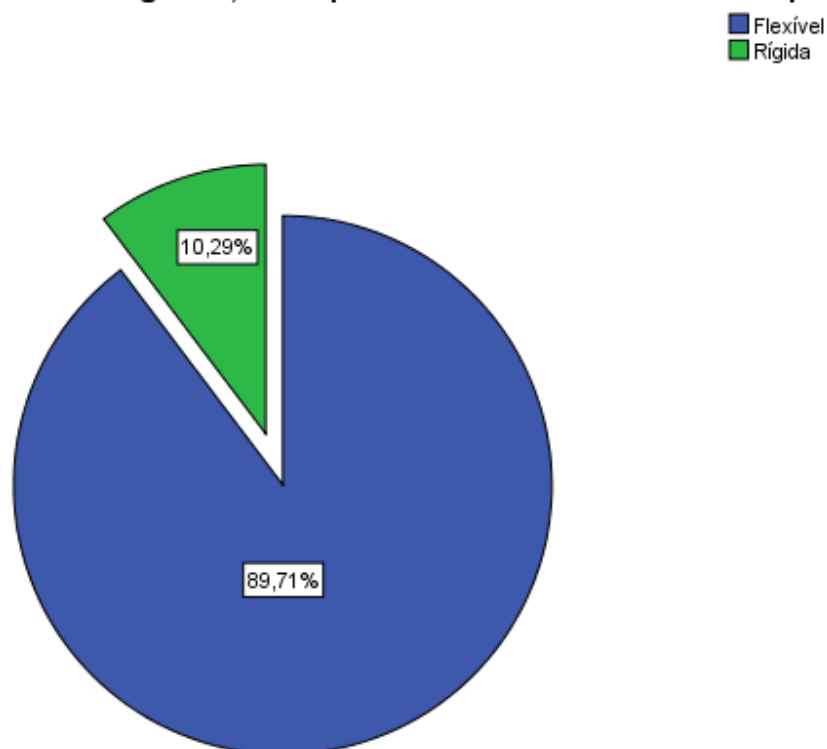


Figura 8. Disciplina na família.

Perguntamos se os pais acreditam que tem autoridade sobre o filho e se os filhos obedecem facilmente. Colocamos as opções: sim, às vezes e não muita. Os pais que acreditam ter autoridade sobre os filhos foram 60%. Um número relativamente grande de pais (38.2%) demonstrou dúvida no que se refere à autoridade, respondendo às vezes e somente 1.5% acreditam não ter muita autoridade sobre os filhos.

Sobre a questão recompensa, a maioria dos pais não costuma recompensar os filhos pelas coisas que eles fazem (30.9%), pois acreditam ser obrigação dos filhos fazer as coisas corretas. Os pais que recompensam às vezes, pelas coisas corretas que fazem (33.8%), os que recompensam às vezes, independente do que fazem, somente para expressar carinho (27.2%) e os

que recompensam sempre por aquilo que fazem correto (8.1%), sendo a minoria. Podemos notar que a questão recompensa não é um assunto que os pais compreendem muito bem, pois de acordo com a teoria, as recompensas podem servir de estímulo para melhorar ou modificar comportamentos.

Tabela 32. Recompensas.

**Assinale sua maneira de educar entre uma das seguintes opções:**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Sempre recompenso meu filho/a por aquilo que faz correto.	11	8,1	8,1	8,1
Às vezes recompenso pelas coisas corretas que faz.	46	33,8	33,8	41,9
Às vezes recompenso, independentemente do que faz ou deixa de fazer, mas simplesmente para expressar meu carinho.	37	27,2	27,2	69,1
Normalmente não recompenso meu filho/a, considero que fazer as coisas bem é sua obrigação.	42	30,9	30,9	100,0
Total	136	100,0	100,0	

Em relação ao assunto de tomada de decisões na família, perguntamos se os filhos participam na hora de tomar decisões. Como vemos no gráfico a seguir, 43.38% dos pais responderam que os filhos participam quando a decisão afeta especialmente a eles. Em contrapartida, 8.82% dos pais responderam que não, pois isso compete aos adultos. Os que responderam que normalmente não, mas às vezes ouve algo e opina foram 31.62% e os que permitem que os filhos participem sempre das decisões familiares foram 16.18%. Podemos notar que um número relativamente baixo de pais concede aos filhos a oportunidade de participar das decisões familiares.

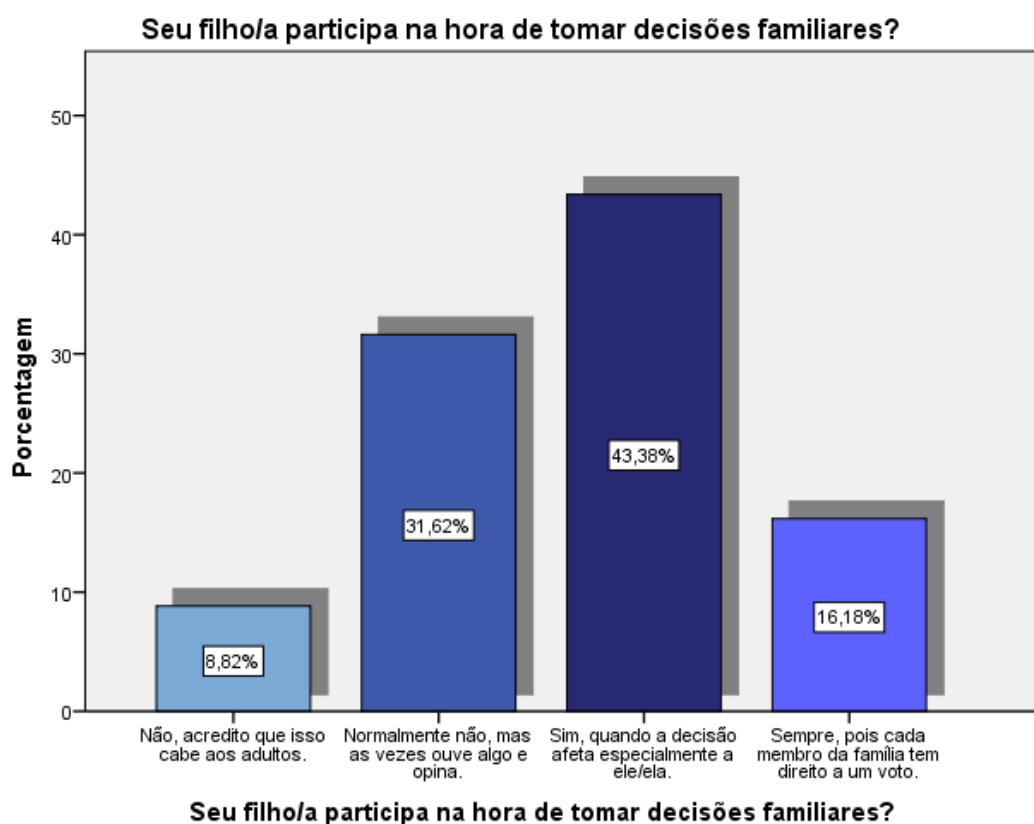


Figura 9. Participação nas decisões familiares.

Sobre o assunto castigos e correções fizemos uma questão, em escala Likert de 4 pontos (1 – nunca, 2 – às vezes, 3 – muitas vezes e 4 – sempre) perguntando com que frequência utiliza os seguintes castigos: Privar-lhe de algo que goste; Aplicar-lhe um castigo corporal; Dar uma bronca; Dar deveres e colocar para estudar; Dar tarefas domésticas. Analisaremos separadamente cada item através de gráficos e tabelas.

### Item 1.

Tabela 33. Castigo de privação.

Privo-lhe de algo que goste (Ex: Tv, usar tablet, jogos, etc.)				
	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Nunca	12	8,8	8,8	8,8
Às vezes	69	50,7	50,7	59,6
Muitas vezes	38	27,9	27,9	87,5
Sempre	17	12,5	12,5	100,0
Total	136	100,0	100,0	

As atitudes que estão ligadas a privar os filhos de algo, nem sempre agradam os pais. Vemos nos resultados da tabela que os que responderam nunca (8.8%) e às vezes (50.7%), se somados chegam os 59.6%. Já os que responderam muitas vezes (27.9%) e os que responderam sempre (12.5%) que somados chegam aos 40.4%, um número relativamente menor de pais que se utilizam da estratégia de privação na educação de seus filhos.

### Item 2

Aplico-lhe um castigo corporal (Ex: palmadas, varadas, etc.)

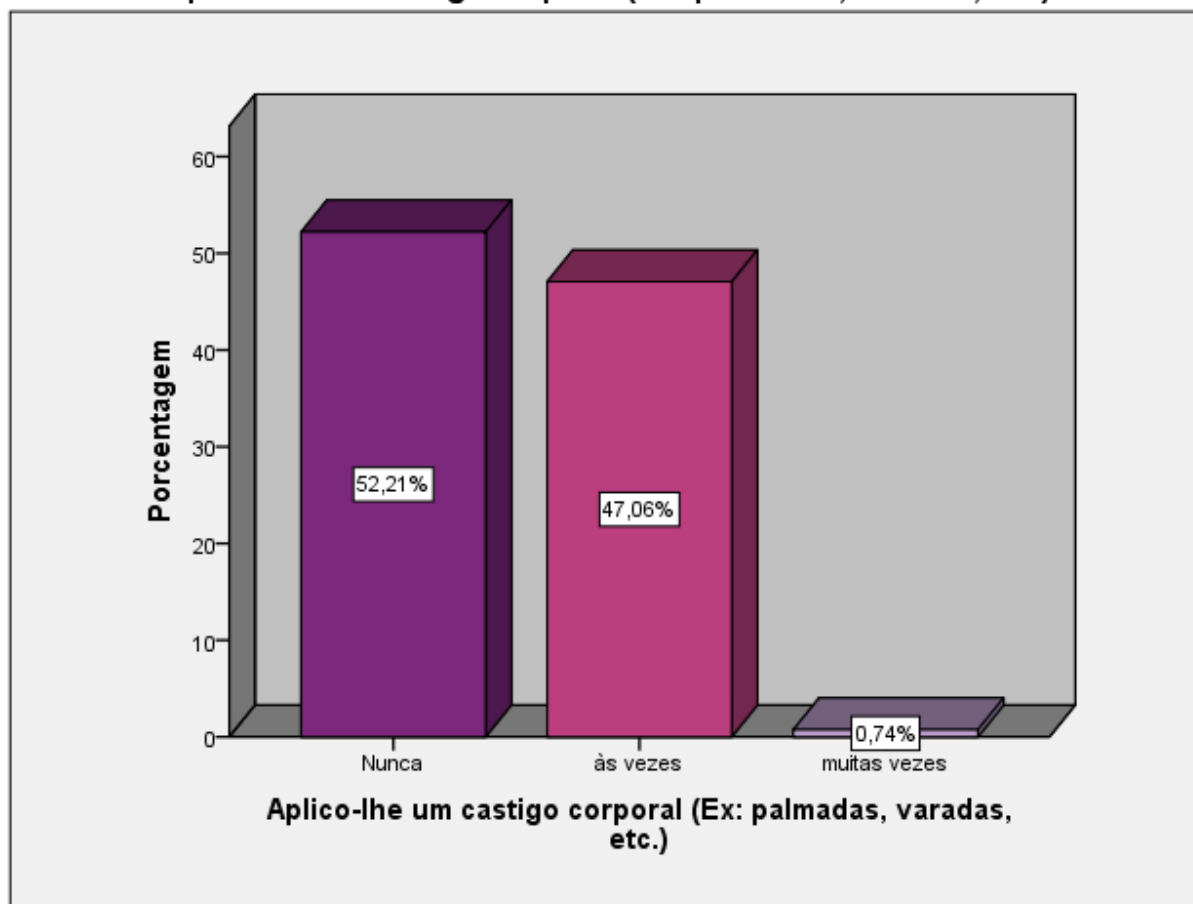


Figura 10. Castigo corporal



Temos um resultado bastante nivelado, onde os pais que nunca aplicam castigo corporal são 52.21% e os que aplicam às vezes 47.06%, ou seja, praticamente metade dos pais não faz uso de castigos corporais e a outra metade faz uso esporadicamente. Esta questão foi destacada pelos validadores do questionário, como podendo causar inibição dos pais no momento de responder. Apesar disso, parece que os pais responderam com naturalidade e sem inibição.

### Item 3.

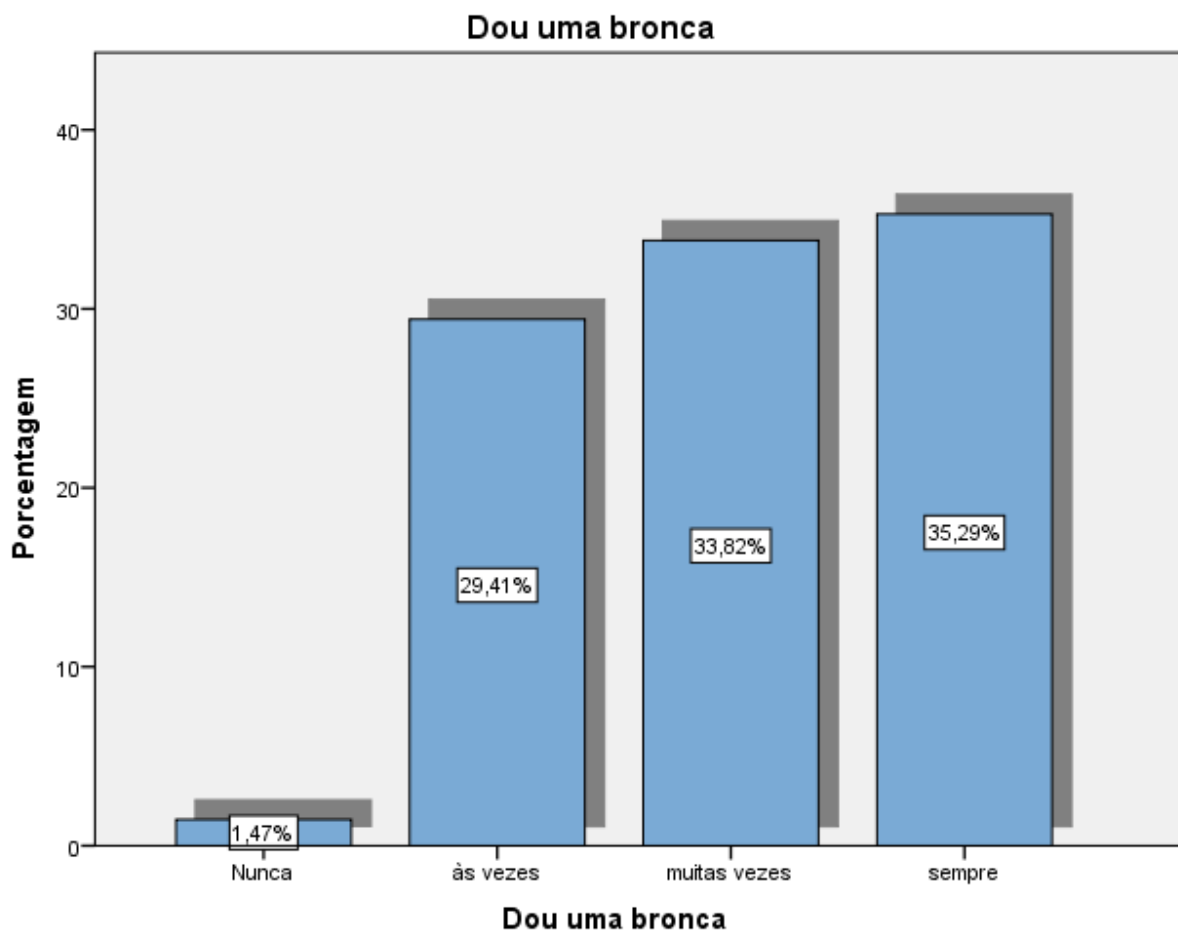


Figura 11. Uso da bronca como castigo.

Já no uso de bronca como correção, vemos que os que utilizam sempre (35.29%) foram os que somaram mais pontos, porém também temos um resultado bastante nivelado entre os que

utilizam muitas vezes (33.82%) e os que utilizam às vezes (29.41%). Somente temos discrepância na opção nunca (1.47%).

#### Item 4.

Tabela 34. Deveres e estudo como forma de castigo ou correção.

Dou deveres e coloco para estudar				
	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Nunca	34	25,0	25,0	25,0
Às vezes	44	32,4	32,4	57,4
Muitas vezes	26	19,1	19,1	76,5
Sempre	32	23,5	23,5	100,0
Total	136	100,0	100,0	

Em relação a utilizar os deveres e estudos como forma de correção ou castigo, temos os que responderam nunca (25%), os que usam às vezes (32.4%), os que usam muitas vezes (19.1%) e os que usam sempre (23.5%). Portanto, temos números muito semelhantes em todas as opções de respostas.

#### Item 5

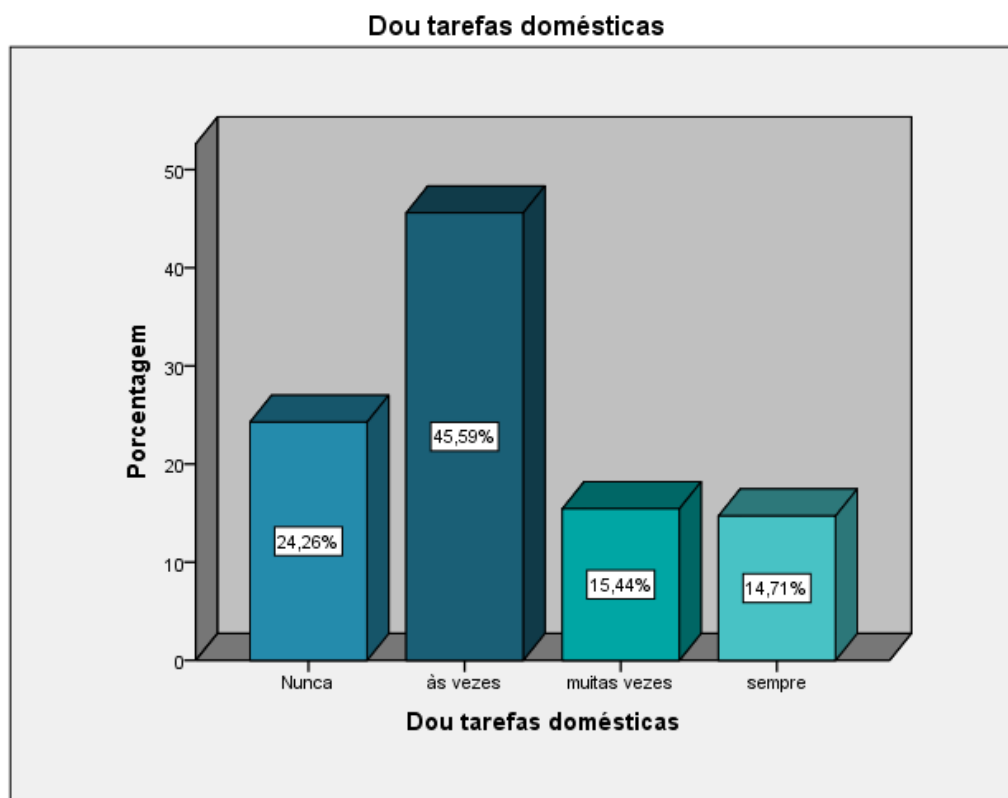


Figura 12. Uso de tarefas domésticas como forma de castigo ou correção.

O uso de tarefas domésticas como forma de correção ou castigo é utilizado pela maioria dos pais, pois se somarmos os itens às vezes (45.59%), muitas vezes (15.44%) e sempre (14.71%), temos um total de 75.74% contra os que nunca usam as tarefas domésticas como meio de correção que são 24.26%.

### *Estilos Educativos*

Com relação aos estilos educativos, entre os doze itens que compunham a escala, foram especificados quatro para cada estilo: *permissivo*, *autoritário* e *democrático*. O estilo com maior soma denominava-se o estilo parental. Analisaremos a seguir os resultados gerais de cada item da escala, separados por estilos.

### *Estilo Permissivo*

Tabela 35. Decisões na família.

<b>Deixo que meus filhos tomem suas próprias decisões, mesmo que eu não esteja de acordo.</b>				
	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Nunca	90	66,2	66,2	66,2
Algumas vezes	42	30,9	30,9	97,1
Muitas vezes	3	2,2	2,2	99,3
Sempre	1	,7	,7	100,0
Total	136	100,0	100,0	

Neste item, os maiores percentuais estão nas opções nunca (66.2%), seguidas de algumas vezes (30.9%).

Tabela 36. Desistir de intervir.

<b>Desisto de intervir quando meu filho/a faz birras ou é insistente.</b>				
	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Nunca	108	79,4	79,4	79,4
Algumas vezes	18	13,2	13,2	92,6
Muitas vezes	3	2,2	2,2	94,9
Sempre	7	5,1	5,1	100,0
Total	136	100,0	100,0	

Neste item as respostas estão majoritariamente na opção nunca (79.4%), mostrando que os pais não desistem facilmente quando os filhos se utilizam das birras ou insistência para tentar comandar os pais.

Tabela 37. Deixar o filho/a fazer o que quer.

**Quando meu filho/a e eu não estamos de acordo, deixo que ele/a faça como quiser.**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Nunca	103	75,7	75,7	75,7
Algumas vezes	28	20,6	20,6	96,3
Muitas vezes	3	2,2	2,2	98,5
Sempre	2	1,5	1,5	100,0
Total	136	100,0	100,0	

Como os demais itens do estilo permissivo, este também obteve as maiores pontuações na opção nunca (75.7%).

Tabela 38. Desejos dos filhos

**Levo em consideração os desejos de meu filho/a antes de pedir-lhe que faça algo.**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Nunca	13	9,6	9,6	9,6
Algumas vezes	78	57,4	57,4	66,9
Muitas vezes	31	22,8	22,8	89,7
Sempre	14	10,3	10,3	100,0
Total	136	100,0	100,0	

Este item foi o único que contrariou em relação aos anteriores, onde a opção nunca teve o menor resultado (9.6%). Consideramos, portanto, que este seja um item invertido.

Devido a grande maioria das respostas estarem nas opções *nunca* e *algumas vezes*, não temos significatividade no estilo permissivo. Podemos entender que os pais, objeto de nossa investigação, não se valem do estilo permissivo para a educação de seus filhos.

*Estilo Autoritário*

Tabela 39. Estabelecimento das regras da casa.

**Na minha casa, sou eu quem estabelece as regras que meu filho/a deve obedecer.**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Nunca	9	6,6	6,6	6,6
Algumas vezes	28	20,6	20,6	27,2
Muitas vezes	34	25,0	25,0	52,2
Sempre	65	47,8	47,8	100,0
Total	136	100,0	100,0	

Nesse item, a maioria dos pais respondeu na opção sempre (47.8%). Ou seja, quase metade exerce o estilo autoritário na hora de estabelecer as regras da casa.

Tabela 40. Exigência com os filhos.

**Normalmente exijo que meu filho/a faça as coisas que eu acredito serem corretas, mesmo que ele/a não concorde.**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Nunca	6	4,4	4,4	4,4
Algumas vezes	29	21,3	21,3	25,7
Muitas vezes	40	29,4	29,4	55,1
Sempre	61	44,9	44,9	100,0
Total	136	100,0	100,0	

Neste item, também fica evidente o autoritarismo, pois a opção sempre (44.9%) foi a que mais pontuou, seguida de muitas vezes (29.4%) que também é significativo para o estilo autoritário.

Tabela 41. Pedir tarefas aos filhos.

**Quando peço para meu filho/a fazer algo, espero que faça imediatamente e sem questionamentos.**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Nunca	7	5,1	5,1	5,1
Algumas vezes	32	23,5	23,5	28,7
Muitas vezes	46	33,8	33,8	62,5
Sempre	51	37,5	37,5	100,0
Total	136	100,0	100,0	

Novamente temos as maiores pontuações nas opções sempre (37.5%) e muitas vezes (33.8%) indicando alto índice de autoritarismo.

Tabela 42. Castigos físicos.

**Emprego o castigo físico como meio de disciplinar meu filho.**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Nunca	77	56,6	56,6	56,6
Algumas vezes	53	39,0	39,0	95,6
Muitas vezes	5	3,7	3,7	99,3
Sempre	1	,7	,7	100,0
Total	136	100,0	100,0	

Este item foi o único que contrariou as respostas em relação aos demais itens do estilo autoritário. As maiores pontuações estiveram nas opções nunca (56.6%) e algumas vezes (39%). Fica evidente que a maioria dos pais não concorda com castigos físicos, porém, temos um grande número que utiliza algumas vezes, podemos supor que sejam os pais dos alunos mais novos da amostra.

*Estilo Democrático*

Tabela 43. Regras familiares.

**Na minha casa, todos participam na hora de estabelecer as regras familiares.**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Nunca	17	12,5	12,5	12,5
Algumas vezes	70	51,5	51,5	64,0
Muitas vezes	25	18,4	18,4	82,4
Sempre	24	17,6	17,6	100,0
Total	136	100,0	100,0	

Neste item obtivemos os maiores percentuais na opção algumas vezes (51.5%), contrariando bastante o estilo democrático, onde os maiores índices deveriam estar nas opções sempre e muitas vezes. Subtende-se que, ainda que os pais sejam democráticos, são eles quem estabelecem as regras da casa, com pouca participação dos filhos.

Tabela 44. Uso do diálogo.

**Geralmente oriento meu filho através do diálogo e da disciplina.**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Nunca	2	1,5	1,5	1,5
Algumas vezes	7	5,1	5,1	6,6
Muitas vezes	34	25,0	25,0	31,6
Sempre	93	68,4	68,4	100,0
Total	136	100,0	100,0	

Neste caso, as maiores pontuações estão nas opções sempre (68.4%) e muitas vezes (25%). Deixando notório que o uso do diálogo entre pais e filhos é frequente.

Tabela 45. Explicar conseqüências aos filhos.

**Explico a meu filho/a as conseqüências de suas más condutas.**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Nunca	2	1,5	1,5	1,5
Algumas vezes	2	1,5	1,5	2,9
Muitas vezes	15	11,0	11,0	14,0
Sempre	117	86,0	86,0	100,0
Total	136	100,0	100,0	

Neste item a grande maioria dos pais optou pelo sempre (86%), seguido do muitas vezes (11%), também deixando evidências de que o diálogo com os filhos faz parte da educação dos mesmos, imperando o estilo democrático.

Tabela 46. Solução de conflitos.

**Se tenho um conflito com meu filho/a, procuro solucionar junto com ele/a.**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Nunca	6	4,4	4,4	4,4
Algumas vezes	14	10,3	10,3	14,7
Muitas vezes	24	17,6	17,6	32,4
Sempre	92	67,6	67,6	100,0
Total	136	100,0	100,0	

Na resolução dos conflitos entre pais e filhos, temos a grande maioria que procura solucionar juntamente com os filhos. As opções sempre (67.6%) e muitas vezes (17.6%) foram as mais pontuadas nesse item.

Após a análise fragmentada do instrumento, apresentaremos uma visão geral dos estilos educativos de pais do CACM.

Tivemos um número relativamente grande de resultados onde os estilos se aproximavam, com a diferença de 1 ou 2 pontos. No caso do estilo democrático com aproximação do estilo autoritário (22%) e do estilo autoritário com aproximação do estilo democrático (13%). Apesar de ter havido essa aproximação de estilos, não vamos levar isso em conta nos resultados finais, vamos considerar os casos de pontuações máximas em cada estilo, como na tabela a seguir:

Tabela 47. Resultados modelos de pais

<b>Modelos de Pais:</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Autoritários	27	20%
Democráticos	100	73%
Democráticos-Autoritários	9	7%
<b>Total</b>	136	100%

Os resultados mostram que na amostra estudada não há o estilo de pais permissivos. Obtivemos as maiores pontuações no estilo *democrático* (73%), seguido pelo *autoritário* (20%) e criamos uma terceira categoria que denominamos *Democrático-autoritário* (7%) devido ter havido empate nas pontuações dos dois estilos. Era esperado que a maioria dos pais obtivesse pontuações no estilo democrático, porém o que não esperávamos é que não houvesse nos resultados, o modelo de pais permissivos, pois sabemos que na sociedade moderna, os pais acabam sendo mais permissivos para compensar sua ausência, onde normalmente pais e mães trabalham fora, deixando os filhos por conta de terceiros.



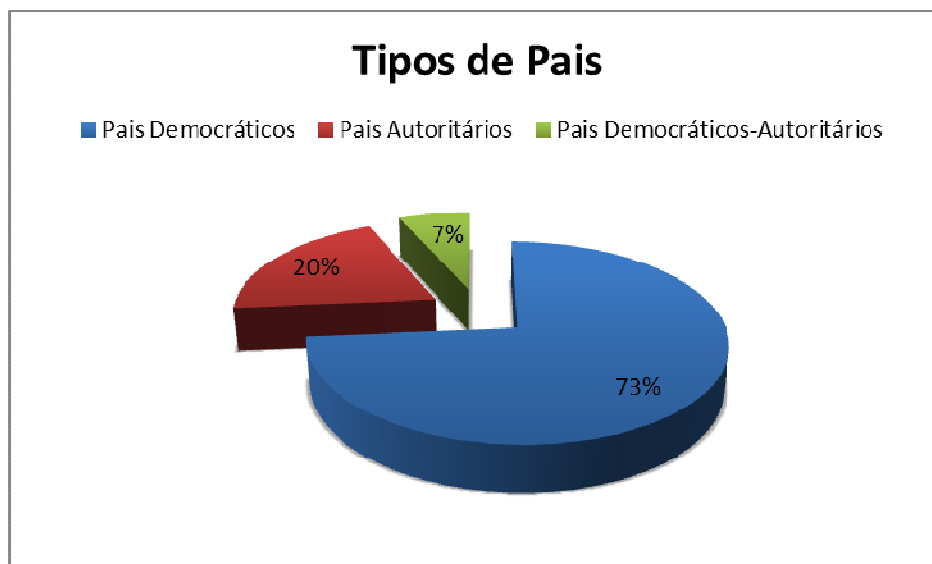


Figura 13. Tipos de Pais

Os resultados mostram que os pais dos alunos do CACM são maioritariamente *Democráticos* na educação de seus filhos.

### 7.2.2. Resultados dos questionários dos alunos

Em continuação, apresentaremos os resultados da análise descritiva geral do grupo da amostra dos alunos do CACM. Através dos dados sociodemográficos poderemos conhecer um pouco melhor a amostra e seu contexto de vida, bem como o perfil dos alunos e suas condutas no colégio. Vamos nos centrar nas frequências e porcentagens dos itens, bem como nos valores médios e as representações gráficas que nos vão permitir uma visão rápida da situação e comportamento da amostra.

### *Características pessoais e opiniões*

Quanto ao sexo dos alunos, temos um grupo maior do sexo masculino com 59.3% contra 40.7% do sexo feminino.

Na variável idade, fizemos agrupamento de idades com três opções: 9 a 10 anos, 11 a 12 anos e 13 a 15 anos. O maior grupo foi o de 13 a 15 anos (38.2%), seguido pelos alunos de 11 e 12 anos (35%).

Tabela 48. Idade dos alunos

		<b>Idade</b>			
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	De 9 a 10 anos	66	26,8	26,8	26,8
	De 11 a 12 anos	86	35,0	35,0	61,8
	De 13 a 15 anos	94	38,2	38,2	100,0
	Total	246	100,0	100,0	

Em relação ao ano de escolaridade dos alunos, a grande maioria são os alunos do Ensino Fundamental II de 6º a 8º anos (50.4%). A outra metade se divide entre 4º e 5º anos e 9º e 1º do Ensino Médio.

Tabela 49. Ano de escolaridade dos alunos.

		<b>Ano de Escolaridade</b>			
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	4º e 5º anos	62	25,2	25,2	25,2
	6º a 8º anos	124	50,4	50,4	75,6
	9º a 1º E.M.	60	24,4	24,4	100,0
	Total	246	100,0	100,0	

Perguntamos aos alunos se eles tinham irmãos ou não. A grande maioria tem irmãos (76.8%) e somente 22.8% não tem irmãos.

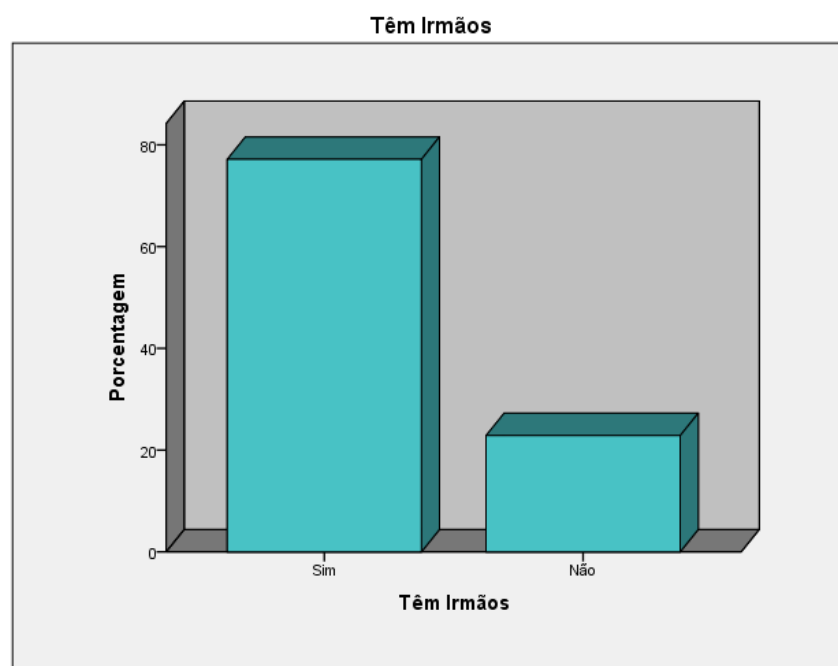


Figura 14. Percentual de alunos que tem irmãos.

Em relação à situação familiar, perguntamos se os pais vivem juntos ou separados. Temos um resultado bastante positivo se formos comparar com a situação da sociedade atual onde as taxas de divórcio crescem a cada dia. 75.92% dos alunos têm os pais vivendo juntos, esse dado é muito importante, pois sabemos que a separação dos pais trazem sérias consequências para os filhos, podendo refletir nos comportamentos e condutas na escola. Perguntamos seguidamente com quem o aluno mora e os resultados estão totalmente de acordo com a situação dos pais, pois 75.6% responderam que moram com seus pais. O restante se divide entre: vive com um dos pais (17.9%), com outros familiares (5.3%) e outro (1.2%), que são os que vivem em outras situações, que não apareceram nas opções de respostas.

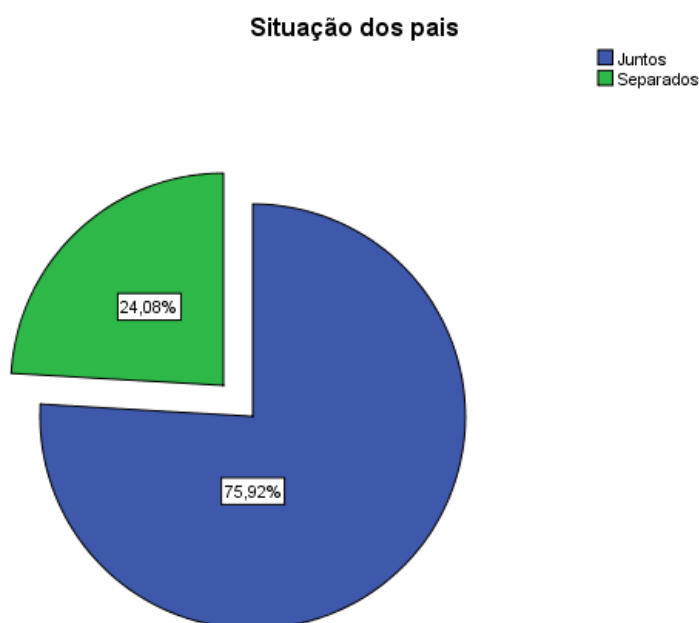


Figura 15. Situação dos pais.

A seguir, questionamos os alunos sobre o grau de satisfação dentro do lar. Os resultados mostram que a grande maioria se sente à vontade, tendo um ótimo relacionamento com a família (55.74%) e os que se sentem bem e que responderam como sendo normal (37.70%). Ou seja, somando as duas opções, temos um percentual de 93.4% dos alunos que estão satisfeitos em casa e se sentem bem. O percentual de alunos que responderam que não são bem tratados em casa é praticamente insignificante (0.41%) Esses dados são fundamentais para que o aluno tenha um bom comportamento na escola, pois sua satisfação ou insatisfação em casa pode influenciar diretamente em suas condutas na escola. Vejamos o gráfico abaixo:

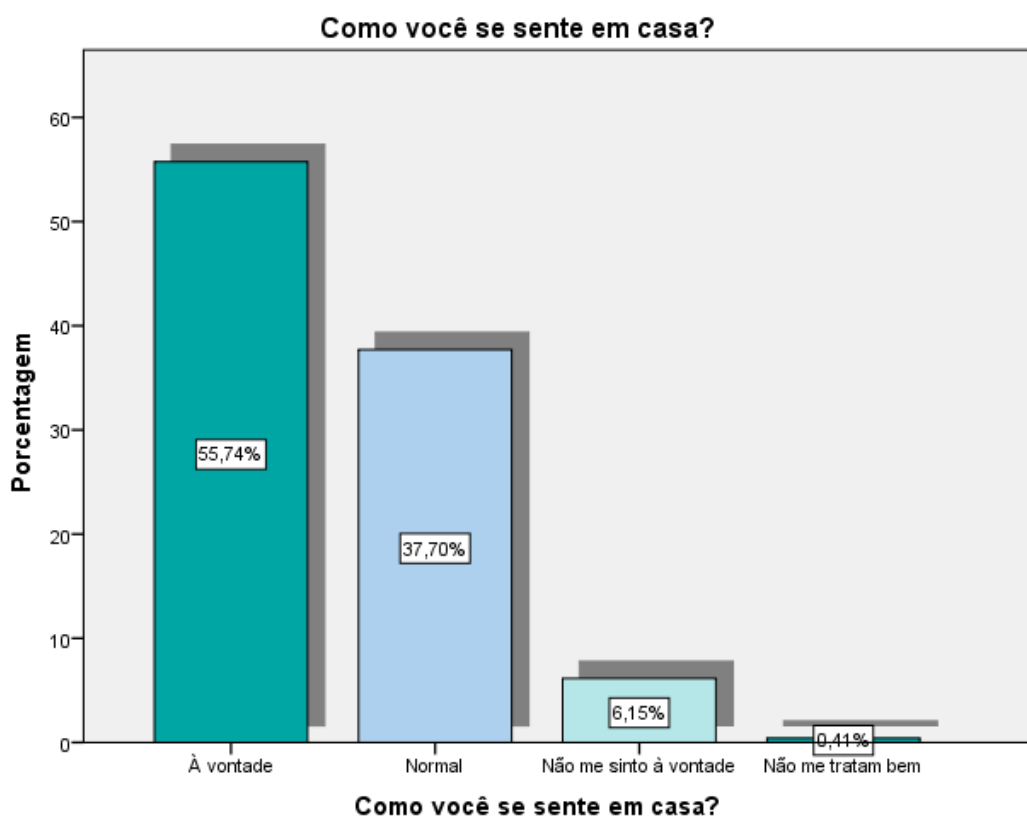


Figura 16. Grau de satisfação dos alunos em casa.

Em relação ao grau de satisfação no colégio. Temos a maioria dos alunos que se sentem muito bem ou normal, somando 65,9% e os que sentem muito mal são 6,1%. Os que se sentem mal esporadicamente são 28%.

Tabela 50. Satisfação no colégio.

<b>Como você se sente no colégio?</b>				
	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Muito bem	75	30,5	30,5	30,5
Normal	87	35,4	35,4	65,9
Às vezes sinto mal	69	28,0	28,0	93,9
Muito Mal	15	6,1	6,1	100,0
Total	246	100,0	100,0	

Em relação à questão de tratamento dos professores, temos a soma de 71% dos alunos que responderam  *muito bem*  e  *bem* , já os que responderam  *regular*  são 28,98%. Não tivemos pontuação no item mal, ou seja, os alunos não se sentem maltratados pelos professores e isso é extremamente importante, pois demonstra que o relacionamento dos professores com os alunos pode ser considerado muito bom.



Figura 17. Tratamento dos professores.

### *Perfil do aluno*

Para saber um pouco do perfil dos alunos, fizemos uma escala Likert de 1 a 4 onde os alunos respondiam entre nunca, algumas vezes, muitas vezes e sempre no que mais se relacionava com suas atitudes em cada caso. Os resultados aparecem no quadro a seguir:

Tabela 51. Resultado dos alunos

<b>Perfil do aluno com modelos de Pais:</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Autoritários	28	12%
Permissivos	13	5%
Democráticos	195	79%
Autoritário-Democrático	5	2%
Permissivo-Democrático	3	1%
Autoritário- Permissivo	2	1%
<b>Total</b>	<b>246</b>	<b>100%</b>

Os maiores percentuais estão no perfil de filhos educados pelo modelo *Democrático* com 79%. O restante ficou dividido entre *Autoritário* (12%), *Permissivo* (5%) e tivemos uma pequena porcentagem de estilos combinados, onde foram obtidas as mesmas pontuações em dois estilos diferentes, sendo eles: *Autoritário-Democrático* (2%), *Permissivo-Democrático* (1%) e ainda que sejam estilos antagônicos, tivemos combinação de *Autoritário-Permissivo* (1%), como vemos no gráfico abaixo:

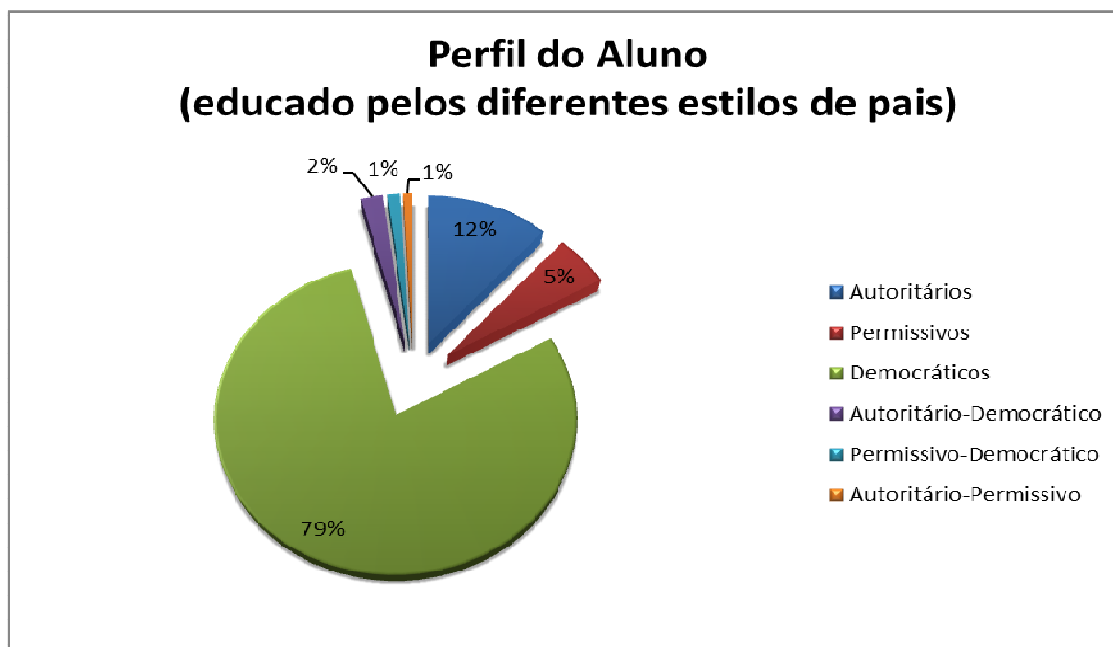


Figura 18. Perfil do Aluno.

### *Condutas disruptivas*

Em relação às condutas disruptivas dos alunos, fizemos uma questão em escala Likert de 1 a 4, onde eles deveriam assinalar entre *nunca*, *algumas vezes*, *muitas vezes* e *sempre* a frequência com que acontecia os determinados comportamentos na escola.

Começaremos pelo fator *Distração-Transgressão*, que são os itens relacionados ao comportamento na sala de aula no que se refere à distração e à transgressão das regras básicas da sala de aula. Como descrito no quadro abaixo:



Tabela 52. Fator Distração-Transgressão.

<b>Fator Distração-Transgressão</b>	<i>Nunca</i>	<i>Algumas vezes</i>	<i>Muitas vezes</i>	<i>Sempre</i>
Falo sem autorização, perturbando as aulas.	48%	40.2%	6.5%	4.9%
Saio do lugar, faço barulho e perturbo a aula.	58.5%	36.2%	4.1%	1.2%
Esqueço-me de trazer material para as aulas.	41.1%	53.3%	4.1%	1.2%
Sou pontual ao chegar às aulas.	15%	22.4%	12.6%	50%
Falto às aulas por desinteresse.	80.5%	14.6%	2.4%	2.4%
Fico distraído (a) nas aulas.	17.5%	57.7%	15.9%	8.9%

No item referente à conversas sem autorização que causam perturbação na aula, temos um índice bem baixo dos que responderam sempre (4.9%) e muitas vezes (6.5%), que se somados são 11.4%. Enquanto que os maiores números estão relacionados ao nunca (48%) e algumas vezes (40.2%). Diante disso podemos notar que o índice de conversas paralelas na sala de aula, de acordo com os alunos, é relativamente baixo. O mesmo se dá com o segundo item, referente a sair do lugar e fazer barulhos. O maior número está na opção nunca (58.5%).

No item pontualidade ao chegar à aula, temos 50% dos alunos que sempre são pontuais. Quanto a faltar às aulas por desinteresse, os maiores percentuais de respostas estão na opção nunca (80.5%) o que nos leva a supor que o índice de faltas do CACM é bem baixo.

Em relação a ficarem distraídos na sala de aula, os maiores percentuais se deram na opção algumas vezes (57.7%), que se somarmos com muitas vezes (15.9%) e sempre (8.9%), teremos um número bastante alto de distração que chega aos 82.5%.

Seguidamente analisamos o fator *Agressão aos colegas*, que está diretamente ligado com a relação com outros alunos, com exceção do último item que se refere à obediência ao professor. No quadro que se segue, apresentamos os percentuais de respostas em cada item:

Tabela 53. Fator Agressão aos colegas.

<b>Fator Agressão aos colegas</b>	<i>Nunca</i>	<i>Algumas vezes</i>	<i>Muitas vezes</i>	<i>Sempre</i>
Destruo intencionalmente o material da escola.	83.3%	13%	2.4%	1.2%
Agrido fisicamente os meus colegas.	76%	18.4%	4.5%	0.8%
Agrido verbalmente os meus colegas.	65.4%	22.8%	5.7%	6.1%
Ameaço as pessoas na escola.	85.8%	10.6%	1.2%	2.4%
Sou obediente aos professores.	8.5%	19.5%	24.4%	47.6%

Referente ao item destruir intencionalmente o material da escola, temos o maior percentual na opção nunca (83.3%) e o menor na opção sempre (1.2%). Diante desse resultado, podemos afirmar que a taxa de vandalismo dentro da escola é muito baixa ou praticamente inexistente.

Em relação à agressão física aos colegas, a maioria dos alunos respondeu nunca (76%), porém se somarmos os números das opções algumas vezes (18.4%), muitas vezes (4.5%) e sempre (0.8%), temos um total de 23.7% é um número relativamente significativo para o fator agressão física, ou seja, não é totalmente inexistente. Quando se trata de agressões verbais aos colegas, os números não diferem muito. Os que responderam nunca (65.4%) e o restante (34.6%) se dividem entre algumas vezes, muitas vezes e sempre.

Sobre ameaçar as pessoas na escola, a grande maioria respondeu nunca (85.8%), contra a opção sempre (2.4%).

Quanto ao ser obediente aos professores temos os que responderam sempre (47.6%) e muitas vezes (24.4%) que se somados chegam aos 72%, um número bastante significativo para o fator obediência, ainda que temos 8.5% que nunca obedecem.

E por último analisaremos o fator *Agressão à autoridade escolar* que se refere ao comportamento do aluno em relação aos professores, administradores e funcionários da escola. Vejamos no quadro a seguir os percentuais em cada item:

Tabela 54. Fator Agressão autoridade escolar.

<b>Fator Agressão à autoridade escolar</b>	<i>Nunca</i>	<i>Algumas vezes</i>	<i>Muitas vezes</i>	<i>Sempre</i>
Agrido fisicamente os professores.	93.9%	2.4%	2.0%	1.6%
Agrido verbalmente os professores.	93.1%	2.8%	1.6%	2.4%
Pego coisas na escola que não são minhas.	89%	8.9%	1.6%	0.4%
Digo palavrões na aula.	56.9%	31.7%	5.7%	5.7%

Nos itens de agressão física e verbal aos professores, temos números bastante similares. Referente à agressão física, a maioria dos alunos respondeu nunca (93.9%), o restante (6%) se dividem nas demais opções. Quanto às agressões verbais, também temos a maioria na opção nunca (93.1%) e sempre (2.4%). São números bastante significativos, pois mostra que o respeito pelos professores acontece com a grande massa dos alunos do CACM.

Em relação ao pegar coisas na escola, ou seja, roubar, temos o maior percentual na opção nunca (89%) o restante (11%) pratica esporadicamente o furto na escola.

Sobre falar palavrões na aula, a maioria responde que nunca fala (56.9%), porém os que falam algumas vezes (31.7%) é um índice relativamente alto.

Após a análise detalhada dos resultados dos questionários dos pais e dos filhos através das frequências, tabelas e gráficos, aplicamos o teste Qui-quadrado de Pearson para verificar se existia correlação estatística entre os modelos de Pais e o Perfil dos filhos. Apresentamos a seguir os resultados:

Variável Independente: Modelos de Pais

Variável Dependente: Perfil dos filhos

Hipótese nula (H0): Não há diferenças na proporção de pais (modelos autoritários, permissivos e democráticos) sobre o perfil dos filhos.

Hipótese alternativa (H1): Há diferenças.

Resultado do Qui-quadrado= 10,083, gl (grau de liberdade=10 a significatividade é 0,433) que é maior que 0,05, por isso se aceita a H0. Para recusar a H0 e aceitar a H1, a significatividade deveria ser menor que 0,05. Como 72,2% das casas tem uma frequência esperada inferior a 5, se anula a prova. Isso acontece sempre que ultrapassa os 20% das casas.

### **7.2.3. Resultados dos questionários dos professores**

Finalmente apresentaremos os resultados da análise descritiva global sobre o conjunto da amostra de professores do CACM, objeto de nossa investigação. Esta aproximação inicial nos vai permitir um melhor conhecimento dos aspectos sociodemográficos, bem como as opiniões dos professores em cada uma das perguntas que configuram o instrumento. Vamos nos centrar nas frequências e porcentagens dos itens, bem como os valores médios e as representações gráficas que nos vão permitir uma visão rápida da situação e comportamento da amostra.

#### *Características pessoais e profissionais*

Em relação a variável “sexo”, trata-se de uma amostra na sua maioria do sexo feminino, com um total de 76.5% de mulheres contra 23.5% de homens.

Quanto à idade dos professores, no processamento dos dados fizemos um agrupamento com intervalos de idade de dez anos. A seguir se apresentam os citados intervalos com a porcentagem referente a cada caso: 20 a 30 anos (41.2%), 31 a 40 anos (23.55%), 41 a 50 anos (11.8%) e 23.5% dos respondentes não revelaram a idade. Podemos notar que os professores são bastante jovens, pois a grande maioria tem menos de 40 anos de idade.

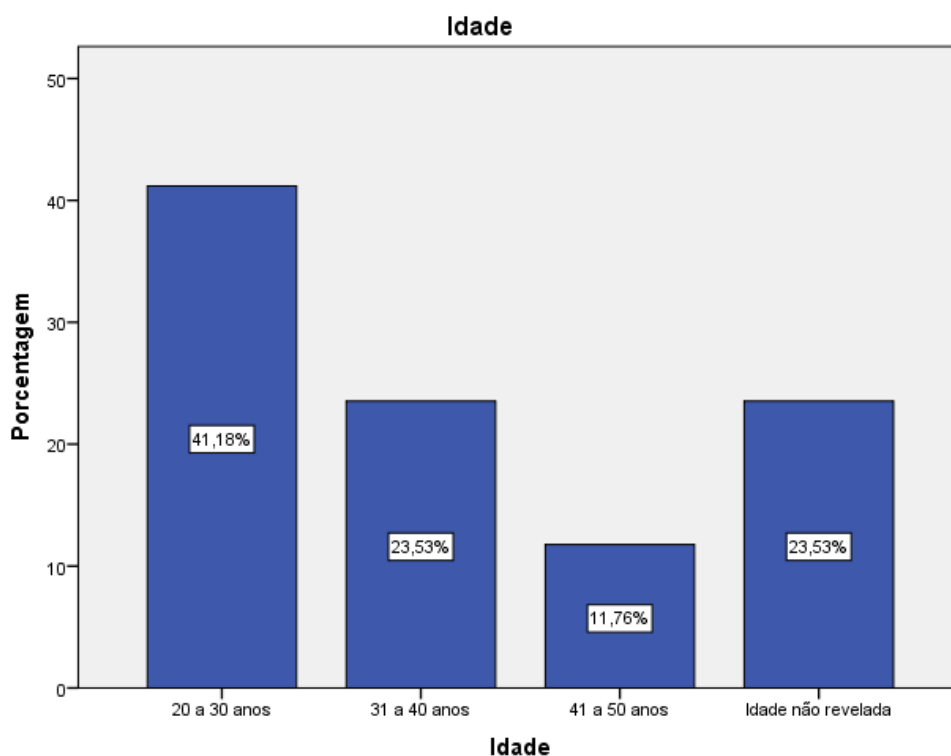


Figura 19. Idade dos professores.

Sobre a variável sociodemográfica de estado civil, nos interessa saber, sobretudo o nível de convivência que o adulto objeto do nosso estudo pratica em sua vida a parte do trabalho. Foram apresentadas quatro opções, sendo elas: Casado/a, solteiro/a, viúvo/a ou separado/a. A maioria dos professores são casados (88.2%) e os solteiros (11.8%).

Em relação à titulação, o que predominou foi o curso de Pedagogia com 29.4%, o restante está dividido em outras áreas, porém 29.4% dos professores não especificaram o curso que o habilita a ser professor, como vemos no gráfico a seguir:



Figura 20. Titulação dos professores.

Já em relação a outras titulações, temos um número bastante significativo de professores que possuem Pós-Graduação (70.6%), os que não têm outra titulação (23.5%) e somente uma professora possui mestrado, o que dá um percentual de 5.9%. Portanto podemos perceber que os professores estão buscando aprimoramento acadêmico e isso é muito importante para a qualificação dos profissionais.

Em relação ao tempo de docência, no processamento dos dados, fizemos agrupamentos em sete categorias (1 ano, entre 2 e 3 anos, entre 4 e 6 anos, entre 7 e 10 anos, entre 11 e 15 anos,

entre 16 e 20 anos e mais de 20 anos). Os maiores percentuais estão entre 4 e 6 anos (35.29%). Os percentuais se apresentam no gráfico a seguir:

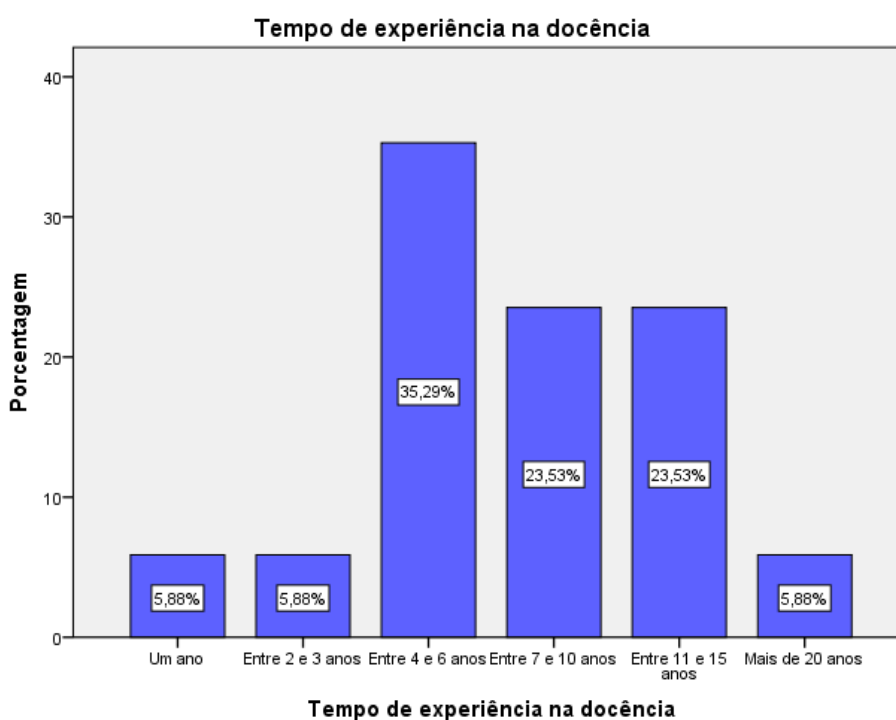


Figura 21. Tempo de experiência dos professores.

No que se refere ao nível de atuação atualmente no CACM temos os seguintes percentuais: Ensino Fundamental I (29.4%), Ensino Fundamental II (5.9%), Ensino Médio (23.5%) e os que trabalham no Ensino Fundamental II e Ensino Médio (41.2%), sendo a maioria que trabalha nos dois níveis de ensino.

### Análise das questões

Perguntamos se o professor considera que as agressões e conflitos nas escolas sejam atualmente um problema muito importante, bastante importante, relativamente importante, não tão importante ou sem nenhuma importância. A grande maioria dos professores considera o problema muito ou bastante importante, como vemos no quadro a seguir:

Tabela 55. Questão sobre agressões e conflitos

**Você considera que as agressões e os conflitos nas escolas sejam atualmente um problema:**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Muito importante	11	64,7	64,7	64,7
Bastante importante	5	29,4	29,4	94,1
Relativamente importante	1	5,9	5,9	100,0
Total	17	100,0	100,0	

Em relação ao tempo aproximado investido em temas relacionados à disciplina e conflitos, a maioria gasta menos de 20% de seu tempo (52.9%), os que gastam entre 21 e 40% (41.1%) e os que gastam entre 41 e 60% (5.9%), sendo a minoria. Podemos notar que os professores gastam pouco tempo em aula para tratar de problemas disciplinares. Podemos supor então que a maioria não têm grandes dificuldades para gerir a disciplina em aula.

Na questão referente à atitude do professor frente a um problema de disciplina com os alunos, vemos na tabela a seguir que a grande maioria dos professores comunica ao diretor/a ou a orientadora, mostrando assim que a figura da diretora e orientadoras são acessíveis e proporcionam apoio no momento em que os professores necessitam.



Tabela 56. Questão sobre disciplina e conflito.

**De maneira geral, quando você tem um problema de disciplina ou conflito com os alunos:**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Comunico ao diretor/a ou a orientadora	14	82,4	87,5	87,5
Não o comunico, procuro resolvê-lo eu mesmo.	2	11,8	12,5	100,0
Total	16	94,1	100,0	
Ausente Sistema	1	5,9		
Total	17	100,0		

As questões que analisaremos a seguir dizem respeito ao *Perfil do professor* e suas atitudes diante de problemas disciplinares em sala de aula e no ambiente do colégio. Faremos a análise de cada questão separadamente. Os resultados aparecem a seguir através de tabelas e gráficos.

**Questão 1**

Tabela 57. Questão 1.

**1. O que você faz quando um aluno lhe interrompe na aula?**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Ignoro	2	11,8	11,8	11,8
Converso com ele sobre a importância em mostrar respeito pelos outros.	15	88,2	88,2	100,0
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	

O maior percentual de resposta dos professores (88.2%) mostra que diante de um caso de interrupção em classe, a melhor opção seria utilizar o diálogo com aluno em lugar de tomar outras atitudes mais coercitivas, ignorar ou passar a responsabilidade para a família.

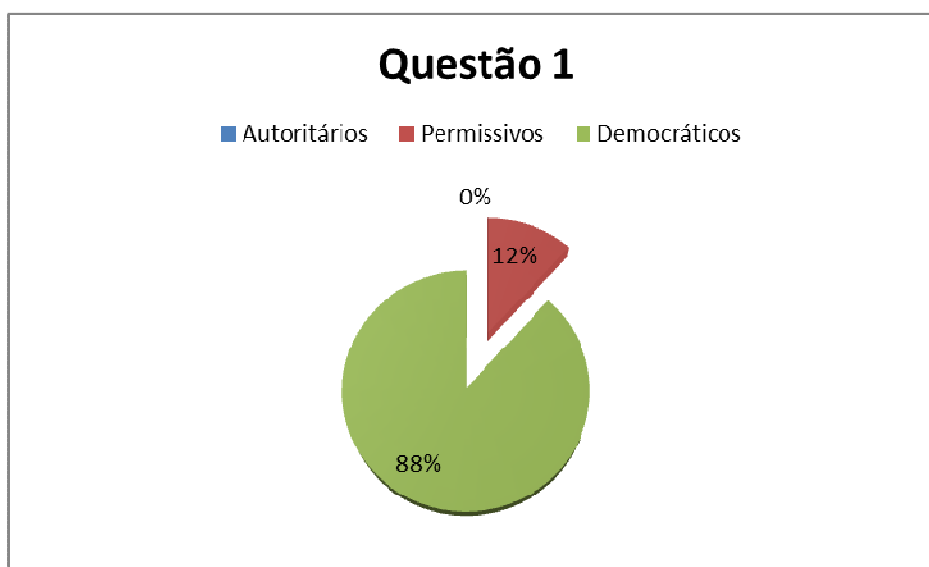


Figura 22. Percentual de respostas na questão 1 segundo o perfil.

## Questão 2

Tabela 58. Questão 2

### 2. O que você faria com um aluno que faz comentários depreciativos dirigidos a outros alunos em aula?

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Em primeiro lugar, conversaria com a família para tratar desse assunto.	1	5,9	5,9	5,9
Repreenderia seu comportamento diante dos colegas e castigaria	2	11,8	11,8	17,6
Trataria do problema com todo o grupo da classe	3	17,6	17,6	35,3
Conversaria com o aluno em particular e tentaria que ele pedisse perdão aos colegas	11	64,7	64,7	100,0
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	

Na questão 2 analisa-se a atitude do professor em relação a alunos que fazem comentários depreciativos dirigidos a outros alunos. Nesse caso, a soma das alternativas A, C e D chega aos 94% dos professores que teriam atitudes do perfil democrático, ou seja, a grande maioria. Não aparecem respostas alusivas ao estilo permissivo.

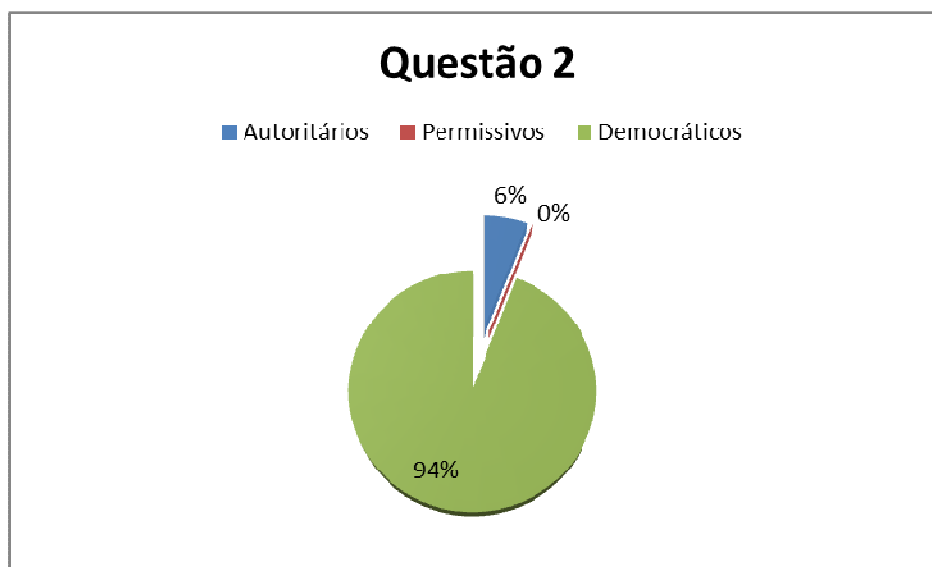


Figura 23. Percentual de respostas na questão 2 segundo o perfil.

### Questão 3

Tabela 59. Questão 3

**3. Que faria com um aluno que faz algum comentário depreciativo dirigido a você?**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Passaria por alto e ao final da aula falaria em particular	8	47,1	47,1	47,1
Recriminaria rapidamente seu comportamento e aplicaria o que diz o regulamento interno do colégio a respeito do ocorrido	7	41,2	41,2	88,2
Solicitaria que se desculpasse em público	2	11,8	11,8	100,0
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	

As ações nesse item dizem respeito a comentários depreciativos dirigidos ao professor. Somando os itens B e C que dizem respeito ao perfil democrático, temos 59% dos professores que não atuariam na hora, mas conversariam com o aluno no final da aula em particular e solicitariam que ele se desculpasse em público. Já 41% teriam atitudes do perfil autoritário, reprimando rapidamente o comportamento do aluno e aplicando as normas do regulamento interno do colégio. Não apareceram respostas referentes ao estilo permissivo.

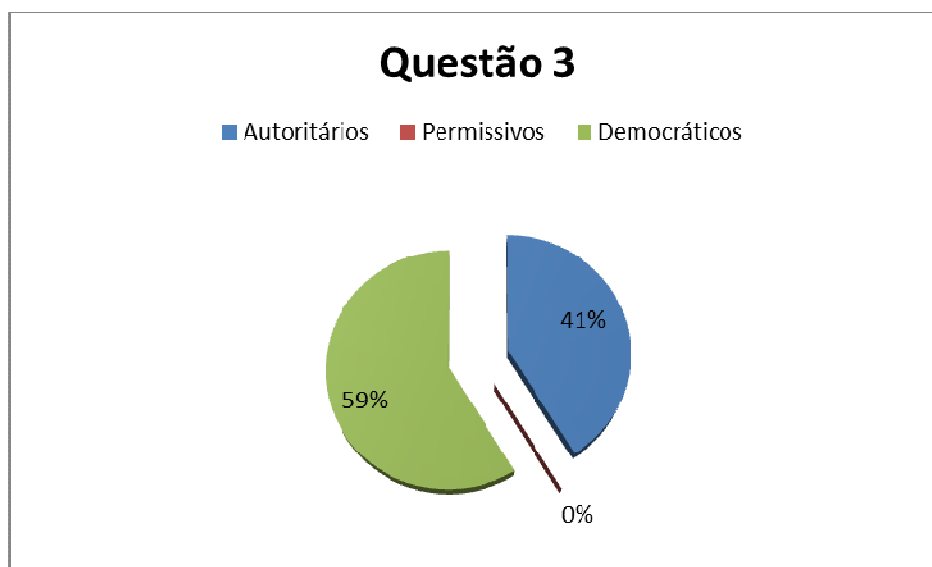


Figura 24. Percentual de respostas na questão 3 segundo o perfil.

#### Questão 4

Tabela 60. Questão 4

**4. O que você faria diante de um aluno que se nega a realizar as atividades propostas em aula?**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Lembraria que é uma obrigação e alertaria para não repetir isso de novo, se necessário, castigaria.	5	29,4	29,4	29,4
Dialogaria com o aluno para saber o motivo e depois falaria com a família para buscar uma solução conjunta	6	35,3	35,3	64,7
Motivaria com algo que ele goste. Faria atividades atrativas e ajudaria a realizá-las.	3	17,6	17,6	82,4
Comunicaria os pais para eles tomarem as medidas necessárias.	3	17,6	17,6	100,0
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	

A questão 4 reflete as ações do professor diante de um aluno que se nega a realizar as atividades propostas. Somando as respostas dos itens B e C que são alusivas ao estilo democrático, temos um total de 53% dos professores que teriam atitudes de dialogar com o

aluno para saber os motivos, bem como buscar uma solução em conjunto com a família, além de propor atividades atrativas como meio de motivação ao aluno.

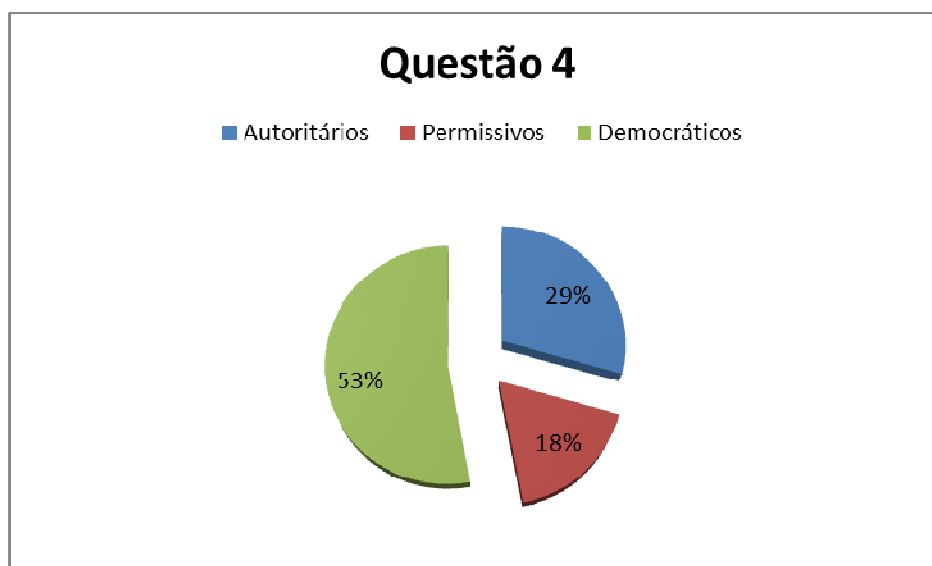


Figura 25. Percentual de respostas na questão 4 segundo o perfil

### Questão 5

Tabela 61. Questão 5

**5. O que faria diante de uma situação de desafio à sua autoridade ou desobediência proposital do que você pede para fazer em sua aula?**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Conversaria seriamente com o aluno em aula e não permitiria em absoluto um ataque à autoridade do professor.	8	47,1	47,1	47,1
Dialogaria com ele de maneira individual para que me explicasse o porquê de seu comportamento	7	41,2	41,2	88,2
Informaria imediatamente os pais para que eles aplicassem as medidas disciplinares oportunas	1	5,9	5,9	94,1
Tentaria colocar em prática algum programa ou projeto de modificação de conduta	1	5,9	5,9	100,0
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	

Com relação ao desafio à autoridade do professor ou desobediência proposital, temos na soma dos itens A e D um total de 53% dos professores que não permitiriam ataque à sua autoridade e se necessário expulsariam o aluno da sala ou colocariam em prática um programa de modificação de conduta. Somente 6% teriam atitudes permissivas.

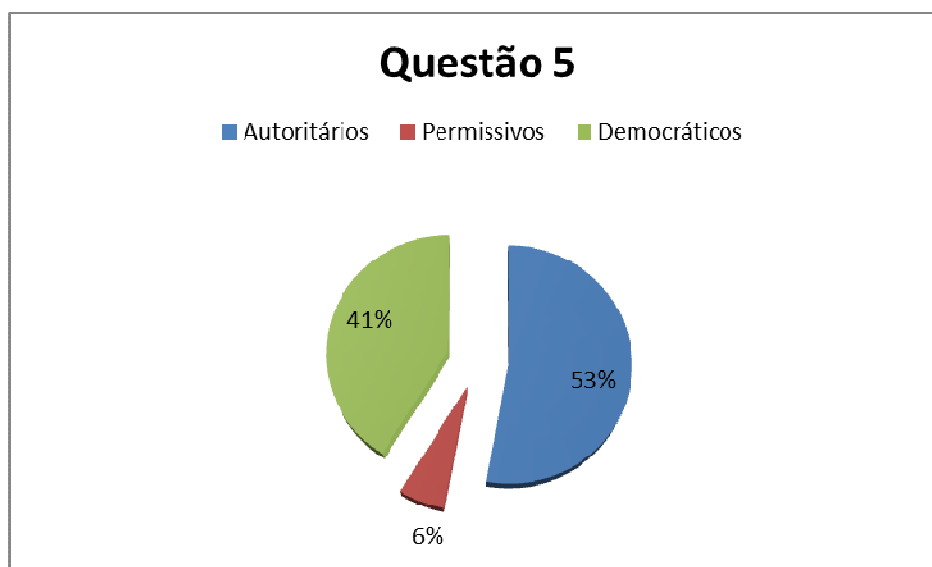


Figura 26. Percentual de respostas na questão 5 segundo o perfil.

### Questão 6

Tabela 62. Questão 6

**6. O que faria se soubesse de uma situação de maus tratos entre os alunos (Bullying)? Um grupo insulta, xinga, agride, coloca apelidos, esconde os pertences e exclui um aluno seu...**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Conversaria com esse grupo, sensibilizando-os, mostrando as consequências para o aluno	12	70,6	70,6	70,6
Conversaria com o aluno (vítima) e sua família e avisaria o coordenador de disciplina, a orientadora e a direção	4	23,5	23,5	94,1
Conversaria com os alunos (agressores) e com suas famílias para que seus pais tomassem as medidas necessárias	1	5,9	5,9	100,0
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	

Essa questão trata do tema Bullying na escola e qual seria a atitude do professor se tomasse conhecimento de maus tratos entre alunos. 71% dos professores agiriam de acordo com o perfil democrático, procurando conversar com os componentes do grupo agressor, tentando sensibilizá-los e fazê-los mudar de atitudes. Os outros 29% também tomariam posição a favor do aluno vítima e conversariam com os agressores para tentar impedir que houvesse reincidência. Os resultados mostram que os professores não ignoram o problema do Bullying na escola e estão dispostos a agir diante de situações que porventura venham a aparecer.

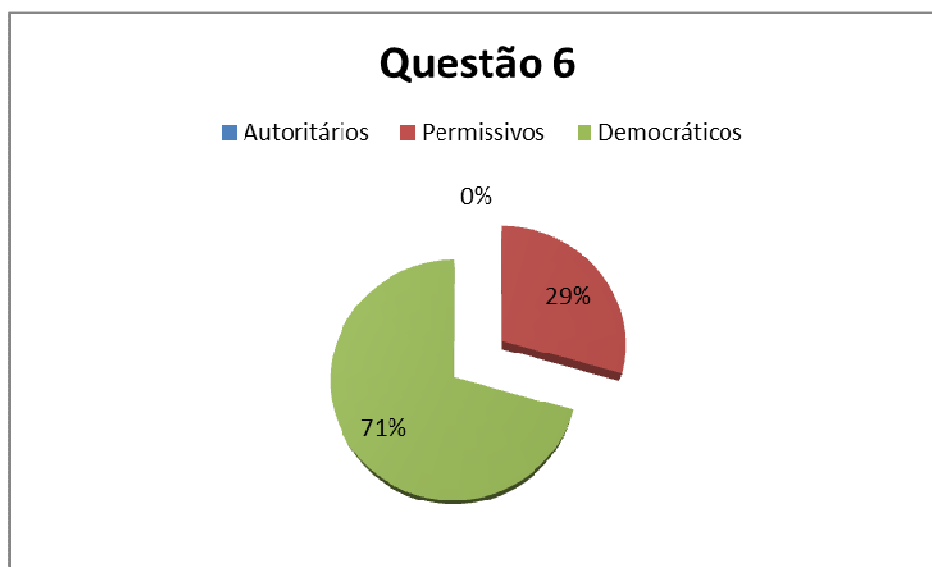


Figura 27. Percentual de respostas na questão 6 segundo o perfil.

### Questão 7

Tabela 63. Questão 7

7. O que faria diante de um caso de vandalismo dentro do colégio e que afete os pertences das pessoas que trabalham na escola?

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Faria um trabalho de prevenção sobre os valores, respeito e cuidado com os pertences	5	29,4	29,4	29,4
Tentaria descobrir quem havia cometido o ato e dependendo da gravidade, faria uma ocorrência e uma proposta de suspensão	2	11,8	11,8	41,2
Identificaria os implicados para tratar, de forma privada, de resolver o problema, alertando	6	35,3	35,3	76,5
Identificaria os responsáveis falaria com as famílias e faria com que reparassem os danos praticados ...	1	5,9	5,9	82,4
Expulsão e reparação dos danos	3	17,6	17,6	100,0
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	

Em relação ao vandalismo na escola, 70% dos professores responderam de acordo com o perfil democrático, somando os itens A, C e D, onde suas atitudes seriam em fazer trabalho de prevenção, conscientização, alerta aos implicados e levaria o assunto ao conhecimento das famílias para que reparassem os danos praticados.

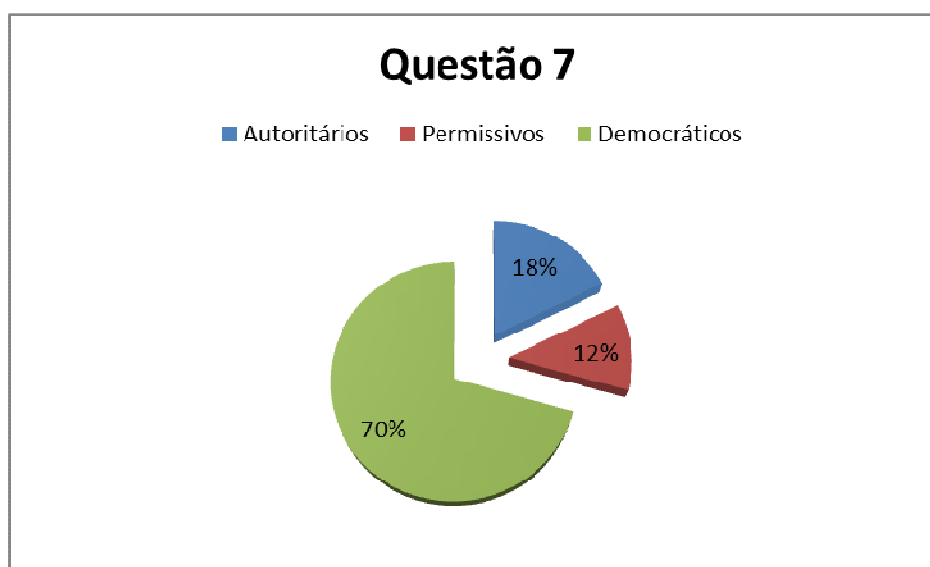


Figura 28. Percentual de respostas na questão 7 segundo o perfil.



### Questão 8

Tabela 64. Questão 8

**8. O que faria diante de uma situação de agressão (física ou verbal) de um aluno para com o outro. Incluem-se as brigas.**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Castigaria o comportamento imediatamente e comunicaria as famílias.	1	5,9	5,9	5,9
Reprenderia seu comportamento e advertiria de um castigo, caso reincidissem	3	17,6	17,6	23,5
Conversaria em particular com os envolvidos e trataria de buscar uma solução que satisfizesse ambas as partes.	5	29,4	29,4	52,9
Investigaria o problema e assim que tivesse as informações, passaria para a...	5	29,4	29,4	82,4
Conversaria com cada um individualmente e depois em conjunto para que se desculpassem e se comprometessem a resolver	3	17,6	17,6	100,0
Total	17	100,0	100,0	

Esta questão faz referência à agressividade entre alunos, sejam físicas ou verbais. Os professores que teriam atitudes relativas ao estilo democrático (47%) somando os itens C e E que são referentes ao dito estilo, conversariam com os alunos em particular para solucionar o problema e pediriam que se desculpassem. A minoria (24%) teria atitudes autoritárias com castigos e repreensão.

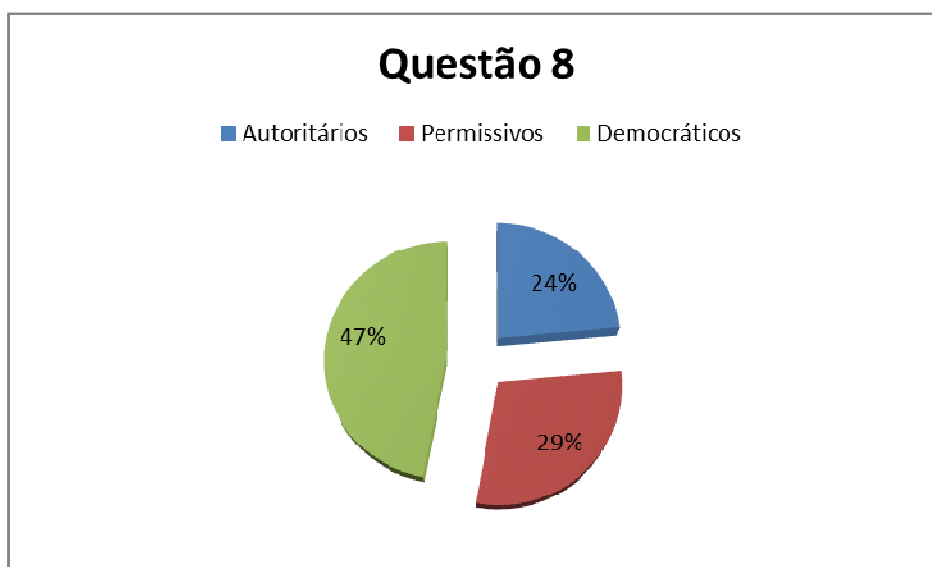


Figura 29. Percentual de respostas na questão 8 segundo o perfil.

## Questão 9

Tabela 65. Questão 9

9. O que faria diante de uma situação de agressão verbal de um aluno para contigo?				
	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Passaria o caso para a coordenação disciplinar, orientação ou direção e pediria que expulsasse...	3	17,6	18,8	18,8
Para evitar que se repita a situação, faria uma advertência/ocorrência.	2	11,8	12,5	31,3
Não atuaria no momento. Tentaria falar em particular com o aluno para tratar de buscar uma alternativa..	3	17,6	18,8	50,0
Repreenderia seu comportamento e colocaria o caso para a coordenação disciplinar, orientação ou direção da escola..	8	47,1	50,0	100,0
Total	16	94,1	100,0	
Ausente Sistema	1	5,9		
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>		

A questão 9 trata de agressão verbal do aluno para com o professor, nesse caso 50% dos professores teriam atitudes que estão classificadas como permissivas, repreendendo o comportamento do aluno, porém levando para a direção, orientação ou coordenação disciplinar resolver.

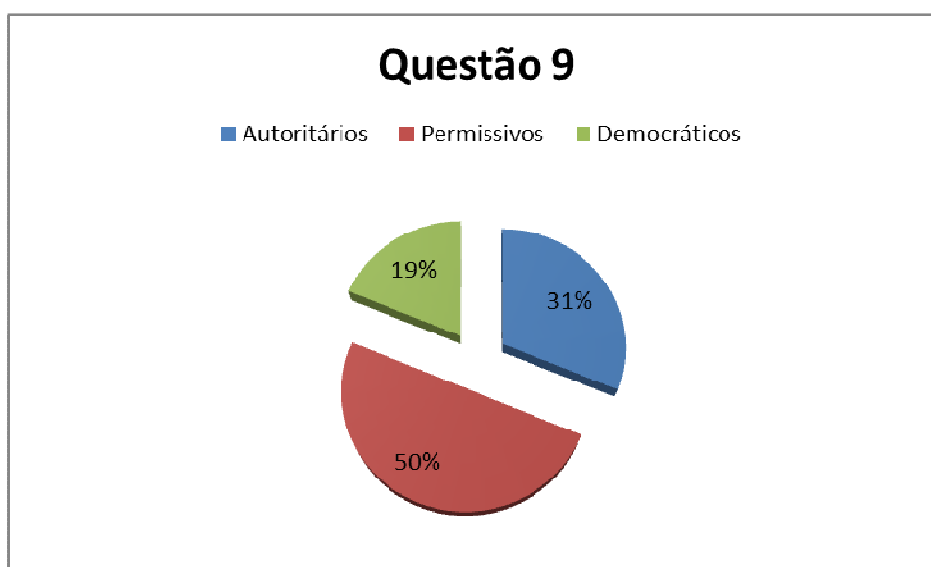


Figura 30. Percentual de respostas na questão 9 segundo o perfil.

Após a análise dos resultados das nove questões, podemos fazer algumas considerações:

Comprovamos na tabela a seguir que as respostas dos professores, maioritariamente, se enquadram dentro do que denominamos perfil *democrático* de estilo de resposta diante de uma situação de conflito em aula. Somente nos itens 5 e 9 que temos discrepância. A questão 5 refere-se à atitude do professor diante de uma situação de desafio à sua autoridade ou desobediência proposital do que o professor pede em aula. Os resultados mostram que a maioria dos professores (53%) agiria de acordo com o perfil autoritário, e se necessário, expulsaria o aluno da aula.

Tabela 66. Respostas de acordo com o perfil do professor

	Questões ⇨	1	2	3	4	5	6	7	8	9
<b>Perfil</b>	<b>Autoritário</b>	-	6%	41%	29%	53%	-	18%	24%	31%
	<b>Permissivo</b>	12%	-	-	18%	6%	29%	12%	29%	50%
	<b>Democrático</b>	88%	94%	59%	53%	41%	71%	70%	47%	19%

Já em relação à questão 9 que se refere à atitude do professor diante de uma situação de agressão verbal de um aluno para com o professor, a metade dos professores (50%) agiria de acordo com o perfil permissivo ou evasivo, passando o problema para a coordenação disciplinar, orientação ou direção ou informaria os pais para que eles castigassem o comportamento do aluno, em seguida, as atitudes dos demais refletem o perfil autoritário (31%) que passaria para a coordenação disciplinar, direção ou orientação para que expulsassem imediatamente o aluno ou fazer uma advertência ao aluno e a minoria agiria como sugere o perfil democrático (19%), buscando alternativa educativa eficaz e não atuando no momento.

Vale a pena ressaltar também que na questão 2 quase a totalidade dos professores agiria de acordo com o estilo democrático (94%) em suas atitudes com alunos que fazem comentários depreciativos dirigidos a outros alunos em aula. As respostas giram em torno de conversas com a família para tratar do assunto, conversas com toda a classe e conversa em particular com o aluno para que o mesmo peça perdão aos colegas.

No gráfico abaixo temos uma ideia geral do perfil dos professores do CACM em relação às nove questões que compunham o instrumento:

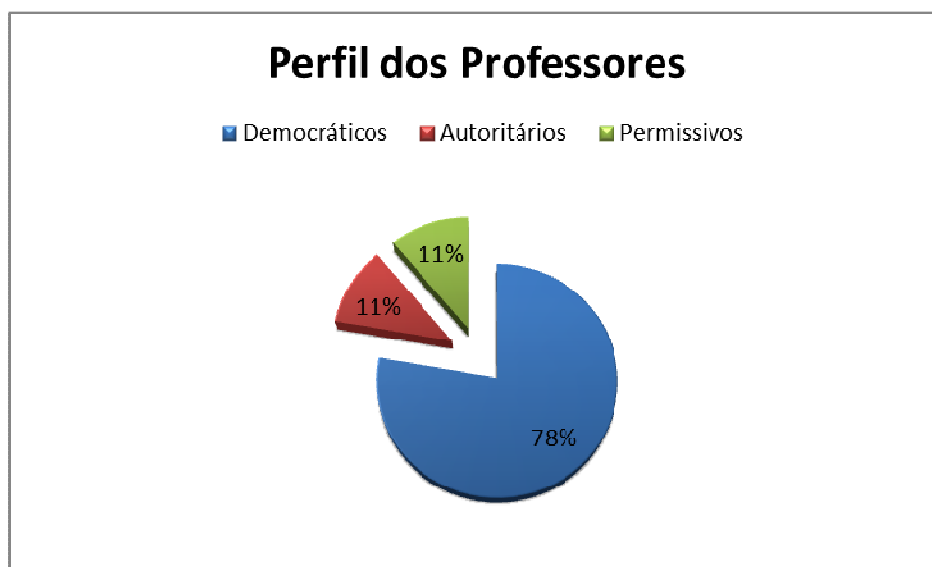


Figura 31. Perfil dos Professores.

### *As condutas disruptivas em aula*

Em primeiro lugar encontramos um grupo de condutas nas quais a maioria dos professores considera que acontecem *algumas vezes* em suas aulas que são: Impedir ou dificultar o estudo dos colegas (82.4%) e falta de assistência às aulas (82.4%), em seguida as condutas de agressões verbais aos colegas e professor (76.5%) e não cumprimento das regras estabelecidas (76.5%).

Em contrapartida, encontramos algumas condutas que a maioria dos professores considera que *nunca* acontece em suas aulas: Agressão física ao professor (94.1%), agressão física entre alunos (82.4%) e vandalismo dentro da sala de aula (82.4%).

Na tabela a seguir apresentamos as porcentagens correspondentes em todos os itens:

Tabela 67. Condutas disruptivas em aula.

<b>Condutas Disruptivas em aula</b>	<b>Nunca</b>	<b>Algumas Vezes</b>	<b>Frequente- mente</b>	<b>Sempre</b>
Perturbação do normal desenvolvimento das atividades da classe.	-	70.6%	23.5%	5.9%
Impedir ou dificultar o estudo dos colegas.	5.9%	82.4%	5.9%	5.9%
Desafio à autoridade do professor	29.4%	70.6%	-	-
Vandalismo dentro da sala (riscar paredes, carteiras, destruir o material da escola, etc.)	82.4%	17.6%	-	-
Agressões verbais aos colegas e o professor.	23.5%	76.5%	-	-
Agressões físicas entre alunos.	82.4%	17.6%	-	-
Agressão física ao professor.	94.1%	5.9%	-	-
Não cumprimento das regras estabelecidas.	-	76.5%	23.5%	-
Falta de assistência às aulas.	17.6%	82.4%	-	-
Falta de pontualidade nas aulas.	17.6%	64.7%	17.6%	-
Uso de palavrões ou palavras não autorizadas.	17.6%	64.7%	17.6%	-
Discriminação racial ou social	64.7%	35.3%	-	-

#### *A gravidade das condutas disruptivas em aula.*

Na última parte do questionário do professor, fizemos uma questão em escala Likert de 4 pontos com os mesmos itens da anterior, porém o professor deveria classificar as condutas disruptivas por nível de gravidade com as opções “não sei, leve, grave e muito grave”. Analisaremos os percentuais de respostas em cada item na tabela abaixo:

Tabela 68. Gravidade das condutas disruptivas.

<b>Gravidade das condutas Disruptivas em aula</b>	<b>Não Sei</b>	<b>Leve</b>	<b>Grave</b>	<b>Muito Grave</b>
Perturbação do normal desenvolvimento das atividades da classe.	5.9%	76.5%	17.6%	-
Impedir ou dificultar o estudo dos colegas.	-	41.2%	52.9%	5.9%
Desafio à autoridade do professor	11.8%	17.6%	29.4%	41.2%
Vandalismo dentro da sala (riscar paredes, carteiras, destruir o material da escola, etc.)	17.6%	11.8%	17.6%	52.9%
Agressões verbais aos colegas e o professor.	5.9%	11.8%	29.4%	52.9%
Agressões físicas entre alunos.	5.9%	11.8%	-	82.4%
Agressão física ao professor.	11.8%	5.9%	-	82.4%
Não cumprimento das regras estabelecidas.	-	17.6%	70.6%	11.8%
Falta de assistência às aulas.	17.6%	29.4%	52.9%	-
Falta de pontualidade nas aulas.	5.9%	35.3%	58.8%	-
Uso de palavrões ou palavras não autorizadas.	-	5.9%	47.1%	47.1%
Discriminação racial ou social	11.8%	-	11.8%	76.5%

Começaremos pelos resultados em que os professores consideram as condutas *muito graves*. Os dois itens que somam maiores percentuais são de agressões físicas entre alunos e agressões físicas ao professor, ambas com 82.4%, seguidos pelo item de discriminação racial ou social com 76.5%. Em contrapartida, os professores não consideram muito graves a perturbação do normal desenvolvimento das atividades, falta de assistência e falta de pontualidade às aulas, pois estes três itens não foram pontuados.

No quesito das condutas *graves*, os maiores números estão vinculados ao não cumprimento das regras estabelecidas (70.6%), seguido da falta de pontualidade nas aulas (58.8%).

As condutas consideradas *leves* pelos professores são de perturbação do normal desenvolvimento das atividades da classe (76.5%) e impedir ou dificultar o estudo dos colegas (41.2%). Já o item de discriminação racial ou social nenhum professor considera leve, pois não houve pontuação.

## Capítulo VIII

### 8. DISCUSSÕES, CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO E PROPOSTAS DE MELHORA PARA FUTUROS ESTUDOS

#### 8.1. Discussões e conclusões

As conclusões constituem o ponto terminal da pesquisa, para o qual convergem todos os passos desenvolvidos ao longo de seu processo. Sua finalidade básica é ressaltar o alcance e as consequências dos resultados obtidos, bem como indicar o que pode ser feito para torná-los mais significativos. Gil (2008). A partir da análise dos resultados das pesquisas qualitativas e quantitativas, podemos tirar as seguintes conclusões:

#### 8.1.2. Estilos educativos de Pais e sua relação com o perfil dos filhos

Os resultados obtidos apontam consistência em relação à literatura, pois a presente investigação constatou que os estilos educativos adotados pelos pais refletem no perfil dos filhos. Os maiores percentuais de modelos de pais estão no estilo *democrático* de educação (73%) e os filhos que refletem o perfil de estilo *democrático*, (79%). São números muito próximos comparando pais e filhos.

Tabela 69. Comparação Pais e Filhos.

<b>Comparação entre Pais e Filhos</b>			
<b>Modelo de Pais:</b>	<b>Resultados em porcentagem</b>	<b>Perfil do filho educado pelos modelos de pais:</b>	<b>Resultados em porcentagem</b>
Autoritários	20%	Autoritários	12%
Permissivos	00%	Permissivos	5%
Democráticos	73%	Democráticos	79%
Democrático-Autoritários	7%	Democrático-Autoritários	2%
		Democrático-Permissivos	1%
		Autoritário-Permissivos	1%
<b>Total</b>	<b>100%</b>		<b>100%</b>

No modelo de pais *autoritários*, os percentuais também obtiveram números próximos. Os pais autoritários (20%) e os filhos que refletem o perfil de estilo *autoritário* (12%).

Já no modelo de pais *permissivos*, não obtivemos pontuações, enquanto que nos filhos que refletem o perfil de estilo *permissivo*, tivemos (5%), um número muito baixo. Esse é um aspecto bastante surpreendente nesta investigação, o fato de não ter sido identificado o modelo de pais permissivos. Os resultados nos fazem refletir e questionar: Por que não foram identificados modelos de pais permissivos? Será que o instrumento utilizado não foi adequado para averiguar corretamente? Os pais responderam como realmente são, ou como gostariam de ser? Ou, os pais do CACM realmente não praticam a permissividade na educação de seus filhos?

A literatura nos diz que estamos na era da permissividade, porém os resultados de nossa investigação vêm contrariando os resultados de alguns outros estudos, onde impera a permissividade nas famílias atuais. Reichert e Wagner (2007) verificaram em seu estudo sobre autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais que a maioria dos jovens entrevistados percebe seus progenitores como negligentes, pouco envolvidos com eles e sem preocupação de estabelecer algum tipo de controle sobre seus comportamentos.

Os pais que são totalmente permissivos produzem consequências negativas nos filhos, pois estes não são corrigidos, são deixados à vontade, com isso vão conquistando liberdade e passam a ter domínio sobre os pais, perdem o respeito, não dão valor ao que os pais lhes proporcionam, são pouco responsáveis, desorientados nos afazeres, propensos à desorganização, tem dificuldades em se adaptar às regras, são instáveis emocionalmente e egocêntricos e essas características se manifestam em maior grau quando a criança vai para a escola, onde se depara com regulamentos que não está acostumada e tem que respeitar os limites impostos pela escola.

Os pais investigados não são nada permissivos e parecem estar bastante preocupados com seus filhos, estabelecendo um estilo mais exigente de educação, mas não de maneira totalmente autoritária, pois os números revelam que somente 20% utilizam este modelo. E os pais que são autoritários procuram mesclar esse modelo com o democrático, para que a educação seja mais



equilibrada, não usando somente autoritarismo, mas empregando a autoridade de maneira que os filhos respeitem e sejam respeitados.

O modelo autoritário com disciplina rígida, frieza e falta de amor, não pode trazer efeitos positivos sobre a criança, pelo contrário, as crianças que são educadas neste modelo apresentam características negativas, tais como: dignidade pessoal enfraquecida, poucos controles internos, submetimento, infantilismo, imaturidade, desmotivação, baixa autoestima, sentimento de inferioridade, dificuldade nos relacionamentos, complexo de culpa, medo, pessimismo, sinais de rebeldia, caráter instável, dificuldades de tomar decisões e dependência. Esses atributos só favorecem a indisciplina da criança e do adolescente, quer seja no lar, ou na escola, mais cedo ou mais tarde algumas destas características podem se manifestar afetando-as seriamente.

Os extremos são prejudiciais para a disciplina e educação dos filhos. Para que as famílias tenham sucesso na disciplina, é preciso exercer o equilíbrio e a coerência, que são características do modelo *democrático*. Tudo é aplicado com moderação, visando o bem-estar físico e emocional das crianças. Os resultados prováveis serão: mais estabilidade emocional, confiança, compreensão e respeito mútuos, responsabilidade crescente, segurança, autonomia, obediência, competência, autoestima elevada, desenvolvimento do senso crítico, independência de pensamento, juízo e ação, autoconfiança, autocontrole e menos susceptibilidade de adotar novos valores. Uma criança, ou um adolescente que apresenta estas características ou parte delas, terá grandes possibilidades de ser bem sucedido e bem disciplinado. Portanto, concluímos que os modelos familiares têm relação com a disciplina dos filhos na escola, pois estes já vão para a escola com os valores impressos na sua personalidade e isto se revela em atos, palavras e comportamentos, delineando assim o seu perfil.

Os estilos parentais afetam o desenvolvimento dos filhos de forma global, na formação de competências básicas que gradativamente influenciam comportamentos complexos. Hutz e Bardagir (2006). Num estudo sobre a relação do comportamento moral entre pais e filhos, Prust e Gomide, (2007) verificaram que os pais são modelos para os filhos, pois quando os pais apresentaram níveis elevados de comportamento moral, os filhos também apresentaram.

De maneira geral os pais do CACM tem procurado manter uma boa relação com os filhos, empregando um estilo educativo democrático. Quando perguntamos diretamente aos pais se a disciplina no lar era rígida ou flexível, 89% responderam flexível, sendo assim, está de acordo com o estilo democrático de educação. O alto índice no modelo *democrático* deve ser visto de forma positiva, pois demonstra que muitos pais estão conseguindo equilibrar práticas de controle e indisciplina com afetividade e respeito pelos filhos, ou seja, educam melhor os seus filhos. Hutz e Bardagir (2006); Weber, Brandenburg e Viezzer (2003). Num estudo que relaciona estilos parentais com valores humanos, Teixeira e Lopes (2005) destacaram um escore elevado no modelo democrático concluindo que isso se dá pelo fato desses pais combinarem cobrança com estímulo à independência, procurando desenvolver a autonomia nos filhos.

Em síntese podemos concluir que os pais *democráticos*, são os que mais contribuem para os filhos desenvolverem um estilo explicativo otimista. Uma educação equilibrada em casa pode formar pessoas melhores, que sabem lidar melhor com os problemas, de forma otimista, refletindo em uma melhora na dimensão social. Weber, Brandenburg e Viezzer (2003). O amor, como dimensão que inclui a avaliação positiva dos filhos, interesse e apoio emocional, junto com a coerência na aplicação das normas, resulta ser o estilo educativo mais relacionado positivamente com o raciocínio internalizado, com a empatia e com a conduta pró-social. Mestre, et al (2001). E como os números apontam, neste estudo a maioria dos pais investigados procuram desenvolver o estilo parental *democrático* na educação de seus filhos.

Os resultados dos modelos de pais e do perfil dos filhos foram submetidos a uma análise de correlação para que verificássemos a existência ou não da correlação estatística entre eles. Os resultados apontaram que estatisticamente não existe relação, pois o teste Qui-quadrado de Pearson não atingiu os valores esperados. Para que houvesse significatividade as pontuações deveriam ser inferior a 0,05, sendo que neste estudo, em específico, os valores ultrapassaram os 0,433.

A partir desses resultados inesperados, podemos levantar algumas questões: O fato de não haver correlações pode estar fundamentado em falhas nos instrumentos utilizados? Os inqueridos responderam os questionários com sinceridade e responsabilidade, como realmente

são, ou responderam como eles desejariam ser? A amostra foi insuficiente para atingir resultados mais equilibrados? O fato de ser um estudo de caso limitou os resultados? Se aplicássemos os mesmos questionários em outra amostra, teríamos resultados diferentes?

No presente estudo, não conseguiremos respostas para todos estes questionamentos, mas independente disso, conseguimos atingir nossos objetivos, pois somente neste teste não chegamos ao resultado esperado. Na comparação de percentuais, temos números muito próximos entre pais e filhos.

A literatura investigada, as fontes consultadas e os autores utilizados como base para esse estudo, nos levam a crer que existe sim relação entre modelos de pais e o perfil dos filhos, porém houve falha em algum ponto das pesquisas quantitativas que impediram que chegássemos a essa correlação. Esse fato não diminui o valor das investigações, somente não confirma a hipótese esperada.

### **8.1.3. Condutas disruptivas dos alunos**

Os principais fatores analisados nas condutas dos alunos foram:

- ✓ Perturbação às aulas, falando sem autorização, falando palavrões, saindo do lugar e fazendo barulho;
- ✓ Pontualidade ao chegar às aulas e falta às aulas por desinteresse;
- ✓ Vandalismo na escola;
- ✓ Ameaças às pessoas na escola;
- ✓ Agressão física e verbal aos colegas;
- ✓ Agressão física e verbal aos professores;
- ✓ Desafio à autoridade do professor.

Aos professores perguntamos a frequência e gravidade destas condutas em sala de aula e constatamos que as respostas dos alunos e as respostas dos professores estão muito relacionadas entre si e os percentuais de respostas nos principais itens são muito semelhantes.

Em relação à perturbação, conversas, palavrões e barulho em sala de aula, a grande maioria dos alunos respondeu *nunca* e *algumas vezes*, referindo-se a prática destas atitudes em aula. Os professores maioritariamente responderam que isso acontece *algumas vezes* nas suas aulas. Quanto a falta às aulas e pontualidade, os alunos disseram que *nunca* faltam às aulas por desinteresse e que *sempre* são pontuais. Os professores na sua maioria, responderam que isso acontece *algumas vezes*.

Quando o assunto é agressões verbais aos colegas e professores, os alunos, na sua maioria, disseram que *nunca* ou *algumas vezes* fazem isso. Os professores responderam que acontece *algumas vezes*. No caso de agressões físicas aos colegas e professores ambos concordam que *nunca* acontece. As respostas também estão totalmente de acordo com as respostas da diretora e orientadoras nas entrevistas. Numa análise global, as respostas dos professores corroboram com a dos alunos.

Analisamos juntamente com a orientadora educacional do colégio, o quadro de notas das turmas para ver se havia alguma relação entre a indisciplina e o rendimento escolar. Ficou bem evidente que as turmas mais indisciplinadas, apresentam uma quantidade maior de alunos com notas abaixo da média e vários casos com risco de reprovação. Essas turmas abrangem alunos na faixa etária dos 14 e 15 anos, do 9º EF e 1ºEM. É preciso destacar também que nessas turmas existem alunos de inclusão e muitos alunos com déficit de atenção e hiperatividade, levando assim a uma maior indisciplina, além de aumentar o percentual de alunos com notas abaixo da média. Não podemos afirmar que a indisciplina seja a principal causa do baixo rendimento acadêmico nas referidas turmas, porém torna-se um agravante, pois favorece a desatenção e falta de concentração, interferindo no aprendizado.

Concluimos que o CACM não tem grandes problemas com a indisciplina na sala de aula e com as condutas disruptivas dos alunos, somente casos pontuais e pequenos problemas considerados normais no dia-a-dia da escola. Os resultados das pesquisas quantitativas corroboram com as qualitativas. Partindo do pressuposto que os pais democráticos formam

filhos do perfil democrático, tendo como características principais a autoconfiança, competência, autoestima elevada, respeito, responsabilidade, sabem usar a liberdade que tem, maturidade social e emocional, etc., podemos afirmar que os modelos de pais incidem significativamente no comportamento e nas condutas dos filhos na escola. Como os pais dos alunos do CACM são maioritariamente democráticos, os filhos tem perfil democrático e portanto tem poucos problemas de condutas na escola. Isso confirma a tese de que os pais exercem influência no comportamento dos filhos e isso se reflete significativamente nas condutas do filho/a na escola.

Quando professores e alunos estão em acordo e mantêm um bom relacionamento, a educação acontece com naturalidade e os pequenos problemas que surgem são resolvidos de maneira ética e profissional. Os resultados mostram que os alunos se sentem bem no colégio e que são bem tratados pelos professores, sendo assim, a satisfação e o bom relacionamento contribui para que haja menos problemas disciplinares na escola. Para Diaz-Aguado (2005), os professores proativos têm e transmitem expectativas positivas, flexíveis e precisas que utilizam para individualizar o ensino e fazê-lo mais eficaz. Conseguem que todos os alunos participem da dinâmica geral da classe. Acreditam que seu papel é tratar de adequar-se ao nível de cada aluno e assegurar ao máximo seu progresso e se consideram responsáveis dos resultados que neste sentido se obtém. Dispõem de um amplo repertório de recursos docentes que lhes permitem adaptar o ensino a todos os alunos.

#### **8.1.4. Perfil dos professores**

Após a análise das respostas das atitudes dos professores diante de situações de indisciplina na sala de aula e as condutas dos alunos, e dos resultados e percentuais de respostas em cada perfil, concluímos que os professores do CACM são maioritariamente *democráticos*.

Os professores *democráticos* utilizam o diálogo para resolver conflitos. Contam com os membros do grupo, animam os alunos à discussão ordenada e de maneira consensual. Normalmente participam como um membro a mais do grupo. Aplicar um ou outro estilo deriva consequências. Assim, o professor que se comporta de maneira autoritária gera mais hostilidade

entre seus alunos, o professor democrático gera menos hostilidade e o estilo permissivo provoca mais descontentamento, porque não resolve nada. Naranjo (2009).

## **8.2.Limitações da investigação e propostas de melhoras para futuros estudos**

Este estudo possui algumas limitações, uma delas é a amostra. Tivemos uma disparidade na quantidade da amostra de pais e filhos. O número de alunos foi superior, pois a escola nos possibilitou a aplicação a todos os alunos, na faixa etária da abrangência do estudo, porém na amostra de pais não conseguimos a totalidade, pois nosso acesso foi limitado, dependendo dos alunos levarem os questionários para casa e devolverem posteriormente para o colégio, ainda assim obtivemos um número bastante significativo de pais. A amostra dos professores também foi relativamente pequena, não conseguimos a totalidade dos professores, pois sabemos que dependemos unicamente da voluntariedade dos mesmos. Sendo assim, a amostra torna-se bastante limitada.

Outra limitação é que se trata de um estudo de caso, os resultados obtidos referem-se unicamente ao contexto da população em estudo. Sugerimos que em futuros estudos, seja estendido a um número maior de centros educacionais, incluindo escolas públicas e privadas para que sejam feitas comparações entre elas.

A faixa etária dos alunos também pode ser considerada uma limitação do estudo, pois envolveu crianças e adolescentes, deixando assim de ser um estudo específico no quesito idade. Em estudos posteriores podem ser feitas investigações de maneira separada, abrangendo apenas crianças ou especificamente com adolescentes, assim as conclusões podem ser mais precisas.

Ainda, é importante ressaltar que neste estudo foi feito uma comparação entre os estilos educativos dos pais e o perfil dos filhos, porém não podemos afirmar que isso seja totalmente fiável, mesmo que os resultados em percentuais estejam equilibrados e próximos, pois quando aplicamos o Teste de correlação através do Qui-quadrado de Pearson, constatamos que

estatisticamente essa relação não existe. Para confirmar essa hipótese, seria necessário a aplicação dos testes em uma amostra mais significativa ou remodelar os questionários utilizados.

Outra limitação deste estudo, se dá pelo fato de ser bastante abrangente, envolvendo família (pais e filhos) e escola (alunos e professores) e suas relações entre si. Por um lado, temos a vantagem de poder conhecer, investigar e relacionar o que estes elementos tem em comum em variados aspectos, por outro lado, deixa de ser um estudo específico, onde se poderia investigar mais minuciosamente cada detalhe da relação entre pais e filhos. Sugerimos que em estudos posteriores, se investiguem especificamente os modelos de pais e o perfil dos filhos.

Apesar destas limitações podemos dizer que foram atingidos os objetivos propostos e espera-se que futuras investigações venham suprir as limitações aqui apresentadas.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramovay, M (2006). *Cotidiano das escolas: entre violências*. (org.) Brasília: UNESCO, observatório de Violência, Ministério da Educação.
- Antunes, C. (2005). *A pedagogia dos conflitos e as relações interpessoais* em Marcos Muniz Melo e Luciana Andrade Ribeiro (orgs), *Jornadas 2005: Temas em Educação IV* (pp.41 – 48). Curitiba: Futuro Congressos e eventos.
- Armstrong, T. (2001). *Inteligências Múltiplas na sala de aula*. (Maria Adriana Veríssimo Veronese, Trad.) Porto Alegre: Artmed
- Barbosa, A., Santos, A., Rodrigues, M., Furtado, A. e Brito, N. (2011). *Agressividade na infância e contextos de desenvolvimento: família e escola*. *Psico* 42 (2) 228-235.
- Beaudoin, M.N. e Taylor, M. (2006). *Bullying e Desrespeito: Como acabar com essa cultura na escolar*. (Sandra Regina Netz, Trad.). Porto Alegre: Artmed
- Blanco, R. G. (2007). *Aprendizaje en el aula. Relaciones Interpersonales*. En Eugenio González y José Antonio Bueno. (Comps), *Psicología de la Educación y el desarrollo en la edad escolar*. (pp. 749 – 779). Madrid: Editorial CCS
- Bock, M.B., Furtado, O. e Teixeira, M.L.T. (2009). *Psicologia: Uma introdução ao estudo da Psicologia*. São Paulo: Saraiva
- Boarini M. L. (2013). Indisciplina escolar: Uma construção coletiva. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 17 (1), 123 – 131.
- Boeckel, M.G. e Sarriera, J.C. (2005). Análise fatorial do Questionário de Estilos Parentais (PAQ) em uma amostra de adultos jovens universitários. *Psico-USF*, 10 (1),1-9.
- Câmara, R. H. (2013). Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Revista interinstitucional de Psicologia*, 6 (2), pp.179 – 191. Recuperado em 30 de junho, 2016 de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>
- Campos, D. e Cruz, O. (s.f.). *Questionários de Estilos Parentais (QEP) revisitado* (pp.1641 – 1654). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação: Universidade do Porto.

- Cantón Mayo, I. (2009). *Modelo sistémico de evaluación de planes de mejora*. Universidad de León, área de publicaciones.
- Carita, A. e Fernandes, G. (1997). *Indisciplina na sala de aula – Como Prevenir? Como remediar?* Lisboa: Presença
- Carvalho, F. V. (2000). *Pedagogia da Cooperação – Uma Introdução à Metodologia da Aprendizagem Cooperativa*. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista.
- Carvalho, J. S. F (1996) *Os sentidos da (in) disciplina: regras e métodos como práticas sociais*. Em Julio Groppa Aquino (org.), *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus.
- Chalita, G. (2004). *Educação: A solução está no afeto*. São Paulo: Editora Gente.
- Chalita, G. (2008). *Pedagogia da Amizade. Bullying: O sofrimento das vítimas e dos agressores*. São Paulo: Editora Gente.
- Cória-Sabini, M.A. (2000). *Fundamentos de Psicologia Educacional*. São Paulo: Ática.
- Cória-Sabini, M. A. e Oliveira, V.K. (2002). *Construindo valores humanos na escola*. Campinas, S.P: Papyrus.
- Cury, A. (2008). *Pais brilhantes, professores fascinantes. Como formar jovens felizes e inteligentes*. Lisboa: Pergaminho.
- Davis, G. A. e Thomas, M. A. (1992). *Escuelas eficaces y profesores eficientes*. (Roc Filella Escolà, Trad.): La Muralla.
- Del Rincón, D., Arnal, J.,Latorre, A. & Sans, A. (1995). *Técnicas de investigación en ciencias sociales*. Madrid: Dykinson
- Díaz-Aguado, M.J. (2005). *Como mejorar la convivencia escolar ante los retos de la educación en el siglo XXI*. Recuperado em 10 de maio, 2016 de [http://www.schoolbullying.eu/doc/Convivencia\\_escolar.pdf](http://www.schoolbullying.eu/doc/Convivencia_escolar.pdf)
- Dias, J. C. (1999). *A problemática da relação família/escola e a criança com necessidades educativas especiais*. Cadernos SNR nº 11. Lisboa: Colprinter
- Dias, M.J.C.R. (2009). *Comportamentos, atitudes e valores dos alunos numa sociedade tolerante*. Dissertação de mestrado. Universidade Fernando Pessoa: Porto
- Dobson, J. (1993). *Atrévete a disciplinar*. Deer Field, Flórida: Editorial Vida

- Eisman, L.B., Luna, E.B. & Moreno, E.M.O. (2009). *Competencias Técnicas para la recogida de información*. Em M<sup>a</sup> Pilar Colás Bravo, Leonor Buendía Eisman e Fuentesanta Hernández Pina (comps), *Competencias científicas para la realización de una tesis doctoral: guía metodológica de elaboración y presentación* (pp 141-162). Barcelona: Davinci.
- Falcke, D., Rosa, L.W. & Steigleder, V.A.T. (2012). Estilos Parentais com filhos em idade escolar. *Revista Institucional de Psicologia*, 5 (2), pp. 282-293.
- Fante, C. (2005). *Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus.
- Feito, R.A. (2011). *Los retos de la participación escolar. Elección, control y gestión de los centros educativos*. Madrid: Morata, S.L.
- Fernandes, A. E. F. (1998). A Pedagogia do Relacionamento Binominal: Professor «» aluno. *Revista da Escola Adventista*, 2(2), 31.
- Fernández, I. (2005). *Prevenção da violência e solução de conflitos. O clima escolar como fator de qualidade*. (Fulvio Lubisco, Trad.). São Paulo: Madras Editora Ltda.
- Fernández, I. G. (S.f.) *Modelos de Cuestionários*. Recuperado em 06 de maio de 2016 de <https://convivencia.wordpress.com/2012/02/27/cuestionarios/>
- Ferreira, A.B.H. (2009). *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo.
- Ferreira, F.A.S. (2014). *Disciplina preventiva escolar: cenário psicopedagógico no acompanhamento da indisciplina*. Artigo científico apresentado ao curso de doutorado em Ciências da Educação: Recuperado em 19 de maio, 2016 de [http://marista.edu.br/saoluis/files/2013/05/ART.CIENT\\_.DISCIPLINA-PREVENTIVA-ESCOLAR.UNR\\_.DOCTORADO.-C%C3%B3pia-C%C3%B3pia-C%C3%B3pia.pdf](http://marista.edu.br/saoluis/files/2013/05/ART.CIENT_.DISCIPLINA-PREVENTIVA-ESCOLAR.UNR_.DOCTORADO.-C%C3%B3pia-C%C3%B3pia-C%C3%B3pia.pdf)
- Filloux, J. C. (2010). *Émile Durkheim*. (Celso do Prado Ferraz de Carvalho e Miguel Henrique Russo, Trad.). Coleção Educadores MEC. Recife: Massangana.
- Fini, L.D. T. (2004). *Relações entre pais e adolescentes*. Em Fermino Fernandes Sisto,

- Gislene de Campos Oliveira e Lucila Dihel Tolaine Fini (orgs.), *Leituras de Psicologia para Formação de Professores* (pp.163 – 176). Petrópolis, Rj: Vozes e Bragança Paulista: Universitária São Francisco.
- Fonseca, J.J.S. (2002). *Metodologia da Pesquisa Científica*. Universidade Estadual do Ceará. Apostila. Recuperado em 31 de maio, 2016 de <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>
- Fortunati, J. (2007). *Gestão da Educação Pública: Caminhos e desafios*. Porto Alegre: Artmed.
- Galli, N.(1976). *La pedagogia familiar hoy*. (Antonio Martínez Riu, Trad.).Barcelona: Herder.
- Garcia, P. L. R. y otros. (2011). Analisis de la convivencia escolar en aulas de educación primaria. *Revista Iberoamericana de Educación*, 55 (3). Recuperado em 19 de maio, 2014 de <http://www.rieoei.org/expe/3839Garcia.pdf>
- Gerhardt, T. E. & Silveira, D. T. (2009), orgs. *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. Recuperado em 31 de maio, 2016 de <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>
- Gikovate, Fávio (2001). *A arte de Educar*. Curitiba: Sociedade Educacional Positivo.
- Gil, A.C. (2008). *Métodos e Técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Gómez, I., Hernández, M., Martín, M.J., y Gutiérrez, C. (2005). *Los problemas en la infancia y el papel de los estilos educativos de los padres*. Granada: Editorial CSV
- Gomes, C.A., Silva, G. R. e Silva, D. V. (2010). A indisciplina numa escola portuguesa: Olhares da comunidade educativa. *Educação em Revista*, 11 (1), 93-104. Recuperado em 08 de maio, 2014 de <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/viewFile/660/543>

- González, E. G.(2007). *Psicología de la Educación y del Desarrollo en la edad escolar*. En Eugenio González González e José António Bueno Álvarez (comps), *Desarrollo en la adolescencia. Desarrollo social y moral. Problemática en el desarrollo de esta etapa* (pp. 348 – 392). Madrid: Editorial CCS
- Gotzens, C. (2003) *A disciplina escolar. Prevenção e intervenção nos problemas de comportamento*. Porto Alegre: Artmed
- Gouveia, V.V., Santos, W.S., Guerra, V.M., Fonseca, P.N. e Gouveia, R.S.V. (2013). A escala de autocontrole: adaptação brasileira e evidências de validade de construto. *Avaliação Psicológica*, 12 (3), pp. 379 – 386. Recuperado em 19 de maio, 2016 de <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5118596.pdf>
- Gulassa, M.L.C.R (2004). *A constiução da pessoa: os processos grupais*. Em Abigail Alvarenga Mahoney e Laurinda Ramalho de Almeida (orgs.), *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon* (pp.95 – 118). São Paulo: Loyola.
- Hanna, E.S. e Ribeiro, M.R. (2005). *Análise do comportamento: pesquisa, teoria e aplicação*. Em Josele Abreu-Rodrigues e Michela Rodrigues Ribeiro (orgs), *Autocontrole: um caso especial de comportamento de escolha* (pp. 175 – 287). Porto Alegre: Artmed
- Hargreaves, A., Earl, L. e Ryan, J. (2001). *Educação para mudanças: Recriando a escola para adolescentes*. (Letícia Vasconcellos Abreu, trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Herbert, M.(1992). *Entre la tolerancia y la disciplina, una guía educativa para padres*.(Maria Loura Ramos e Carlos E. Saltzmann, trads.).Barcelona: Paidós Ibérica.
- Hutz, C.S. e Bardagir, M.P. (2006). Indecisão profissional, ansiedade e depressão na adolescência: a influência dos estilos parentais. *Psico-USF*, 11 (1), 65-73. Solicitado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousf/v11n1/v11n1a08.pdf>
- Iglesias, B. e Romero, E. (2009). Estilos parentales percibidos, psicopatología y personalidad en la adolescencia. *Revista de Psicopatología y Psicología Clínica*. 14 (2), 63-77. Solicitado de [www.dialnet.es](http://www.dialnet.es)
- Kemp, J. (1996). *Nós temos filhos*. São Paulo: Sepal
- Kuzma, K.(2004). *Obediencia fácil – Enseñar a los niños autodisciplina com amor*. (Adriana Itin de Fermopase, Trad.) Buenos Aires: Sudamericana.
- Ledesma, R., Ibañez, G.M & Mora, P. V. (2002). Análisis de consistência interna

- mediante Alfa de Cronbach: um programa baseado em gráficos dinâmicos. *Psico-USF*, 7 (2), pp143-152. Recuperado em 3 de junho, 2016 de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712002000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712002000200003)
- Leite, E. R. C. e Costa, S. B. (1999). *Proposta Metodológica para Educação Básica na Escola Adventista*. União Central Brasileira.
- Libâneo, J. C. (2010). *Pedagogia e Pedagogos, para quê?* São Paulo: Cortez
- Lipp, M.N. (2002). *O Stress do Professor*. Campinas: Papirus.
- Lowe, A. (1998). *Como formar pequenos cristãos*. Tatuí – São Paulo: Casa Publicadora Brasileira.
- Medrado, H., Sajo, E., Mangini, R.C.R., Resta, S.C., Machado, C.S. e Moreira, B.S. (2008). *Violência nas Escolas*. Sorocaba, S.P.: Minelli.
- Mestre, M.V., Samper, P., Tur, A. E Díez, I.(2001). Estilos de crianza y desarrollo prosocial de los hijos. *Rev. De Psicol. Gral y Aplic.* 54, (4), 691-703. Solicitado de [dialnet.es](http://dialnet.es)
- Moraes, S.G. e Ferreira, M.E. (2011). *(In)Disciplina no contexto escolar – reflexões sobre a escola*. Artigo publicado nos anais do IV EDIPE. Anápolis Digital.
- Moreno, C. I. (2001). *Educar em Valores*. (Maria Luisa Garcia Prado, Trad.) São Paulo: Paulinas
- Naranjo, J.M.M-A. (2009). *Evaluación de la efectividad de programas destinados a la promoción y mejora de la convivencia en un centro de educacion secundaria de la provincia de ciudad real*. Tesis Doctoral. Burgos. Recuperado em 13 de julio, 2011 de [http://riubu.ubu.es/bitstream/10259/100/1/Mateos-Aparicio\\_Naranjo.pdf](http://riubu.ubu.es/bitstream/10259/100/1/Mateos-Aparicio_Naranjo.pdf)
- Nardone, G., Gianotti, E. e Rocchi, R.. (2003). *Modelos de família: conocer y resolver los problemas entre padres e hijos*. (Jordi Bargalló Chaves, Trad.) Barcelona: Paidós Ibérica.
- Paini, L.D. e Pingoelho, E. (2014). *PARFOR e Formação de Professores em debate: a concepção do professor sobre o bullying escolar*. Em Leonor Dias Paini, Cecília Edna Mareze da Costa e Max Rogério Vicentini (orgs), *PARFOR: Integração entre universidades e Ensino Básico diante dos desafios na formação de professores no Paraná*. (pp. 95 – 116). Maringá: Eduem.
- Paiva, M.O.A., (2009). *A Dinâmica do Autoconceito na Disrupção Escolar: Um estudo com alunos do 3º ciclo do Ensino Básico*. Trabalho de Pós-Doutoramento. Recuperado em 04 de maio, 2016 de <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/3262/3/MariaOlimpiaAlmeidadePaiva-RelatorioFinaldePosdoutoramento.pdf>

- Parolin, I. (2005). *Professores formadores: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem*. Curitiba: Positivo
- Peg, P. (2002). *Como administrar conflitos profissionais*. (Equipe Market Books, Trad.). São Paulo: Market Books.
- Perrenoud, F. (2000). *Dez Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artmed
- Perrenoud, F. (2001). *A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso*. (Claudia Chilling, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Picado, L. (2009). *A indisciplina em sala de aula: uma abordagem comportamental e cognitiva*. Recuperado em 03 de abril, 2016 de [www. Psicologia.pt](http://www.Psicologia.pt)
- Pina, F. H. e Tejada, J.D.C.S. (2009). *Métodos cuantitativos de investigación*. Em M<sup>a</sup> Pilar Colás Bravo, Leonor Buendía Eisman e Fuentesanta Hernández Pina (comps), *Competencias científicas para la realización de una tesis doctoral: guía metodológica de elaboración y presentación* (pp 63 – 96). Barcelona: Davinci.
- Posse, R. (1994). *La incorporación de los valores en el currículo*. XVII Seminario de Integración Fe y Enseñanza – Universidad Adventista de Colombia.
- Prust, L.W. e Gomide, P.I.C. (2007). Relação entre comportamento moral dos pais e dos filhos adolescentes. *Estudos de Psicologia*, 24 (1), 53-60. Solicitado de <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/epc/v24n1/v24n1a06.pdf>
- Realí, A.M.M.R. e Tancredi, R.M.S.P (2009). *Complexidade da Docência e formação continuada de professores*. Em Aline Maria de Medeiros Rodrigues Realí e Maria da Graça Nicoletti Mizukami (orgs.), *Interação Escola-famílias: ajudando a construir a proposta de um sistema de ensino* (pp.181-208) . São Carlos: EdUFSCar.
- Reichert, C.B. e Wagner, A. (2007). Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais. *PSICO*, 38, (3), 292-299. Solicitado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1496/2173>
- Rodriguez, P.A.C. (2011). *Disciplina y convivencia en los centros de secundaria. El procedimiento sancionador en los IES de Ceuta*. Tesis Doctoral. Universidad de Granada – ES.
- Romero, J.G., Armenta, M.F., Osorio, N.C., Betanzos, J.D.F. & Salido, L.C.O. (2006). Validación del cuestionario de prácticas parentales en una población Mexicana. *Enseñanza e Investigación en Psicología*, 11 (1), 115 – 128. Recuperado en 03 de julio, 2016 de <http://www.redalyc.org/pdf/292/29211108.pdf>

- Rosa, M.J.A. (2010). *Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem*. Itabaiana: Gepiadde, 4 (8), 143-158.
- Salvador, C.C., Mestres, M.M., Goñi, J.O. e Gallart, I. S. (1999). *Psicologia da Educação*. Porto Alegre: Artmed.
- Salvador, C. C., Alemany, I.G., Martí, E., Majós, T.M., Mestes, M.M., Goñi, J.O., Gallart, I.S. & Gimenez, E.V. (2000). *Psicologia do Ensino*. (Cristina Maria de Oliveira, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 1997).
- Santos, A.C.M. (2006). *Relacionamento familiar*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira.
- Segura, M. (2009). *Como ensinar crianças a conviver*. (Jacob Alberto J. Pierce, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Seruya, M.T., (2013). *A proximidade parental e a disrupção escolar percebida*. Dissertação de mestrado. Recuperado em 20 de junho de 2016 <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2559/1/15069.pdf>
- Sganzella, N.C.M. (2012). *O ambiente escolar e a indisciplina no ensino fundamental*. Revista Eletrônica de Educação e Ciências. 02, (1), 44-53. Recuperado em 20 de maio, 2014 de [http://www.fira.edu.br/revista/reec\\_vol2\\_num1\\_pag44.pdf](http://www.fira.edu.br/revista/reec_vol2_num1_pag44.pdf)
- Shaffer, D. R. (2002). *Desarrollo Social y de la Personalidad*. Madrid: Thomsom
- Shigunov Neto, A. e Maciel, L.S.B. (2000). *Escola Pública Necessária: uma análise da escola idealizada e criada no período da revolução Francesa em Alexandre Shingunov Neto, Elsa Midori Shimazaki e Janira Siqueira Camargo (orgs), O Pedagogo e o III milênio (pp.145 -151)*. Cianorte: Grafcel
- Silva, E. L. & Menezes, E. M. (2005). *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. UFSC: Florianópolis. Recuperado em 31 de maio, 2016 de [https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia\\_de\\_pesquisa\\_e\\_elaboracao\\_de\\_teses\\_e\\_dissertacoes\\_4ed.pdf](https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes_4ed.pdf)
- Silva, N.P. (2004). *Ética, Indisciplina & Violência nas Escolas*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Silva, A.B.A. (2010). *Bullying: Mentas Perigosas nas Escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Sprinthal, N. A. e Collins, W. A. (2003). *Psicologia do Adolescente – Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Teixeira, M.A.P e Lopes, F.M.M. (2005). Relações entre estilos parentais e valores humanos: um estudo exploratório com estudantes universitários. *Aletheia*, 22, 51-62. Recuperado em 01 e3 maio, 2016 de [pepsic.bvspsi.org.br/pdf/aletheia/n22/n22a05.pdf](http://pepsic.bvspsi.org.br/pdf/aletheia/n22/n22a05.pdf)



- Tiba, I. (1998). *Ensinar aprendendo: como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização*. São Paulo: Editora Gente.
- Tiba, I. (2006). *Disciplina. Limite na medida certa. Novos Paradigmas*. São Paulo: Integrare Editora
- Tiba, I. (2009). *Família de alta performance: conceitos contemporâneos na educação*. São Paulo: Integrare Editora
- Todero, F., Peruzzolo, G.T.B. e Mroczkoski, M. (2009). Indisciplina na escola e o cotidiano escolar: Buscando soluções conjuntas. *Revista de Educação do IDEAU*, 4 (8). Recuperado em 20 de junho de 2016 [http://www.ideau.com.br/upload/artigos/art\\_42.pdf](http://www.ideau.com.br/upload/artigos/art_42.pdf)
- Torío, S. L., Peña, J.V. C. e Inda, M. C. (2008). Estilos de educación familiar. *Psicothema*, 20 (1), 62-70. Recuperado em 20 de junho de 2016 de <http://dspace.sheol.uniovi.es/dspace/bitstream/10651/10626/1/Psicothema.2008.20.1.62-70.pdf>
- Urra, Javier. (2007). *O Pequeno Ditador. Da criança mimada ao adolescente agressivo*. (Carlos Aboim de Brito, Trad.). Lisboa: A Esfera dos livros. (Versão original publicada em 2006)
- UNESCO (2003). *Aprender a viver juntos: será que fracassamos? Síntese das reflexões e das contribuições extraídas da 46ª Conferência Internacional de Educação da UNESCO*. Brasília: IBE
- UNESCO (2006). *Cotidiano das escolas: entre violências*. Em Miriam Abramovay, (Coord.). Brasília: UNESCO, observatório de Violência, Ministério da Educação.
- Van Pelt, N. (1998). *Filhos Educando com sucesso: Como preparar os filhos para uma vida feliz e vitoriosa*. (Sueli F. Oliveira, Trad.) Tatuí-São Paulo: Casa Publicadora Brasileira.
- Veiga, F. (2007). *Investigação da Indisciplina e da violência com as escalas de interrupção escolar, inferida e professada*. Recuperado em 04 de maio de 2016 de [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6594/1/Indisciplina\\_viol%C3%Aancia\\_escala\\_disrup%C3%A7%C3%A3o\\_escolar.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6594/1/Indisciplina_viol%C3%Aancia_escala_disrup%C3%A7%C3%A3o_escolar.pdf)

- Veiga, F. (2011). *Avaliação do Bullying e da disrupção escolar: escalas em estudos portugueses com adolescentes*. Actas do VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação/Evaluación Psicológica, XV Conferencia Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, Universidade Lisboa, Portugal. Recuperado em 04 de maio, 2016 de <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/5329>
- Velez M.F.P. (2010). *Indisciplina e violência na escola: Factores de risco – um estudo com alunos do 8º e 10º anos de escolaridade*. Dissertação de mestrado. Universidade de Lisboa. Recuperado em 01 de abril, 2016 [https://docs.di.fc.ul.pt/bitstream/10451/2565/1/ulfp035799\\_tm.pdf](https://docs.di.fc.ul.pt/bitstream/10451/2565/1/ulfp035799_tm.pdf)
- Wall, W.D. (1983). *Educação Construtiva para Adolescentes – Vol.1*. Lisboa: Horizonte
- Weber, L.N.D., Brandenburg, O. J. e Viezzer, A.P. (2003). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *Psico-USF*, 8 (1), 71-79. Solicitado de <http://www.naobataeduque.org.br/site/documentos/3036eb8cf3ecf9f67c87c2833620a4b1.pdf>
- Weil, Pierri. (1993). *A criança, o lar e a escola. Guia prático de relações humanas e psicologia para pais e professores*. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes
- White, Ellen G. (2014a). *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*. (Isolina A. Waldvogel, Trad.) Tatuí – São Paulo: Casa Publicadora Brasileira
- White, Ellen G. (2014b). *Conselhos sobre Educação*. (Carlos A. Trezza, Trad.) Tatuí – São Paulo: Casa Publicadora Brasileira
- White, Ellen G. (2016a). *Educação*. Tatuí – São Paulo: Casa Publicadora Brasileira
- White, Ellen G. (2016b). *Fundamentos da Educação Cristã*. (Naor G. Conrado, Trad.) Tatuí – São Paulo: Casa Publicadora Brasileira.
- Yaegashi, S.F.R. (2007). *Família, desenvolvimento e aprendizagem: um olhar psicopedagógico*. Em Elaine Rodrigues e Sheila Maria Rosin (orgs), *Infância e práticas educativas* (pp. 69 – 80). Maringá: Eduem

**LEIS**

**Lei Maria da penha** - Lei 11340/06, de 7 de agosto de 2006,  
recuperado em 31 de maio, 2016 de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)

**Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira** – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996,  
recuperado em 31 de maio, 2016 de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)

# APÊNDICES



## APÊNDICE A - Questionário Funcional de Estilos Educativos de Pais

A seguir, encontrará uma série de perguntas relacionadas com situações da vida diária que acontecem em sua família, entre você e seu/a filho/a. Por favor, responda **todas** as questões para que as informações sejam válidas. Não há respostas certas ou erradas, o importante é responder **como é**, não como **gostaria de ser**.

Todos os dados são confidenciais e não é necessário colocar nome ou qualquer identificação. As respostas serão utilizadas para a realização de um estudo sobre as condutas disruptivas na sala de aula, sua relação com a família e as implicações na escola.

**A1)** Idade:.....      **A2)** Pessoa que completa o questionário    ( ) Pai    ( ) Mãe

**A3)** Estado Civil: ( ) Casado/a      ( ) Solteiro/a      ( ) Viúvo/a      ( ) Separado/a

**A4)** Número de filhos: 1 ( )      2 ( )      mais ( )

**A5)** Seu nível educativo:

( ) Nível primário                      ( ) Nível fundamental                      ( ) Nível Ens. Médio  
( ) Nível Universitário                      ( ) Pós-Graduação                      ( ) Mestrado/Doutorado.

**B1) Você se comporta considerando que o que faz ou diz pode ser imitado por seu filho/a?**

( ) sim      ( ) não      ( ) às vezes

**B2) Em termos gerais, diria que em sua família há uma disciplina:**

( ) Flexível (as normas podem variar dependendo das circunstâncias).  
( ) Rígida (as normas não variam apesar das circunstâncias).

**B3) Acredita que tem autoridade sobre seu filho/a, ou seja, seu filho/a lhe obedece com facilidade?**

( ) Sim, facilmente.  
( ) Às vezes, depende das circunstâncias.  
( ) Não muita, creio que tenho pouca autoridade.

**B4) Assinale sua maneira de educar entre uma das seguintes opções:**

( ) Sempre recompensando meu filho/a por aquilo que faz correto.  
( ) Às vezes recompensando pelas coisas corretas que faz.  
( ) Às vezes recompensando, independentemente do que faz ou deixa de fazer, mas simplesmente para expressar meu carinho.  
( ) Normalmente não recompensando meu filho/a, considero que fazer as coisas bem é sua obrigação.

**B5) Seu filho/a participa na hora de tomar decisões familiares?**

- ( ) Não, acredito que isso cabe aos adultos.  
 ( ) Normalmente não, mas as vezes ouve algo e opina.  
 ( ) Sim, quando a decisão afeta especialmente a ele/ela.  
 ( ) Sempre, pois cada membro da família tem direito a um voto.

<b>B6) Indique com que frequência utiliza os seguintes castigos ou correções com seu filho/a:</b>	Nunca	Às vezes	Muitas	Sempre
	1	2	3	4
a) Privo-lhe de algo que goste ( <i>Ex: Tv, usar tablet, jogos, etc.</i> )				
b) Aplico-lhe um castigo corporal ( <i>Ex: palmadas, varadas, etc.</i> )				
c) Dou uma bronca				
d) Dou deveres e coloco para estudar				
e) Dou tarefas domésticas				

<b>C1) Marque o que você faz frequentemente em relação ao seu filho/a:</b>	Nunca	Algumas	Muitas	Sempre
	1	2	3	4
1. Deixo que meus filhos tomem suas próprias decisões, mesmo que eu não esteja de acordo.				
2. Na minha casa, sou eu quem estabelece as regras que meu filho/a deve obedecer.				
3. Na minha casa, todos participam na hora de estabelecer as regras familiares.				
4. Geralmente oriento meu filho através do diálogo e da disciplina.				
5. Desisto de intervir quando meu filho/a faz birras ou é insistente.				
6. Normalmente exijo que meu filho/a faça as coisas que eu acredito serem corretas, mesmo que ele/a não concorde.				
7. Emprego o castigo físico como meio de disciplinar meu filho.				
8. Explico a meu filho/a as consequências de suas más condutas.				
9. Quando meu filho/a e eu não estamos de acordo, deixo que ele/a faça como quiser.				
10. Se tenho um conflito com meu filho/a, procuro solucionar junto com ele/a.				
11. Levo em consideração os desejos de meu filho/a antes de pedir-lhe que faça algo.				
12. Quando peço para meu filho/a fazer algo, espero que faça imediatamente e sem questionamentos.				

## APÊNDICE B - Questionário do aluno



*O presente questionário tem a finalidade de conhecer um pouco melhor as relações problemáticas que se produzem dentro da escola e na sala de aula. As informações são confidenciais e não é necessário colocar o nome. Por favor, responda **todas** as questões para que as informações sejam válidas. Não há respostas certas ou erradas, o importante é responder **como você é** não como **gostaria de ser**.*

*As respostas serão utilizadas para a realização de um estudo sobre as condutas disruptivas na sala de aula, sua relação com a família e as implicações na escola.*

**A1) Sexo:** Masculino ( ) Feminino ( )      **A2) Idade:**.....

**A3) Ano de escolaridade:**.....

**A4) Têm irmãos:** Não ( ) Sim ( ) Quantos? ( )

**A5) Os pais vivem juntos** ( ) Pais separados ( )

### **B1) Com quem você mora?**

( ) Com seus pais                      ( ) Só com um deles

( ) Com outros familiares      ( ) Outro \_\_\_\_\_

### **B2) Como você se sente em casa?**

( ) À vontade, tenho um ótimo relacionamento com minha família.

( ) Normal, bem.

( ) Não me sinto à vontade

( ) Não me tratam bem.

### **B3) Como você se sente no colégio?**

( ) Muito bem                      ( ) Normal, bem

( ) Às vezes sinto mal              ( ) Muito mal, não gosto.

### **B4) Como você é tratado pelos professores?**

( ) Muito bem                      ( ) Normal, bem.

( ) Regular, nem bem e nem mal      ( ) Mal

<b>C1) Marque com um X em cada item o número que mais se aproxime da sua atitude em cada caso:</b>	Nunca	Algumas	Muitas	Sempre
	1	2	3	4
1. Sinto-me desmotivado/a <i>para realizar minhas atividades.</i>				
2. Tenho complexo de culpa. ( <i>Tenho a tendência de me sentir culpado quando acontece algo em casa ou na escola.</i> )				
3. Tenho baixa autoestima ( <i>ex: me acho feio/a, não gosto do meu corpo, acho que não sei fazer nada, etc.</i> )				
4. Sou pessimista. ( <i>ex: sempre acho que tudo vai dar errado comigo ou com os outros</i> )				
5. Às vezes sou rebelde				
6. Tenho medo ( <i>acho que sou medroso</i> )				
7. Tenho dificuldades em tomar decisões. ( <i>ex: Até mesmo com coisas simples, como escolher a roupa para sair, o quê comer, etc.</i> )				
8. Às vezes acho que sou imaturo/a <i>para a idade que tenho</i>				
9. Sou dominador/a ( <i>ex: gosto que os outros façam o que eu quero</i> )				
10. Nem sempre respeito ( <i>meus pais, professores, os mais velhos</i> )				
11. Sou pouco responsável				
12. Sou desorganizado/a				
13. Tenho dificuldades em me adaptar às regras da escola				
14. Sou egoísta				
15. Sou desorientado/a nos afazeres ( <i>quando tenho algo para fazer, não sei bem como e por onde começar</i> )				
16. Valorizo pouco as coisas que tenho				
17. Tenho autoestima elevada ( <i>ex: acho-me bonito/a, gosto de mim, me sinto bem...</i> )				
18. Ouço os conselhos dos meus pais				
19. Sou confiante ( <i>ex: comigo mesmo e no que faço</i> )				
20. Respeito os outros				
21. Sou responsável				
22. Participo nas decisões da família				
23. Sei usar a liberdade que tenho				
24. Sinto que tenho maturidade <i>para a minha idade.</i>				

<b>D1) Todas as frases a seguir têm a ver com o teu comportamento na escola, marque com que frequência isso acontece:</b>	Nunca	Algumas	Muitas	Sempre
	1	2	3	4
01. Destruo intencionalmente o material da escola.				
02. Agrido fisicamente os meus colegas.				
03. Sou obediente aos professores.				



04. Falo sem autorização, perturbando as aulas.				
05. Agrido fisicamente os professores.				
06. Digo palavrões na aula.				
07. Saio do lugar, faço barulho e perturbo a aula.				
08. Esqueço-me de trazer material para as aulas.				
09. Pego coisas na escola que não são minhas.				
10. Agrido verbalmente os professores.				
11. Sou pontual ao chegar às aulas.				
12. Falto às aulas por desinteresse.				
13. Fico distraído (a) nas aulas.				
14. Agrido verbalmente os meus colegas.				
15. Ameaço as pessoas na escola.				

## APÊNDICE C - Questionário para os Professores



*O presente questionário tem a finalidade de conhecer um pouco melhor as relações problemáticas que se produzem dentro da escola e na sala de aula. Pedimos sua colaboração completando este questionário de forma que expresse livremente e com toda confiança suas opiniões. As informações são confidenciais e não é necessário colocar o nome. Por favor, responda **todas as questões** para que as informações sejam válidas. Não há respostas certas ou erradas, o importante é responder **como é** não como **gostaria de ser**.*

*As respostas serão utilizadas para a realização de um estudo sobre as condutas disruptivas na sala de aula, sua relação com a família e as implicações na escola.*

**A1) Idade:**..... **A2) Sexo:** ( ) Masculino ( ) Feminino

**A3) Estado Civil:** ( ) Casado/a ( ) Solteiro/a ( ) Viúvo/a ( ) Separado/a

**A4) Titulação que te habilita para ser professor/a:**.....

**A5) Outras titulações:**

( ) Pós Graduação ( ) Outra licenciatura ( ) Mestrado

( ) Curso Técnico/Profissionalizante ( ) Doutorado ( )

Outras:.....

**A6) Tempo de experiência na docência:**

( ) 1 ano ( ) Entre 2 e 3 anos ( ) Entre 4 e 6 anos

( ) Entre 7 e 10 anos ( ) Entre 11 e 15 anos ( ) Entre 16 e 20 anos

( ) Mais de 20 anos:.....

**A7) Qual é o seu nível de atuação?**

( ) Educação Infantil ( ) Ensino Fundamental I

( ) Ensino Fundamental II ( ) Ensino Médio

**B1) Você considera que as agressões e os conflitos nas escolas sejam atualmente um problema:**

( ) muito importante ( ) bastante importante ( ) relativamente importante

( ) não tão importante ( ) sem nenhuma importância.

**B2) Qual a porcentagem aproximada de seu tempo escolar é investida em temas relacionados com a disciplina e os conflitos?**

- Menos que 20%       Entre 21 e 40%       Entre 41 e 60%  
 Mais do que 60%       Não tenho problemas de disciplina.

**B3) De maneira geral, quando você tem um problema de disciplina ou conflito com os alunos:**

- Comunico ao diretor/a ou a orientadora  
 Comento com meus companheiros e escuto seus conselhos  
 Não o comunico, procuro resolvê-lo eu mesmo  
 Não o comunico porque não me sinto apoiado por meus colegas e superiores.

**B4) Marque com um X somente uma alternativa de resposta em cada pergunta:  
(Levar em consideração o que você faria primeiro)**

**1. O que você faz quando um aluno lhe interrompe na aula?**

- a) Mando calar, corrijo e aplico castigo em caso de reincidência.  
b) Ignoro.  
c) Converso com ele sobre a importância em mostrar respeito pelos outros.  
d) Aviso a família para que ela tome as medidas necessárias.

**2. O que você faria com um aluno que faz comentários depreciativos dirigidos a outros alunos em aula?**

- a) Em primeiro lugar, conversaria com a família para tratar desse assunto.  
b) Reprenderia seu comportamento diante dos colegas e castigaria.  
c) Trataria do problema com todo o grupo da classe.  
d) Conversaria com o aluno em particular e tentaria que ele pedisse perdão aos colegas.  
e) Não faria nada se ele não interrompesse a aula.

**3. Que faria com um aluno que faz algum comentário depreciativo dirigido a você?**

- a) Se não fosse grave, não daria muita importância, me faria de surdo.  
b) Passaria por alto e ao final da aula falaria em particular com o aluno para ganhar sua confiança e diria para não voltar a repetir esse ato.  
c) Recriminaria rapidamente seu comportamento e aplicaria o que diz o regulamento interno do colégio a respeito do ocorrido.  
d) Solicitaria que se desculpasse em público.

**4. O que você faria diante de um aluno que se nega a realizar as atividades propostas em aula?**

- a) Lembraria que é uma obrigação e alertaria para não repetir isso de novo, se necessário, castigaria.
- b) Dialogaria com o aluno para saber o motivo e depois falaria com a família para buscar uma solução conjunta.
- c) Motivaria com algo que ele goste. Faria atividades atrativas e ajudaria a realizá-las.
- d) Comunicaria os pais para eles tomarem as medidas necessárias.
- e) Não faria nada, se ele não incomodasse.

**5. O que faria diante de uma situação de desafio à sua autoridade ou desobediência proposital do que você pede para fazer em sua aula?**

- a) Conversaria seriamente com o aluno em aula e não permitiria em absoluto um ataque à autoridade do professor. Se necessário, o expulsaria da sala.
- b) Dialogaria com ele de maneira individual para que me explicasse o porquê de seu comportamento.
- c) Informaria imediatamente os pais para que eles aplicassem as medidas disciplinares oportunas.
- d) Tentaria colocar em prática algum programa ou projeto de modificação de conduta.

**6. O que faria se soubesse de uma situação de mal tratos entre os alunos (Bullying)? Um grupo insulta, xinga, agride, coloca apelidos, esconde os pertences e exclui um aluno seu...**

- a) Conversaria com esse grupo, sensibilizando-os, mostrando as consequências para o aluno, para que eles se colocassem no lugar da vítima, etc...
- b) Conversaria com o aluno (vítima) e sua família e avisaria o coordenador de disciplina, a orientadora e a direção da escola para eles tomarem as medidas apropriadas.
- c) Protegeria o aluno (vítima) e aplicaria uma dura sanção ao grupo agressor.
- d) Conversaria com os alunos (agressores) e com suas famílias para que seus pais tomassem as medidas necessárias para que essa situação não volte a repetir.

**7. O que faria diante de um caso de vandalismo dentro do colégio e que afete os pertences das pessoas que trabalham na escola?**

- a) Faria um trabalho de prevenção sobre os valores, respeito e cuidado com os pertences das pessoas e das coisas de uso comum na escola.
- b) Tentaria descobrir quem havia cometido o ato e dependendo da gravidade, faria uma ocorrência e uma proposta de suspensão.
- c) Identificaria os implicados para tratar, de forma privada, de resolver o problema, alertando para que isso não voltasse a acontecer.
- d) Identificaria os responsáveis, falaria com as famílias e faria com que reparassem os danos praticados.
- e) Expulsão e reparação dos danos.

**8. O que faria diante de uma situação de agressão (física ou verbal) de um aluno para com o outro. Incluem-se as brigas.**

- a) Castigaria o comportamento imediatamente e comunicaria as famílias.
- b) Repreenderia seu comportamento e advertiria de um castigo, caso reincidissem.

- c) Conversaria em particular com os envolvidos e trataria de buscar uma solução que satisfizesse ambas as partes.
- d) Investigaria o problema e assim que tivesse as informações, passaria para a coordenação disciplinar, orientação ou direção da escola.
- e) Conversaria com cada um individualmente e depois em conjunto para que se desculpassem e se comprometessem a resolver suas diferenças com métodos pacíficos.

**9. O que faria diante de uma situação de agressão verbal de um aluno para contigo?**

- a) Passaria o caso para a coordenação disciplinar, orientação ou direção e pediria que expulsassem imediatamente o aluno da aula.
- b) Para evitar que se repita a situação, faria uma advertência/ocorrência.
- c) Não atuaria no momento. Tentaria falar em particular com o aluno para tratar de buscar uma alternativa educativa e eficaz.
- d) Repreenderia seu comportamento e colocaria o caso para a coordenação disciplinar, orientação ou direção da escola tomar as devidas medidas contempladas no regulamento interno.
- e) Informaria os pais para que eles castigassem o comportamento.

C1) Assinale com que frequência acontece em <u>suas aulas</u> as seguintes condutas disruptivas:	Nunca	Algumas Vezes	Frequentemente	Sempre
	1	2	3	4
a) Perturbação do normal desenvolvimento das atividades da classe.				
b) Impedir ou dificultar o estudo dos colegas.				
c) Desafio à autoridade do professor				
d) Vandalismo dentro da sala (riscar paredes, carteiras, destruir o material da escola, etc.)				
e) Agressões verbais aos colegas e o professor.				
f) Agressões físicas entre alunos.				
g) Agressão física ao professor.				
h) Não cumprimento das regras estabelecidas.				
i) Falta de assistência às aulas.				
j) Falta de pontualidade nas aulas.				
k) Uso de palavrões ou palavras não autorizadas.				
l) Discriminação racial ou social				

<b>C2) Como qualificaria, quanto à <u>gravidade</u>, as seguintes condutas disruptivas?</b>	Não sei	Leve	Grave	Muito Grave
	1	2	3	4
a) Perturbação do normal desenvolvimento das atividades da classe.				
b) Impedir ou dificultar o estudo dos colegas.				
c) Desafio à autoridade do professor				
d) Vandalismo dentro da sala (riscar paredes, carteiras, destruir o material da escola, etc.)				
e) Agressões verbais aos colegas e o professor.				
f) Agressões físicas entre alunos.				
g) Agressão física ao professor.				
h) Não cumprimento das regras estabelecidas.				
i) Falta de assistência às aulas.				
j) Falta de pontualidade nas aulas.				
k) Uso de palavrões ou palavras não autorizadas.				
l) Discriminação racial ou social				

## APÊNDICE D - Guião das entrevistas



### Entrevista com a Diretora

1. Como a direção lida com a questão dos conflitos na escola, entre professores, funcionários e alunos?
2. Como a direção lida com o problema da violência, Bullying e agressividade na escola, tanto no aspecto físico, como verbal?
3. E agressividade ao professor, acontece?
4. E o Bullying tem acontecido? Tem algum caso concreto?
5. Como é a relação da escola com a família? A escola tem desenvolvido algum projeto de prevenção à violência, Bullying, indisciplina, etc., junto às famílias? Como diretora, teria uma proposta de prevenção ou combate às condutas disruptivas na escola?

### Entrevista com a Coordenadora Pedagógica

1. Como coordenadora, percebe que existe conflitos entre professores no CACM? Como tem sido o relacionamento entre os professores?
2. Como atua para minimizar os conflitos existentes entre professores?
3. Normalmente, como os professores agem diante de situações disciplinares que interferem no desenvolvimento das aulas?
4. O estilo do professor (autoritário, permissivo ou democrático) influencia no controle da indisciplina na sala de aula?
5. O que você espera do professor, no que se refere a gerir os conflitos em sala de aula?
6. Acontece ou já aconteceram casos de agressões físicas a professores no CACM? E agressões verbais são comuns?
7. Quais estratégias utiliza para motivar os professores, diante dos problemas disciplinares?

### **Entrevista com a Orientadora Educacional**

1. Como são as relações entre os alunos do CACM?
2. Que tipos de conflitos normalmente há entre os alunos?
3. Acontecem situações de agressividade física ou somente verbais?
4. Como são resolvidos os conflitos? Quando acontece um conflito mais grave, por exemplo, de violência, como são resolvidos?
5. Em sala de aula, quais são os problemas indisciplinados mais frequentes que chegam ao setor de orientação para serem resolvidos?
6. Em sua opinião, quais as maiores causas da indisciplina na escola?
7. Existem casos concretos de Bullying que se tem conhecimento no CACM? Como são tratados e resolvidos estes casos?
8. Quais critérios a escola usa para suspender ou expulsar um aluno indisciplinado?
9. A escola tem desenvolvido algum projeto de prevenção à violência, Bullying, indisciplina, etc, junto aos alunos?
10. Como orientadora você teria uma proposta para prevenir ou para penalizar as condutas disruptivas na escola?



## APÊNDICE E - Transcrição das Entrevistas

Obs: A entrevista foi feita com duas coordenadoras e uma orientadora ao mesmo tempo.

Identificaremos as respostas como:

**C1** – Coordenadora 1

**C2** – Coordenadora 2

**O** – Orientadora.

A entrevista com a diretora ocorreu em outro dia, separadamente.

### Perguntas para Coordenação Pedagógica

1. *Como coordenadoras, vocês percebem que existe conflitos entre professores no CACM?*

**C1** - Não, a gente não tem, justamente porque, é assim, antes de contratar um professor a gente estabelece um perfil e dentro deste perfil um dos fatores importantes é que ele mantenha um bom inter-relacionamento com seus alunos, quando o aluno não tem uma identificação com o professor geralmente ele também não gosta da matéria e não vai bem naquela disciplina então a gente coloca como prioridade esse relacionamento com alunos.

*Como tem sido o relacionamento entre os professores?*

**C1** - É tão diferente, porque temos os níveis né...

**C2** - tem professores que tem mais afinidades depende das áreas de atuação, da disciplina, então eles formam os seus grupos, mas nenhum tipo de relacionamento de excluir o outro, de ser agressivo.

**O** - O clima na sala dos professores é bem agradável.

**C1** - Eles amam ficar ali juntos...Existem divergências de ideias, discussões.

**C2** - Às vezes alguns professores tem atitudes meio imaturas, mas eles trazem aqui, compartilham e a gente vai mediando. Não é assim, aquela coisa de um professor afrontar o outro e ficar de cara virada, nem sem conversar...

2. *Como vocês atuam para minimizar os conflitos existentes entre professores?*

**C1** - Quando o assunto é individual, a gente trata individual, a gente resolve sempre junto com a direção, a direção sempre toma conhecimento, a gente sempre procura não expor o professor diante dos colegas, nada disso. Quando é um assunto geral, é tratado em reunião pedagógica

3. *Normalmente, como os professores agem diante de situações disciplinares que interferem no desenvolvimento das aulas? O que vocês esperam do professor, no que se refere a gerir os conflitos em sala de aula?*

**C1** - Então,... como a gente tem uma equipe de disciplina, nós trabalhamos com uns bloquinhos de ocorrências, e quando o aluno desafia o professor, ou não faz a tarefa, ou não traz o material, ou tem comportamento inadequado, a gente trabalha com essa fichinha que o professor preenche, manda o aluno junto com o monitor e vem para a orientadora e essa ocorrência é registrada no sistema e fica disponível para os pais. (Modelo em anexo)

**O-** Temos aquele cuidado sempre de o professor se sentir apoiado, é claro que tem muitos momentos que eles se excedem, fazem aquele barulho, e a gente entra com a questão do equilíbrio para não desautorizar o professor, mas não ser “duro” em momentos que a gente precisaria ser mais flexível, passando a confiança para o professor e não desautorizando e ao mesmo tempo sendo muito firme com os alunos.

**C2** - A gente vai trabalhando com o professor pra ele ter autonomia para resolver esses conflitos em sala, porque se tudo o que acontece vir pra cá, acaba se perdendo a seriedade e o aluno acaba perdendo o “acreditar” no professor, desde os pequenininhos, pra eles usarem as situações de conflito como uma forma de aprendizagem também, pra eles se imporem, o respeito em sala e em casos extremos, então eles vem pra cá.

4. *O estilo do professor (autoritário, permissivo ou democrático) influencia no controle da indisciplina na sala de aula?*

**C1** - É...principalmente o permissivo porque eles tem esse professor como “bonzinho”, mas que na realidade depois eles vem aqui e falam que o professor não deu aula, que o professor só

brinca, que o professor é “isso”, que o professor é “aquilo”. Então a gente sempre procura,... por exemplo, o professor que é muito autoritário, a gente trabalha a questão do equilíbrio, na questão do autoritarismo e o professor que é muito permissivo também questão de ser mais enérgico com relação a algumas exigências e a gente faz também uma avaliação dos professores (semestral), com os alunos, inclusive estou mostrando para os professores o que os alunos acham da disciplina deles. O aluno dá a nota para o professor e a disciplina e explica o porquê da nota, é muito legal, bem bacana...tudo o que o aluno pensa do professor está ali.

**C2** - Já as professoras do quarto e quinto anos, são mais democráticas porque passam muito tempo com eles e acabam tendo que conciliar muitas coisas, não podem ir muito para o lado disciplinador e nem tão frouxo demais senão elas perdem o domínio.

*5. Acontece ou já aconteceram casos de agressões físicas a professores no CACM? E agressões verbais são comuns?*

**C1** - Graças a Deus não...As agressões verbais acontecem, principalmente quando chegam aos catorze até os dezessete, mas não é constante e quando isso acontece, o aluno é advertido, a gente chama o professor e tenta fazer uma conciliação, a família é comunicada, as vezes pode ser até suspenso, depende da gravidade.

*6. Quais estratégias são utilizadas para motivar os professores, diante dos problemas disciplinares?*

**C1** - Uma coisa que a gente trabalha muito aqui é de o professor ter livre acesso aqui com a gente (referindo-se a sala da coordenação e orientação), porque colocamos pra eles que o professor que nos procura, vai ter sempre o nosso apoio...não resolve nada sozinho, procure sempre a gente, pra aconselhar, ... as orientações que a gente passa. Eu sinto que o nosso grupo confia muito na gente, porque qualquer coisa que aconteça, eles trazem pra gente, a dificuldade...o que eu faço ou poderia fazer? Como posso desenvolver “tal” coisa...Agora mesmo, por exemplo, a questão de relacionamento, teve alunos que colocaram diante de um

professor que ele não conseguia chegar neles, não tinha empatia e tudo mais, então eu sugeri para o professor, se aproximar mais, fazer aulas mais dinâmicas, onde você se posicione mais junto com eles, faz uma atividade diferente, ou propõe uma saída com eles pra sair um pouco do ambiente, uma viagem...e o aluno percebe que o professor é “gente”, vamos dizer, ser humano.

**C2** - Nossa postura é sempre de apoio a eles, pra conversar com os pais, a gente está junto, pra conversar com os alunos, então eles sentem que podem trazer e a gente vai de imediato apoiar...

**O** - E ao mesmo tempo aquele feedback, porque a gente as vezes ouve coisas dos pais que não são gostosas de ouvir, mas a gente relata pra eles, e no momento que acontece, então eles não ficam “enganados” e existe a possibilidade de melhorar nesse aspecto.

**C1** - Não seria enganados, mas sim alheios.

**O** - É aquela questão do apoio...tem, acontece, mas eles são apoiados. Com aquele momento de conversa, eles têm a oportunidade de estar fazendo diferente...

**C2** - E a gente não fica adiando muito pra chamar a família porque a escola as vezes fica segurando... aconteceu a situação, tá sendo constante, já chama, já conversa, isso é rápido.

### **Perguntas para a Orientadora Educacional**

*1. Como são as relações entre os alunos do CACM? Que tipos de conflitos normalmente há entre os alunos?*

**O** - Os “conflitinhos”, aquelas “bobeirinhas”, se a gente não der a devida importância eles podem virar muito grande... A nossa conduta, inclusive com os monitores e a gente enquanto equipe é: aconteceu uma coisa, já resolve logo pra que não se torne grande e todo probleminha que acontecer, já ir pra casa sabendo que está resolvido, porque a criança vai chegar em casa, independente da idade e vai contar, mas se já foi resolvido, a família vem, até porque faz parte, mas já se sentiu acolhido e sentiu que a escola já fez o que precisava, assim a gente evita muitos problemas em relação a isso, mas os “conflitinhos” tem sim, sempre.

*2. Acontecem situações de agressividade física ou somente verbais?*

**O** - Desde que estou aqui, há treze anos, eu não tinha visto acontecer ainda, mas semana passada aconteceu uma situação sim, foi interrompida rapidamente, mas aconteceu, eles estavam na

quadra (alunos maiores), não teve ninguém machucado, só começaram e como a equipe já estava ali, resolveu...ficaram de suspensão, mas não é uma prática acontecer.

3. *Como são resolvidos os conflitos? Quando acontece um conflito mais grave, por exemplo, de violência, como são resolvidos?*

**O** - Nessa situação específica, a gente estava em curso então não acompanhei o começo, mas geralmente a gente chama as partes envolvidas, ouve separadamente os motivos de cada um e depois a gente coloca eles juntos para que...eles mesmos acabam chegando a conclusão dos erros e se acertando, então geralmente eles já saem daqui acertados, depois vem o processo de informar a família, ... Graças a Deus, nesse caso específico a família “assinou embaixo” de todo o procedimento que acho que fez a diferença também. Foi uma suspensão em casa, a gente não gosta de trabalhar com suspensão em casa porque é muito bom, você não vem pra escola e acabou...

4. *Como acontecem as suspensões?*

**O** - Até o ano passado a gente usava mais a suspensão assistida que é aquela que o aluno fica na escola (na coordenação ou num local específico da escola) e faz todas as atividades que faria em sala. Nesse caso específico dos alunos da semana passada, eles foram pra casa só que tiveram que vir pra escola no horário da entrada para trazer a ocorrência assinada, no outro dia tiveram que vir às sete e meia (horário de entrada) pra fazer a prova e foram embora... a gente tentou dificultar um pouquinho pra eles e a nossa intenção era dar atividades extras para eles fazerem em casa, mas pela nossa correria, não conseguimos fazer.

5. *Normalmente você, como orientadora, é que trata destas questões disciplinares ou a Coordenação disciplinar trata também?*

**O**- Eu acabo tomando conta disso, a coordenação disciplinar resolve as coisas pequenas. Todas as ações que envolvem entrar em contato com a família, eu estou junto.

**C2** – Situações de pátio e coisas pequenas, eles que resolvem (coordenação disciplinar).

**O** - Toda ação que, por exemplo, a gente chega à conclusão que vai ser uma suspensão, eu não tomo a decisão sozinha, a gente divide, por exemplo, ontem eu tive que...tivemos que chegar numa conclusão de uma suspensão, a diretora não estava, então a gente conversou...deixei lá em outra sala o monitor com o aluno, e vim aqui (sala da coordenação e orientação), conversei, pra sair um pouco, pra pensar...geralmente sempre tomamos a decisão em equipe. No caso dele foi somente um dia (de suspensão), não chegamos a trabalhar com três dias ou mais.

*6. E expulsão, acontece ou já aconteceu?*

**O** - Já, no ano passado, que um aluno trouxe uma arma pra escola, a gente não pegou a arma... o fato é que a gente “amarrô” tudo pra mandar embora, só que como as leis, são todas contra a gente, o menino foi num dia, quando foi no outro já voltou...já tivemos dois casos assim...só que o aluno não aguenta a pressão e acaba saindo. É questão de uma semana.

**C2** - Trabalhamos com a família e a família sente que é melhor para o aluno, sair da escola.

**C1** - Nada, nenhuma dessas atitudes fogem do código de ética que é apresentado pra família no momento da matrícula.

**O** - E quando chega acontecer uma situação assim é porque já foi trabalhado muito, mas expulsão mesmo, foi esse caso específico de uma arma dentro da escola, que a gente não tinha o que fazer, por mais que “diz” que a arma era de atirar em passarinho, de brinquedo, mas não dá pra brincar.

*7. Existem casos concretos de Bullying que se tem conhecimento no CACM? Como são tratados e resolvidos estes casos?*

**O** - Casos declarados nós não temos, mas desde sempre a gente vem trabalhando assim e até então tem dado certo, mas a gente procura, logo que surgem as pequenas coisinhas a gente já tenta minimizar ali, então até hoje não cresceu dentro da escola, só se tiver alguma coisa aí que a gente não saiba realmente.

8. *A escola tem desenvolvido algum projeto de prevenção à violência, Bullying, indisciplina, etc, junto aos alunos? Tem alguma proposta para prevenir ou para penalizar as condutas disruptivas na escola?*

**C2** - Temos as capelas que tratamos desses assuntos. Para o quarto e quinto anos, tivemos uma palestra com um policial, para falar da seriedade e que isso é crime, ele abordou desde as coisas mais pequenas, como brincadeiras, apelidos e até onde isso pode chegar...E em sala as professoras vão abordando o tema, pois em sala conseguem visualizar mais de perto.

**O** - De 6º ano ao Ensino Médio o Pastor, logo no início do ano abordou essa questão do Cyberbullying que é o que acontece, acho que, quase mais, porque de vez em quando temos algum probleminha nesse sentido. Então ele trabalhou com filminhos, foi bem bacana essa capela dele. Quando chega setembro, trabalhamos o projeto “quebrando o silêncio” que envolve um projeto maior, aí vem a questão dos abusos, etc.

**C1** - Agora teremos uma feira cultural com o tema Consciência e Cidadania que envolve bastante isso também, as questões dos direitos e deveres, que não adianta ter o direito e não cumprir o seu dever.

### **Perguntas para a Diretora**

1. *Como a direção lida com a questão dos conflitos na escola, entre professores, funcionários e alunos?*

Eu procuro assim, vamos por partes: com alunos a gente trabalha sempre a questão de conversar com eles, fazer as orientações, fazer a mediação entre eles também, pra que eles possam um entender o lado do outro e tentar se perdoar, se resolver a situação e “bola pra frente”. Na verdade a gente não tem grandes conflitos entre os alunos, são pequenos conflitos, principalmente os pequenos, que é mais coisa da idade, né. Agora com os maiores, a gente não tem assim. O que gera muito conflito é a questão do Bullying, mas quando tem alguma coisa a gente consegue ir bem ao ponto e dar uma “exterminada”, a gente faz um trabalho bem consistente então vai exterminando estas questões.

Na questão dos funcionários, professores, também existe, eu penso que toda escola tem, não adianta falar que aqui não existe, é tudo um mar de rosas, em toda empresa é complicado. Na verdade existe sim, existe competição, já existiu caso, por exemplo, de um professor dar indireta em outro em sala de aula, este ano, aí a gente chama o professor, assina advertência... o próprio aluno relata, porque aluno se diz amigo do professor, mas quando ele quer, quando interessa. A gente procura trabalhar nas reuniões, nos encontros, a gente procura proporcionar um clima para que se tenha uma amizade profissional que não gere esse tipo de coisa. Pela filosofia da escola, já ajuda. Eu já trabalhei em ambientes que não tem a filosofia cristã que era muito pior, mais difícil. Então existem alguns conflitos mas não são tão sérios. Existiu esse caso pontual e a gente chamou o professor e ele se retratou com o outro colega e a gente vai trabalhando nesse sentido. Eu não gosto desse negócio de fofoquinha e quando tem, já vou no ponto, chamo e converso, porque é desagradável. Eu gosto de matar o mal pela raiz e se tiver que cortar, corta logo... conversar, nós somos adultos, e caminhar por uma esfera adulta.

*2. Como a direção lida com o problema da violência, Bullying e agressividade na escola, tanto no aspecto físico, como verbal?*

A gente trabalha muito com projetos e na verdade, trabalhamos muito com a prevenção. Não adianta remediar, temos que prevenir então tudo o que você previne, você evita remediar, digamos assim. Então a gente trabalha muito os projetos, as virtudes, por exemplo, na sala de aula, nos cultos, a professora já vai trabalhando isso com as crianças, no dia-a-dia, os monitores ao abordar, nas capelas, o projeto “educação mais cidadania”, enfim muitos projetos como “Patrulha verde da escola” que também é um projeto que evita esse tipo de agressividade porque eles tem as “multinhas”, etc... são coisas que a gente vai trabalhando para evitar. Como a gente tem esses trabalhos preventivos, a gente vê que tem uma diminuição.

*3. E agressividade ao professor, é comum?*

Os alunos são bem respeitosos com os professores, até porque as regras são bem claras pra eles no colégio, então eles tem bastante respeito com os professores. Não vou dizer que



nunca acontece nada, porque às vezes em casos isolados acontece uma coisa ou outra, mas é bem raro, eles são bem respeitosos. Existem casos sim, não com uma frequência como a gente vê aí fora, nos jornais, nas escolas. Existem algumas coisas mas não é aquela frequência e aquela falta de respeito. O professor que chega com a aula dele preparada, que tem domínio de turma, ele leva a aula dele numa boa e tem os alunos na mão, não tem tempo pra isso. Isso tudo é um dinâmica, a escola dá um amparo na questão da disciplina, o professor tá preparado, então você não dá brechas para que o aluno venha ter espaço para fazer alguma coisa neste sentido.

*4. E o Bullying, tem acontecido? Tem algum caso concreto?*

São essas coisinhas mínimas,...que eu me lembre não, quando aconteceu alguma coisa a gente já foi bem pontual, foi em cima, já fez um trabalho, já fez os encaminhamentos, porque a gente sempre trabalha junto com a família, chama pai chama mãe, chama aluno, chama os envolvidos, se é o caso de chamar a sala a gente chama e uma coisa que a gente vê bem interessante aqui no colégio é que nós temos muitos casos de inclusão e por termos a inclusão, os nossos alunos aceitam muito bem os alunos inclusivos, então há um respeito entre os alunos, por exemplo, eu já trabalhei em escolas em que aluno de inclusão era motivo de “chacota” para alguns e eu não vejo isso aqui, mas porque, existe uma aceitação da parte administrativa, dos funcionários, dos professores e dos alunos. Então, o que eu observo: os alunos ajudam os alunos inclusivos e isso também ajuda na questão do Bullying, do respeito,... é bem tranquilo. A questão do Bullying a gente não vê coisas agravantes dentro do colégio e que possa chamar atenção, não vemos isso não.

*5. Como é a relação da escola com a família? Tem algum projeto que envolve a família e a escola na prevenção do Bullying, indisciplina e violência escolar?*

A gente procura sempre estar envolvendo a família dentro dos espaços da escola, todas as ações desde as pequenas ou grandes, direta ou indiretamente envolvendo a família você está trazendo a família pra dentro da escola e com a criança também você está trabalhando dentro da escola. Temos projeto de Semana da Família, o projeto Educação mais Cidadania...

6. *E escola de pais vocês fazem com frequência ou somente dentro dos projetos?*

Fazemos dentro dos projetos. Nós já fizemos uma por mês, agora estamos com uma por bimestre, por conta de frequência mesmo e até palestrantes, mas a gente faz escola de pais sim. E nesse espaço a gente consegue estar agregando os pais pra dentro da escola. Por exemplo, nas reuniões de pais a gente vê muita presença, nos eventos da escola, muita presença, então assim... quando eu vejo isso, é porque a gente vê que as famílias estão satisfeitas, as famílias estão gostando, as famílias estão vendo resultado de um trabalho que está sendo realizado.








## APÊNDICE G - Ficha de ocorrências do CACM



universidad  
de león

 <b>COLÉGIO ADVENTISTA DE CAMPO MOURÃO</b> <b>Fone: (44) 3525-1236</b> www.cacm.com.br Rua Prof. Roberto Brzezinski, 1509 - Centro Campo Mourão - Paraná	
Aluno (a): _____	
Turma: _____	Data: ____/____/____
<b>Acadêmico:</b>	
Disciplina: _____	
<input type="checkbox"/> Não realizou tarefa em casa <input type="checkbox"/> Não realizou tarefa em sala <input type="checkbox"/> Não entregou trabalho <input type="checkbox"/> Nota(s) baixa(s) _____ <input type="checkbox"/> Não trouxe material ( ) Caderno ( ) Livros <input type="checkbox"/> Dormindo durante a aula <input type="checkbox"/> Desinteresse durante a aula, não realizando as atividades propostas <input type="checkbox"/> Outros: _____	
<b>Disciplinar:</b>	
<input type="checkbox"/> Chegou atrasado para a primeira aula Data ____/____/____ <input type="checkbox"/> Sem uniforme: _____ <input type="checkbox"/> Atraso(s): _____ vez(es): _____ aula <input type="checkbox"/> Brincadeiras durante a aula <input type="checkbox"/> Desrespeito ao professor <input type="checkbox"/> Conversa em excesso <input type="checkbox"/> Uso de jóias <input type="checkbox"/> Comportamento inadequado <input type="checkbox"/> Uso de eletrônicos durante a aula <input type="checkbox"/> Não respeita o mapa de sala <input type="checkbox"/> Briga no ambiente escolar <input type="checkbox"/> Outros: _____	
<b>Providências:</b>	
<input type="checkbox"/> Conversar com a Orientadora Educacional <input type="checkbox"/> Conversar com o Coordenador Disciplinar <input type="checkbox"/> Contato por telefone com _____ <input type="checkbox"/> Responsável comparecer ao Colégio <input type="checkbox"/> Ficha Disciplinar	
_____ Professor	_____ Aluno
_____ Administração	_____ Responsável

## APÊNDICE H - Alfa de Cronbach e Qui-quadrado de Pearson



### ALFA DE CRONBACH

#### Resultados do questionário Funcional de Estilos Educativos de Pais:

**Resumo de processamento do caso**

		N	%
Casos	Válido	136	100,0
	Excluídos <sup>a</sup>	0	,0
	Total	136	100,0

**Estatísticas de confiabilidade**

Alfa de Cronbach	N de itens
,686	18

a. Exclusão de lista com base em todas as variáveis do procedimento.

#### Resultado do questionário do Aluno:

**Resumo de processamento do caso**

		N	%
Casos	Válido	243	98,8
	Excluídos <sup>a</sup>	3	1,2
	Total	246	100,0

**Estatísticas de confiabilidade**

Alfa de Cronbach	N de itens
,653	25

a. Exclusão de lista com base em todas as variáveis do procedimento.

#### Resultado do questionário do Professor:

**Resumo de processamento do caso**

		N	%
Casos	Válido	15	88,2
	Excluídos <sup>a</sup>	2	11,8
	Total	17	100,0

**Estatísticas de confiabilidade**

Alfa de Cronbach	N de itens
,681	37

a. Exclusão de lista com base em todas as variáveis do procedimento.

## QUI-QUADRADO DE PEARSON

**Pruebas de chi-cuadrado**

	Valor	gl	Sig. asintótica (bilateral)
Chi-cuadrado de Pearson	10,083 <sup>a</sup>	10	,433
Razón de verosimilitudes	8,669	10	,564
Asociación lineal por lineal	,001	1	,977
N de casos válidos	136		

a. 13 casillas (72,2%) tienen una frecuencia esperada inferior a 5. La frecuencia mínima esperada es ,13.